

529



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

PROC.-
LIV.- 01
PAG.- 75
REG.- 2386

PEÇA: YERMA

	DISTRIBUIÇÃO
AUTOR: FREDERICO GARCIA LORCA	
PROTÓCOLOS NºS:	
34700/67/DFSP	

10542/82-DESP	

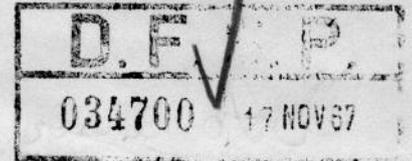
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL



GOVÈRNO DO ESTADO DO PARANÁ
SUPERINTENDÊNCIA DO TEATRO GUAÍRA

Ofício nº 576/TG/67.

Curitiba, 14 de novembro de 1.967.



02/11/67

A' PFS.
Em 20-11-67
Posto carrossel
lll

SRA. - DA. - D. F. S. P.

RECEBI 17/11/1967 AS 10 HS.
455. [Signature]
CHEFE SUBSEÇÃO RECEBIMENTO (SSER)

Prezado Senhor:-

Sirvo-me do presente para encaminhar-lhe para a necessária censura, três exemplares do texto da peça "Yerma" de Federico Garcia Lorca, em tradução de Cecília Meireles, que será apresentada no Pequeno Auditório do Teatro Guaira, nos dias 9 e 10 de dezembro próximo, às 21 horas e também às 16 horas no dia 10 de dezembro.

O espetáculo constituirá a prova final dos alunos do Curso Permanente de Teatro, mantido por esta Superintendência, e será franqueado ao público.

Sem mais, aproveito o ensejo para renovar os protestos de consideração.

Atenciosamente

[Signature]
Octavio Ferreira do Amaral Neto
Superintendente

2386
Arquivado - cf. foi emca-
Minhudo Of. 485/67 em 01/12/67

Ilustríssimo Senhor Coronel FLORIMAR CAMPELO
Digníssimo Diretor Geral do Departamento de
Polícia Federal.

BRASILIA- DISTRITO FEDERAL

SRA. - DA. - D. F. S. P.

RECEBI 17/11/1967 AS 10 HS.
455. [Signature]
CHEFE SUBSEÇÃO RECEBIMENTO (SSER)

Ao SCDP
para providenciar
Br. 20/Nov/67
[Signature]

A seção de Teatros e Congenios para
as providências.

Em. 20.11.67

Ruth Peixoto
Secretaria

Ao censor Souza Leão
para examinar e emitir
parecer.

Em 20-11-67 para dizer Em 20-11-67.
Mawitzel
Chefe da TETE.

Cel Edyr Portocarrero Peixoto
Chefe de Gabinete

Prezado Senhor:-

Ativo do presente para examinar-lhe para a necessária
em caráter, três exemplares de texto da obra "Yerma" de Federico
García Lorca, encaminhado ao Ex. Sr. Mawitzel, que para apresentação
no Recurso Auditório do Teatro Garcia, nos dias 9 e 10 de dezembro
próximos, às 21 horas e também a 10 horas no dia 10 de dezembro.
O espetáculo constituirá prova final das aulas do
Curso de Formação de Teatro, mantido por esta Superintendência, e
será realizado ao público.
Com esta, aproveito a ocasião para renovar as proteções
de sua consideração.

Atenciosamente
Cel. Edyr Portocarrero Peixoto
Superintendente

Ilustríssimo Senhor Coronel FERNANDES CAMPELO
Distinção Diretor Geral do Departamento de
Policia Federal
BRASIL - DISTRITO FEDERAL



Ofício nº 576/TG/67.

Curitiba, 14 de novembro de 1.967.

ESTADO DO PARANÁ

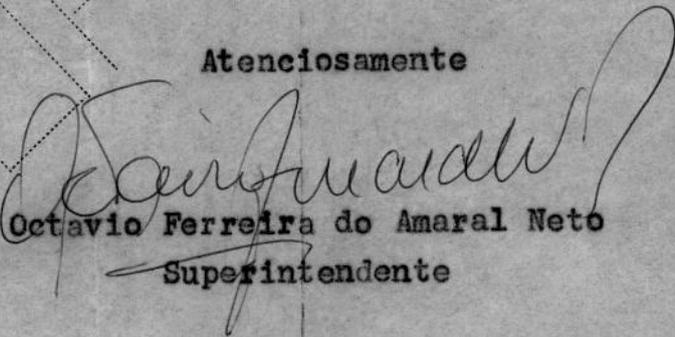
Prezado Senhor:-

Sirvo-me do presente para encaminhar-lhe para a necessária censura, três exemplares do texto da peça "Yerma" de Federico Garcia Lorca, em tradução de Cecília Meireles, que será apresentada no Pequeno Auditório do Teatro Guaira, nos dias 9 e 10 de dezembro próximo, às 21 horas e também às 16 horas no dia 10 de dezembro.

O espetáculo constituirá a prova final dos alunos do Curso Permanente de Teatro, mantido por esta Superintendência, e será franqueado ao público.

Sem mais, aproveito o ensejo para renovar os protestos de consideração.

Atenciosamente



Octavio Ferreira do Amaral Neto
Superintendente

Ilustríssimo Senhor Coronel FLORIMAR CAMPELO
Digníssimo Diretor Geral do Departamento de
Polícia Federal.

BRASILIA- DISTRITO FEDERAL

03
YHT

Ofício nº 576/TG/67.

Curitiba, 14 de novembro de 1.967.

ESTADO DO PARANÁ

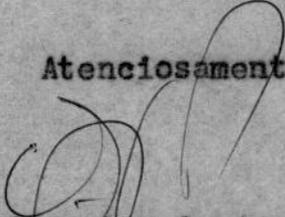
Prezado Senhor:-

Sirvo-me do presente para encaminhar-lhe para a necessária censura, três exemplares do texto da peça "Yerma" de Federico Garcia Lorca, em tradução de Cecília Meireles, que será apresentada no Pequeno Auditório do Teatro Guaira, nos dias 9 e 10 de dezembro próximo, às 21 horas e também às 16 horas no dia 10 de dezembro.

O espetáculo constituirá a prova final dos alunos do Curso Permanente de Teatro, mantido por esta Superintendência, e será franqueado ao público.

Sem mais, aproveito o ensejo para renovar os protestos de consideração.

Atenciosamente


Octavio Ferreira do Amaral Neto
Superintendente

Ilustríssimo Senhor Coronel FLORIMAR CAMPELO
Digníssimo Diretor Geral do Departamento de
Polícia Federal.

BRASILIA- DISTRITO FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 02hp.6

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0124 p.7

IMPROPRIO
ATÉ 18 ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0124p.8

IMPROPRIO
ATÉ 18 ANOS

YERMA

B

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0121p.9

DO MESMO AUTOR

Na Coleção "TEATRO MODERNO"

DONA ROSITA, A SOLTEIRA (trad. de Carlos
Drummond de Andrade)

BODAS DE SANGUE (trad. de Cecília Meireles)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 012hp.10

TEATRO MODERNO

17

FEDERICO GARCIA LORCA

YERMA

Poema trágico em três atos e seis quadros.
(1934)

TRADUÇÃO DE
CECÍLIA MEIRELES

CAPA DE
MÍLTON RIBEIRO

IMPROPRIO

ATÉ 18 ANOS

1963

Livraria AGIR *Editôra*
RIO DE JANEIRO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.012hp.11

Copyright de

ARTES GRÁFICAS INDÚSTRIAS REUNIDAS S. A.

(AGIR)

Livraria AGIR Editora

Rua México, 98-B	R. Bráulio Gomes, 125	Av. Afonso Pena, 919
C. P. 3291 - ZC-00	(ao lado da Bib. Mun.)	C. Postal 733
Tel: 42-8327	Caixa Postal 6040	Tel.: 2-3038
Rio de Janeiro	Tel.: 34-8300	Belo Horizonte
Guanabara	São Paulo, S.P	Minas Gerais

ENDEREÇO TELEGRÁFICO "AGIRSA"

PERSONAGENS

Yerma

Maria

Velha pagã

Dolores

1.ª Lavadeira

2.ª Lavadeira

3.ª Lavadeira

4.ª Lavadeira

5.ª Lavadeira

6.ª Lavadeira

1.ª Rapariga

2.ª Rapariga

Fêmea

1.ª Cunhada

2.ª Cunhada

1.ª Mulher

2.ª Mulher

Menino

João

Victor

Macho

1.º Homem

2.º Homem

3.º Homem

IMPROPRIO

ATÉ 18 ANOS

IMPROPRIO

ATÉ 18 ANOS

PRIMEIRO ATO

PRIMEIRO QUADRO

(Ao levantar-se o pano, YERMA está adormecida, tendo aos pés uma cestinha de costura. A cena tem uma estranha luz de sonho. Entra um pastor nas pontas dos pés, fitando firmemente YERMA. Leva pela mão um menino vestido de branco. O relógio bate. Quando o pastor entra, a luz é substituída por uma alegre claridade matinal de primavera. YERMA desperta.)

CANTO (Voz dentro).

Nana, nana, nana, nana,
nana, nana, que faremos
uma palhoça no campo
e nela nos meteremos.

YERMA

João, não me ouves, João?

JOÃO

Já vou.

YERMA

Está na hora.

JOÃO

Já passaram as juntas?

YERMA

Passaram.

JOÃO

Até logo. (*Faz menção de sair.*)

YERMA

Não tomas um copo de leite?

JOÃO

Para quê?

YERMA

Trabalhas muito e não tens corpo para tanto trabalho.

João

O corpo enxuto de carne torna-se forte
como o aço.

YERMA

Mas o teu, não. Quando casamos, eras
outro. Agora tens a cara branca como se o
sol não te batesse nela. Gostaria que fôsses
ao rio e nadasses, e subisses ao telhado quan-
do a chuva nos entra pela casa adentro. Já
estamos casados há vinte e quatro meses e tu
cada vez mais triste, mais sêco, como se cres-
cesses ao contrário.

Acabaste?

IMPROPRIO
ATÉ 18 ANOS

YERMA (*levantando-se.*)

Não me leves a mal. Se eu estivesse doen-
te, gostaria que me tratasses. “Minha mu-
lher está doente — vou matar êste cordeiro
para fazer-lhe um bom ensopado.” “Minha
mulher está doente — vou guardar esta en-
xúndia de galinha para aliviar-lhe o peito;
vou levar-lhe esta pele de ovelha para res-

guardar-lhe os pés da neve." Eu sou assim.
Por isso trato de ti.

JOÃO

E eu te agradeço.

YERMA

Mas não te deixas tratar.

JOÃO

É que não tenho nada. Tôdas essas coisas são suposições tuas. Trabalho muito. Todos os anos irei ficando mais velho.

YERMA

Todos os anos... Tu e eu continuaremos aqui todos os anos...

João (*sorridente.*)

Naturalmente. E muito sossegados. Os negócios vão bem; não temos filhos que gastem.

YERMA

Não temos filhos... João!

João

Fala.

YERMA

Eu não gosto de ti?

João

Gostas.

YERMA

Sei de raparigas que tremeram e choraram antes de se entregarem a seus maridos. E eu? Chorei? a primeira vez que dormi contigo? Não cantava ao levantar as barras dos lençóis de holanda? E não te disse: Como cheiram a maçã estas roupas?

João

Foi o que disseste!

YERMA

Minha mãe chorou, porque não tive pena de separar-me dela. E era verdade! Ninguém se casou com mais alegria. E no entanto...

JOÃO

Cala-te. Já estou cansado de ouvir a todo instante...

YERMA

Não. Não me repitas o que dizem. Vejo com os meus olhos que isso não pode ser... De tanto cair a chuva nas pedras, elas amolecem e fazem nascer saramagos, que o povo diz que não servem para nada. "Os saramagos não prestam para nada"... mas eu bem os vejo moverem pelo ar suas flôres amarelas.

JOÃO

É preciso esperar!

YERMA

Sim; querendo. (YERMA abraça e beija o marido, tomando ela a iniciativa.)

JOÃO

Se precisas de alguma coisa, dize-me, que a trarei. Já sabes que não gosto que saias.

YERMA

Nunca saio. †

JOÃO

Estás melhor aqui.

YERMA

É.

JOÃO

A rua é para os desocupados.

YERMA (*Sombria.*)

Claro.

(O marido sai e YERMA dirige-se para a costura. Passa a mão pelo ventre, levanta os braços num lindo bocejo e senta-se a coser.)

De onde é que vens, amor, meu filho?

“Da crista do duro frio.”

De que precisas, amor, meu filho?

“Do môrno pano de teu vestido.”

(Enfia a agulha.)

Que se agitem as ramas ao sol
e as fontes saltem tôdas, em redor!

(Como se falasse com uma criança.)

Ladra o cão pelo terreiro,
na folhagem canta o vento.
Muge o boi ao boiadeiro

e a lua me encrespa o cabelo.
Que pedes, filho, de tão longe?

(Pausa.)

(Cosendo.)

“Os brancos montes que há no teu peito.”
Que se agitem as ramas ao sol
e as fontes saltem tôdas, em redor!
Filho meu, dir-te-ei que sim.
Despedaçada me dou a ti.
Sofre a cintura que te ofereço,
e que será teu primeiro berço!
Quando, meu filho, poderás vir?

(Pausa.)

“Quando teu corpo cheire a jasmim.”
Que se agitem as ramas ao sol
e as fontes saltem tôdas, em redor!

(YERMA continua a cantar. Pela porta entra Maria, que vem com um embrulho de roupa.)

YERMA

De onde vens?

MARIA

Da loja.

YERMA

Da loja? Tão cedo?

MARIA

Por mim, teria ficado à porta, esperando que abrissem... Quem é capaz de saber o que comprei?

YERMA

Deves ter comprado café, para de manhã, açúcar e pão.

MARIA

Nada disso. Comprei rendas, três varas de linho, fitas e lã de côr para fazer borlas. O dinheiro era de meu marido e foi êle mesmo que mo deu.

YERMA

Vais fazer uma blusa.

MARIA

Não. É porque... Sabes?

YERMA

Que é?

MARIA

Porque... já chegou!

(Fica de cabeça baixa. YERMA levanta-se e deixa-se estar contemplando-a com admiração.)

YERMA

Aos cinco meses!

MARIA

É.

YERMA

E já o percebeste?

MARIA

Naturalmente.

YERMA *(Com curiosidade.)*

E que sentes?

MARIA

Não sei. Angústia.

YERMA

Angústia. (*Agarrada a ela.*) Mas... quando chegou? Dize-me. Tu estavas descuidosa.

MARIA

É, descuidosa...

YERMA

Estarias cantando, não é? Eu canto. Tu... dize-me... X

MARIA

Não me perguntes. Nunca tiveste um pássaro vivo apertado na mão?

YERMA

Já.

MARIA

Pois é o mesmo... mas por dentro do sangue.

YERMA

Que maravilha! (*mira-a, extasiada.*)

MARIA

Estou aturdida. Não sei nada.

YERMA

De que?

MARIA

Do que tenho que fazer. Vou perguntá-lo a minha mãe.

YERMA

Para que? Já está velha e terá esquecido estas coisas. Não andes muito, e, quando respirares, respira de leve, como se tivesses uma rosa entre os dentes.

MARIA

Ouve: dizem que, mais para diante, empurra suavemente com as perninhas.

YERMA

E então é quando se lhe tem mais amor; quando já se diz: "meu filho!"

MARIA

No meio de tudo, tenho vergonha.

YERMA

Teu marido, que disse?

MARIA

Nada.

YERMA

Gosta muito de ti?

MARIA

Não me fala nisso, mas põe-se ao pé de mim e seus olhos tremem como duas fôlhas verdes.

YERMA

Êle sabia que tu...?

MARIA

Sabia.

YERMA

E como o sabia?

MARIA

Não sei. Mas na noite do nosso casamento me dizia tantas vêzes isso, com a bôca na minha face, que até me parece que o meu filho é um pombinho de luz que êle deixou escorregar pelo meu ouvido.

YERMA

Criatura feliz!

MARIA

Mas tu estás mais inteirada disto do que eu.

YERMA

De que me serve?

MARIA

É verdade. Por que será? De tôdas as noivas de teu tempo, és a única...

YERMA

Assim é. Claro que ainda é tempo. Helena levou três anos; e outras, antigas, do tempo de minha mãe, levaram muito mais. Mas dois anos e vinte dias, como eu, já é esperar demasiado. Acho que não é justo que me consuma aqui. Muitas noites saio descalça pelo pátio, para pisar a terra, não sei porquê. Se continuo assim, acabarei tornando-me má.

MARIA

Mas, criatura, vem cá: falas como se fosses uma velha. Que digo! Ninguém se pode queixar destas coisas. Uma irmã de minha

mãe teve-o depois de quatorze anos! ... e se visses que lindeza de criança!

YERMA (*com ansiedade.*)

Que fazia?

MARIA

Chorava como um tourinho, com a fôrça de mil cigarras cantando ao mesmo tempo, e nos molhava, e nos puxava as tranças, e quando fêz quatro meses nos enchia a cara de arranhões.

YERMA (*rindo.*)

Mas essas coisas não doem.

MARIA

Eu sei!...

YERMA

Ora! Eu vi minha irmã dar de mamar ao filho com o peito cheio de grêtas e lhe produzia uma grande dor, mas era uma dor fresca, boa, necessária à saúde.

MARIA

Dizem que se sofre muito com os filhos.

YERMA

Mentira. Isso é o que dizem as mães fracas, queixosas. Para que os têm? Ter um filho não é ter um ramo de rosas. Precisamos sofrer, para vê-los crescer. Acho que nisso se vai metade do nosso sangue. Mas isso é bom, sadio, belo. Tôda mulher tem sangue para quatro ou cinco filhos, e quando os filhos não vêm, o sangue torna-se veneno, como me vai acontecer.

MARIA

Não sei o que tenho.

YERMA

Sempre ouvi dizer que, da primeira vez, as mulheres têm medo.

MARIA (*Tímida.*)

Vamos a ver... Como cozes bem...

YERMA (*apanhando o embrulho.*)

Dá cá. Cortarei duas roupinhas. E isto?

MARIA

São as fraldas.

YERMA

Está bem. (*Senta-se.*)

MARIA

Então... até logo. (*Aproxima-se e YERMA toma-lhe amorosamente o ventre nas mãos.*)

YERMA

Não corras pelas pedras da rua.

MARIA

Adeus. (*Beija-a e sai.*)

YERMA

Volta, assim que puderes. (*YERMA fica na mesma atitude do comêço. Apanha a tesoura e começa a cortar. Entra Victor.*) Olá, Victor.

VICTOR (*sério, de aspecto grave.*)

Por onde anda João?

YERMA

Pelo campo.

VICTOR

Que estás cosendo?

YERMA

Estou cortando umas fraldas.

VICTOR (*sorrindo.*)

Muito bem!

YERMA (*rindo.*)

Vou botar-lhes uma cercadura de renda.

VICTOR

Se fôr menina, dar-lhe-ás teu nome.

YERMA (*tremendo.*)

Como?...

VICTOR

Alegro-me por ti.

YERMA (*quase sufocada.*)

Não... não são para mim. São para o
filhinho de Maria.

VICTOR

Bem, pois vamos a ver se, com o exemplo, te animas. Nesta casa faz falta uma criança.

YERMA (*com angústia.*)

Se faz!

VICTOR

Pois, para a frente! Dize a teu marido que pense menos no trabalho. Quer juntar dinheiro e há de juntá-lo, mas para quem o deixará, quando morrer? Eu me vou com as ovelhas. Dize a João que recolha as duas que me comprou. E quanto ao resto... É preciso lavrar mais fundo! (*Vai-se embora sorrindo.*)

YERMA (*com paixão.*)

É isso! Lavrar mais fundo! Pois, meu filho, dir-te-ei que sim, despedaçada me dou a ti.

Sofre a cintura que te ofereço
para ser teu primeiro berço!
Quando, meu filho, virás a mim?
"Quando teu corpo cheire a jasmim!"

(YERMA, que em atitude pensativa se levanta e corre para o lugar onde esteve Victor e respira, — fortemente como se aspirasse ar de montanha — vai depois para o outro lado da sala, como à procura de alguma coisa, e de lá volta e senta-se, e torna a pegar na costura. Começa a coser, e fica de olhos fitos num ponto.)

CORTINA

SEGUNDO QUADRO

(Campo. Aparece YERMA. Traz uma cesta. Aparece a 1.^a Velha.)

YERMA

Bons dias.

1.^a VELHA

Bons os tenhas, formosa rapariga. De onde vens?

YERMA

Fui levar a comida a meu marido, que trabalha nos olivais.

1.^a VELHA

Já estás casada há muito tempo?

YERMA

Três anos.

1.ª VELHA

Tens filhos?

YERMA

Não.

1.ª VELHA

Ah! qualquer dia os terás!

YERMA (*ansiosa.*)

A senhora acha?

1.ª VELHA

Por que não? (*Senta-se.*) Eu também fui levar a comida a meu marido. Está velho. Ainda trabalha. Tenho nove filhos como nove sóis. Mas, como nenhum é mulher, aqui ando eu de um lado para outro.

YERMA

A senhora mora do outro lado do rio?

1.ª VELHA

Moro. Nos moinhos. E tu? De que família és?

YERMA

Sou filha de Enrique, o pastor.

1.^a VELHA

Ah! Enrique, o pastor! Conheci-o. Boa gente. Levantar, suar, comer um bocado de pão e morrer. Nem divertimentos nem mais nada. As folgas, para outros. Criaturas de silêncio. Podia ter-me casado com um tio teu. Mas qual! Eu fui uma aloucada, que corri logo para a talhada de melão, a festa e a torta de açúcar. Muitas vêzes assomei à porta, de madrugada, pensando ouvir música de bandurras que ia, que vinha, mas era o ar. (*Ri-se.*) Vais rir de mim. Tive dois maridos, quatorze filhos — cinco morreram — e no entanto não estou triste e quereria viver muito mais. É o que digo. As figueiras como duram! As casas, como duram! E só nós, as endemoninhadas mulheres, com qualquer coisa, viamos pó.

YERMA

Queria fazer-lhe uma pergunta.

1.^a VELHA

Que é? (*Mira-a.*) Já sei o que me vais perguntar. Dessas coisas não se pode falar nada. (*Levanta-se.*)

YERMA (*detendo-a.*)

Por que não? Enchi-me de confiança, ouvindo-a falar. Há tempos venho desejando conversar com mulher de idade. Porque preciso inteirar-me. Sim, a senhora me dirá...

1.^A VELHA

Direi o que?

YERMA (*baixando a voz.*)

O que a senhora sabe. Por que estou assim sêca? Hei de ficar em plena vida a cuidar de aves ou a botar cortininhas engomadas no meu postigo? Não. A senhora há de me dizer o que devo fazer, que farei seja o que fôr, ainda que me mande cravar agulhas no ponto mais delicado dos meus olhos.

1.^A VELHA

Eu? Mas eu não sei nada. Deitei-me de costas e comecei a cantar. Os filhos chegam como a água. Ai! quem pode dizer que não tens um corpo formoso? Pisas — e no fim da rua o cavalo relincha. Ai, deixa-me, rapariga, não me faças falar. Penso muitas idéias que não quero dizer.

YERMA

Por que não? Com meu marido não falo
de outra coisa!

1.^A VELHA

Ouve: gostas de teu marido?

YERMA

Como?

1.^A VELHA

Gostas dêle? Desejas dar-te a êle?

YERMA

Não sei.

1.^A VELHA

Não tremes, quando se acerca de ti? Não
te dá assim como um sono, quando acerca
seus lábios? Dize-me.

YERMA

Não. Nunca o senti.

1.^A VELHA

Nunca? Nem quando bailavas...?

YERMA (*recordando.*)

Talvez... Um dia... Victor...

1.^a VELHA

Continua.

YERMA

Tomou-me pela cintura e não lhe pude dizer nada, porque não podia falar. De outra vez, o mesmo Victor, quando eu tinha quatorze anos (êle era um pastor e tanto), tomou-me nos braços para saltar um rêgo d'água, e deu-me um tremor que até se me ouviam bater os dentes. Mas é porque eu era acanhada.

1.^a VELHA

E com teu marido?...

YERMA

Com meu marido é outra coisa. Foi-me dado por meu pai, e eu o aceitei. Com alegria. Esta é a pura verdade. Pois no primeiro dia do nosso noivado... já pensei... nos filhos... E mirava-me nos seus olhos. Sim, mas era para ver-me pequenina, mui maneirinha, como se eu mesma fôsse milha filha.

1.^a VELHA

Comigo foi tudo ao contrário. Talvez por isso não tiveste logo filhos. É preciso que os homens agradem. Não de desfazer-nos as tranças e dar-nos de beber água em sua própria bôca. Assim anda o mundo.

YERMA

O teu: porque o meu, não. Eu penso muitas, muitas coisas, e estou certa de que meu filho realizará as coisas que penso. Por êle, entreguei-me a meu marido e continuo a entregar-me para ver se chega; mas nunca para divertir-me.

1.^a VELHA

E acontece que estás vazia!

YERMA

Não. — Vazia, não, porque me estou enchendo de ódio. Dize-me, é culpa minha? É preciso buscar no homem apenas o homem? nada mais? Então, que hás de pensar, quando te deixa na cama com os olhos tristes perdidos no espaço, e dá meia volta e adormece? Hei de ficar pensando nêle, ou no que pode

sair cintilando do meu peito? Eu não sei, —
mas dize-me tu, por caridade! (*Ajoelha-se.*)

1.^A VELHA

Ai, que flor aberta! Que criatura tão formosa que és! Deixa-me. Não me faças falar mais. Não te quero falar mais. São assuntos de honra e eu não toco na honra de ninguém. Tu lá sabes. De qualquer modo, devias ser menos inocente.

YERMA (*triste.*)

As raparigas criadas no campo, como eu, encontram tôdas as portas fechadas. Tudo são meias-palavras, gestos, porque tôdas estas coisas dizem que não se podem saber. E tu também. Tu também te calas e te vais com ar de doutôra, sabendo tudo, mas negando-o a quem morre de sêde.

1.^A VELHA

Com outra mulher, com mulher serena — eu falaria. Contigo, não. Sou velha e sei o que digo.

YERMA

Então, que Deus me ampare!

1.ª VELHA

Deus, não. A mim nunca me agradou Deus. Quando chegarás a entender que não existe? Os homens é que te devem amparar.

YERMA

Mas, por que me dizes isso? Por quê?

1.ª VELHA (*retirando-se.*)

Mas devia haver Deus, nem que fôsse pequenino, para desfechar raios contra os homens de semente podre que encharcam a alegria dos campos.

YERMA

Não sei o que me queres dizer.

1.ª VELHA

Bem, eu cá me entendo. Não te entristeças. Espera firme. Ainda és muito môça. Que queres que eu faça? (*Retira-se. Aparecem duas raparigas.*)

1.ª RAPARIGA

Por tôda parte vamos encontrando gente.

YERMA

Com as fainas, os homens andam pelos olivais. É preciso levar-lhes de comer. Não ficam em casa senão os velhos.

2.^a RAPARIGA

Vais voltar para a aldeia?

YERMA

Para lá vou.

1.^a RAPARIGA

Tenho muita pressa. Deixei o menino dormindo e não está ninguém em casa.

YERMA

Pois avia-te, mulher. Os meninos não podem ficar sòzinhos. Há porcos, em tua casa?

1.^a RAPARIGA

Não. Mas tens razão. Vou depressa.

YERMA

Anda. É assim que acontecem as coisas. Com certeza o deixaste fechado?

1.^a RAPARIGA

Claro.

YERMA

Sim, mas é que não percebes o que é uma criança pequena. A coisa que nos parece mais inofensiva pode dar cabo dela. Uma agulhinha, um gole de água.

1.^a RAPARIGA

Tens razão. Vou correndo. É que não entendo bem dessas coisas.

YERMA

Anda.

2.^a RAPARIGA

Se tivesses quatro ou cinco, não falarias assim.

YERMA

Por quê? Mesmo que tivesse quarenta.

2.^a RAPARIGA

Seja como fôr, tu e eu, sem êles, vivemos mais tranquilas.

YERMA

Eu, não.

2.^a RAPARIGA

Eu, sim. Que cansa! E minha mãe não faz outra coisa senão dar-me mezinhas para que os tenha; e em outubro iremos ao Santo que dizem que os dá a quem os pede com fervor. Minha mãe pedirá. Eu, não.

YERMA

Por que te casaste?

2.^a RAPARIGA

Porque me casaram. Tôdas nos casamos. A continuar assim, não sobram solteiras senão as meninas. Bem, e além disso... na verdade a gente se casa muito antes de ir à igreja. Mas as velhas se empenham em tôdas essas coisas. Eu tenho dezenove anos e não gosto de cozinhar nem de lavar. Bem, pois todo o dia hei de estar a fazer aquilo de que não gosto. E para quê? Que necessidade tem meu marido de ser meu marido? Porque no tempo de noivos fazíamos o mesmo que agora. Toli-ce dos velhos.

YERMA

Cala-te, não digas essas coisas.

2.^a RAPARIGA

Também tu me chamarás louca, a louca!
a louca! (*Ri-se.*) Posso dizer-te a única coisa
que aprendi na vida: tôda a gente está meti-
da dentro de casa fazendo aquilo de que não
gosta. É muito melhor estar no meio da rua!
Umaz vêzes vou para o arroio, outras subo a
tocar os sinos, outras tomo um refresco de
anis.

YERMA

És uma criança.

2.^a RAPARIGA

Claro, mas não louca. (*Ri-se.*)

YERMA

Tua mãe mora na porta mais alta da al-
deia?

2.^a RAPARIGA

Mora.

YERMA

Na ultima casa?

2.^a RAPARIGA

É.

YERMA

Como se chama?

2.^a RAPARIGA

Dolores. Por que perguntas?

YERMA

Por nada.

2.^a RAPARIGA

Por alguma coisa há de ser.

YERMA

Não sei. Falo por falar...

2.^a RAPARIGA

Vê lá... Olha, vou levar a comida a meu marido. (*Ri-se.*) Isso é o principal. Que pena não poder dizer "meu noivo", não é? (*Ri-se.*) Lá se vai a louca! (*Sai, rindo alegremente.*) Adeus!

VOZ DE VICTOR (*cantando.*)

Por que dormes sòzinho, pastor?
Por que dormes sòzinho, pastor?
Melhor dormirias
no meu cobertor.
Por que dormes sòzinho, pastor?

YERMA (*escutando.*)

Por que dormes sòzinho, pastor?
melhor dormirias
no meu cobertor.
Tua colcha — pedra escura,
pastor,
tua camisa de geadas,
pastor,
juncos cinzentos de inverno
na noite de tua cama.
Os robles soltam agulhas,
pastor,
onde pões tua almofada,
pastor,
e se ouves voz de mulher,
é a voz da água, entrecortada.
Pastor, pastor.
Que quer o monte de ti,
pastor?
Monte de ervas amargas,
que criança te está matando?

A giesta com seus espinhos.
com seus espinhos te mata!
*(Faz menção de sair e esbarra
com Victor, que entra.)*

VICTOR *(alegre.)*

Aonde vai essa formosura?

YERMA

Eras tu que cantavas?

VICTOR

Eu mesmo.

YERMA

Como cantas bem! Nunca te tinha ouvido.

VICTOR

Não?

YERMA

E que voz tão forte! Parece um jorro d'água que te enche a boca tôda!

VICTOR

Sou alegre.

YERMA

É verdade.

VICTOR

Como tu és triste.

YERMA

Não sou triste. É que tenho motivos para estar assim.

VICTOR

E teu marido mais triste do que tu.

YERMA

Ele, sim, tem um temperamento sêco.

VICTOR

Sempre foi como agora. *(Pausa.)* YERMA *está sentada.)* Vieste trazer a comida?

YERMA

Vim. *(Olha-o. Pausa.)* Que tens aqui?
(Aponta-lhe a cara.)

VICTOR

Onde?

YERMA *(levanta-se e aproxima-se de Victor.)*

Aqui... na face; parece uma queimadura.

VICTOR

Não é nada.

YERMA

Parecia-me. *(Pausa.)*

VICTOR

Deve ser o sol.

YERMA

Talvez... (Pausa. Acentua-se o silêncio, e, sem o menor gesto, começa uma luta entre os dois personagens.)

YERMA *(tremendo.)*

Estás ouvindo?

VICTOR

O que?

YERMA

Não sentes chorar?

VICTOR *(escutando.)*

Não.

YERMA

Pareceu-me que chorava uma criança.

VICTOR

Uma criança?

YERMA

Muito perto. E chorava como afogada.

VICTOR

Por aqui há sempre muitas crianças que vêm roubar frutas.

YERMA

Não. É a voz de uma criança pequena.
(Pausa.)

VICTOR

Não ouço nada.

YERMA

Serão ilusões minhas. *(Mira-o firmemente, e Victor também a mira e desvia o olhar lentamente, como com medo. Aparece João.)*

JOÃO

Que fazes aqui?

YERMA

Conversava.

VICTOR

Saúde! (*Sai.*)

João

Devias estar em casa.

YERMA

Fiquei entretida.

João

Não compreendo com que ficaste entretida.

YERMA

Ouvi cantar os pássaros.

João

Está bem. Assim darás que falar ao povo.

YERMA (*com fôrça.*)

João, que estás pensando?

João

Não o digo por ti: digo-o pelo povo.

YERMA

Um raio que parta o povo!

João

Não praguejes! É feio, numa mulher.

YERMA

Oxalá fôsse eu uma mulher!

João

Vamos deixar de conversas. Vai para casa.
(Pausa.)

YERMA

Está bem. Posso esperar por ti?

João

Não. Passarei tôda a noite na rega. Vem pouca água; é minha, até o sair do sol; e tenho que defendê-la dos ladrões. Deita-te e dorme.

YERMA (dramática.)

Dormir! (Sai.)

SEGUNDO ATO

PRIMEIRO QUADRO

(Canto com a cortina corrida. Torrente onde lavam as mulheres da aldeia. As lavadeiras estão colocadas em diversos planos.)

Cantam:

No arroio frio,
lavo a tua faixa;
ardente jasmim
é tua risada.

1.^a LAVADEIRA

Eu cá não gosto de falar.

3.^a LAVADEIRA

Mas aqui se fala.

4.^a LAVADEIRA

E não há mal nisso.

5.^a LAVADEIRA

A que quiser ser honrada, faça por onde.

4.^a LAVADEIRA

Plantei um tomilho
que crescendo vem.
Quem quer ser honrada,
que se porte bem.
(*Riem-se.*)

5.^a LAVADEIRA

É o que dizem.

1.^a LAVADEIRA

Mas nunca se sabe nada.

4.^a LAVADEIRA

O certo é que o marido levou as duas irmãs para morarem com êles.

5.^a LAVADEIRA

As solteironas?

4.^a LAVADEIRA

Elas mesmas. Estavam encarregadas de cuidar da igreja, e agora vão cuidar da cunhada. Eu não poderia viver com elas.

1.^a LAVADEIRA

Por quê?

4.^a LAVADEIRA

Porque metem medo. São como essas folhas grandes que nascem de repente em cima das sepulturas. Estão untadas com cêra. São viradas para dentro. Dão-me a impressão de fritarem a comida no óleo das lâmpadas.

3.^a LAVADEIRA

E já estão em casa?

4.^a LAVADEIRA

Desde ontem. O marido vai de nôvo trabalhar nas suas terras.

1.^a LAVADEIRA

Mas pode-se saber o que aconteceu?

5.^a LAVADEIRA

Passou a noite de anteontem sentada na soleira da porta, apesar do frio.

1.^a LAVADEIRA

Mas, por quê?

4.^a LAVADEIRA

Custa-lhe muito estar em casa.

5.^a LAVADEIRA

Essas machonas são assim. Preferem subir para o telhado ou andar descalças por esses rios, quando podiam estar em casa, fazendo renda ou compota de maçã.

1.^a LAVADEIRA

Quem és tu para dizeres essas coisas? Ela não tem filhos, mas não é culpa sua.

4.^a LAVADEIRA

Quem quer ter filhos, tem-nos. É que as mimosas, as preguiçosas, as melosas não são feitas para ter o ventre enrugado. (*Riem-se.*)

3.^a LAVADEIRA

E enchem-se de polvilhos e carmim e enfeitam-se com ramos de adelfa, à procura de outro que não seja o seu marido.

5.^a LAVADEIRA

Essa é que é a verdade.

1.^a LAVADEIRA

Mas vós a vistes com outro?

4.^a LAVADEIRA

Nós, não, mas o povo, sim.

1.^a LAVADEIRA

Sempre o povo!

5.^a LAVADEIRA

Dizem que por duas vêzes.

2.^a LAVADEIRA

E que faziam?

4.^a LAVADEIRA

Conversavam.

1.^a LAVADEIRA

Conversar não é pecado.

4.^a LAVADEIRA

Há uma coisa no mundo, que é o olhar.
Minha mãe já o dizia: não é o mesmo uma

mulher mirando rosas ou mirando as coxas de um homem. E ela o mira.

1.^a LAVADEIRA

Mas a quem?

4.^a LAVADEIRA

A alguém, estás ouvindo? Procura saber tu mesma. Queres que o diga mais alto? (*Risadas.*) E quando não o mira, porque está sôzinha, porque não o tem na sua frente, leva-o retratado nos olhos.

1.^a LAVADEIRA

Isso é mentira! (*Algazarra.*)

5.^a LAVADEIRA

E o marido?

3.^a LAVADEIRA

O marido está como surdo. Parado como um lagarto ao sol. (*Riem.*)

1.^a LAVADEIRA

Tudo isso endreitaria se tivessem filhos.

2.^a LAVADEIRA

Tudo isso são coisas de gente que não está conformada com a sua sorte.

4.^a LAVADEIRA

Cada hora que passa aumenta o inferno naquela casa. Ela e as cunhadas sem desprezarem os lábios, caíam todo o dia as paredes, esfregam as vasilhas de cobre, limpam com bafo os vidros, dão lustro ao chão; pois quanto mais brilha a casa, mais arde por dentro.

1.^a LAVADEIRA

A culpa é dêle; dêle: quando um pai não dá filhos, deve cuidar de sua mulher.

4.^a LAVADEIRA

A culpa é dela que tem uma língua dura como um pedernal.

1.^a LAVADEIRA

Que demônio se meteu entre os seus cabelos, para falares assim?

4.^a LAVADEIRA

E quem deu licença à tua bôca para me dar conselhos?

2.^a LAVADEIRA

Calar!

1.^a LAVADEIRA

Com uma agulha de fazer meia, gostaria
de traspasar as línguas murmuradoras...

2.^a LAVADEIRA

Cala-te!

4.^a LAVADEIRA

E eu, a tampa do peito das fingidas.

2.^a LAVADEIRA

Silêncio. Não vês que ali vêm as cunha-
das?

*(Murmúrios. Entram as duas cunhadas
de YERMA, vestidas de luto. Põe-se a lavar,
em meio ao silêncio. Ouvem-se cincerros.)*

1.^a LAVADEIRA

Já se vão os pastôres?

3.^a LAVADEIRA

É, agora partem todos os rebanhos.

4.^a LAVADEIRA (*aspirando o ar.*)

Gosto do cheiro das ovelhas.

3.^a LAVADEIRA

Gostas?

4.^a LAVADEIRA

E por que não? Cheiro do que se tem.
Como gosto do cheiro do lódo vermelho que
o rio arrasta no inverno.

3.^a LAVADEIRA

Caprichos.

5.^a LAVADEIRA (*olhando.*)

Vão juntos, todos os rebanhos.

4.^a LAVADEIRA

É uma inundação de lã. Arrasam tudo.
Se os trigos verdes tivessem cabeça, treme-
riam, vendo-os chegar.

3.^a LAVADEIRA

Olha como correm! Que manada de ini-
migos!

1.^a LAVADEIRA

Já partiram todos. Não falta nenhum.

4.^a LAVADEIRA

Deixa ver... Não... Sim, sim... falta um.

5.^a LAVADEIRA

Qual?

4.^a LAVADEIRA

O de Victor.

(As duas cunhadas se levantam e olham.)

No arroio frio,
lavo a tua faixa.
Ardente jasmim
é tua risada.
Quero sôbre mim
a leve nevada
dêsse jasmim.

1.^a LAVADEIRA

Ai da casada sêca!
Ai da que tem os peitos de areia!

5.^a LAVADEIRA

Dize-me se teu marido
de amor te lavra,

para que em tuas roupas
cantem as águas.

4.^a LAVADEIRA

É tua camisa
nave de prata, e o vento
em tórno a alisa.

1.^a LAVADEIRA

As roupas de meu filho
venho lavar,
para ensinar às águas
lições de cristal.

2.^a LAVADEIRA

Vem chegando pelo monte
meu marido. Vem comer.
Ele me traz uma rosa
e eu lhe dou três.

5.^a LAVADEIRA

Pelo vale vem chegando
meu marido. Vem jantar.
as brasas que me entrega
de murta as vou cercar.

4.ª LAVADEIRA

Pelos ares vem chegando
meu marido. Vem dormir.
Eu, aleli vermelho:
êle vermelho aleli.

1.ª LAVADEIRA

É juntar flor com flor
quando o verão seca o sangue
ao segador!

4.ª LAVADEIRA

E abrir o ventre a pássaros sem sono,
quando a tremer o inverno vem ao nos-
[so encontro.

1.ª LAVADEIRA

E gemer entre os lençóis.

4.ª LAVADEIRA

E cantar!

5.ª LAVADEIRA

Quando a coroa e o trigo
o homem nos traz.

4.^a LAVADEIRA

Porque os braços se enlaçam.

2.^a LAVADEIRA

Porque a luz se nos quebra na garganta.

4.^a LAVADEIRA

Porque o talo das ramas se quebranta.

1.^a LAVADEIRA

E as tendas do vento cobrem as monta-
[nhas.

6.^a LAVADEIRA (*aparecendo no alto da
torrente.*)

Para que um menino quebre
os rijos vidros da aurora.

1.^a LAVADEIRA

E há pelo nosso corpo
ramas furiosas de coral.

6.^a LAVADEIRA

Para haver remadores
pelas aguas do mar.

1.^a LAVADEIRA

Um meninozinho, um menino.

2.^a LAVADEIRA

E as pombas abrem as asas e o bico.

3.^a LAVADEIRA

Um menino que chora, um filho.

4.^a LAVADEIRA

E os homens avançam
como cervos feridos.

5.^a LAVADEIRA

Alegria, alegria, alegria!
do ventre redondo dentro da camisa!

2.^a LAVADEIRA

Alegria, alegria, alegria!
umbigo, cálice frágil de bonina!

1.^a LAVADEIRA

Mas ai da casada sêca!
ai da que tem os peitos de areia!

3.^a LAVADEIRA

Que brilhe!

4.^a LAVADEIRA

Que corra!

5.^a LAVADEIRA

Que torne a brilhar!

1.^a LAVADEIRA

Que cante!

2.^a LAVADEIRA

Que se esconda!

1.^a LAVADEIRA

E que torne a cantar!

6.^a LAVADEIRA

A aurora que o meu menino
leva no avental.

2.^a LAVADEIRA (*cantam tôdas em côro.*)

No arroio frio
lavo a tua faixa.

Ardente jasmim
é tua risada.
ah! ah! ah! ah!

*(Movem com ritmo e batem a roupa que
lavam.)*

CORTINA

SEGUNDO QUADRO

(Casa de YERMA. Entardece. João está sentado. As duas cunhadas de pé.)

João

Dizes que saiu há pouco? (*A irmã mais velha responde com a cabeça.*) Deve estar na fonte. Mas já sabeis que não me agrada que saia só. (*Pausa.*) Podes pôr a mesa. (*Aparece a irmã mais môça.*) Bem ganho é o pão que como. (*À irmã.*) Ontem passei um dia duro. Estive podando as macieiras e ao cair da tarde me pus a pensar: para que poria tanto empenho na faina, se não posso levar uma maçã à bôca? Estou farto (*Passa a mão pela cara. Pausa.*) Não vem... Uma de vós devia sair com ela, pois para isso estais aqui, comendo à minha mesa e bebendo do meu vinho. Minha vida está no campo, mas a minha honra está aqui. E a minha honra tam-

bém é vossa. (*A irmã inclina a cabeça.*) Não o leves a mal.

(*Entra YERMA com dois cântaros. Fica parada à porta.*)

Vens da fonte?

YERMA

Para têmos água fresca ao jantar. (*Entrega a outra irmã.*) Como estão as terras?

João

Ontem andei a podar as árvores.

(*YERMA deixa os cântaros. Pausa.*)

YERMA

Vais ficar?

João

Tenho de tratar do gado. Sabes que isso são coisas do dono.

YERMA

Bem sei. Não mo reptas.

João

Cada homem tem sua vida.

YERMA

E cada mulher a sua. Não te peço que fiques. Aqui tenho tudo o que necessito. Tuas irmãs me guardam bem. Aqui tenho pão mole e requeijão e cordeiro assado: e teu gado, no monte, tem pasto cheio de orvalho. Creio que podes viver em paz.

João

Para viver em paz, precisa-se estar tranqüilo.

YERMA

E tu não estás?

João

Não estou.

YERMA

Deixa disso.

João

Não conheces minha maneira de ser? As ovelhas no redil e as mulheres em sua casa.

Tu sais muito. Não me tens ouvido sempre dizer isso?

YERMA

É certo. As mulheres dentro de suas casas. Quando as casas não são tumbas. Quando as cadeiras se quebram e os lençóis de linho se gastam com o uso. Mas aqui, não. Todas as noites, quando me deito, encontro a minha cama ainda mais nova, mais reluzente, como se acabasse de ser trazida da cidade.

João

Tu mesma reconheces que tenho razão de queixar-me. Que tenho motivos para estar alerta.

YERMA

Alerta? Por quê? Em nada te ofendo. Vivo submissa a ti, e o que sofro, guardo pregado à minha carne. E cada dia que passa será pior. Não falemos nisso. Saberei levar a minha cruz como melhor puder, mas não me perguntes nada. Se pudesse, de repente, ficar velha e ter a bôca como uma flor esmagada, poderia sorrir e ir levando a vida contigo. Agora, agora — deixa-me com os pregos da minha cruz.

João

Falas de um modo que não te entendo. Não te privo de nada. Mando buscar às aldeias vizinhas as coisas de que gostas. Eu tenho os meus defeitos, mas quero ter paz e sossêgo, contigo. Quero dormir fora e pensar que estás dormindo também.

YERMA

Mas eu não durmo, eu não posso dormir.

João

Falta-te alguma coisa? Dize-me. Responde!

YERMA (*Com intenção e fitando firmemente o marido.*)

Sim, falta-me. (*Pausa.*)

João

Sempre a mesma coisa. Já faz mais de cinco anos. Já estou quase esquecendo.

YERMA

Mas tu és tu, e eu sou eu. Os homens têm outra vida; o gado, as árvores, as con-

versas; e nós mulheres, não temos mais que a cria e o cuidado da cria.

João

Nem todos são iguais. Por que não trazes um filho de teu irmão para criar? Eu não me oponho.

YERMA

Não quero cuidar de filhos dos outros. Imagino que se me vão gelar os braços, de sustê-los.

João

Por causa disso vives aloucada, sem pensar no que devias, e empenhada em dar com a cabeça numa pedra.

YERMA

Pedra que é uma infâmia que seja pedra, porque devia ser uma cesta de flores e água fresca.

João

Estando a teu lado, não se sente senão inquietude, desassossêgo. Em último caso, deves resignar-te.

YERMA

Eu vim ter entre estas quatro paredes para não me resignar. Quando tiver a cabeça atada com um lenço, para que não se me abra a bôca, e as mãos bem amarradas dentro do ataúde, nessa hora estarei resignada.

João

Então, que queres fazer?

YERMA

Quero beber água e não há copo nem água; quero subir no monte e não tenho pés; quero bordar as minhas anáguas e não encontro os fios.

João

O que se passa é que não és uma mulher verdadeira, e buscas a ruína de um homem sem vontade.

YERMA

Não sei quem sou. Deixa-me andar e desafogar. Nunca te faltei em nada.

JOÃO

Não gosto que o povo me aponte. Por isso, quero ver fechada esta porta, e cada um na sua casa.

(Entra a primeira irmã, lentamente, e aproxima-se de um armário.)

YERMA

Falar com as pessoas não é pecado.

JOÃO

Mas pode parecer.

(Entra a outra irmã, e dirige-se aos cântaros, nos quais enche uma jarra.)

JOÃO *(baixando a voz.)*

Eu não tenho fôrça para estas coisas. Quando vierem conversar contigo, fecha a bôca; e lembra-te de que és uma mulher casada.

YERMA *(com assombro.)*

Casada!

JOÃO

E que as famílias têm honra, e a honra é uma carga que todos carregam juntos.

(*Aparece a irmã com a jarra, lentamente.*) Mas que está escondida e fraca nos próprios canos do sangue. (*Aparece a outra irmã carregando uma terrina de modo quase procissional. Pausa.*) Perdoa-me. (YERMA contempla o marido. *Este, ao levantar a cabeça, encontra o seu olhar.*) Embora me fites de um modo que não te devia dizer — perdoa-me!, mas sim forçar-te, encerrar-te — porque para isso sou o marido. (*Aparecem as duas irmãs à porta.*)

YERMA

Rogo-te que não fales. Deixa parada a questão. (*Pausa.*)

João

Vamos comer. (*Entram as irmãs.*) Ouviste?

YERMA (*suave.*)

Come tu, com tuas irmãs. Eu ainda não tenho fome.

João

Como quiseres. (*Sai.*)

YERMA (*Como sonhando.*)

Ai, que prado de mágoa!
Ai, que porta fechada à formosura!
desejo a dôr de ter um filho, e os ares
me estendem dálias de dormente lua.
Êstes dois mananciais que em mim pal-
[pitam,

Com leite mórno, são, pela espessura
da minha carne, pulsos de cavalo,
os ramos sacudindo à minha angústia.
Ai, peitos cegos sob o meu vestido!
Ai, pombas vãs, sem olhos nem brancura!
Ai, que aflição de sangue prisioneiro
me está cravando de vespas a nuca!
Mas tu hás de chegar, amor, meu filho,
porque as águas dão sal; a terra, fruta;
e o nosso ventre guarda tenros filhos
como as nuvens carregam doce chuva.

(*Olha para a porta.*)

Maria! por que passas tão depressa pela
minha porta?

MARIA (*entra com uma criança nos braços.*)

Faço isso quando vou com o menino...
já que sempre choras!

YERMA

Tens razão. (*Pega o menino e senta-se.*)

MARIA

Entristece-me que tenhas inveja.

YERMA

Não é inveja que tenho: é pobreza.

MARIA

Não te queixes.

YERMA

Como não me hei de queixar, quando te vejo a ti e a outras mulheres cheias de flôres por dentro e me vejo tão inútil em meio a tanta formosura?

MARIA

Mas tens outras coisas. Se me ouvisses, poderias ser feliz.

YERMA

A mulher do campo que não dá filhos é inútil como um punhado de espinhos, e até má — embora eu seja dêsse refugo desprezado pela mão de Deus.

MARIA (*faz um gesto, como para tomar a criança.*)

YERMA

Toma-o. Contigo está mais a gôsto. Eu não devo ter mãos de mãe.

MARIA

Por que me dizes isso?

YERMA (*levantando-se.*)

Porque estou farta. Porque estou farta de tê-las e não as poder empregar em coisa própria. Pois estou ofendida. Ofendida e rebaixada até as últimas, vendo que os trigos apontam, que as fontes não cessam de dar água, e as ovelhas parem centos de cordeiros, e as cadelas, — e que parece que todo o campo, de pé, me mostra suas crias tenras e adormecidas, enquanto eu sinto dois golpes de martelo, aqui, em lugar da bôca de meu filho.

MARIA

Não me agrada o que dizes.

YERMA

Vós, as que tendes filhos, não podeis pensar nas que não os temos. Permaneceis sere-

nas, ignorantes, como o que nada em água doce não faz idéia da sede.

MARIA

Não te quero dizer o que te digo sempre.

YERMA

Cada vez tenho mais desejos e menos esperanças.

MARIA

Isso é ruim.

YERMA

Acabarei acreditando que eu mesma sou meu filho. Muitas noites desço a dar de comer aos bois, o que antes não fazia, — porque mulher nenhuma o faz — e quando passo pela sombra do alpendre, meus passos me parecem passos de homem.

MARIA

Cada um tem suas razões.

YERMA

Apesar de tudo, continua a querer-me. Podes imaginar como vivo?

MARIA

E tuas cunhadas?

YERMA

Morta me veja e sem mortalha, se alguma vez falar com elas.

MARIA

E teu marido?

YERMA

São três contra mim.

MARIA

Que pensam?

YERMA

Invenções de gente que não tem consciência tranqüila. Crêem que posso gostar de outro homem e não sabem que, ainda que gostasse, o primeiro ponto da minha casta é a honradez. São pedras na minha frente. Mas o que não sabem é que eu, se quiser, posso ser água de arroio que as leve. (*Uma irmã entra e volta levando um pão.*)

MARIA

De qualquer maneira, creio que teu marido continua a querer-te.

YERMA

Meu marido me dá pão e casa.

MARIA

Que trabalhos estás passando! Que trabalhos! Mas lembra-te das chagas de Nosso Senhor. (*Estão à porta.*)

YERMA (*mirando o menino.*)

Já acordou.

MARIA

Daqui a pouco começará a cantar.

YERMA

Tem os teus olhos, sabias? Já os viste? (*Chorando.*) Tem os olhos iguais aos teus!

(*YERMA suavemente empurra Maria, que sai silenciosa. YERMA dirige-se à porta por onde entrou o marido.*)

2.^a RAPARIGA

Psiu.

YERMA (*voltando-se.*)

Que é?

2.^a RAPARIGA

Esperei que saísse. Minha mãe está à tua espera.

YERMA

Está só?

2.^a RAPARIGA

Com duas vizinhas.

YERMA

Dize-lhes que esperem um pouco.

2.^a RAPARIGA

Mas sempre vais? Não te dá medo?

YERMA

Irei.

2.^a RAPARIGA

Anda lá!

YERMA

Que me esperem, embora seja tarde.
(*Entra Victor.*)

VICTOR

João está?

YERMA

Está.

2.^a RAPARIGA (*cúmplice.*)

Então, logo trarei a blusa.

YERMA

Quando quiseres. (*Sai a rapariga.*) Senta-te.

VICTOR

Estou bem assim.

YERMA (*chamando.*)

João!

VICTOR

Venho despedir-me. (*Estremece levemente, mas logo torna a serenar.*)

YERMA

Vais com teus irmãos?

VICTOR

Assim o quer meu pai.

YERMA

Já deve estar velho.

VICTOR

Está: muito velho. (*Pausa.*)

YERMA

Fazes bem em mudar de campo.

VICTOR

Todos os campos são iguais.

YERMA

Não. Eu iria para muito longe.

VICTOR

Tudo é o mesmo. As mesmas ovelhas têm a mesma lã.

YERMA

Para os homens, sim; mas nós mulheres, somos outra coisa. Nunca ouvi dizer a um homem, comendo: como são boas estas maçãs! Ides ao que é vosso, sem reparardes nas delicadezas. Por mim, posso dizer: detesto a água dêstes poços.

VICTOR

Pode ser. (*A cena está numa suave penumbra.*)

YERMA

Victor.

VICTOR

Fala.

YERMA

Por que te vais? Aqui, as pessoas te querem.

VICTOR

Portei-me bem. (*Pausa.*)

YERMA

Portaste-te bem. Quando eras rapazote, levaste-me uma vez nos braços, não te lembras? Nunca se sabe o que vai acontecer.

VICTOR

Tudo muda.

YERMA

Algumas coisas não mudam. Há coisas fechadas dentro de paredes, que não podem mudar porque ninguém as ouve.

VICTOR

Assim é.

(Aparece a 2.a irmã e dirige-se lentamente para a porta, onde fica, firme, iluminada pela última claridade da tarde.)

YERMA

Mas se saíssem de repente, e gritassem, encheriam o mundo.

VICTOR

Não adiantaria nada. A acéquia em seu lugar, o rebanho no redil, a lua no céu e o homem com seu arado.

YERMA

Que imensa pena, não poder sentir os sentimentos dos velhos! (*Ouve-se o longo e melancólico som dos búzios dos pastôres.*)

VICTOR

Os rebanhos.

João (*Entra.*)

Já estás de partida?

VICTOR

E quero passar o pôrto antes do amanhecer.

João

Levas alguma queixa de mim?

VICTOR

Não. Foste bom pagador.

João (*a YERMA.*)

Comprei-lhe os rebanhos.

YERMA

É?

VICTOR (a YERMA)

São teus.

YERMA

Não sabia.

João (*Satisfeito.*)

Pois é.

VICTOR

Teu marido há de ver sua fazenda repleta.

YERMA

O fruto vem às mãos do trabalhador que o procura. (*A irmã que está à porta, vem para dentro.*)

João

Já não temos onde meter tantas ovelhas.

YERMA (*Sombria.*)

A terra é grande. (*Pausa.*)

João

Iremos juntos até o arroio.

VICTOR

Desejo a esta casa a maior felicidade.
(*Dá a mão a YERMA.*)

YERMA

Deus te ouça! Saúde!

(*Victor deixa-o passar e, a um movimento imperceptível de YERMA, volta-se.*)

VICTOR

Dizias alguma coisa?

YERMA (*Drástica.*)

Disse-te "Saúde"!

VICTOR

Obrigado.

(*Saem. YERMA continua imóvel, angustiada, mirando a mão que deu a Victor. Dirige-se rapidamente para a esquerda e apanha um xale.*)

2.^a RAPARIGA (*em silêncio, tapando-lhe a cabeça.*)

Vamos.

YERMA

Vamos. (*Saem sigilosamente.*)

(*A cena está quase na escuridão. Entra a irmã mais velha com uma candeia que não deve dar ao teatro luz nenhuma senão a natural que leva. Dirige-se ao fim da cena, buscando YERMA. Soam os búzios dos rebanhos.*)

1.^a CUNHADA (*em voz baixa.*)

Yerma!

(*Entra a segunda cunhada. Miram-se as duas e dirigem-se para a porta.*)

2.^a CUNHADA (*mais alto.*)

Yerma!

1.^a CUNHADA (*dirigindo-se à porta e com voz imperiosa.*)

Yerma!

(*Ouvem-se os búzios e as cornetas dos pastôres. A cena está escuríssima.*)

FIM DO SEGUNDO ATO.

TERCEIRO ATO

PRIMEIRO QUADRO

(Casa de Dolores, a rezadeira. Vai amanhecendo. Entra YERMA com Dolores e duas Velhas.)

DOLORES

Foste corajosa.

1.ª VELHA

Não há nada no mundo como a fôrça do desejo.

2.ª VELHA

Mas o cemitério estava escuro demais.

DOLORES

Muitas vêzes tenho feito estas orações no cemitério com mulheres que ansiavam por

crianças, e tôdas tiveram medo. Tôdas, menos tu.

YERMA

Eu vim pelo resultado. Creio que não és mulher de enganar.

DOLORES

Não sou, não. Que se me encha a língua de formigas, como a bôca dos mortos, se alguma vez menti. A última vez fiz a reza com uma mendiga que estêve sêca mais tempo do que tu. E de maneira tão formosa se lhe adôçou o ventre que teve duas crianças ali em baixo, no rio, porque nem lhe dava tempo de chegar ao povoado. E ela mesma as trouxe, num pano, para que eu as arranjasse.

YERMA

E pôde vir andando lá do rio?

DOLORES

Veio. Com os sapatos e as anáguas empapadas de sangue... mas com a cara rebrihante.

YERMA

E não lhe aconteceu nada?

DOLORES

Que havia de acontecer? Deus é Deus.

YERMA

Naturalmente. Deus é Deus. Não lhe podia acontecer nada. Só agarrar as criancinhas e lavá-las com água viva. Os animais as lambem, não é? Eu não tenho nojo de meu filho. Imagino que as recém-paridas estão como iluminadas por dentro, — e as crianças dormem horas e horas em cima delas ouvindo êsse arroio de leite morno que lhes vai enchendo os peitos, para que mamem, para que brinquem, até não quererem mais; até retirarem a cabeça: “Um pouquinho mais, menino...” — e ficaram com a cara e o peito cheios de gôtas brancas.

DOLORES

Agora terás um filho. Podes ter certeza.

YERMA

Hei de tê-lo, por fôrça. Ou não entendo o mundo. Às vêzes, quando já estou certa de que nunca, nunca... sobe-me como uma onda de fogo pelos pés, e ficam vazias, para

mim, tôdas as coisas, e os homens que andam pela rua, e os touros e as pedras me parecem assim como coisas de algodão. E pergunto a mim mesma para que estarão postos ali?

1.^a VELHA

É bom que uma casada queira filhos; mas, se os não tem, por que essa ânsia de tê-los? O importante, neste mundo, é deixar-se levar pelo tempo. Não te critico. Já viste como ajudei nas rezas. Mas que várzea esperas dar a teu filho, ou que felicidade, ou que cadeira de prata?

YERMA

Eu não penso no amanhã; penso no hoje. Tu estás velha, e já vês tudo como um livro lido. Eu penso que tenho sede e não tenho liberdade. Eu quero ter meu filho nos braços, para dormir tranqüila; e, ouve-me bem e não te espantes do que digo: embora soubesse que meu filho me iria martirizar depois, e me iria odiar, e me iria arrastar pelos cabelos pelas ruas, receberia com gôsto o seu nascimento, porque é muito melhor chorar por um homem vivo que nos apunhala do que chorar por êste

fantasma sentado anos e anos em cima do
meu coração.

1.ª VELHA

És muito nova para ouvires conselhos.
Mas, enquanto esperas a graça de Deus, de-
ves amparar-te no amor de teu marido.

YERMA

Ai! puseste o dedo na chaga mais funda
que há na minha carne.

DOLORES

Teu marido é bom.

YERMA (*levantando-se.*)

É bom! É bom! E depois? Oxalá fôsse
mau. Mas não. Ele vai com suas ovelhas
por seu caminho, e de noite conta o dinheiro.
Quando nos juntamos, cumpre o seu dever,
mas reparo que é frio como se tivesse o cor-
po morto; e eu, que sempre tive asco das mu-
lheres ardentes, queria ser naquele instante
como uma montanha de fôgo.

DOLORES

Yerma!

YERMA

Não sou uma casada indecente, mas sei que os filhos nascem do homem e da mulher. Ai, se os pudesse ter sòzinha!

DOLORES

Pensa que teu marido também sofre.

YERMA

Não sofre, não. O que acontece é que êle não deseja filhos.

1.^A VELHA

Não digas isso!

YERMA

Vejo-lhe isso nos olhos. E, como os não deseja, não mos dá. Não o quero, não o quero, e, no entanto, é a minha única salvação. Por honra e por casta. Minha única salvação.

1.^A VELHA (*com medo.*)

Vai começar a amanhecer. Deves ir para casa.

DOLORES

Não tardam a sair os rebanhos e não convém que te vejam sòzinha.

YERMA

Necessitava dêste desabafo. Quantas vêzes devo repetir as orações?

DOLORES

A do loureiro, duas vêzes; e, ao meio-dia, a oração de Santana. Quando te sentires preñhe, trazes a fanga de trigo que me promettes-te.

1.ª VELHA

Por cima dos montes já começa a clarear. Vai-te embora.

DOLORES

Como daqui a pouco começarão a abrir os portões, vai fazendo um rodeio pela acéquia.

YERMA (*com desalento.*)

Não sei porque vim!

DOLORES

Estás arrependida?

YERMA

Não!

DOLORES (*Perturbada.*)

Se tens medo, acompanho-te até à esquina.

1.^a VELHA (*com inquietação.*)

Já será dia claro, quando chegares à tua porta.

(*Ouvem-se vozes.*)

DOLORES

Cala-te! (*Escutam.*)

1.^a VELHA

Não é ninguém. Vai com Deus.

(*YERMA dirige-se para a porta, e nesse momento chamam-na. As três mulheres ficam paradas.*)

DOLORES

Quem é?

Voz

Sou eu.

YERMA

Abre. (*Dolores duvida.*) Abres ou não?

(*Ouvem-se murmúrios. Aparece João com as duas cunhadas.*)

2.^a CUNHADA

Aqui está.

YERMA

Aqui estou.

João

Que fazes neste lugar? Se pudesse gritar, levantaria tôda a aldeia, para que vissem por onde anda a honra da minha casa; mas hei de afogar tudo, e calar-me porque és minha mulher.

YERMA

Se pudesse gritar, também gritaria, para que se levantassem até os mortos e vissem esta limpeza que me cobre.

João

Não, isso não. Agüento tudo, menos isso. Tu me enganas, me enredas, e como sou um homem que trabalha a terra, não tenho cabeça para as tuas astúcias.

DOLORES

João!

João

Calai-vos! Nem uma palavra!

DOLORES (*forte.*)

Tua mulher não fêz nada de mal.

João

Desde o próprio dia da boda que o está fazendo. Mirando-me com duas agulhas, passando as noites em claro, com os olhos abertos, a meu lado, e enchendo de maus suspiros os meus travesseiros.

YERMA

Cala-te!

João

E eu não posso mais. Porque é preciso ser de bronze para ver-se ao lado uma mulher que te quer enterrar os dedos no coração; e que de noite sai de sua casa, em busca de quê? Dize-me! Procurando o quê? As ruas estão cheias de machos. Nas ruas não há flores para cortar.

YERMA

Não te deixo falar nem mais uma palavra. Nem mais uma. Imaginas tu, e tua gente, que sois os únicos a guardar honra; e não sabes que a minha casta não teve nunca nada que ocultar. Anda. Chega perto de mim e cheira os meus vestidos: vem! vê se encontras um cheiro que não seja o teu, que não seja o do teu corpo. Põe-me nua no meio da praça e cospe-me. Faze comigo o que quiseres, já que sou tua mulher; mas livra-te de pôr nome de homem em cima dos meus peitos!

João

Não sou eu quem o põe: és tu, com a tua conduta. E o povo começa a dizê-lo. Começa a dizê-lo claramente. Quando chego a uma roda, todos se calam; quando vou pesar a farinha, todos se calam; e até de noite, no cam-

po, quando desperto, parece-me que também se calam as ramas das árvores.

YERMA

Não sei como se levantam os maus ventos que revolvem o trigo! E dize-me se o trigo não é bom!

João

E eu não sei o que busca uma mulher a tôda hora fora de casa.

YERMA (*Num arranco, abraçando-se ao marido.*)

Busco-te a ti. Busco-te a ti, — é a ti que busco dia e noite, sem encontrar sombra onde respirar. É teu sangue e teu amparo o que desejo.

João

Afasta-te!

YERMA

Não me afastes, e une ao meu o teu querer!

João

Deixa-te disso!

YERMA

Olha que fico só. Como se a lua se procurasse a si mesma pelo céu. Olha-me! (*Fita-o.*)

João (*Fita-a e afasta-a bruscamente.*)

Deixa-me de uma vez!

DOLORES

João!

(*YERMA cai no chão.*)

YERMA (*alto.*)

Quando saía a procurar meus cravos, tropecei na parede. Ai, ai, é nessa parede que tenho de rebentar a minha cabeça.

João

Cala-te. Vamos.

DOLORES

Deus meu!

YERMA (*aos gritos.*)

Maldito seja meu pai, que me deixou seu sangue de pai de cem filhos! Maldito seja

meu sangue que os busca aos trancos pelas paredes!

JOÃO

Cala-te, já disse!

DOLORES

Vem gente! Fala baixo.

YERMA

Não me importa. Deixem-me livre ao menos a voz, agora que vou entrando no mais escuro do poço. (*Levanta-se.*) Deixem que do meu corpo saia ao menos essa coisa bela — e que encha os ares! (*Ouvem-se vozes.*)

DOLORES

Vão passar por aqui.

JOÃO

Silêncio.

YERMA

Isso! Isso! Silêncio. Não te preocupes.

JOÃO

Vamos. Depressa!

YERMA

É assim! É assim! E é inútil retorcer as
mãos! Uma coisa é querer com a cabeça...

João

Cala-te!

YERMA (*baixo.*)

Uma coisa é querer com a cabeça, e ou-
tra coisa é que o corpo — maldito seja o cor-
po! — não nos responda. Está escrito e não
me vou pôr a lutar braço a braço com os ma-
res. É assim! Muda fique a minha bôca!
(*Sai.*)

CORTINA RÁPIDA

SEGUNDO QUADRO

(Arredores de uma ermida, em plena montanha. No primeiro plano, umas rodas de carro e umas mantas, formando uma tenda rústica onde está YERMA. Entram as mulheres com oferendas para a ermida. Vêm descalças. Na cena está a Velha alegre do 1.º Ato.)

(Canto com a cortina corrida.)

Não te pude ver,
quando eras solteira,
mas já casada
te encontrarei.
Casada e romeira,
te despirei,
quando pelo escuro
meia-noite dê.

VELHA *(Com malícia.)*

Ja bebeste a água santa?

1.^a MULHER

Já.

VELHA

E agora vindes vê-lo.

1.^a MULHER

Acreditamos nêle.

VELHA

Vindes pedir filhos ao Santo; e acontece que cada ano vêm mais homens sòzinhos a esta romaria. Que se passará? (*Ri-se.*)

1.^a MULHER

Por que vens aqui, se não crês?

VELHA

Venho ver. Fico louca para ver. E para tratar de meu filho. O ano passado mataram-se dois homens por uma casada sêca e quero vigiar. E, por fim, venho porque me dá na veneta.

1.^a MULHER

Deus te perdoe. (*Entram.*)

VELHA (*com sarcasmo.*)

Que te perdoe a ti. (*Vai-se embora. Entra Maria com a 1.ª Rapariga.*)

1.ª RAPARIGA

E veio?

MARIA

Ali tens o carro. Muito me custou trazê-los. Ela estêve um mês sem se levantar da cadeira. Tenho mêdo dela. Anda' com uma idéia que não sei qual é, mas já se vê que é uma idéia ruim.

1.ª RAPARIGA

Cheguei com minha irmã. Há oito anos que vem, sem resultado.

MARIA

Tem filhos a que tem que os ter.

1.ª RAPARIGA

É o que eu digo. (*Ouvem-se vozes.*)

MARIA

Nunca me agradou esta romaria. Vamos às eiras, que é onde está o povo.

1.^a RAPARIGA

No ano passado, quando escureceu, uns rapazes atezaram com as mãos os peitos da minha irmã.

MARIA

Por quatro léguas em redor não se ouvem senão palavras terríveis.

1.^a RAPARIGA

Vi mais de quarenta tonéis de vinho nos fundos da ermida.

MARIA

Um rio de homens sòzinhos desce por estas serras.

(Saem. Ouvem-se vozes. Entra YERMA com seis mulheres que vão à igreja. Vão descalças e levam círios torcidos. Começa a anoitecer.)

MARIA

Senhor, que a rosa floresça!
Não fique na sombra prêsa.

2.^a MULHER

Nesse corpo que se engelha,
floresça a rosa amarela!

MARIA

No ventre das tuas servas,
a chama escura da terra.

CÔRO DE MULHERES

Senhor, que a rosa floresça!
Não fique na sombra prêsa.

(Ajoelham-se.)

YERMA

O céu tem os seus jardins
com roseiras de alegria;
entre roseira e roseira,
a rosa da maravilha.
Raio de aurora parece,
e há um arcanjo que a vigia;
as asas, como tormentas,
os olhos, como agonias.
Em redor de suas fôlhas,
arroios de leite brincam,
tépidos, molhando a cara
das estrelinhas tranqüilas.

Senhor, abre um roseiral
nesta murcha carne minha.

(Levantam-se.)

2.^a MULHER

Senhor, acalma êsse fogo
de sua face incendiada!

YERMA

Escuta uma penitente
desta santa romaria;
abre em mim a tua rosa,
embora espinhos me firam.

CÔRO

Senhor, que a rosa floresça
e não fique em sombra prêsa!

YERMA

Sôbre a murcha carne minha,
a rosa da maravilha!

(Entram)

*(Saem raparigas correndo, com longas
fitas nas mãos — pela esquerda. Pela direita,
outras três, olhando para trás. Há na cena*

como um crescendo de vozes e de ruídos de guizos e colares de campainhas. Num plano superior, aparecem as sete raparigas que agitam as fitas para a esquerda. Cresce o ruído e entram dois mascarados populares, um como Macho e outro como Fêmea. Levam grandes máscaras. O Macho empunha um chifre de touro. Não são de modo nenhum grotescos, mas antes de grande beleza e com um sentido de pura terra. A Fêmea agita um colar de grandes campainhas. O fundo enche-se de gente que grita e comenta a dança. Já é noite fechada.)

MENINOS

O demônio e sua mulher! O demônio e sua mulher!

FÊMEA

Pelo rio de uma serra,
triste espôsa se banhava:
pelo corpo lhe subiam
os vivos caracóis da água.
A fina areia das margens
e os ares da madrugada
lhe enchiam de fogo o riso
e de tremor as espáduas.

Ai, como estava despida
a donzela dentro d'água!

MENINO

Ai, como se queixava!

1.º HOMEM

Ai, tão murcha de amôres,
com o vento e a água!

2.º HOMEM

Que diga por quem espera!

1.º HOMEM

Que diga por quem aguarda!

2.º HOMEM

Ai, com seu ventre sêco
e a côr tão desmaiada!

FÊMEA

Quando chegue a noite o direi,
quando chegue a noite clara.
Quando chegue a noite da romaria
rsgarei os folhos da minha anágua!

MENINO

E em seguida veio a noite.
Ai, que a noite já chegava!
Olhai como fica escura
pela montanha, a cascata!

(Começam a soar umas guitarras.)

MACHO *(levanta-se e agita o chifre.)*

Ai, tão branca,
a triste casada!
Ai, como se queixa entre as ramas!
Já vais ser cravo e papoula,
quando o macho desdobre a capa.

(Aproxima-se.)

Se vieres à romaria,
pedir que teu ventre se abra,
não te cubras com véus de luto,
mas com leve camisa de Holanda.
Vai sòzinha detrás dêsses muros,
onde estão as figueiras cerradas,
e sustenta meu corpo de terra
até quando suspire a alvorada.
Ai, como rebrilha,
Ai, como rebrilhava,
ai, como se meneia a casada!

FÊMEA

Ai, que o amor lhe oferece
coroas e grinaldas,
e dardos de ouro vivo
em seu peito se cravam.

MACHO

Sete vêzes gemia,
nove se levantava;
laranjas com jasmins
quinze vêzes juntaram.

3.º HOMEM

Bate-lhe já com o chifre!

2.º HOMEM

Com a rosa e com a dança!

1.º HOMEM

Ai, como se meneia a casada!

MACHO

Nesta romaria
o varão sempre manda.
Os maridos são touros.
O varão sempre manda:

e as romeiras são flôres
para aquêles que as ganha.

MENINO

Bate-lhe já com o ar!

2.º HOMEM

Bate-lhe já com a rama!

MACHO

Vinde ver o esplendor
dessa que se banhava!

1.º HOMEM

Como junco se curva.

FÊMEA

E como flor se cansa.

HOMENS

Afastar as meninas!

MACHO

E incendeie-se a dança
e o corpo reluzente
da garrida casada.

(Vão-se a bailar ao som de palmas, e com sorrisos.)

CANTAM

O céu tem os seus jardins
com roseiras de alegria.
Entre roseira e roseira,
a rosa da maravilha.

*(Tornam a passar os rapazes gritando.
Entra a Velha alegre.)*

VELHA

Vamos a ver se nos deixais dormir. Mas
agora vai ser ela. *(Entra YERMA.)* Tu! *(YER-
MA está abatida e não fala.)* Dize-me a que
vieste.

YERMA

Não sei.

VELHA

Não te convences? E teu marido?

*(YERMA dá mostras de cansaço e vê-se
que uma idéia fixa lhe atormenta a cabeça.)*

YERMA

Está por aí.

VELHA

E que faz?

YERMA

Bebe. *(Pausa. Levando a mão à testa.)*

Ai!

VELHA

Ai! Ai! Menos ai e mais alma. Antes não te pude dizer nada, mas agora posso.

YERMA

E que me vais dizer que já não saiba!

VELHA

O que já não se pode calar. O que está em cima do telhado. A culpa é de teu marido. Estás ouvindo? Deixaria que me cortassem as mãos. Nem seu pai, nem seu avô, nem seu bisavô se portaram como homens de casta. Para terem um filho, foi preciso que se juntasse o céu com a terra. São feitos de saliva. Com tua gente, foi o contrário. Tens irmãos e primos por cem léguas em redor. Vê que maldição havia de cair sôbre a tua formosura.

YERMA

Uma maldição. Um charco de veneno sô-
bre as espigas.

VELHA

Mas tu tens pés para abandonares a
casa.

YERMA

Abandoná-la?

VELHA

Quando te vi na romaria, o coração deu-
me um baque. Aqui vêm as mulheres conhe-
cer homens novos. E o Santo faz o milagre.
Meu filho está sentado atrás da ermida, es-
perando-me. A minha casa precisa de uma
mulher. Vai ter com êle, e viveremos os três
juntos. Meu filho, sim, é de bom sangue.
Como eu. Se entras em minha casa, verás
que ainda cheira a berços. A cinza da tua col-
cha se mudará em pão e sal para as crias.
Anda. Não te importes com o povo. E quanto
a teu marido, há na minha casa entranhas e
ferramentas para que não chegue nem a
atravessar a rua.

YERMA

Cala-te, cala-te, que não é isso! Nunca o faria. Eu não posso ir buscar. Achas que posso conhecer outro homem? Onde pões a minha honra? A água não pode correr para trás, nem a lua cheia sai ao meio-dia. Vai-te embora. Seguirei meu caminho. Pensaste a sério que eu me poderia dobrar a outro homem? Que eu fôsse pedir-lhe o que é meu, como uma escrava? Conhece-me, para que nunca mais me fales: eu não busco.

VELHA

Quando se tem sede, agradece-se a água.

YERMA

Eu sou como um campo sêco onde cabem, arando, mil juntas de bois. E o que tu me dás é um pequeno copo de água de poço. A minha é uma dôr que já não cabe na carne.

VELHA (*Forte.*)

Pois continua assim. É do teu gôsto. Como os cardos das terras sêcas, espinhosa, murcha.

YERMA (*Forte.*)

Murcha, sim, já sei. Murcha! Não é preciso que me esfregues isso na bôca. Não venhas divertir-te como as crianças pequenas com a agonia de um animalzinho. Desde que me casei, estou dando voltas a essa palavra, mas é a primeira vez que a ouço, a primeira vez que me atiram com ela na cara. A primeira vez que vejo que é verdade.

VELHA

Não me dás pena nenhuma. Nenhuma. Buscarei outra mulher para meu filho.

(Retira-se. Ouve-se um grande côro distante, cantado pelos romeiros. YERMA dirige-se para o carro, e aparece por detrás dela seu marido.)

YERMA

Estavas aí?

JOÃO

Estava.

YERMA

Espreitando?

João

Espreitando.

YERMA

E ouviste?

João

Ouvi.

YERMA

E então? Deixa-me e vai-te com os cantadores. (*Senta-se nas mantas.*)

João

Também é a minha hora de falar.

YERMA

Fala.

João

E de queixar-me.

YERMA

Por que motivo?

João

Por que tenho um amargor na garganta.

YERMA

E eu, nos ossos.

João

Chegou o último instante de resistir a
êste contínuo lamento por coisas obscuras,
fora da vida, por coisas que estão nos ares.

YERMA (*Com assombro dramático.*)

Fora da vida, dizes? Nos ares, dizes?

João

Por coisas que não aconteceram e que
não dependem nem de mim nem de ti.

YERMA (*Violenta.*)

Continua! Continua!

João

Por coisas que a mim não me importam.
Ouves? Que a mim não me importam. Já é
necessário dizer-te isso. A mim me importa o

que tenho nas mãos. O que vejo com os meus olhos.

YERMA (*levantando-se nos joelhos, desesperada.*)

Assim, assim. Era isso que eu queria ouvir de teus lábios... Não se sente a verdade quando está dentro de nós. Mas como é grande e como grita quando sai e levanta os braços! Não lhe importa! Já o ouvi.

João (*aproximando-se.*)

Pensa que tinha de ser assim. Ouve-me. (*Abraça-a para levantá-la.*) Muitas mulheres seriam felizes levando a vida que levas. Sem filhos, a vida é mais doce. Eu sou feliz, não os tendo. Não temos culpa nenhuma.

YERMA (*excitada.*)

Isso! Buscavas a casa, a tranquilidade e uma mulher. Mas nada mais. Não é verdade o que digo?

João

É verdade. Como todos.

YERMA

E o resto? E teu filho?

João (*Forte.*)

Não ouves que não me importa? Não me perguntes mais. Pois terei que gritar-te aos ouvidos para que o saibas, para ver se de uma vez para sempre vives tranqüila.

YERMA

E nunca pensaste nêlo, quando me vias desejá-lo?

João

Nunca. (*Estão os dois no chão.*)

YERMA

E não poderia esperá-lo?

João

Não.

YERMA

Nem tu?

João

Nem eu tampouco. Resigna-te!

YERMA

Murcha!

João

Vamos viver em paz. Um com o outro,
docemente. Com agrado. Abraça-me! (*Abraça-a.*)

YERMA

Que procuras?

João

Procuro a ti. Como a lua, estás linda.

YERMA

Tu me procuras como quando queres comer um pombo.

João

Beija-me... assim.

YERMA

Isso, nunca. Nunca.

(YERMA dá um grito e aperta a garganta do marido. Ele vai para trás. Aperta-lhe a garganta até matá-lo. Começa o cântico da romaria.)

Murcha, murcha, mas segura. Agora, sim, que o sei com certeza. E sôzinha! (*Le-*

vanta-se. Começa a chegar gente.) Vou descansar sem ter de despertar sobressaltada para ver se o sangue me anuncia outro sangue nôvo. Com o corpo sêco para sempre. Quereis saber? Não vos aproximeis porque matei meu filho, eu mesma matei meu filho! (Acorre um grupo, que fica ao fundo. Ouve-se o côro da romaria.)

CORTINA

TEATRO MODERNO

(Coleção dirigida por Maria Clara Machado)

1. JOANA D'ARC ENTRE AS CHAMAS — Paul Claudel (Trad. de D. Marcos Barbosa, O.S.B.)
2. O TEMPO E OS CONWAYS — J. B. Priestley (Trad. de Daniel Rocha)
3. AUTO DA COMPADECIDA — Ariano Suassuna
4. ORAÇÃO PARA UMA NEGRA — Faulkner — Camus (Trad. de Guilherme Figueiredo)
5. O LIVING-ROOM — Graham Greene (Trad. de Helena Pessoa)
6. O DIÁRIO DE ANNE FRANK — Goodrich-Hackett (Trad. de Gert Meyer)
7. LONGA JORNADA NOITE ADENTRO — Eugene O'Neill (Trad. de Helena Pessoa)
8. A MORATÓRIA — Jorge Andrade
9. DONA ROSITA, A SOLTEIRA — F. Garcia Lorca (Trad. de Carlos Drummond de Andrade)
10. BODAS DE SANGUE — F. Garcia Lorca (Trad. de Cecília Meireles)
11. DIÁLOGOS DAS CARMELITAS — Georges Bernanos (Trad. de Marina Teles de Menezes Rocha)
12. PEDREIRA DAS ALMAS — O TELESCÓPIO — Jorge de Andrade
13. O PAGADOR DE PROMESSAS — Alfredo Dias Gomes
14. O NATAL NA PRAÇA — Henri Gheon (Trad. de Mário da Silva)
15. O RINOCERONTE — Eugene Ionesco (Trad. de Luís de Lima)
16. A HARPA DE ERVA — Truman Capote (Trad. de Fausto Cunha)
17. YERMA — F. Garcia Lorca (Trad. de Cecília Meireles)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0121, p-132

COMPOSTO E IMPRESSO POR
"IMPRES" - COMPANHIA BRASILEIRA
DE IMPRESSÃO E PROPAGANDA
SÃO PAULO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0121.p-133.

05
74

M. J. — DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Do Censor Manoel Felipe de Souza Leão Neto
Ao Senhor Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
Assunto: Parecer sôbre a Peça Teatral YERMA.

Senhor Chefe:

A peça em questão, de autoria de Federico Garcia Lorca, focaliza a estória de uma mulher casada com um camponês, cujo desejo principal era conceber um filho. Seu desejo jamais se tornou realidade, pois o homem não possuía o vigor necessário...

Nos seus contátos com outras mulheres, também casadas, a jovem cam-pesina sentia crescer o seu complexo - pois todas tinham um excelente poder de procriação.

O pastor, homem simples e dedicado ao trabalho, não demonstrava grande interêsse pelos atributos físicos da jovem espôsa. Tal fato au-mentava mais o seu drama psicológico.

Assediada por outros, mantinha-se, todavia, honesta ao marido, re-pelindo, violentamente, qualquer insinuação sôbre uma possível prevari-cação. Certa vez fôra convidada por uma velha a abandonar o marido, a fim de morar com o filho desta - rapaz solteiro e de belo porte...

No final, após ser acometida de uma crise de desespero, mata o ma-rido estrangulado.

Seu grande problema era ter um filho.

“peça ora examinada destina-se, exclusivamente, a exibição para platéia adulta, tendo em vista o tema explorado. Este é desprovi-do de qualquer diálogo imoral ou atentatório ao pudor.

Sugerimos a IMPROPRIEDADE PARA MENORES DE DEZOITO ANOS, com proibição para sua reprodução em estações de Rádio ou Televisão, na for-ma de "GRANDE TEATRO" (conforme usam nos grandes centros radiofônicos)

OFÍCIO Nº 485/67-SCDP.

04 de dezembro de 1967.

: Chefe da Secretaria do Serviço de Censura de Diversões Públicas

: Delegado Regional do DPF/PARANÁ

: Ofício nº 576/TG/67, de 14.11.67

Senhor Delegado Regional,

Em atenção ao ofício em tópico, encaminhado ao Exmo. Sr. Cel. Florimar Campello, Diretor-Geral do DPF, pela Superintendência do Teatro Guaíra, Governo do Estado do Paraná, estamos encaminhando V. Sª. dois certificados de censura da peça teatral "YERMA", de Federico Garcia Lorca, assim como dois exemplares da referida peça, sendo que um de cada ficará arquivado na TCDP dessa DR e os outros solicitados sejam encaminhado ao interessado.

Informamos ainda que a Improriedade é para menores de 18 (dezoito) anos e proibida a sua reprodução em estações de rádio e televisão na forma de "Grande Teatro".

Aprovístamos a oportunidade para apresentar a V. Sª. votos de alto apreço e consideração.

Ruth A. Peixoto
RUTH ANDRADE PEIXOTO

Chefe da Secretaria do S.C.D.P.

Ilmo. Sr.

WALDEMAR OSWALDO BIANCO

DD. Delegado Regional do DPF/PARANÁ

Rua XV de Novembro 1318

CURITIBA - PR.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



N.º DE REGISTRO **2386/67**

TÍTULO ~~REPROBADO~~ **DA PEÇA: - Y E R M A -**

~~REPROBADO~~ **FEDERICO GARCIA LORCA**

Aprovado pelo S. C. D. P. (§ 1.º do art.º 7.º do Decreto 20.493, de 24/1/46, e Decreto 1.134, de 4-6-62)

Válido até **01** de **DEZEMBRO** de 19 **68**

Brasília, **01** de **dezembro** de 19 **67**

**IMPROPRIO
ATÉ 18 ANOS**

[Assinatura]
Chefe do S. C. D. P.
A. ROMERO LAGO

097H

Centro de Estudos Teatrais
GRUPO DIVULGAÇÃO

(FaFile) - Juiz de Fora - Minas Gerais

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SEÇÃO DE RELACIONES ADMINISTRATIVAS

22 MAR 14 12 10089

RECEBIDO POR:

Exm^o. Sr.
Chefe do SCDP
BRASILIA - DF

Excelentissimo Senhor

O CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS - Grupo Divulgação, sediado em Juiz de Fora (MG), vem mui respeitosamente, solicitar que se processe, nos termos legais, a censura do texto dramático " YERMA " , de Federico Garcia Lorca, em tradução de Cecília Meireles, para que se processe o ato legal, junta três (3) exemplares do referido texto e uma cópia da autorização da SBAT.

Juiz de Fora, 15 de março de 1971

José Luiz Ribeiro

- Coordenador Geral -

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS

VTRC DL

Reconhecida como de Utilidade Pública
pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agosto
— de 1920. —



Filiada à Confederação Internacional das
Sociedades de Autores e Compositores.
— de Paris. —

10

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Sede: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0121,p.139

Direitos de Representação

Autorização Nº 196791

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: YERMA

Original de Garcia Lorca

Música de Basilio Nubres

Tradução de Basilio Nubres

No Teatro CEI Cidade Quiz de Fora

Empresa CEI Pela Cia. Quando liberado pela censura

nos dias quando liberado pela censura

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de

10% (dez por cento) da renda bruta de cada espetáculo, mediante a

garantia mínima de Cr\$ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Quiz de Fora 2 de fevereiro de 1951

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes.
— A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Amor Keller
(pela SBAT)

Isenta de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, frequentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BRASÍLIA ,6 DE ABRIL DE 1971

DO TÉCNICO DE CENSURA THEREZINHA DE TOLEDO NEVES CART.Nº043

AO CHEFE DO SCDP

PARECER

SENHOR CHEFE ,

INFORMO A V.SA QUE A PEÇA TEATRAL :YERMA ,DE AUTORIA DE FEDERICO GARCIA LORCA ,ENVIADA A ESTE SERVIÇO PARA SER CENSURADA ,TEM O SCRIPT IDENTICO AO APROVADO PELO SCDP ,COM O CERTIFICADO Nº2386/67 DE 01 DE DEZEMBRO DE 1967,PELO QUE SUGIRO SEJA MANTIDA A MESMA CLASSIFICAÇÃO ,COM A IMPROPRIEDADE PARA MENORES DE 18 ANOS.

Sr. Chefe da Seção de Censura,

Anexo encaminho a peça abaixo indicada, com o parecer do Técnico de Censura THEREZINHA NEVES, que a examinou.

ATENCIOSAMENTE,

Therezinha de Toledo Neves

THEREZINHA DE TOLEDO NEVES

Título: Y E R M A

Autor : Frederico Garcia Lorca

Restr.: NEVES 18 ANOS

Obs.: Peça liberada anteriormente c/a mesma restrição

Liberar com a impropriedade de 18 anos. formalmente 14.04.71

Antônio de P. C. Alves
ANTÔNIO DE P. C. ALVES
TCTC

*De acordo.
Eu: 1314/71
Wipseu*

12
A



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 3608-71

PEÇA " Y E R M A "

ORIGINAL DE FEDERICO GARCIA

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 19 de ABRIL de 19 76

Brasília, 19 de ABRIL de 19 71

Chefe do S. C. D. P.

GENOVÁ LEMOS CAVALCANTE

**PROIBIDO
PARA MENORES DE
18 ANOS**

M. J. - D. P. F.

CERTIFICADO DO S. C. D. P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 13, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada _____

" VERMA "

Original de FEDERICO GARCIA

Tradução de CECÍLIA MEIRELES

Adaptação de _____

Produção de CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS - JUIZ DE FORA - MG -

Tendo sido censurada em 14 de ABRIL de 19 71 e recebido a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE 18 ANOS. //

-CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL.-

-O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP. //

Brasília, 19 de ABRIL de 19 71

Wilson de Queiroz Garcia
WILSON DE QUEIROZ GARCIA
-CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA-

~~Chefe da Turma de Censores~~
 de Teatro e Congêneres



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.º N.º 224

Data 20/4/71

Do CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA DO SCDP

Para SR. CHEFE DA TCDP/DR/MG

Assunto: PROVIDÊNCIAS -SOLICITA-

SR. CHEFE,

SOLICITO SUAS PROVIDÊNCIAS NO SENTIDO DE QUE SEJA ASSISTIDO O ENSAIO GERAL DA PEÇA TEATRAL ABAIXO INDICADA, PODENDO SER ENTREGUE AO INTERESSADO TÔDA A DOCUMENTAÇÃO, CASO A CLASSIFICAÇÃO ESTABELECIDADA POR ÊSTE SERVIÇO ESTEJA DE ACÔRDÃO COM O OBSERVADO NO ENSAIO GERAL, DEVENDO, POSTERIORMENTE, SER REMETIDO O RESPECTIVO RELATÓRIO.

TÍTULO- Y E R M A

AUTOR - FEDERICO GARCIA LORCA

INTER.- CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS

ENDER.- JUIZ DE FORA/MG

ATENCIOSAMENTE,

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA DO SCDP



MJ-DPF-SRA/BS

- 6 FEV 10 51 Z 006610

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ

RECEBIDO POR *Antonio...*

02
[assinatura]

OE. Nº 269/74-SCDP/SR/PR

Em 30 de janeiro de 1974

Do Superintendente Regional do DPF no Estado do Paraná

Ao Ilmº. Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto Peça teatral para censura (remete)

Senhor Diretor,

Anexas, temos a honra de encaminhar a V. Sa. 03 (três) cópias de script da peça teatral "YERMA", de autoria de Federico Garcia Lorca, para fins de censura.

Ao ensejo, Reiteramos a V. Sa. expressões de elevada estima e distinta consideração.

A. Pereira Gonçalves
Aicindo Pereira Gonçalves
Superintendente Regional do DPF

Ilmº. Sr.

Dr. Rogério Nunes

MD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas do DPF

Curitiba, 30 de janeiro de 1.974

SENHOR DIRETOR:

Anexo ao presente, estamos encaminhando a Vossa Senhoria, para liberação desse Serviço de Censura-Diversões Públicas, três (3) exemplares da peça "YERMA", Original de FEDERICO GARCIA LORCA, tradução de Cecília - Meireles, a ser apresentada pelo GRUPO DE TEATRO DA UNIV. ESTADUAL DE PONTA GROSSA, NO TEATRO ESTADO DO PARANÁ, com estréia marcada para o dia 2º QUINZENA DE FEVEREIRO/74.

Outrossim, solicitamos a Vossa Senhoria, se digne mandar devolver este material à Delegacia de Polícia-Federal, desta Capital.

Na oportunidade, renovamos a Vossa Senhoria, protestos de estima e consideração.

José Faria Moritz

JOSE FARIA MORITZ P/U.E. PONTA GROSSA

AO ILUSTRÍSSIMO SENHOR

DOUTOR ROGÉRIO NUNES

MD. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA FEDERAL

EDIFÍCIO B.N.D.E.-3º ANDAR

BRASILIA - DISTRITO FEDERAL

16

03
M



177H

04
M

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

CURITIBA

~~RIO DE JANEIRO~~, 29 de JANEIRO de 1974

OF. Nº 006/74

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.

Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S.,
para fins de CENSURA (3) cópias da peça:

"YERMA"

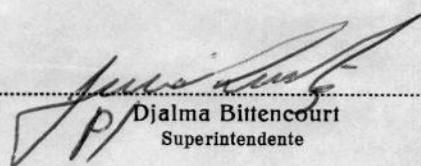
DE: FEDERICO GARCIA LORCA-TRADUÇÃO DE CECÍLIA MEIRELES

próxima apresentação da GRUPO DE TEATRO DA UNIV. ESTADUAL DE ~~RJ~~

PONTA GROSSA no Teatro ESTADO DO PARANÁ

com estréia marcada para o dia 2ª QUINZENA DE FEVEREIRO 1974

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior
consideração,


Djalma Bittencourt
Superintendente



187

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

CURITIBA

Rio de Janeiro, 29 de JANEIRO de 19 74

OF. Nº 006/74

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.

Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S.,
para fins de CENSURA (3) cópias da peça:

"YERMA"

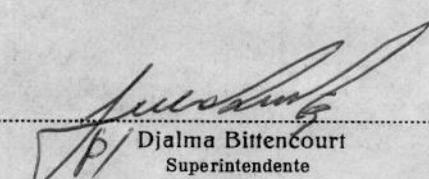
DE: FEDERICO GARCIA LORCA-TRADUÇÃO DE CECÍLIA MEIRELES

próxima apresentação do GRUPO DE TEATRO DA UNIV. ESTADUAL DE RR

PONTA GROSSA no Teatro ESTADO DO PARANÁ

com estréia marcada para o dia 2ª QUINZENA DE FEVEREIRO 74

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior
consideração,


Djalma Bittencourt
Superintendente

1974

TEATRO

06
de

TÍTULO YERMA

1) S. ARQUIVO

Documentação Em Ordem

Clas. Anterior 18

Praça CURITIBA - PR

Obs.: _____

DF. 15 / 2 / 74

[Handwritten signature]
Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

A consideração do Sr. Diretor da D.C.D.P.

Em 18/02/74
Maurício E. F. J. Filho
P/ chefe do S.C.

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

Concordo com o parecer 13132/74 - depto (18) autos, sem contestação, condicionada, todavia, ao envio do ensaio final.

Ensta-se os autos em cad. com validade até 19.4.76.

[Handwritten signature]
V. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe de S.C.T.C./S.C./D.C.D.P.

5) Diretor da D. C. D. P.

Libere-se na forma do parecer de fls 7, 7, 7 e 18 autos
[Handwritten signature]
18/2/74



209A

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

07
R

Parecer Nº 13132/44

Título: YERMA, de Federico Garcia Lorca

Classificação Etária: DEZOITO ANOS

Espécie: Peça Teatral Com cortes: não

Boa Qualidade: - - - - Livre P/Exportação: - - - -

Dublado: - - - - Legendado: - - - -

Vedada a Exploração Comercial: não

Cenas: À vista do ensaio geral

Época: 1934 Gênero: Drama

Linguagem: Comum, romântica, recalcada.

Tema: Psicossocial.

Personagem: Preocupados, complexado, romântico.

Mensagem: - - - - -

Enredo: Yerma desejava muito ter um filho, entretanto, o seu marido, um modesto pastor, não se dava por conta. Yerma era assediada por galanteadores, mas, não traia o seu marido. Após uma crise de desespero, matou o marido e tentou realizar o seu desejo que era ter um filho.

1 - Cortes: Não há.

2 - Conclusão: Trata-se de confronto cujo texto se apresenta inteiramente igual, opinando para que seja mantida a mesma classificação etária, considerando que há certificado ainda em vigor até 1976. (DEZOITO ANOS).

Brasília, 11 de fevereiro de 1974.

L. Fernando
L. Fernando

Técnico de Censura

21/7/74

108/74-SCTC/SC-DCDP

14.02

4

Superintendente Regional do DPF no Paraná

- YERMA -

FREDERICO GARCIA LORCA

Superintendente:

em Curitiba

FVAN/aga

VERMA ;

FEDERICO G. LORCA ;

CECILIA MENEZES

2.386/74

CAUPO DE TESTO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - BR

VERMA

F. DOMÉF. NOVAIS

II - EXTEREIRO

FEDERICO GARCIA LORCA

19

ABRIL

76

15

FEVEREIRO

74

Rogério Nunes
ROGÉRIO NUNES

**PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS**

227

BRDFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0121, p.153
: YERMA

: FEDERICO G. LORCA
CECÍLIA HEIRELES

: GRUPO DE TEATRO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA - PR -

: JOSÉ F. MORITZ

11 FEVEREIRO

74

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO
AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE
QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.


15 FEVEREIRO

74

MHF


HUGO PÓVOA DA SILVA
INSP. POL. FEDERAL.



MJ - DPF - SRA/BSE



19 FEV 11 17 ≈ 010095

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

RECEBIDO POR



24/2

093

Em, 18 de fevereiro de 1974

Do Chefe do SCDP/SR/GB

Ao Sr. Diretor da DCDF

Assunto : _enc. texto de peça teatral

Ref. prot. 6448/74

Senhor Diretor,

Encaminho a V.Sa., o officio n. ETMA-031/74, através do qual o Sr. Diretor do Teatro Municipal do Rio de Janeiro solicita exame censório para a peça "YERMA", de Frederico Garcia / Lorea, juntando, para o fim proposto, 3 (tres) exemplares da aludida obra, bem assim, a guia da SBAT, expedida, em 15.2.1974.

Ao ensejo reitero a V.Sa., os protestos de consideração e apreço.

Josefina

JOSEFINA VIANA E SILVA

Chefe do SCDP/SR/GB



ESTADO DA GUANABARA
TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

SR. GUANABARA (SRAA) FICHADO

MJ-DPF

SR/GB

15 FEV 1974

06448

RECEBIDO POR: *Phon*

SRA/FICHADO

Ofício N.º ETMA-031/74

Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 1974.

Senhor Chefe da Censura

Pelo presente, vimos solicitar de V.S. a liberação do texto da peça que ora remetemos em anexo (em 3 vias), "YERMA", Poema Trágico em 3 atos e 6 quadros, de Frederico Garcia Lorca, cuja produção está a cargo e sob responsabilidade do TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO, onde será apresentada na primeira quinzena de março, de 1974.

Atenciosamente,

[Handwritten Signature]
José Mauro Dias da Cruz Gonçalves
Diretor do Teatro Municipal do
Rio de Janeiro - Mat. 132.896

AO CHEFE DA DIVISÃO DE CENSURA FEDERAL
Setor Bancário Sul - Lote 30
Brasília - D.F.

Igv/.

26
48

ILMO SENHOR DIREETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE BRASÍLIA DF.

Cia. Ruth Escobar, sediada nesta cidade do Rio de Janeiro, à Rua México, 41 - gr. 201 - parte - vem mui respeitosa^{men}te solicitar a V.Sa., que se digne mandar sensurar a peça "YERMA" de autoria de Frederico Garcia Lorca, com estréia prevista para o dia/05/03/74, no Teatro Municipal.

Nêstes Têrmos,
P.Deferimento

Rio de Janeiro, 01 de março de 1974.

Felicia da Silva Santos



27/40

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Rio de Janeiro, 15 de Fevereiro de 1974

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S.,
para fins de CENSURA (TRES) cópias da peça:

Y E R M A

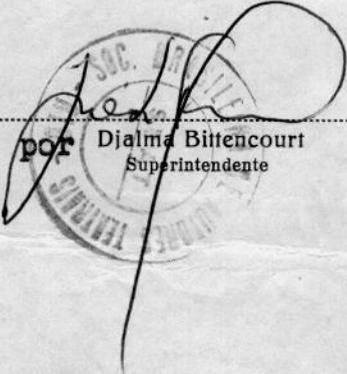
DE: Frederico Garcia Lorca

próxima apresentação da Empresa Teatro Municipal

no Teatro MUNICIPAL

com estréia marcada para o dia 1ª Quinzena de Março de 1974

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior
consideração,

por 
Djalma Bittencourt
Superintendente



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Rio de Janeiro, 01 de março de 1974

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.

Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S.,
para fins de CENSURA (3) cópias da peça:

" YERMA "

DE: Frederico Garcia Lorca (no original)

próxima apresentação da Cia. Ruth Escobar

no Teatro Municipal

com estréia marcada para o dia 05/03/74

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior
consideração,

Djalma Bittencourt
Djalma Bittencourt
Superintendente



TEATRO

29
44

TÍTULO YERMA

1) S. ARQUIVO

Documentação Em Ordem

Clas. Anterior 18

Praça RIO DE JANEIRO - GB

Obs.: _____

DF. 20 / 2 / 74

Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

A consideração
do Sr. Diretor.
Em 21/03/74
Mauel J. J. J. J.

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

De acordo com o parecer
13395/74 - Depoite (18) Ans
- sem outras condições
do, entre outros, ao exame
do ensaio final.

Emita-se os certificados
de, observada a validade
de dos anteriores.

V. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe de S.C.T.C./D.C.P.

5) Diretor da D. C. D. P.

Liberar-se
18 (depoite) em
na (exame)
ser 13395/74
12/3
24

30
HDIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº

13394/74TÍTULO: YERMAESPÉCIE: PEÇA TEATRAL

AUTOR: FEDERICO GARCÍA LORCA

Por se tratar de texto em "espanhol", sugiro sua devolução à parte interessada para que no-lo reapresente com a respectiva tradução, conforme as // exigências do art. 5º, do DECR. 51 134/61; S. M. J..

Brasília, 28 de fevereiro de 1974.

Maria Bemvinda Bezerra
Maria Bemvinda Bezerra
(Téc. censura)



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

31/4

PARECER Nº

13 395/74TÍTULO: YERMA

AUTOR: "FREDERICO GARCIA LORCA"

TRADUTOR: CECÍLIA MEIRELES

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL

CLASSIFICAÇÃO: "dezoito anos"

A tradução correspondente ao texto "YERMA" - em ESPANHOL - apresentada para confronto, consta de publicação livresca que corresponde à mesma que se encontra em nossos arquivos, isto é: mesma editora, tradutor e ano de publicação. Assim sendo, opino que seja mantida a mesma impropriedade constante dos certificados anteriores - DEZOITO ANOS.

Brasília, 1º de março de 1974.

Maria Bemvinda Bezerra
 Maria Bemvinda Bezerra
 (Téc. Censura)

32
#1

124/74-SCTC/SC-DCDP

01.03

4

Superintendente Regional do DPF na Guanabara

YERMA

FREDERICO GARCIA LORCA

no Municipal

FVAN/aga

37 JJ

2.386/74

VERNA

FREDERICO GARCIA LORCA

19 DE ABRIL 76

19 MARÇO 74

Hugo Póvoa da Silva
HUGO PÓVOA DA SILVA

SUBSTITUTO

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZITO ANOS

VERMA

FREDERICO G. LORCA

TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO - GB

OFELIA DA SILVA SANTIAGO

18

MARÇO

74

PROIBIDA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADA ENTRETANTO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

18

MARÇO

74

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO

- SUBSTITUTO

39
A

4000-58/5702 41/1510

1974 MAR 19

2.386/74

VERNA

FREDERICO GARCIA LORCA

19

ABRIL

76

MARÇO

74

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

[Handwritten Signature]
RUI POVOA DA SILVA
- SUBSTITUTO

Recebi os originais anexo ao ofício
nº 124/74 setc/sc-DCDP.

Brasília D.O., 2/3/1974

VERMA

Felicia da Silva Santiago

FREDERICO G. LORCA

TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO - GR

OFELIA DA SILVA SANTIAGO

10

MARÇO

74

PROIBIDA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADA
ENTRETANTO AD EXAME DO ENSAIO GERAL, O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ
VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

[Signature]
10 MARÇO 74

PROIBIDO PARA
MENORES DE
Manoel Francisco C. Guido
MANOEL FRANCISCO C. GUIDO
- SUBSTITUI



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

39

124

PEÇA: "YERMA"
 AUTOR: FREDERICO GARCIA LORCA
 DIREÇÃO: VICTOR GARCIA
 ENSAIO GERAL: 21/3/74
 LOCAL: TEATRO JOÃO CAETANO
 IMPROPRIEDADE: 18 ANOS

Senhor Chefe:

Face a determinação dessa Chefia, foi procedido por esta equipe, o exame de ensaio geral da peça em epígrafe.

"Yerma", peça que podemos classificar como clássica do século XIX, é um drama poético que traz ao palco a contradição do temperamento da mulher espanhola, onde a mulher por ser o principal objeto de repressão, se destroi sem realizar a tarefa da "maternidade". Incapaz de traição, pois o marido não lhe é um simples instrumento e, presa a sua "honra", Yerma, explode a violência de sua frustração, -quando o marido declara que lhe ama como mulher e não deseja ter filhos, matando-o.

Peça que hoje, sem desvalorização da obra, podemos chamar de "dramalhão", torna-se lírica pela maneira de apresentação, através de cenário encantador, pela montagem técnica, excelente, e indumentarias.

A direção soube movimentar o espetáculo, de tal forma que consegue atrair a atenção do público, sem qualquer cansaço.

Tendo em vista o próprio contexto, em idioma original, o espetáculo destina-se a público na faixa etária dos 18 anos, considerando-se o curriculum escolar de nosso país.

Diante do aqui exposto, S.M.J., opinamos pela LIBERAÇÃO DE ESPETÁCULO.

Atenciosamente,

Eugênia Costa Rodrigues

SERENA CHAVES CARTÃO Nº 384

ENGARMINHE-SE
 EUGENIA COSTA RODRIGUES CARTÃO Nº 391
 D.C.D.F. - DF - BSB/DF.

GB, 22/3/74

CHEFE DO S.C.D.F. - SR/GB.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO

36

São Paulo RELATÓRIO Nº ... Série ...
em 12. de março... de 1974

Ao :- Chefe do SCDP/SR/SP
De :- Técnico de Censura
Assunto :- Ensaio Geral (exame)

Exame censório do ensaio geral de Yerma

Autor :- Federico Garcia Lorca

Tradutor :-

Encenado por :-

Local :- Teatro Ruth Escobar

Data do ensaio :- 11 / 3 / 74 Horário :- das 21. às 23,45 horas

1. TEXT O

1,1 Tema :- A tragédia de uma mulher sem filhos

1,2 Sofreu alterações ? (-) Sim (X) Não

1,3 Sofreu alterações signifi-
cativas ? (-) Sim (X) Não

1,4 Sofreu cortes ? (-) Sim (X) Não

1,5 Cortes observados ? (-) Sim (-) Não

1,6 Classificação :- Imprópria menores de 18 anos

2. ENCENAÇÃO

	De acordo com as normas censórias	Contrariando as normas censórias
2,1 Cenário :-	(X)	(-)
2,2 Iluminação :-	(X)	(-)
2,3 Música :-	(X)	(-)
2,4 Guarda-roupa :-	(X)	(-)
2,5 Projeção de "slides"	(-)	(-)
2,6 Expressão corporal :-	(X)	(-)
2,7 Restrições		

Nº ... Série ...

3. OBSERVAÇÕES

Durante a fala de Yerma - "Ay, qué prado de pena" - quadro II 2º ato, a atriz desnuda rapidamente os seios, em expressão adequada à fala, sem inconveniente no contexto. *←*

No 3º ato, quadro II, as máscaras foram substituídas pela presença de um ator em sunga e uma atriz em traje sumário, imóveis, representando Homem/Mulher (Macho/Fêmea).

Segue anexo Relatório minucioso (—) Sim Não

4. PARECER DO TÉCNICO DE CENSURA

4.1 Opino pela liberação (X)

4.2 Opino pela proibição (—) de acordo com

4.3 Opino pela liberação com restrições parciais (—) de acordo

Solange M. T. Hernandez
Solange M. T. Hernandez Técnico de Cens.
Nº 313

São Paulo, 12/3/74

1: De acordo com o parecer censório, remeta-se à Brasília, através da Superintendência.

2: Sujeito à rigorosa Fiscalização.

Plb. Plb. Arcifio Nogueira

301
AD

TV2 - CULTURA / RÁDIO CULTURA



MJ - DPF - SRA/BSB

22 JUL 10 00 74 44494

RECEBIDO POR *[Signature]*

FICHA DO
S A DCDP

São Paulo, 16 de julho de 1974.

Ilmo. Sr.
Dr. ROGERIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Brasília - DF

1. Arquivo
- verificar e encaminhar.
2. Do V.P.
- examinar os textos, tendo em vista o objetivo da empresa de apresentar os peças sob a forma de tele-teatro, despendo, por isto, sobre a classificação etc.

Prezado Senhor,

Vimos por meio desta apresentar a Sra.

JULIETA LEHMANN COUTINHO, Coordenadora de Programação da Divisão Cultural da TV2 Cultura de São Paulo - FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA - Centro Paulista de Rádio e TV Educativa, que vem à presença de V.S., com o fim de pedir sua orientação para o nosso programa de Teleteatro.

Lembrando a carinhosa acolhida que recebemos de V.S., no ano passado, temos certeza de que, mais uma vez, poderemos contar com a sua valiosa colaboração.

Colocando-nos inteiramente a seu dispor apresentamos nossas cordiais saudações.

Desde já muita grata,

Nydia Licia
Nydia Licia
Divisão Cultural

FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA
Centro Paulista de Rádio e TV Educativa
Rua Carlos Spera, 179 - Água Branca
São Paulo - Capital

I-005 - 200x50x2 - 12/72

/ztg

TV2 - CULTURA/RÁDIO CULTURA



3/2/71

RELAÇÃO DAS PEÇAS

- 1- CHAPETUBA FUTEBOL CLUBE - peça de ODUVALDO VIANNA FILHO e adaptação de ANTUNES FILHO.
- 2- O ENFERMEIRO - peça de MACHADO DE ASSIS e adaptação de CASSIANO GABUS MENDES.
- 3- YERMA - peça de FEDERICO GARCIA LORCA e adaptação de WALTER GEORGE DURST
- 4- A CASA DA RUA TURK - peça de DASHIELL HAMMETT e adaptação de FERNANDO DO FARO.
- 5- O QUE LEVA BOFETADA - peça de LEONIDAS ANDREYEV e adaptação de WALTER GEORGE DURST.
- 6- O HOMEM QUE GALOPOAVA - peça de LUIZ JARDIM e adaptação de FERNANDO FARO.
- 7- NA GARGANTA DO DIABO - peça de JOHN MILLINGTON SYNGE e adaptação de ANTUNES FILHO.
- 8- CHÁ DAS QUATRO - peça de CASSIANO GABUS MENDES -

50
11

TV. EDUCATIVA

PEÇA: YERMA

AUTOR: FEDERICO GARCIA LORCA

ADAPTAÇÃO: WALTER GEORGE DURST

Personagens:

Yerma

Marido

Vizinho

Vizinha

Velha

Mulher A

Mulher B

Mulher C

Cunhada (com fala)

Cunhada (sem fala)

Mocinha

Menininha

Filho

Figuração para a peregrinação ao santuário - grande procissão

Ação:

Lugar indiscriminado - Apenas o campo.

U
W

A câmara começa numa junta de bois enormes, - que vem sendo tangida por uma figura praticamente informe a luz da madrugada: um vulto esguio e comprido, com a cabeça coberta por um saco de estopa (que ele usa como capuz); o corpo metido numa espécie de poncho, de mesmo material. Não se vê o seu rosto que fica sempre na sombra e ele tem nas mãos um grande agulhão, de modo que, à difusa claridade do dia que começa (são 4 horas de manhã) lembra muito mais um espantalho ou, quem sabe? - a própria morte.

Externa - caminho na madrugada. Campo

O guia vem tangendo os bois, passando da silhueta para a imagem bem contrastada, mas mantendo-se a si mesmo na penumbra, o rosto coberto. Depois, fazendo uma curva, eles avançam, pelo caminho, contra a câmara.

Esta deixa que eles saiam e, numa panorâmica, mostra uma casa rústica, a pequena mas sólida habitação de um casal que vive no campo. Ela se situa num descampado

Som (bg) Ruidos da madrugada, ao longe. um cão latindo bem longe.

bem isolada e, a esta hora, deve parecer ainda mais solitária. O lugar deverá parecer o quanto possível inidentificável, do mesmo modo que as pessoas que aparecerem em seguida. Porque a ação que vai se seguir, pode se passar em qualquer país do mundo, onde haja o campo com a sua gente, suas superstições, paixões e imperativos.

Corte

Cenário - Interior da mesma casa. Madrugada
Quarto e cozinha

Som - (bg) A junta de bois, indo longe

A câmara começa no rosto de Yerna, já acordada e olhando fixamente para o alto. Estirado na cama rústica, o marido dorme. Depois de algum tempo, quando se criou a atmosfera, ela, sem pressa, fala: Yerna

(Sem emoção) Marido. Acorde.

Ele dorme ainda. Ela, sem forçar, mas com um quê de hierático, quase imperceptível repete:

Yerxa

Marido. Não está me ouvindo, marido...!

Não ergueu a voz nem nada. Mas
ele começa a acordar

Marido

Já vou.

Ela já está em pé,

Yerxa

Está na hora.

Agora ele ganha coragem, e
vai levantando.

Marido

Os bois ainda não passaram...?

Há nela alguma coisa de seco:

Yerxa

Já foram.

Marido

(Erguendo-se) Então tenho que ir.

Yerxa

Você quer uma xícara de leite...?

Marido

Para quê...?

Yerxa(Impessoal) Você trabalha muito e... não
tem resistência. Cansa-se demais.Marido

Não quero

Yerxa

Acaba agradecendo.

Ele se defende, atrás duma meia-
piada:

Marido

Os bagres são fortes como o aço.

Yerxa

Você - não!

A coisa come que escapou de lá.
Ele pára com a bota que enfria-
va. Ela constata que não pode
voltar atrás. Então vai em fren-
te, diminuindo bastante a agres-
sividade

YerxaQuando nos casamos era tão diferente...!
Você era outro. Agora, está sempre pábi-
do. Tenho a impressão de que o sol não
consegue chegar até você, marido...!

A coisa fez-o mais do que se
poderia pensar. Enfia a bota

Yerxa(após pausa) Somos casados há deis anos e
você está sempre triste. Será que falha-
mos...?

Há uma pausa muito pesada.
Depois ele fala, evidentemente
atingido

Marido

Acabou...?

E, quase sem esperar, sai
para fora.

-fls. 3 -

O Marido está puxando o balde.
Joga a água no rosto. Ela vem
por trás

Externa - Lado ext.da casa.Junto poço.
Yerma
Não fique zangado. Se eu estivesse doente,
gostaria que você fosse o meu médico. Que
faria você? Naturalmente diria: "Minha
mulher está doente. Vou matar um cabrito e
cozinhar um bom prato para ela. E com uma
pele de carneiro, protejo seus pés do frio.
Eu não sou diferente.

Falou com grande sinceridade.
Ele humaniza-se

Marido
Obrigado, mulher.

Yerma
(Queixa-se) Mas você não me deixa fazer na-
da...!

Ele defende-se, sem agressivi-
dade :-

Marido
Não estou doente. Trabalho como qualquer um.
Fico cada vez mais velho como toda gente...
Só isso.

Yerma volta à sua prostração
mais íntima

Yerma
E assim vamos ficar... entra ano, sai ano...

Ele recusa a nova provocação.
E constata humano e simples

Marido
Assim, mesmo! Vivendo calmamente. O traba-
lho vai bem. Nada nos perturba!...

Caminhou até a porta da casa.
De lá, fala, finalizando

Marido
Nem filhos!

E entra (para um bom observador,
um pouco abruptamente)
E a reação de Yerma - num close
absoluto - é extraordinária,
porque é exatamente isso que ela
não tolera. E indicando o que ela
pensa, Yerma repete contida, mas
numa amargura e ânsia totais:

Yerma
E isso mesmo - nem filhos!

Estamos apresentando

Son - belo e forte

Sequenzi-se os letrados de apre-
sentação da peça, sobre a im-
portância geral e detalhes da
cortejo da peregrinação do xi-
mã, especialmente na sua parte
solene, da ida.

- 1 - Yerma
- 2 - Federico Garcia Lorca
- 3 - Adaptação de
Walter George Durst
- 4 - Etc.

A câmera começa num cavalo, despojado como tudo no decorrer da história, e para o qual vai subir o Marido. Mas Yerna, já vem aproximando-se

Externa - Portão de arame farpado, junto da estradinha.

Yerna
Minha mãe chorou muito quando eu me separei dela, mas não fiquei triste... Nem podia ficar. Ninguém se sentiu tão feliz no dia do casamento...

O Marido abraça-a

Marido
(Humano) É preciso esperar, mulher... esperar. Uma planta forte pode dar flores até na pedra. O que é preciso - é esperar.

A humanidade dele convence-a de momento

Yerna
Eu sei, marido.

Ele beija-a. Depois sobe para o cavalo

Marido
Precisa de alguma coisa? Trago o que você quiser. Não gosto que você saia.

Yerna
Não saio. Você sabe disso.

MARIDO
A rua é para os que não têm o que fazer.

E ele vai embora. Yerna acompanha-o um pouco com os olhos. Ele talvez acene ou não; ela vai fechar o portão. Mas vem uma jovem num troli e vai parando.

Vizinha
Bom dia, Yerna.

Yerna
(Afável) Ven vindo de onde...?

Vizinha
Da venda.

Yerna
Tão cedo?

Vizinha
Esperai abrir. Adivinhe o que comprei.

Yerna
Açúcar e café para o almoço.

A vizinha fica misteriosa

Vizinha
Aguilhasy linha... e lã, para tricô. Meu marido se deu o dinheiro. Porque... ele já vem vindo, afinal!

Yerna
(O/Admiração) Depois de cinco meses...? Você percebeu logo?

Vizinha

45

-fls.6 -

Yerma

É o que é que você sente...?

Vizinha

Sei lá. Uma espécie de...angústia.

Yerma surpreende-se. E vai participando muito

Yerma

(Carinhosa) Angústia...? Mas como foi, diga, você podia imaginar?

Vizinha

(Conclusiva) Não. Nunca podia imaginar.

Yerma

Você devia estar... simplesmente cantando, não...? Eu também canto. Mas, me diga

Vizinha

(Corta) Não pergunte mais nada. Você já teve entre as mãos um pássaro?

Yerma

Já.

Vizinha

É a mesma coisa...no sangue.

Yerma reage encantada. A outra passa para o outro lado do tróli

Vizinha

Mas eu estou muito confusa. Você acha melhor eu fazer perguntas à minha mãe...?

Yerma mostra uma estranha certeza :

Yerma

Para quê? Ela é velha, certamente se esqueceu dessas coisas. (Aconselha) Não se canse muito e respire sempre depressa, como se tivesse uma flôr nos dentes...

Vizinha

Ouvi dizer que...mais tarde...vou sentir que ele está vivo...!

Yerma

(Grave) Vai. E o seu marido, o que diz?

Vizinha

Nada.

Yerma

Ele gosta muito de você?

Vizinha

Também não diz. Mas quando me abraça... (Depois se detém) Bem...você deve conhecer tudo isso melhor do que eu...

Yerma

(Com desprezo) Tudo isso! Será que isso vale alguma coisa...?

A outra se comove e vem para junto de Yerma

Vizinha

Eu entendo. Entre todas as mulheres da sua idade você é a única que ainda não teve...

Deixa a idéia morrer.

2/5 4/8

-fls.7 -

Yerma

E, sou a única. (Irrita-se) É claro que preci-
sa de tempo... Minha prima esperou tres anos.
Tantas outras esperaram... Mas dois anos e
vinte dias já é muito! Não é justo que eu me
acabe assim..!

Ela sentou-se para dizer tudo
isso, a outra ajoelha-se junto
dela p/confortá-la

Vizinha

Meu bem!

Mas Yerma continúa numa ex-
plosão surda :

Yerma

Quantas vèzes, de noite, eu me levanto pra pi-
sar na terra - descalça. Nem sei porque! Vou
acabar ficando doente!

Vizinha

Voce está falando como se fosse uma velha..!

A palavra pesa sobre Yerma

Yerma

(Como qué acordando) Velha..!

Vizinha

Ninguém deve se preocupar com essas coisas. O-
lhe, uma irmã de minha mãe esperou catorze a-
nos! E você tinha que ver que beleza de garo-
to! Com quatro meses já estava arranhando to-
do o resto da mãe!

Yerma

Que bom ter o rosto todo arranhado assim...

Vizinha

Dizem que os filhos fazem a gente sofrer mui-
to...

Yerma

Mentira! São as mulheres fracas que dizem is-
so, essas que gostam de se queixar de tudo...
Perde-se a metade do corpo...mas é uma coisa
linda! As mulheres têm sangue para quatro, pa-
ra cinco, para muitos filhos... E, quando não
há filhos, a vida é vazia, inútil como a mi-
nha...

Há uma grande pausa. Depois
a mocinha fala

Vizinha

Voce costura bem. E eu tenho êstes panos...

Yerma

Eu corto dois vestidinhos prá você. (Avançou
para o tróli) E isto, pra que é?

Vizinha

Para as faixas. Tem que cortar também.

Yerma

Deixe. Eu faço. Começo hoje mesmo.

A vizinha já vai subindo para
o tróli

Vizinha

Não sei como agradecer. (Subiu) E já vou indo.
Está ficando tarde. Até logo, Yerma.

Yerma

Até logo.

O tróli arranca e vai indo.

-fls.8 -

Por último, em close, seguindo-a com os olhos, ela alcança-a com a voz :

Yerma
Nao corra. O caminho está cheio de pedras!

Corte

Cenário - Interior da casa.

A câmara começa nas mãos dela, cortando as faixas com uma tesoura. De repente, nota que tem alguém olhando-a, na porta e pára. De fato, lá está um homem forte e moço

Vizinho
Yerma.

Yerma
Ah, Vizinho! Me assustou um pouco.

Vizinho
Onde está o marido...?

Ele tira o chapéu. Depois indica o que ela faz

Yerma
No campo.

Vizinho
Que é isso? (Ela mostrou) Não diga! Se for menina, terá o seu nome?

Yerma enrijece-se um pouco por dentro

Yerma
Nao. Nao são para mim. São para o filho de uma amiga.

Vizinho
Entao, que isso lhe sirva de exemplo. Nesta casa faz falta uma criança. Diga ao seu marido pra pensar menos no serviço. Juntar dinheiro é bobagem. A gente morre e ele fica aí. (E ao que veio) E pergunte a ele, também como vão aquelas duas cabras que comprou de mim...

Vai sair, mas ainda se volta

Vizinho
Quanto ao resto...

Yerma ergue os olhos do trabalho e fixa-o direta.

Yerma
Quanto ao resto...?

Vizinho
(Rude e conclusivo) Bem... compete a ele..!

E se vai. Yerma reage intensamente

Som (bg) Música bela, tema do filho desejado

Nos seus olhos o que se lê é exatamente isso : "Sim, compete a ele!". E ela se ergue e vem até a porta, sempre em close, olhando o que se vai.

Corte

Externa - Caminho e/árvores bonitas e regato.

A câmara começa no guarda-chuva aberto e sovado de uma velha, que vem vindo pelo caminho. Depois, cortamos para um plano grande e Yerma entra no primeiro de perfil, aguardando até que a

487

-fls.9 -

velha chegue. Aí fala

Yerma

A senhora mora no outro lado do rio...?

VelhaMoro, na Olaria. E você, de que família é...?Yerma

Sou filha de Jonas.

Velha

Conheci. Bom homem. É. Boa gente. Levantar, suar, comer um pouco de pão e morrer. Nada de diversões.

Yerma

É. Nada.

Velha

As festas - eles deixavam isso para os outros. Gente silenciosa aquela!

Yerma

Muito.

Velha

Vai à cidade, não é? Vamos juntas.

Ela depreendeu pela roupa um pouco melhor da Yerma. E as duas vão andando sob o guarda-chuva para protege-las do sol.

Velha

Eu poderia estar casada com um tio seu, mas... (Rí) Eu fui uma mulher muito alegre. Gostava de aproveitar o tempo...

Yerma

É?

Velha

Ia à feira de vestido novo, comia melão e torta de açúcar. Olhe, ainda hoje, de vez em quando, escuto o barulho alegre de uma banda. (Rí) Bobagem. (Depois fica mais séria) Tive dois maridos e catorze filhos.

Yerma considera-a com mais atenção

Velha

Cinco morreram, mas nem assim sou uma mulher triste. Ainda quero viver muito tempo e lhe digo uma coisa, moça: as árvores duram muito, as casas também... Mas nós - a gente se acaba num instante...

Yerma não aguenta mais e detém a outra

Yerma

Senhora.

Velha

Que é?

Yerma

Eu quero perguntar uma coisa. Senta.

Ambas sentam-se na grama ou no barranco

Velha

O que que há, moça?

-fls. 10-

Para

Yerma

Faz tempo que eu queria falar com uma senhora de idade. A senhora podia me dizer...

Velha

Dizer o quê?

Yerma

A senhora deve saber. (Contida mas intensa) Porque não tenho filhos...? Porque ainda sou moça, devo só cuidar das ovelhas e botar cortinas na minha janela...? Quero que a senhora me diga o que que eu devo fazer!

Velha

Mas, moça, eu

Yerma

Pode ser o que fôr, eu faço. Até se a senhora me pedir para enfiar uma agulha na parte mais sensível dos meus olhos.

A velha impressionou-se, mas deriva p/o bom humor

Velha

Eu...? Mas eu não sou nada. Não sei nada. Não mando nada. Eu só cantava - e o filho vinha como água.

Yerma bebe as palavras olha-a mais atenta

Velha

Mas... quem pode dizer que você não tem um corpo bonito...? (Se detém) Olha, moça. Não me faça falar. Penso muita coisa que não devo dizer...

Yerma

(Humana) Por quê...? Com meu marido, não dá prá falar muito...

A velha olha-a por uns instantes. Depois é direta

Velha

Escute. Seu marido gosta de você?

Yerma

Como é?

Velha

Pois é. Ele gosta de você? Você se sente bem ao lado d'êles?

Yerma

(Após algum tempo. Sincera) Não sei.

Velha

O que você sente quando êle se aproxima de você?

Yerma

(Confusa e aflita) Bem, eu acho que, mãã...

Velha

Pode dizer. Diga.

Yerma

(Após peq. pausa) Não. Nunca senti coisa alguma.

Há uma pausa longa.

-fls.11 -

Velha

É alguma vez, com outro homem qualquer...

Yerma

Com outro... Quem sabe? É. Uma vez. Acho que sim. O Vizinho...

Velha

Que mais?

Yerma

Eu tinha catorze anos. Ele era um moço forte. Me carregou para eu saltar uma fossa... Tremia tanto que meus dentes batiam... De vergonha.

Velha

(Lenta) E o seu marido?

Yerma

É outra coisa. Foi escolhido pelo meu pai e aceitei tudo com alegria. Desde o primeiro dia pensei em filhos.

A velha se ergue

Velha

Tudo ao contrário do que se passou comigo...? E talvez seja por isso que você não teve filhos. Os homens devem escolher eles mesmos as suas companheiras... E vou-me embora. Não quero falar de mais nada...

Yerma

Mas...

Velha

Essas são coisas de honra. E eu não quero manchar a honra de ninguém! Com o tempo, você compreenderá tudo. E, de qualquer maneira, você devia ser menos ingênua...

Yerma

As mulheres como eu, que vivem no campo, encontram sempre as portas fechadas... Tudo por meias palavras... Alguns gestos. Sempre o mistério, sempre "coisas que não se deve saber...!" Até a senhora se cala. E, no entanto, tem o ar de quem sabe a solução para tudo.

Mas a velha não se abala

Velha

Para uma mulher mais tranqüila... talvez eu falasse! Sou velha e sei o que estou fazendo.

Yerma se dá por vencida

Yerma

Está bem. Só Deus pode me ajudar.

Velha

Deus não. São os homens que devem ajudar você. Só eles. (Nota algo) Vem gente. Não quero conversar mais com ninguém. Lembre-se, moça. Você ainda tem tempo. Espere com paciência..!

E afasta-se um pouco apressada.
Yerma fica só e decepcionada.

De fato, atrás, no caminho, vem vindo um trôli, com duas jovens com sombrinhas. Yerna também não quer saber de conversa e entra por uma vereda lateral.

Corte

Externa - Junto de : rischo bonito.

A câmera começa no geral; Yerna vem, aproxima-se da água e ajoelha-se para beber. A câmera fecha e ela vê refletida na água a imagem do Vizinho. Respe e entra a bota deite, junto dela, no 1º plano

Vizinho
Yerna?

Ela se ergue, só meio corpo, sem se pôr de pé.

Yerna
Você diz meu nome de maneira firme, Vizinho!

Ele abaixa-se junto dela.

Vizinho
É porque estou alegre. E você? Parece triste..

Tai tirando a camisa com naturalidade para refrescar-se.

Yerna
Não estou. Mas teria motivos.

Yerna baixa o rosto

Vizinho
E seu marido ainda é mais triste do que você.

Yerna
Ele tem um caráter duro.

Vizinho faz a água escorrer sobre o peito nu. Yerna nota uma mancha junto ao ombro

Vizinho
Sempre foi assim.

Yerna
O que é isso?

Vizinho
O que...?

Yerna
(ronca) É como uma queimadura!

Vizinho
(lento) Não é nada. É o sol...!

Yerna
Está ouvindo?

Vizinho
O que...?

Yerna
Não está ouvindo um choro...?

Vizinho
(Após pausa) Não.

Yerna
Me pareceu ouvir... uma criança chorar.

-fls.13-

Yerma

Muito perto. Chorando como se estivesse sufocada..!

Ele está olhando-a, também sob
tensão. A câmera faz uma pan.
e mostra, entre as fôlhas - o
Marido.

Som - belo e forteEstamos apresentando2º breiaqueCenário - Externa - o mesmo

A câmera começa no Vizinho, o-
lhando-a ainda. Depois ele baixa
um pouco os olhos

Vizinho

Os meninos vêm roubar frutas por aqui.

E começa a botar a camisa. Yer-
ma vê que o marido vem se aproxi-
mando

Yerma(Erguendo-se) Marido! Estávamos conversan-
do!Vizinho

E. E já vou indo. Até logo.

E vai, mesmo.

Marido

Voce devia estar em casa.

Yerma

Fui a cidade. Parei um pouco.

MaridoSei. Mas assim, você dá motivos para os ou-
tros falarem...

Yerma irrita-se :-

YermaEu daria uma punhalada neles todos, se fosse
preciso.

Marido procura conciliar

MaridoNão complique as coisas. Não fica bem a uma
senhora.Yerma

(Escapa) Se eu fosse de verdade uma s enhora!

Há uma pausa. Depois o Marido
continúa :

Marido

Estamos desviando o assunto. Vá para casa.

Ela obedece. Dá uns passos. Vol-
ta-se

Yerma

Espero por você...?

MaridoNão. Vou ficar a noite toda na irrigação. A
água é pouca e até aquelas montanhas as ter-
ras são nossas. Preciso defender a água dos
ladroes... Vá para a cama e durma.Yerma

(Imperscrutável) É o que eu vou fazer.

E se vai. Ele fica olhando-a
um pouco, o resto tenso, embo-
ra contidissimo, no 1º plano.

Corte

534

-fls.14-

Panorâmica por um grupo de lavadeiras que, tôdas ajoelhadas, lavam suas roupas em um trecho mais amplo do riacho

Cenário - Trecho amplo do riacho

Mulher A

Não gosto de falatório, meninas. Mas, por aqui a gente tem muito de que falar...

Mulher B

Também não gosto. Mas quem quer boa reputação, tem que saber conservar...

Mulher C

Cuidado, meninas. Ninguém tem certeza de nada!

Mulher B

Como não tem? Para vigiar a mulher o marido mandou buscar as duas irmãs solteironas!...

Mulher A

Eu não podia viver com elas..!

Mulher C

Por que não?

Mulher A

Sei lá. Elas metem medo. Acho que ainda cozinham com óleo de lamparina..!

Mulher C enfia uma nova roupa na água

Mulher C

Mas, o que será que aconteceu...?

Mulher B

Foi na outra noite. Apesar do frio que fazia, ela passou o tempo todo sentada na soleira da porta.

Mulher A

Isso é só o começo. Daqui há pouco, ela faz como as outras. Bota um ramo de flores no cabelo, pinta a boca de vermelho e sai à procura de qualquer um...

Tôdas elas são meio ressequidas.

A C não se dá p/satisfeita

Mulher C

Mas alguém viu ela com outro...?

Mulher B

Eu não vi. Mas muita gente viu.

Mulher C

(Descrente) "Muita gente!"

Mulher A

Já viram até duas vezes!

A mulher C., colocada entre as outras, preocupa-se mais

Mulher C

E o que que eles estavam fazendo?

Mulher A

Conversando.

CORTE

54/ff

-fls.15 -

Mulher C

Isso não é pecado!

Mulher A

E. Mas é como minha mãe dizia : "não é a mãe na coisa uma mulher que vive olhando rosas e uma mulher que fica reparando nos músculos de um homem. "

A outra é obrigada a concordar.

A B bate um pouco a roupa na sua tábca. Depois fala

Mulher B

Nem ela e nem as cunhadas abrem a boca. Passam o dia todo limpando as paredes, as panelas, a arca. (Sarcástica) A casa é uma beleza por fora. Por dentro...

Mulher A

Vamos ficar quietas. Ai vem a cunhada.

Elas se formalizam. Vem a cunhada,

uma mulher seca e alta, de preto, dos pés à cabeça. (Deve ter uma figura impressionante)

Apenas acena com a cabeça, ajoelha-se e começa a encher uma jarra d'água. Maliciosamente, a mulher

B, depois de uma olhada para as amigas, provoca

Mulher B

Os trabalhadores já vão indo.

Mulher A

E. Não falta nenhum.

Estão olhando ambas numa direção para a qual cortamos -

Na estrada, no alto, quase em silhueta, está passando uma fila de uns 15 homens, todos com ferramentas de trabalho no ombro.

Mulher B

Falta, sim. Falta um.

Ingenuamente a C, se presta

Mulher C

Quem é que falta?

Mulher B

O vizinho dessa senhora!

E indicou a Cunhada, que retira o jarro d'água, de um golpe e vai embora, solene e silenciosa.

CorteCenário - Interior da casa

A câmara começa no talher suscitado que o Marido cruza sobre o seu prato rústico. Ele está à cabeceira da mesa estreita. Dos lados, o lugar vazio de Yerma e, uma de cada lado, as duas cunhadas (ambas de preto) completando a mesa, despojadíssima :

Marido

A Yerma...?

Cunhada

Saiu.

Ele não gosta nada.

-fls.16 -

Marido

Não gosto que ela vá sozinha. Por isso é que mandei buscar vocês. Minha vida está no campo, minha honra aqui dentro. (Quase ameaçador) E a minha honra é a de vocês..!

Cunhada

(Culpada) Eu sei.

A porta se abre e entra Yerma, com umas frutas bem simples, laranjas, talvez.

Marido

De onde vem você?

Yerma

Fui apanhar umas frutas para o jantar.

Bota-as sobre a mesa. As duas cunhadas vão se levantando

Cunhadas

Licença.

E saem. Yerma senta-se

Yerma

Hoje - você fica...?

Marido

Não. Preciso vigiar os animais. Você sabe que o olho do dono é indispensável.

Yerma

(Amargamente) Sei.

Ela começa a descascar uma laranja devagar. Ele ergue-se.

Marido

(De pé) Outra coisa ; você sabe como é o meu modo de pensar : as ovelhas no campo, a mulher em casa.

Yerma explode surdamente

Yerma

Quando a casa não é um túmulo!

Marido

(Surpreende-se) Yerma.

Yerma levanta-se agitada

Yerma

É isso mesmo. Se eu pudesse ficar velha de repente..! A boca feito uma flor murcha! Ah, eu podia sorrir e ajudaria você a suportar tudo! (Desafiante) Mas, por enquanto, me deixe... Me deixe, com os meus pensamentos..!

Ele cai um pouco

Marido

Yerma! Você fala dum jeito que eu não entendo. Não lhe deixo faltar nada. Só quero ficar em paz com você. Quando durmo fora...gosto de pensar que você também está dormindo!

Embora muito contida, ela explode novamente

Yerma

(Surda) Mas eu não durmo. Não posso dormir!

Há uma pausa. Depois é procura conciliar muito humano

Marido

O mundo não foi feito de maneira igual para todos. Por que você não vai buscar um filho do seu irmão? Não me oponho.

Yerma

56

-fis.17 -

Yerma

Meus braços ficariam gelados se eu pegasse uma criança estranha no colo!

O Marido mostra tôda a sua imensa tristeza :

Marido

Com essa idéia fixa, você esquece do resto. Passa o tempo todo dando com a cabeça na parede. Afinal...o que você quer...?

Ela olha-o como se já não estivessem os dois cansados de saber o que ela quer

Yerma

O que eu quero...?!

Olha-o intensamente. Depois não aguenta mais. E entra, rápida, fugindo, no seu quarto.

CorteCenário - Quarto rústico, despojado, ascético
Cama casal. Comoda. Arca. Espelho velho no guarda-roupa, alongado.

Yerma está no quarto. o Marido entra atrás

Marido

Você não é inteiramente sincera para mim. E vai acabar me fazendo perder a paciência. (Pega o chapéu ou casaco pra sair e passar a noite fóra) Não gosto de andar na boca de todo mundo. Por isso gosto que a porta da rua fique sempre fechada e cada um esteja na sua casa.

Yerma

(Irritada) Conversar não é pecado.

Marido

Yerma desafia, mas contidamente

Mas não gosto disso. Você é uma mulher casada

Yerma

Casada...!

Marido

Aprendi que, na família, deve haver uma honra e que essa honra é um peso que devemos carregar acima de tudo!

A porta se abre e entra a Cunhada, com uma vela no pires. Bota-sôbre movel, devolvendo-a, fala

Cunhada

Boa noite.

E se vai. Quando eles ficaram sós.

Marido

É aprendi que a honra é escura e fraca...E corre dentro de nossas veias...! (Baixa a cabeça. Depois olha Yerma.) Me perdoe, Yerma. Acho que falei demais. Me perdoe. Fui obrigado a pedir pra voce ficar em casa. Para isso, sou o seu marido.

Yerma está cansada. E o tom humilde e sincero do marido a desarma :

Yerma

Não fale mais nada. Eu suplico. Chega de discussão!

Marido

Está certo, Yerma. Até amanhã.

Pega suas coisas e vai saindo.

Yerma

Até amanhã.

Ela fica só. Anda lenta até o espelho velho que a reflete. A câmera avança até apará-la só da cabeça para cima.

Voz de Yerna

Que seios secos debaixo do meu vestido...
Fombas sem olhos nem destino...

Sem - forte e belo.

Cenário - Interior - sala da casa.

A câmera começa no rosto dum bebê e quanto possível novo, nos braços da jovem Vizinha do início

Vizinha

Vai vestir meu filho, Yerna.

Yerna está diante dela, maravilhada:-

Yerna

Quero pegar um pouco. (se detém) Não.

Dá as costas à noça e começa a chorar.

Vizinha

Yerna, se você soubesse que tristeza é pensar que você me inveja! Tem tantas outras coisas...?

Yerna é quase brutal, e fala chorando.

Yerna

Não. Uma mulher do campo, sem filhos, é tão inútil quanto uma fruta ácida. Uma planta daninha?

Vizinha

Por que você fala assim...?

Yerna

Porque eu estou desesperada. Estou ofendida e... humilhada! Vou acabar pensando que sou eu mesma, e meu próprio filho!

Controla o choro, fica mais estranha

Yerna

De noite, às vezes, desço pra levar comida aos bois. Antes não fazia isso. Mulher nenhuma faz. E quando ando lá no estábulo, na escuridão... meus passos fazem o mesmo barulho dos passos de um homem...?

A outra preocupa-se com as vigi-
lantes

Vizinha

É as suas cunhadas...?

Yerna

Mesmo se eu estivesse morrendo, sem nem um lençol, não trocava uma palavra com elas!

Vizinha

Qual é o pensamento delas, afinal?

Yerna

Achem que eu poderia gostar de outro homem. Mesmo sabendo que, para minha gente, a primeira coisa é a honra! Tem medo que, de repente, uma força me domine e eu derrube tu

-fls.19-

Yerma

tudo que está na minha frente!

A porta se abre e vem do fundo
uma das Cunhadas. Entra silen-
ciosa, tira a toalha da mesa e
leva-a. As 2 ficam sós.

Vizinha
Seu marido continua querendo bem você...?Yerma

Meu marido me dá pão e casa.

Há um ruído de alguém chegando
à cavalo.

Yerma

Vem gente. Vamos ver quem é.

Vizinha

Eu vou embora. O menino vai acordar.

Abrem a porta. Surge o Vizinho

Vizinho

Sou eu. O marido está...?

Yerma

Lá dentro. Preparando-se para sair.

Vizinha

Adeus, Yerma.

Beija-a e se vai. Os dois ficam
sem jeito, ele ainda na porta.

Som - (bg) Ruídos preparatórios de gde.chuvaVizinho

Vai chover.

Yerma

E. Vai. Entre.

Ele entra, ela vai mais para
o interior e chama

Yerma

Marido. (Ao Vizinho) Senta.

Vizinho

Não. Vin só para...para me despedir.

Ela, embora contidissima, reage
bastante

Yerma(Apos longa pausa) Vai embora com seus ir-
maos?... Vizinho

Vou. Meu pai decidiu.

Há outra pausa. Depois
fala :

Yerma

De vez em quando...é bom mudar de campo.

Vizinho

O campo é sempre o mesmo.

YermaNão. As vezes, tenho vontade de ir para lon-
ge daqui.Vizinho

Tudo igual. Os mesmos carneiros...a mesma lã.

YermaPara os homens, pode ser. Para as mulheres,
nao. Vocês reparam nas coisas grandes e dei-

-fls. 20-

Yerma
 xam para trás as pequenas...

Há outra pausa. A mais pesada
 de todas. Depois ela

Vizinho
 É. Pode ser.

Yerma
 Por que vai embora?

Vizinho
 Hen?

Yerma
 Por que você vai embora? Aqui todos gostam
 de você.

Vizinho
 Eu sei. Sempre me comportei como se deve.
 Mas enfim... tudo se modifica.

Yerma
 Certas coisas não mudam. Certas coisas que
 nascem por trás de um muro. E nem podem mu-
 dar, porque nunca ninguém vê...

Ele olha-a por um momento, tal-
 vez entendendo o que ela quiz
 dizer. Mas vem o marido, calmo

Marido
 Já vai...?

Vizinho
 Pois é. Quero atravessar o vale antes da
 madrugada!

Marido
 Você tem algum motivo de queixa?

Vizinho
 Nenhum. Você foi sempre um bom patrão.

Marido
 (A Yerma) Comprei os animais dele, Yerma.

Yerma
 É...?

Vizinho
 Seu marido quer ver o curral sempre cheio.

Marido
 É verdade. Já nem sei mais onde botar tanto
 animal.

Yerma
 A terra é grande.

Marido
 Bem... Vou com você até o rio.

Vizinho
 Obrigado. Adeus, Yerma.

Yerma
 Adeus.

Eles vão, ela fica hirta, durante
 algum tempo.

604

-fls.21-

Som (bg) Lá fóra a tempestade está quase pronta, para estourar.

Corte

Se possível vemos, sob um tempo cinza, prenunciando chuva (ou já alguma chuva) Marido e Vizinho subindo para seus cavalos e partindo. Vaõ embora. Depois, uma moça envolta numa roupa estranha (estôpa) cruza furtivamente e entra na casa.

Exterior - Junto da casa.

CorteCenário - A sala anterior.

Yerma ainda está sob o impacto da partida do Vizinho. Entrou a mulher, que é moça

Mocinha

Estava esperando aí fóra, que eles fossem embora. Não vai se agasalhar? Minha mãe está esperando.

Yerma bota um chale e prepara-se. Quando vaõ sair, a outra a detem :

Mocinha

Não está com medo...?

Yerma

Não.

Mocinha

Então, vamos.

E saem.

Som (bg) Registra chuva e trovões lá fóra.

A sala fica vazia um instante.

Depois, vem a Cunhada

CunhadaYerma.

Nota que não tem ninguém. A sala está vazia. Vai para a porta

CunhadaYerma.

Abriu a porta. Em close, grita bem forte, como se ainda visse o vulto de Yerma, sumindo no escuro :

Cunhada

(Grito) Yerma..!

CorteCenário - Interior de terreiro de Umbanda. Som brio e plástico.Som (bg) A chuva continua caindo lá fóra.

A câmara começa na mãe-de-santo gordíssima, que está fumando um charuto. Ela está sobre uma banqueta, como num trono. E dos lados, formando alas, estão mais sete moças como as que foram - foi buscar Yerma. Alegra-se e reage, tirando o charuto

Menininha

Ate que enfim, você veio, ein Yerma...?!

Pela porta, acabaram de entrar, molhadíssima e confusa, a Yerma, acompanhada pela garota também molhada.

Yerma

(Arrante) Isto é... é longe.

Menininha

Só tem que passar o cemitério. Está com medo? Todas ficaram.

-fls.22 -

Yerma

Só tenho medo que não dê certo.

Menininha

Não engano ninguém. A última vez que veio aqui uma mulher que não tinha filhos...ela teve gêmeos, logo ali embaixo, perto do rio. Ela mesmo levou os dois, embrulhados num pano.

Yerma

E não lhe aconteceu nada...?

Menininha

Que que podia acontecer...?

Yerma

É verdade. Os animais lambem os filhos, quando nascem, para eles ficarem limpos. Não tenho medo de ter filho.

Menininha

Você vai ter o seu. Vamos fazer a reza.

A moça que trouxe Yerma, colocou-a no meio e toma seu lugar numa das alas.

Som (bg) Tambores de ponto de Umbanda para irem crescendo sempre

As moças nas alas, lentamente, começam a se agitar, tudo dentro do seu ponto. Menininha vai se pondo aos poucos de pé, fumando furiosamente seu charuto e se deixando tomar, à medida que a música cresce

Menininha

Pomba-Gira e Sete-Trancas; pomba-gira e sete-Trancas. Onde está o Sete-Trancas? Onde está a Pomba-Gira? Pomba-gira e Sete-Trancas! Pomba-Gira e Sete-Trancas! Onde está, onde está? Em cima das montanhas, embaixo da água escura; morto lado a lado com os mortos; morto lado a lado com os vivos! Pomba-Gira e Sete-Trancas! Onde está o filho de Yerma?!

Aí ela já está bem tomada. Vai rodopiando e soltando fumaçadas imensas, bem tonta e repetindo a sua cantilena cada vez mais misturada. Yerma ouve a princípio aterrorizada, depois fascinada.

As Outras

(Fazem o círculo no ponto certo) Pomba-Gira e Sete-Trancas; Pomba-Gira e Sete-Trancas! Onde está o filho de Yerma?

Quando a repetição já alcançou um clima praticamente irresistível, Yerma, completamente tomada, ajoelha-se e faz - dentro do seu transe - a sua oração: Yerma

É isso...! Minha única vontade é ter um filho nos braços... Só desse jeito, posso dormir tranquila...! Escutem todos...! Mesmo que pelo meu filho, um dia, eu seja martirizada, odiada... Seja morta e arrastada pelos cabelos por toda a cidade - mesmo assim eu ainda vou receber o nascimento do

CORTE →

62
411

-fls.23-

Yerma

meu filho, com tôda a alegria..!

A dança em tórno está fortíssima, cada uma mais tomada que a outra. A Menininha especialmente, feito um demônio. E a reza e o atabaque vai subindo até o máximo.

Som - Chegou ao máximo, atabaques e trovões.

Estamos apresentando4º breiqueCenário - O mesmo. É começo da manhã.

O terreiro está vazio. Apenas Yerma caída, completamente inerte, no chão. Entra, sem pressa, a gorda Mãe-de-Santo e, carinhosa e com cuidado, senta-se ao lado de Yerma e toca nela

Menininha

Acabou, Yerma. Acabou tudo.

Yerma vem voltando a si, como quem veio de um outro mundo

Yerma

Hen?!?

Menininha

Pode voltar para casa.

Yerma abriu os olhos. Já cai no seu problema.

Yerma

É agora...?

Menininha

Agora, você deve esperar pela graça de Deus e... enquanto isso, continuar bem com seu marido.

Yerma sente a coisa num cho-
que surdo :

Yerma

Meu marido...?

Menininha

Ele é bom.

Yerma

É. Ele é bom. Cuida do rebanho e, à noite, conta seu dinheiro. Quando vai dormir, já cumpriu o seu dever. Mas seria a mesma coisa se êle fosse mau. Ao lado dêle, eu sinto que o corpo está frio, como se êle estivesse morto! E aí, sabe qual é a vontade que me dá? De me converter em fogo!

Menininha

Yerma. Pense que seu marido sofre.

Yerma se levanta :

Yerma

Mentira! Ele não quer filhos!

Menininha

Você não deve dizer isso.

Yerma

Eu sei. Ele não quer. É por isso que a gente não tem.

634

-fls.24 -

Menininha

Passou a chuva. Você deve ir pra casa. Logo vai clarear.

Yerma

Quantas vezes tenho que repetir a oração?

Menininha

Duas. E mais a reza de Santana, ao meio-dia.

Yerma

(Abatida) Afinal...nem sei porque vim.

Menininha

Está arrependida?

Yerma

(Firme) Não.

E ela sai.

Corte

Exterior - Grande encosta de morro. Horizontes infinitos.
A câmera começa num imenso plano geral de grande angular, mostrando o descampado absolutamente deserto. (Se possível, filmado à luz da madrugada mesmo, quando ainda há alguns vapores) No fundo, vem o Marido. Anda um pouco e chama

Marido

Yerma...!

Depois, quando já está à meia-distância, chama de novo Marido

Yerma...!

É uma figura patética vindo, no meio do descampado e da bruma. E, então, no 1º plano, entra, bem grande a cabeça de Yerma. Ele pára, vendo-a. Depois vem correndo para ela. Segura-a com certa violência e depois fala, arfante e contido, mas muito forte na sua dor

Marido

Se eu pudesse gritar para que toda cidade me ouvisse... Se eu pudesse, eu diria que estão manchando a honra da minha casa! (Procura controlar a respiração, depois segue, mais calado) Mas tenho que ficar quieto... porque quem está fazendo isso é a minha própria mulher...!

Yerma, talvez, de início, tenha se amedrontado. Mas, agora, enfrenta-o :

Yerma

Se eu pudesse gritar também... eu gritava tão alto que até os mortos ficavam sabendo da minha inocência...!

Há uma pausa. Depois ele se entrega :

Marido

Yerma! (Contidíssimo. Humaníssimo) Eu não agüento mais. Eu precisava ser de bronze pra resistir à uma mulher que tem o coração cheio de rancor... E, à noite, sai de casa, à procura de...de sei lá o quê...! (Respira

60
#

-fls.25 -

Marido

cansado) Quando vou pesar a farinha, na cidade, todo mundo fica quieto. De noite, no campo, se eu toco num ramo de árvore, até ele parece que se arrepia...

Yerma

Você sabe que é o vento mau que prejudica o milho bom. E, apesar disso, ele continua sendo bom.

Marido

Sei, sim. Só não sei o que é que uma mulher procura, quando toda hora está longe da sua casa...

Yerma então, volta-se para ele

Yerma

Não sabe? (Impetuosa, embora contidíssima) É você, mesmo! Teu sangue! É você inteiro, que eu procuro!

O Marido sente-se como um acurado :

Marido

Vamos embora, Yerma...!

Yerma

Agora, não me incomodo mais com nada. Quero levantar a voz, quero, agora que ela chegou no fundo do poço!

Marido

(Caído, suplicante) Pelo amor de Deus, Yerma. Vamos embora.

Então ela se detém. Olha-o, lenta. Depois fala :

Yerma

O que que um braço débil como o meu pode fazer? Está bem. Eu fecho minha boca.

E eles vão indo, lado a lado, na grande planície inclinada da encosta, ambos caídos, durante uma boa extensão.

CorteCenário - Interior da sala

Sentada, à mesa, com outra roupa, absolutamente imóvel e olhando o vácuo, está Yerma. Aproxima-se a Cunhada

Cunhada

Posso tirar a mesa, Yerma...?

Yerma não responde. Ela tira a mesa frugalíssima, indo e vindo apenas uma ou duas vezes. Depois bota a moringa sobre o centro bordado. Yerma imóvel

Cunhada

Quer um pouco d'água?

E ela própria derrama um pouco num copo. Oferece mas Yerma nada. Ela própria o bebe. Depois fala :

Cunhada

Há um mês que você está assim. O que que você tem...?

Não vem resposta nenhuma.

Cunhada

Pobre de você, Yerma. Tem alguma idéia extra-

-fls.26 -

Cunhada

...nha...que a gente não entende... E que, com
tôda certeza, não deve ser boa...!

Pega o que resta da mesa, e
leva para o interior. Yerma
fica só. Um pouco depois, a
porta é aberta, furtivamente
por aquela mesma Mocinha, que
vendo que ela está som, vem
para ela

Mocinha

Yerma...! Você não vai à peregrinação...? O
pessoal já vai sair. Tudo quanto é mulher
que não tem filho, vai pedir um pro santo!

Yerma começa a acordar

Yerma

Hen?

Mocinha

E. No santuário da montanha. Diz que é só
beber a água santa. A caravana vai sair a-
gora. E vão tôdas as mulheres com os seus
maridos...

Yerma começa a conscientizar

Yerma

Vão pedir filhos ao santo...? As mulheres e
os maridos...?!

Mocinha

E. E levam muito vinho também...

Yerma então se levanta, ilu-
minadaYerma

Meu marido me leva, também. Quero beber a
água santa.

Corte

Cenário - Exterior - caminhos se entrecortan-
do em trecho meio montanhoso.

Tomadas - em gerais e nos deta-
lhes - de uma procissão, o quanto
possível longa, de homens e mulhe-
res, vindo pelo caminho que ser-
penteia na montanha. Som (bg)

Espécie de reza bárbara, para corte-
jo bem despojado e primitivo. Talvez
matracas.

No meio do cortejo, estão :Yerma
e o Marido. Vão também, as mulhe-
res que foram as lavadeiras e a
Velha do início.

Corte

O mesmo cortejo descansando, na
própria grama. Alguns comendo al-
guma coisa, pouca coisa.

Corte

O cortejo andando novamente. É um
cortejo nitidamente religioso. O
pessoal vai passando. Passam tam-
bém Yerma e o Marido. Sempre en-
tremeiado com detalhes dos peregrí-
nos, levando rosários, cruzes, amu-
letos, etc.

6642

-fls.27 -

No mesmo cortejo, vê-se também, dois ou três burros, com barris de vinho.

Corte

A câmara começa na água limpi-da. Logo entram mãos e canécas rústicas de diversas mulheres, que vão bebendo a água. A câmara acompanha um grupo delas que em seguida, vai até ao altar, defronte da gruta e lá se ajoelha. Depois a câmara panoramiza até encontrar a Velha, que, um pouco protegida por uma pedra ou um dos animais (já sem barris) olha tudo sarcásticamente. Ao seu lado, um rapagão forte e rústico também.

Exterior - Fonte junto de pedras e de uma gruta cavada, onde foi instalado um vistoso altar. A gruta se perde em sujeiras e profundidades.

Velha
Onde estão os homens?

Filho
Do outro lado, bebendo vinho. Desta vez trouxeram bastante...

Velha
~~Os homens antigos~~ Já escolheu?

Filho
~~Sou o rapagão forte~~ Ainda não.

Velha
Então, espere cair a noite e veja lá o que faz... Já ouvi mulheres se queixando que fazem esta peregrinação há 8 anos, sem nenhum resultado...

O moço tem um sorriso apenas curto.

Corte

Há algumas tendas no lugar, Exterior - O mesmo. Mas, é noite. todas bem rústicas, apenas com páus e couros de animais. Alguns lampeões rústicos e uma ou outra fogueirinha.

Som (bg) Vozerio, um pouco festivo, à distância.

A mesma Velha está diante de uma fogueira. Depois vai apagá-la, mas quando seu pé já vai descer, é detida por alguém

Yerma
Deixe pra mim.

A velha se surpreende

Velha
Yerma! É você, mesmo?

Yerma
Sou. Por quê?

Velha
Por que você veio...?

Yerma
Pela água.

-fls.28-

Velha

O seu marido...?

Yerma

Está bebendo, junto com os outros.

Então a Velha volta para junto da fogueira, remexe um pouco e depois fala para Yerma, de frente dela.

Velha

Yerma. Aquela vez eu não disse. Não quis. Mas, agora...

Yerma

Agora, não precisa. Já sei de tudo. O que que me faltaria saber...?

Velha

Aquilo em que não se pode tocar. Aquela coisa pesada que caiu sobre sua casa...

Yerma

Não estou entendendo...

Então, a velha vai direta

Velha

A culpa é do seu marido.

Yerma reage muito, embora contidíssima.

Son (bg)

Ao longe, vai começando um pré-início de reza

Velha

Ninguém na casa dele, nem o pai, nem o avô, nem o bisavô, nunca teve raça. Ter um filho para eles, era tão difícil quanto se abrir o céu ou a terra. É pena que uma maldição dessas tenha caído sobre uma moça tão bonita...

Yerma

(Funda, intensa) Foi uma gota de veneno que caiu na minha espinha!

Velha

Quando te vi aqui, assim, descalça, me cortou o coração. Sabe por quê? Porque as mulheres vêm aqui pra encontrar um novo homem.

A revelação é terrível, para Yerma :

Yerma

Como é?

Velha

É isso mesmo. Dêsse modo, é que o "santo" fez o milagre. Meu filho, mesmo, está lá atrás do santuário, esperando...! Minha casa precisa de uma mulher.

Yerma ergue-se, meio entontecida, perdida, zozna pela revelação

Son

(bg) A reza, agora, fica uniforme e bela. Reza de umbanda.

A velha ergue-se e toca nela

Velha

Olha aí. A reza vai começar. Vá ao encontro dele, vá. Quanto a mim, vou ficar muito feliz. Meu filho é como eu, tem bom sangue...

Vá com ele e não pense nos outros.

Quando ao seu marido, na minha casa também há bastante lugar

-fls.29 -

Velha
para ele Também.

Yerma
(Intensa) Cala a boca! Você pensa que eu po-
deria viver com outro homem? Que eu me su-
jeitaria a implorar o que mereço há tanto
tempo...? Se você me conhecesse, você não
falava assim... (E seca e final) Não peço
nada à ninguém...!

A velha não gosta

Velha
Então... fique aí como sempre. Haverá outra
mulher para meu filho!

E a velha vai.

Som (bg) Um canto lento de macumba vai toman-
do todo o ambiente. Um "ponto" queixo-
so, triste e esperançoso.

Yerma fica olhando, o pessoal que,
em torno, cantando e em fila, vai
se dirigindo à gruta. Depois de al-
gun tempo, junto de Yerma, que está
num lugar bem afastado - seria ideal
a procissão num plano baixo nos fun-
dose ela, no 1º plano, no alto -
entra o Marido

Yerma
Marido...! Você estava aí...?

Marido
Estava.

Yerma
Ouviu?

Marido
Tudo.

Há uma pausa. Depois ela fala,
nervosa :

Yerma
É melhor me deixar em paz.

Marido
Nao. Chegou o momento da gente conversar.

Yerma
Fala.

Marido
É o momento de eu me queixar.

Yerma
De quê?

Marido
De um amargo que eu tenho na garganta.

Yerma, muito intensa, procura
se conter, mas quase
já não dá

Yerma
É eu tenho um amargo nos ossos!

Ele também, está contido:

Marido
Então, é o momento da gente acabar com tu-
do, não acha? Você continua se lamentando
por uma coisa obscura...que não ganhamos...!
É, pela qual, (cái) eu não posso lutar!

69
A

-fls.30 -

Marido

(Mais intenso e mais contido) E tem mais : é uma coisa que não me faz falta nenhuma, viu?

Ela fica lívida

Yerma

O que?

Marido

É isso mesmo. Já é hora de você saber. Eu me importo com o que eu tenho na mão. O que eu posso ver e tocar..!

Yerma

O que você pode sentir. Só o que você pode ver e sentir. Mais nada. (É desafiante) Então, me abraça! Me sinta!

Ela está estranhíssima. Ele a abraça-a

Marido

É isso mesmo. Eu estou sentindo você. E isso é tudo! (Entregando-se) Assim é muito melhor!

Yerma

(Contidíssima) Isso é tudo...?! Mas então... o que é que você procura em mim...?

Marido

Nada, só você. Você, mesma!

Yerma

(Por um fio) Sei como é, uma casa, uma mulher. Mais nada, não é verdade...?

Marido

É claro, como todo mundo.

Yerma

(Rouca, contida) E os filhos...?

Ele começa a ficar exasperado

Marido

Mas você não entende que isso não tem importância, Yerma? Será preciso gritar no seu ouvido?

Yerma

Quer dizer que você nunca pensou nele... No filho..! Nem quando viu que eu queria um!

Marido

Nunca.

Yerma

(Estranha) E nem devo esperar por filho nenhum...?!

Marido

Não. Você tem que resignar-se, Yerma. (Humano e carinhoso) Viver em paz. Você, eu, com doçura, com amor... Me abraça, Yerma...

Yerma abraça-o de novo, feito uma sonâmbula

Yerma

O que você quer...?

Marido

Você mesma. Está tão bonita com esta lua!

-fls.31-

E vai beijá-la. Mas ela, no último instante, desvia e agarra-o pelo pescoço, feito uma fera

Yerma
Nunca mais!

Som (bg) A música do "ponto" está cada vez mais intensa. De repente, num dos seus "stacatos" para um pouco.

Os olhos d'ele saltaram muito. Subitamente ela relaxa a grande pressão dos seus dedos. Ele solta o pouco de ar que tentava engulir e desaba-morto, para o chão.

Som (bg) A música recrudescce, mais forte. do que nunca.

Depois ela olha as mãos; em seguida olha-o. Mas não está louca. Atrás, começam a entrar pessoas, que vão se surpreendendo com o corpo caído e ela com as mãos crispadas. Surgem a Velha, o Filho, outras pessoas. Então, por fim, Yerma dá por eles e fala

Yerma
O que que vocês querem de mim...? Não venham aqui perto, não..!

De fato, amedrontados, eles, movendo-se com cuidado, fizeram um círculo em torno dela. A câmera faz o círculo na direção contrária, apanha-a de frente e ela fala

Yerma
Eu matei meu filho. (Caída) Eu mesma, matei meu filho..!

Som - Encerramento forte e belo

Sobre as imagens intercaladas do cerco, lento e perplexo, em torno dela, e a procissão das demais mulheres indo para o santuário, os letreiros do final

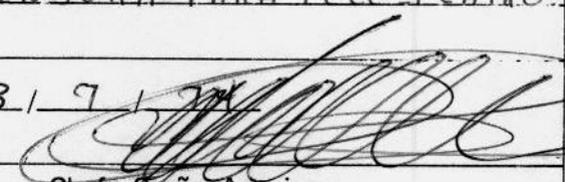
- Fim -

TEATRO

11/74

TÍTULO YERMA

1) S. ARQUIVO

Documentação FALTA GUIA SBAT.Clas. Anterior 18Praça SÃO PAULO - SPObs.: CENSURA PARA TELE TEATRO.DF. 23 / 9 / 74

 Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em face do con-
tido no parecer nº
17860/74.

A esse considera-
se.

Em 130874

Manoel Francisco
 Manoel Francisco Claveri Guido
 Chefe do Serviço de Censura
 Subst.

3) S. C. T. C.

A consideração do
Senhor Chefe do S.C., em
face do teor nº 2 do des-
pacho do Senhor Diretor
D.C.D.P. e do conteúdo
no parecer nº 17860/74.

Em 090874
 Manoel Francisco
 Chefe do S.C.T.C.

5) Diretor da D. C. D. P.

Do S.C.:
 Comunicou-se que o
texto submetido à Censura
suporta a impropriedade
de 16 dias. A liberação,
entretanto, fica condicionada
ao exame do "tapa"
por esta DCDP.

Em 14/8/74.

Wilsom Miranda
 Dir. Subst. DCDP.



724

PARECER Nº 17860/74 / _____

TÍTULO: "YERMA"

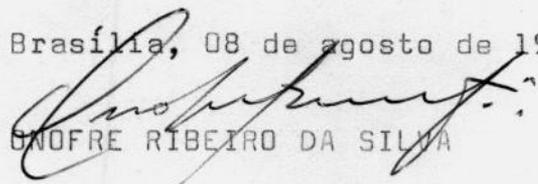
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 16 anos, com cortes

Desta vez a obra de Garcia Lorca, Yerma, destina-se à te
levisão, conforme solicitação da Fundação Padre Anchieta.

Acreditamos que a impropriedade de 16 (dezesseis) anos
que estamos sugerindo deve ser considerada a priori, por
que em se tratando de um video-tape ninguém pode avaliar o
grau de intensidade que atingirá.

Assim, excetuados os cortes apontados às páginas 14 e 22
sugerimos a impropriedade de 16 anos, lembrando a necessi-
dade de novo exame do video-tape depois de gravado.

Brasília, 08 de agosto de 1974


GÓFRE RIBEIRO DA SILVA

73

Ofício nº 834/74-SC/DCDP

, 16 de agosto de 1.974

! Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

! Senhor Superintendente Regional do DPF em São Paulo

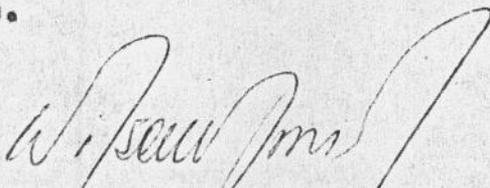
! "VERMA"

Senhor Superintendente:

Solicito a Vossa Senhoria mandar comunicar à Fundação Padre Anchieta - Centro Paulista de Rádio e TV Educativa, sediada à Rua Carlos Spera, 179 - Água Branca, nessa Capital, que o texto apresentado a esta DCDP, sugere a impropriedade de 16 anos.

2. Outrossim, peço informar ao interessado, que a liberação, entretanto, fica condicionada ao exame do "tapa" de supracitado espetáculo.

Ao ensejo, renovo a Vossa Senhoria protestos de consideração e apreço.



WILSON DE QUEIROZ GARCIA

Diretor da DCDP

Substituto



RICHADO
S. A. DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Of. nº 5746/74-SCDP/SR/SP

Em, 31/ de dezembro de 1974

Do: Superintendente Regional do D.P.F. em São Paulo

Ao: Exmº. Sr. Diretor Geral do Departamento de Polícia Federal

Assunto: Relatórios (encaminha)

De ordem
ao arquivo.
em 06 01 75

Senhor Diretor Geral:

Ruth Rogales
Chefe do SA/DCDP

Com o presente encaminhado a V.Exa., para os devidos fins, os relatórios de verificação de VTS das peças teatrais "O HOMEM QUE GALOPAVA" de autoria de Luis Jardim "O GENRO DE MUITAS SOGRAS" original de Arthur Azevedo e Moreira Sampaio, "YERMA" original de Frederico Garcia Lorca, que serão exibidas pela TV Cultura - Canal 2, de São Paulo.

Solicitamos a confirmação dessa D.C.D. P. do nosso parecer, com maior brevidade possível.

Na oportunidade, renovo a V.Exa., pro' testos de estima e consideração.

Carl Grobman

BEL. - CARL GROBMAN

Superintendente Regional

75

FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA
CENTRO PAULISTA DE RÁDIO E TV EDUCATIVA
RUA CARLOS SPERA, 179 - C. P. 11.544 - SÃO PAULO - BRASIL

39263

ILMO. SR. CHEFE DA TURMA DE CENSURA DE DIVERSÕES PUBLICAS
DO DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL DO ESTADO DE SÃO PAULO.

De ordem
ao arquivo
em 06/01/75

FICHADO
S. A. DCDP

Ruth Magales
Chefe do SA/DCDP

A FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA

-TV 2xCULTURA , São Paulã , nos termos das portarias nos 13
e 15 do SCDP de 1970 , requer a V. Sa. determinar a CENSURA
do texto e gravação do tele-teatro " YERMA" de autoria de -
Federico Garcia Lorca , numa adaptação para televisão de -
WALTER DURST.

Outrossim , informamos que -
está peça irá ao ar a partir 30 de NOVEMBRO de 1974.

NESTES TERMOS

P. DEFERIMENTO

SÃO PAULO , 04 DE NOVEMBRO DE 1974.

OSVALDO VIEIRA LIMA
CHEFE OPERAÇÕES D.C.P

Ministério da Justiça
Departamento de Policia Federal
CENSURA FEDERAL

Ao Censor Antônio Peço
para os devidos fins.

TCOP-DR-SP, 51/11/74
108



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 - Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pam-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO)

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 — 3.º andar — Rio de Janeiro — GB
Sucursal de São Paulo: Av. Ipiranga, 1123 - 8.º andar

Direitos de Representação
Rádio e T.V.

Autorização
Série 8/72-SP Nº 9063

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade Pública Federal, pelo decreto n.º 4.092 de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos das leis que protegem o direito de autor, a apresentação.....

.....abaixo caracterizado: " *Yexuma* "

Original de: *Fredrico Garcia*

Tradução de: *Walter George Durst*

Música de: _____

No programa *Teatro 2*

Da Televisão (~~Rádio~~) *Cultura paulista 2.*

Mediante o pagamento dos direitos autorais na base Cr\$ *3.768,00.*

ficando expressamente entendido que esta autorização compreende apenas uma única apresentação na cidade de *São Paulo.*

No dia *30* de *novembro*

Esta via de Autorização não vale como quitação de pagamento de direitos autorais. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial, mediante cheque emitido em nome da SBAT.

3.001 a 10.000 - 50/50

São Paulo, *08* de *dezembro* de 19 *74*

SOCIEDADE BRASILEIRA
DE AUTORES TEATRAIS

SUCURSAL SÃO PAULO

Visto:

(pela SBAT)

27/8

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO

RELATÓRIO Nº ... Série ...

. São Paulo em 29. de Agosto. de 1974

Ao :- **Chefe da Censura**
De :- **Téc. de Censura**
Assunto :- **Relatorio de peça teatral**

Exame censório do ensaio geral de ... **YERMA**

Autor :- **FREDERICO GARCIA LORCA** . = ADAPTAÇÃO: **WALTER G. DURST** ...

Tradutor :-

Encenado por :- **ARTISTAS PROFISSIONAIS E ALUNOS DA EAD**

Local :- **TV. CULTURA CANAL 2**

Data do ensaio :- **26/8 /1974** Horário:- das **14.** às **16.** horas

1. T E X T O

1.1 Tema :- **DRAMA**

1.2 Sofreu alterações ? () Sim (**X**) Não

1.3 Sofreu alterações signifi-
cativas ? () Sim (**X**) Não

1.4 Sofreu cortes ? () Sim (**X**) Não

1.5 Cortes observados ? () Sim () Não

1.6 Classificação :- ... **DE ACORDO COM A DCDP. PROIBIDA PARA**
MENORES DE 16 ANOS.

2. E N C E N A Ç Ã O

	De acordo com as normas censórias	Contrariando as normas censórias
2.1		
2.1 Cenário :-	(X)	()
2.2 Iluminação :-	(X)	()
2.3 Música :-	(X)	()
2.4 Guarda-roupa :-	(X)	()
2.5 Projeção de "slides"	()	()
2.6 Expressão corporal :-	()	()
2.7 Restrições .. NÃO HOUVE		

28/12

Nº ... Série ...

3. OBSERVAÇÕES

..... NAO HA
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

Segue anexo Relatório minucioso () Sim X Não

4. PARECER DO TÉCNICO DE CENSURA

- 4.1 Opino pela liberação (X)
- 4.2 Opino pela proibição () de acordo com
- 4.3 Opino pela liberação com restrições parciais () de acordo

Beatriz Anna Maria Winter

..... *Beatriz Anna Maria Winter* Técnico de Cens.
Nº 318..

S.Paulo, 26/12/74

- 1. De acôrdo com o parecer censório, remeta-se à Brasilia através da Superintendência, a fim de que seja remetido um certificado definitivo.
- 2. Anexo os textos.

Expedir cert. provisório - p/ prazo de um ano.

M. Placido Nogueira

14

2948

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO

RELATÓRIO Nº ... Série ...

São Paulo em 28. de novembro de 1974

Ao :- Sr. Chefe da SCDP/SR/SP

De :- Téc.cens. nº317

Assunto :- Relatório sobre verificação de tele-teatro

video-tape

Exame censório do ~~ensaio geral~~ de ... peça "YERMA"

Autor :- F. Garcia Lorca, c/adaptação de Walter George Durst

Tradutor :-

Encenado por :- artistas profissionais e alunos da E.A.D.

Local :- TV. Cultura - Canal 2

Data do ensaio :- 27 / 11 / 74 Horário :- das 11. às 12. horas

1, TEXT O

1.1 ~~Tema~~ - Gênero: Drama

1.2 Sofreu alterações ? (x) Sim () Não

1.3 Sofreu alterações signifi-
cativas ? () Sim (x) Não

1.4 Sofreu cortes ? () Sim (x) Não

1.5 Cortes observados ? () Sim () Não

1.6 Classificação :- Impróprio para menores de 16 anos

2. E N C E N A Ç Ã O

	De acordo com as normas censórias	Contrariando as normas censórias
2.1		
2.1 Cenário :-	(x)	()
2.2 Iluminação :-	(x)	()
2.3 Música :-	(x)	()
2.4 Guarda-roupa :-	(x)	()
2.5 Projeção de "slides"	()	()
2.6 Expressão corporal :-	(x)	()
2.7 Restrições		

. não há outras, a não ser a da classificação e-
tária. cumprindo-nos salientar, como já assinalado acima, ...
que o texto encaminhado à DCDP, sofreu ligeiras alterações,
configuradas, apenas, pela exclusão de alguns trechos do
"script", por iniciativa da própria direção do espetáculo,
modificações essas que atenuaram, concomitantemente com a
encenação levada à efeito, alguns aspectos de natureza sen-
sual ou de violência.

2040

Nº ... Série ...

3. OBSERVAÇÕES

.. Alem das que constam no item "2.7"(Restrições), cabe-nos ...
.. aduzir tratar-se de representação dramática, focalizando ...
.. a angústia e o desespero de uma mulher, "Yerma", face o desân-
.. teresse de seu marido em lhe dar um filho. x.x.x.x.x.x.x.x

.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

Segue anexo Relatório minucioso () Sim (x) Não

4. PARECER DO TÉCNICO DE CENSURA

- 4.1 Opino pela liberação (x)
- 4.2 Opino pela proibição () de acordo com
- 4.3 Opino pela liberação com restrições parciais () de acordo

A. C. V. Adelizzi

Antonio Celso V. Adelizzi ... Técnico de Cens.
Nº 317.

S. Paulo, 26/12/74

- 1. De acôrdo com o parecer censório, remeta-se à Brasília através da Superintendência, a fim de que seja remetido um certificado definitivo.
- 2. Anexo os textos.

*Expedir Certificado (ca
sua avó) Provi-
sório.*

M. Marcilio Nogueira

14



MJ - DPF - SRA/BSB



FICADO
S. A. DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL 046489
MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SR/BA

RECEBIDO POR *Antônio*

Ofício N.º 02220 /SCDP/SR/BA
DO: SR. CHEFE DO SCDP/SR/BA
AO: SR. DIRETOR DO DCDP/DPF/BRASÍLIA/DF
Assunto: Encaminhamento (faz)

Em 13-08-1975
De ordem
Ao Arquivo.
Em 14-8-75
Antônio
Sr. Ev. F. V. Adam.

Senhor Diretor,

Em atendimento ao solicitado através do radiograma, nº 399/DCDP de 29 de julho de 1975, encaminho a V. Sa. uma via da peça teatral YERMA, de autoria de FEDERICO GARCIA LORCA.

Atenciosamente,

[Assinatura]
JOSÉ AUGUSTO COSTA
TÉCNICO DE CENSURA
CHEFE DO SCDP/SR/BA

PAROQUIA SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA

(Diocese de Amargosa)

Pça. Castro Alves, 423

45.200 - JEQUIÉ - BAHIA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0121, p. 214

Jequié, 22 de julho de 1975.

Ilmo. Sr.

Diretor do Departamento de Censura Federal
Brasília / Distrito Federal

Brezado Senhor,

Ligado ao Serviço de Orientação da Juventude da Paróquia de Santo Antonio de Pádua, criamos há seis meses, um Grupo de Teatro, visando promover a arte no meio da juventude de nossa Paróquia, realizando alguns espetáculos para a Comunidade. E por outro lado visando promover campanhas para a Assistência Social.

Estando em vias de montar a Peça YERMA do autor Federico Garcia Lorca, enviamos duas cópias do texto, solicitando o Alvará deste Departamento de Censura para que possamos estreiar, ainda neste próximo mês de Agosto/75.

Desejariamos esclarecer que o Grupo não tem Registro em nenhuma organização Cultural do País, mas enviamos alguns dados, caso necessite para o despacho do Alvará:

GRUPO DE TEATRO ET CETERA - Nível: AMADOR

Responsável: Pe. Edmilson Ribeiro IDENT: M- 171.039 - Minas Gerais
CPF: 155768176

Peça: YERMA Autor: Federico Garcia Lorca

Local da Apresentação: Cidade de Jequié/Bahia Data: Agosto de 1975.

Sem outro particular para o momento, despedimo-nos mui cordialmente:

Pe. Edmilson Ribeiro
Pe. Edmilson Ribeiro - Vigário da Paróquia e Responsável pelo Grupo de Teatro

PAROQUIA SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA

(Diocese de Amargosa)

Pça. Castro Alves, 423

45.200 - JEQUIÉ - BAHIA

MJ - DPF

SR/BA

13 AGO 14 05 75

09050

RECEBIDO POR: *Abalis*

SRA/FICHA

SCDP

Ilmo Sr.

Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
da Polícia Federal

O Pe. Edmilson Ribeiro, carteira de Identidade da Secretaria de Segurança Pública de Minas Gerais de Nº M-171.039, responsável pelo Grupo de Teatro Et Cetera, vem através deste, requerer a V. Senhoria, a liberação do texto da Peça teatral YERMA de Federico Garcia Lorca, que será encenada no Auditório da Casa Paroquial em Jequié Est. da Bahia.

Informa que já se encontram nesta Divisão, dois textos, encaminhando agora, o terceiro. Segue também a Guia de Autorização da SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais).

Nestes termos
Pede Deferimento.

Salvador, 12 de Agosto de 1975.

Pe. Edmilson Ribeiro

Pe. Edmilson Ribeiro

216



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

2ª VIA

PARA USO DA ESTACÃO

Departamento de Polícia Federal
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
S. O. - C. M. G.
Recebido em 29 JUL 1975 às 1640
Encaminhado a: _____
Em _____ às _____
RUBRICA: _____
HRS: _____
OPR: _____
QUITAZÃO

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

RADIOGRAMA

PREÂMBULO

Espécie: OFICIAL

Número..... Data:.....

Origem.....

Palavras..... Hora:.....

ENDEREÇO

SR/BA

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 399/DCDP de 29 07 75 SOL INFO PE.EDMILSON RIBEIRO VG
PARÓQUIA SANTO ANTONIO DE PADUA VG DIOCESE DE AMARGOSA VG
JEQUIÉ/BA VG NECES REM GUIA SBAT ET MAIS UMA VIA DO TEXTO DA
PEÇA SEU INTERES "YERMA" AUT GARCIA LORCA VG AFIM PROCEDERMOS
COMPETENTE CENSURA PT DIR DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor.....

DPF-84

86
A

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBICC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

AUTORIZAÇÃO PARA
REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 3/70 - GB N.º 9187

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: YERMA

Original de GARIBOLDI HORCA

Música de

Tradução de CECÍLIA MELO Autorização Destina-se a

No Teatro GRUPO TEATRAL BILHETERIA do Teatro

Empresa AUTORIO DA CASA PARADISIA DE JERU Cidade

nos dias 16, 17, 23, 24, 30 e 31/08/75

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de 10.00% (dez por

cento) da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr\$ 120,00

por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota porcentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

SALVADOR 12

de AGOSTO de 1975

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

[Assinatura]
(pela SBAT)

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à Sociedade Brasileira de Autores Teatrais ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, frequentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

[Handwritten signature]

YERMA

POEMA DRAMÁTICO EM 3 ATOS DE FEDERICO GARCIA LORCA

A J

Y E R M A

Poema dramático em 3 atos de Federico GARCIA LORCA.

PRIMEIRO ATO

(Ao levantar-se o pano, Yerma está adormecida, tendo aos pés uma cestinha de costura. A cena tem uma estranha luz de sonho. Entra um pastor nas pontas dos pés, fitando firmemente Yerma. Leva pela mão um menino vestido de branco. O relógio bate. Quando o pastor entra, a luz é substituída por uma alegre claridade matinal de primavera. Yerma desperta.)

Yerma - João, não me ouves, João?

João - Já vou.

Yerma - Está na hora.

João - Já passaram as juntas?

Yerma - Passaram.

João - Até logo. (faz menção de sair)

Yerma - Não tomas um copo de leite?

João - Para quê?

Yerma - Trabalhas muito e não tens corpo para tanto trabalho.

João - O corpo enxuto de carne torna-se forte como o aço.

Yerma - Mas o teu, não. Quando casamos, eras outro. Agora tens a cara branca como se o sol não te batesse nela. Gostaria que fosses ao rio e nadasse, e subisses ao telhado quando a chuva nos entra pela casa adentro. Já estamos casados há vinte e quatro meses e tu cada vez mais triste, mais seco, como se crescesses ao contrário.

João - Acabaste?

Yerma - (Levantando-se) Não me leves a mal. Se eu estivesse doente, gostaria que me tratasses. "Minha mulher está doente - vou matar este cordeiro para fazer-lhe um bom ensopado." "Minha mulher está doente - vou guardar esta banha de galinha para aliviar-lhe o peito. Vou levar-lhe esta pele de ovelha para resguardar-lhe os pés da neve". Eu sou assim; por isso trato de ti.

João - E eu te agradeço.

Yerma - Mas não te deixas tratar.

João - É que não tenho nada. Todas essas coisas são imposições tuas. Trabalha muito. Todos os anos irei ficando mais velho.

Yerma - Todos os anos... Tu e eu continuaremos aqui todos os anos...

João - (Sorridente) Naturalmente. E muito sossegados. Os negócios vão bem; não temos filhos que gastem.

Yerma - Não temos filhos... João.

João - Fala.

Yerma - Eu não gosto de ti?

João - Gostas.

Yerma- Sei de raparigas que tremeram e choraram antes de se entregarem a seus maridos. E eu? Chorei? a primeira vez que dormi contigo? Não cantava ao levantar as barras dos lençóis de Holanda? e não te disse: como cheiram a maçã estas roupas!?

João - Foi o que disseste.

Yerma- Minha mãe chorou, porque não tive pena de separar-me dela. E era verdade. Ninguém se casou com mais alegria. E no entanto...

João - Cala-te. Já estou cansado de ouvir a todo instante...

Yerma- Não. Não me repitas o que dizem. Vejo com os meus olhos que isso não pode ser... De tanto cair a chuva nas pedras, elas amolecem e fazem nascer saramagos, que o povo diz que não servem para nada. "Os saramagos não prestam para nada"... mas eu bem os vejo moverem pelo ar suas flôres amarelas.

João - É preciso esperar.

Yerma- Sim, querendo. (Yerma abraça e beija o marido, tomando a iniciativa)

João - Se precisas de alguma coisa, dize-me, que a trarei. Já sabes que não gosto que saias.

Yerma- Nunca saio.

João - Estás melhor aqui.

Yerma- É.

João - A rua é para os desocupados.

Yerma- (sombria) Claro.

(O marido sai e Yerma dirige-se para a costura. Passa a mão pelo ventre levanta os braços num lindo bocejo e senta-se a coser. Ouve-se os cantadores na rua.)

Cantadores- De onde é que vens, amor meu filho?

Da crista do duro frio.

De que precisas amor meu filho?

Do morno pano do teu vestido.

Que se agitem as ramas ao sol.

E as fontes saltem todas em redor.

Ladra o cão pelo terreiro

Na folhagem canta o vento.

Muge o boi quase ao longe

E a lua me encrespa o cabelo

Que pedes filho de meu pranto.

Quando teu corpo cheire a jasmim."

Que se agitem as ramas ao sol.

E as fontes saltem todas em redor.

(Yerma segue o canto. Pela porta entra Maria, que vem com um embrulho de roupa)

Yerma- De onde vens?

Maria- Da loja.

89

Yerma- Da loja? tão cedo?

Maria- Por mim, teria ficado à porta, esperando que abrissem... Quem é capaz de saber o que comprei?

Yerma- Deves ter comprado café, para de manhã, açúcar e pão.

Maria- Nada disso. Comprei rendas, três varas de linho, fitas e lã de côr para fazer borlas. O dinheiro era de meu marido e foi ele mesmo que mo deu.

Yerma- Vais fazer uma blusa.

Maria- Não. É porque... sabes?

Yerma- Que é?

Maria- Porque... já chegou.

Yerma- Aos cinco meses.

Maria- É.

Yerma- E já o percebeste?

Maria- Naturalmente.

Yerma- (Com curiosidade) E que sentas?

Maria- Não sei... Angústia.

Yerma- Angústia. (Agarrada a ela) Mas... quando chegou? Dize-me. Tu estás vas descuidosa.

Maria- É, descuidosa...

Yerma- Estarias cantando, não é? Eu canto. Tu dize-me... *

Maria- Não me perguntes. Nunca tiveste um pássaro vivo apertado na mão?

Yerma- Já.

Maria- Pois é o mesmo... mas por dentro do sangue.

Yerma- (mirando-a, extasiada) que maravilha!

Maria- Estou aturdida. Não sei nada.

Yerma- De quê?

Maria- Do que tenho que fazer. Vou perguntá-lo a minha mãe.

Yerma- Para que? Já está velha e terá esquecido estas coisas. Não andes muito, e quando respirares, respira de leve, como se tivesses uma rosa entre os dentes.

Maria- Ouve. Dizem que, mais para diante, empurra suavemente com as pernas.

Yerma- E então é quando se lhe tem mais amor; quando já se diz: "Meu Filho".

Maria- No meio de tudo, tenho vergonha.

Yerma- Teu marido, que disse?

Maria- Nada.

Yerma- Gosta muito de ti?

Maria- Não me fala nisso, mas põe-se ao pé de mim e seus olhos tremem como duas folhas verdes.

Yerma- Ele sabia que tu...?

Maria- Sabia.

Yerma- E como sabia?

Maria- Não sei. Mas na noite do nosso casamento me dizia tantas vezes isso, com a boca na minha face, que até me parece que meu filho é um

pombinho de luz que ele deixou escorregar pelo meu ouvido.

Yerma- Criatura feliz.

Maria- Mas tu estás mais inteirada disto do que eu.

Yerma- De que me serve?

Maria- É verdade. Por que será? De todas as noivas de teu tempo, és a única...

Yerma- Assim é. Claro que ainda é tempo. Helena levou três anos; e outras do tempo de minha mãe, levaram muito mais. Mas dois anos e vinte dias, como eu, já é esperar demasiado. Acho que não é justo que me consuma aqui. Muitas noites saio descalça pelo pátio, para pisar a terra, não sei porque. Se continuo assim, acabarei tornando-me má.

Maria- Mas, criatura, vem cá: falas como se fosses uma velha. Que digo? Ninguém se pode queixar destas coisas. Uma irmã de minha mãe teve depois de quatorze anos!... e se visses que lindeza de criança.

Yerma- Que fazia? (com ansiedade)

Maria- Chorava como um tourinho, com a força de mil cigarras cantando ao mesmo tempo, e nos molhava, e nos puxava as tranças, e quando fez quatro meses nos enchia a cara de arranhões.

Yerma- (rindo) Mas essas coisas não doem.

Maria- Eu sei?...

Yerma- Ora! Eu vi minha irmã dar de mamar ao filho com o peito cheio de gretas e lhe produzia uma grande dor, mas era uma dor fresca, boa, necessária à saúde.

Maria- Dizem que se sofre muito com os filhos.

Yerma- Mentira. Isso é que dizem as mães fracas, queixosas. Para que os tem? Ter um filho não é ter um ramo de rosas. Precisamos sofrer, para vê-los crescer. Acho que nisso se vai metade do nosso sangue. Mas isso é bom, sadio. Toda mulher tem sangue para quatro ou cinco filhos, e quando os filhos não vem, o sangue torna-se veneno, como me vai acontecer.

Maria- Não sei o que tenho.

Yerma- Sempre ouvi dizer que da primeira vez, as mulheres tem medo.

Maria- (Tímida) Vamos a ver... Como coses bem...

Yerma- Dá cá. Cortarei duas roupinhas. E isto?

Maria- São as fraudas.

Yerma- Está bem. (Senta-se)

Maria- Então... até logo. (aproxima-se e Yerma toma-lhe o ventre nas mãos)

Yerma- Não corras pelas pedras da rua.

Maria- Adeus. (beija-a e sai)

Yerma- Volta, assim que puderes. (Yerma fica na mesma atitude do começo. apanha a tesoura e começa a cortar. Entra Victor) Olá Victor.

Victor- Por onde anda João? (sério)

Yerma- Pelo campo.

Victor- Que estás cosendo?

90 5

Yerma-Estou cortando umas fraudas.

Victor-(sorrindo) Muito bem.

Yerma -Vou botar-lhes uma cercadura de renda.

Victor-Se fôr menina,dar-lh-ás teu nome.

Yerma -(tremendo) Como?

Victor-Alegro-me por ti.

Yerma -(quase sufocada) Não... não são para mim.São para o filhinho de Maria.

Victor- Bem,pois vamos a ver se,com o exemplo,te animas.Nesta casa falta uma criança.

Yerma- Se faz.

Victor-Pois,para frente! Dize a teu marido que pense menos no trabalho, quer juntar dinheiro e há de juntá-lo,mas para quem o deixará, quando morrer? Eu me vou com as ovelhas.Dize a João que recolha as duas que me comprou. E quanto ao resto... É preciso lavrar mais fundo! (vai-se embora sorrindo)

Segundo quadro

(No campo.Aparece Yerma.Traz uma cesta.Aparece a 1ª Velha)

Yerma - Bons dias.

1ª Velha-Bons os tenhas,formosa rapariga.De onde vens?

Yerma - Fui levar a comida a meu marido,que trabalha nos olivais.

1ª velha- Já estás casada há muito tempo?

Yerma - Três anos.

1ª velha- Tens filhos?

Yerma - Não.

1ª velha- Ah! qualquer dia os terás.

Yerma - A senhora acha?

1ª velha- Por que não? (senta-se) Eu também fui levar a comida a meu marido.Está velho.Ainda trabalha.Tenho nove filhos como nove sóis. Mas,como nenhum é mulher,aqui ando eu,de um lado para outro.

Yerma - A senhora mora do outro lado do rio?

1ª velha- Moro.Nos moinhos.E tu? de que família és?

Yerma - Sou filha de Enrique,o pastor.

1ª velha- Ah! Enrique,conheci-o .Boa gente.Levantar,suar,comer um bocado de pão e morrer.Nem divertimentos nem mais nada. As folgas,para os outros.Criaturas de silêncio.Podia ter-me casado com um tio teu,Mas qual! Eu fui uma louca,que corri logo para a talhada de melão,a festa e a torta de açúcar. Muitas vezes assomei a porta de madrugada,pensando ouvir música de bandurras que ia e que vinha,mas era o ar .(Rindo) Vais rir de mim.Tive dois maridos,quatorze filhos -cinco morreram - e no entanto não estou triste e e quereria viver muito mais. É o que digo. As figueiras como duram? As casas como duram? E só nós,as endemoninhadas mulheres,com

com qualquer coisa, viramos pó.

Yerma - Queria fazer-lhe uma pergunta.

1 velha - Que é? (Mira-a) Já sei o que vais perguntar. Dessas coisas não se pode falar nada. (levanta-se).

Yerma - (detendo-a) Por que não? Enchi-me de confiança, ouvindo-a falar. Há tempos venho desejando conversar com mulher de idade. Porque precise inteirar-me. Sim, a senhora me dirá...

1 velha - Direi o quê?

Yerma - O que a senhora sabe. Por que estou assim seca? Hei de ficar em plena vida a cuidar de aves ou a botar cortinas engomadas no meu postigo? Não. A senhora há de dizer o que devo fazer, que farei se ja o que for, ainda que me mande cravar agulhas no ponto mais delicado dos meus olhos.

1 velha - Eu? Mas eu não sei nada. Deitei-me de costas e comeci a cantar. Os filhos chegam como a água. Ai! quem pode dizer que não tens um corpo formoso? Pisas - e no fim da rua o cavalo relincha. Ai, deixa-me, rapariga, não me faças falar. Penso muitas idéias que não quero dizer.

Yerma - Por que não? Com meu marido não falo de outra coisa!

1 velha - Ouve, gostas de teu marido?

Yerma - Como?

1 velha - Gostas dele? desejas dar-te a ele?

Yerma - Não sei.

1 velha - Não tremes, quando se acerca de ti? Não te dá assim como um sono, quando acerca seus lábios? Dize-me.

Yerma - Não. Nunca o senti.

1 velha - Nunca? Nem quando bailavas...?

Yerma - (recordando) Talvez... Um dia... Victor...

1 velha - Continua.

Yerma - Tomou-me pela cintura e não lhe pude dizer nada, porque não podia falar. De outra vez, o mesmo Victor, quando eu tinha quatorze anos (Ele era um pastor e tanto) tomou-me nos braços para saltar um riacho de água, e deu-me um tremor que até se me ouviam bater os dentes. Mas é porque eu era acanhada.

1 velha - E com teu marido?...

Yerma - Com meu marido é outra coisa. Foi-me dado por meu pai, e eu o aceitei com alegria. Esta é a pura verdade. Pois no primeiro dia do nosso noivado... já pensei... nos filhos... E mirava-me nos seus olhos. Sim, mas era para ver-me pequenina, mui maneirinha, como se eu mesma fôsse minha filha.

1 velha - Comigo foi tudo ao contrário. Talvez por isso não tiveste logo filhos. É preciso que os homens agradem. Não de desfazer-nos as tranças e dar-nos de beber água em sua própria boca. Assim anda o mundo.

Yerma - O teu, porque o meu, não. Eu penso muitas coisas, e estou certa de que meu filho realizará as coisas que penso. Por ele, entreguei-me a meu marido e continuo a entregar-me para ver se chega; mas nunca para divertir-me.

1 velha - E acontece que estás vazia!

Yerma - Não. - Vazia, não, porque me estou enchendo de ódio. Dize-me, é culpa minha? É preciso buscar no homem apenas o homem? Nada mais? Então, que há de pensar, quando te deixa na cama com os olhos tristes perdidos no espaço, e dá meia volta e adormece? Há de ficar pensando nele, ou no que pode sair cintilando do meu peito? Eu não sei - mas dize-me tu, por caridade! (ajoelha-se)

1 velha - Ai, que flor aberta! Que criatura tão formosa que és! Deixa-me. Não me faças falar mais. Não te quero falar mais. São assuntos de honra e eu não toco na honra de ninguém, tu lá sabes. De qualquer modo, devias ser menos inocente.

Yerma - As raparigas criadas no campo, como eu, encontram todas as portas fechadas. Tudo são meias-palavras, gestos, porque todas estas coisas dizem que não se podem saber. E tu também. Tu também te calas e te vais com ar de doutora, sabendo tudo, mas negando a quem moxe de sede.

1 velha - Com outra mulher, com mulher serena - eu falarei. Contigo, não. Sou velha e sei o que digo.

Yerma - Então, que Deus me ampare!

1 velha - Deus, não. A mim nunca me agradou Deus. Quando chegarás a entender que não existe? os homens é que te devem amparar.

Yerma - Mas, por que me dizes isso? por quê?

1 velha - (retirando-se) Mas devia haver Deus, nem que fôsse pequenino, para desfechar raios contra os homens de semente podre que encharcam a alegria dos campos.

Yerma - Não sei o que queres dizer.

1 velha - Bem, eu cá me entendo. Não te entristeças. Espera firme. Ainda és muito moça. Que queres que eu faça? (Retirando-se. Aparecem duas raparigas.)

2 rapariga - Vais voltar para a aldeia?

Yerma - Para lá vou.

1 rapariga - Tenho muita pressa. Deixei o menino dormindo e não está ninguém em casa.

Yerma - Pois avia-te, mulher. Os meninos não podem ficar sòzinhos. Há poccas, em tua casa?

1 rapariga - Não. Mas tens razão. Vou depressa.

Yerma - Anda. É assim que acontecem as coisas. Com certeza o deixaste fechado?

1 rapariga - Claro.

Yerma --Sim, mas é que não percebes o que é uma criança pequena. A coisa que nos parece inofensiva pode dar cabo dela. Uma agulhazinha, um gole de água.

1 rapariga-Tens razão. Vou correndo. É que não entendo bem dessas coisas.

Yerma -Anda.

2 rapariga-Se tivesses quatro ou cinco, não farias assim.

Yerma -Por que? Mesmo que tivesse quarenta.

2 rapariga-Seja como fôr, tu e eu, sem eles vivemos mais tranquilas.

Yerma - Eu, não.

2 rapariga-Eu sim. Que canseira! E minha mãe não faz outra coisa, senão dar-me mezinhas para que os tenha; e em outubro iremos ao Santo que os dá a quem os pede com fervor. Minha mãe pedirá. Eu, não.

Yerma -Por que te casaste?

2 rapariga-Porque me casaram. Todas nós casamos. A continuar assim, não sóram solteiras, senão as meninas. Bem, e além disso... na verdade a gente se casa muito antes de ir à Igreja. Mas as velhas se empenham em todas essas coisas. Eu tenho dezanove anos e não gosto de cozinhar nem de lavar. Bem, pois todo o dia hei de estar a fazer aquilo de que não gosto. E para quê? Que necessidade de tem meu marido? Porque no tempo de noivos fazíamos o mesmo que agora. Tolice dos velhos.

Yerma -Cala-te, não digas essas coisas.

2 rapariga-Também tu me chamarás louca, a louca! (rindo) Posso dizer-te a única coisa que aprendi na vida: toda a gente está metida dentro de casa, fazendo aquilo de que não gosta. É muito melhor estar no meio da rua! Uma vez vou para o arroio, outras subo a tocar os sinos, outras tomo um refresco de anis.

Yerma -És uma criança.

2 rapariga-Claro, mas não louca.

Yerma - Tua mãe mora na porta mais alta da aldeia?

2 rapariga- Mora.

Yerma - Na última casa?

2 rapariga- É.

Yerma - Como se chama?

2 rapariga- Dolores. Por que perguntas?

Yerma - Por nada.

2 rapariga-Por alguma coisa há de ser.

Yerma - Não sei. Falo por falar.

2 rapariga- Vê lá... Olha, vou levar a comida a meu marido. (rindo) Isso é o principal. Que pena não poder dizer "meu noivo", não é?

Lá se vai a louca! (sai, rindo alegremente) Adeus!

Voz de Victor- (cantando) Por que dormes sozinho, Pastor?

Melhor dormirias no meu cobertor.

Tua colcha - pedra escura

Juncos cinzentos de inverno

92

Na noite de tua cama.

Nas noites, sonhos e tormentos
E se ouves voz de mulher,
É a voz da água em lamentos
Como aurora de um amanhecer.

Monte de ervas amargas
Que criança te está matando?
A giesta com seus espinhos.
Com seus espinhos te mata!

(Yerma faz menção de sair e esbarra com Victor, que entra.)

Victor- Aonde vai essa formosura?

Yerma - Eras tu que cantavas?

Victor- Eu mesmo.

Yerma - Como cantas bem! Nunca te tinhas ouvido.

Victor- Não?

Yerma -E que voz tão forte! Parece um jorro d'água que te enche a boca toda!

Victor- Sou alegre.

Yerma - É verdade.

Victor- Como tu és triste.

Yerma - Não sou triste. É que tenho motivos para estar assim.

Victor-E teu marido mais triste do que tu.

Yerma -Ele, sim, tem um temperamento seco.

Victor-Sempre foi como agora. (pausa Yerma está sentada) Vieste trazer a comida?

Yerma - Vim. (olha-o .Pausa) Que tens aqui? (aponta-lhe a cara)

Victor-Onde.

Yerma (Levanta-se e aproxima-se de Victor) Aqui...na face; parece uma queimadura.

Victor-Não é nada.

Yerma - Parecia-me (pausa)

Victor- Deve ser o sol.

Yerma - Talvez... (Pausa. Acentua-se o silêncio. Sem o menor gesto começa uma luta entre os dois).

Yerma - (tremendo) Estás ouvindo?

Victor- O quê?

Yerma - Não sentes chorar?

Victor- (escutando) Não.

Yerma - Pareceu-me que chorava uma criança.

Victor- Uma criança?

Yerma - Muito perto. E chorava como afogada.

Victor- Por aqui há sempre muitas crianças que vem roubar frutas.

Yerma - Não. É a voz de uma criança pequena.

Victor- Não ouço nada.

Yerma - Serão ilusões minhas. (mira-o firmemente, e Victor também a mira e desvia o olhar lentamente. Aparece João.)

- João - Que fazes aqui?
- Yerma - Conversava.
- Victor- Saúde! (saindo)
- João - Deverias estar em casa.
- Yerma - Fiquei entretida.
- João - Não compreendo com que ficaste entretida.
- Yerma - Ouvi cantar os pássaros.
- João - Está bem. Assim darás o que falar ao povo.
- Yerma - (com força) João, que estás pensando?
- João - Não o digo por ti: digo-o pelo povo.
- Yerma - Um raio que parta o povo!
- João - Não praguejes! É foio numa mulher.
- Yerma - Oxalá fosse eu uma mulher!
- João - Varios deixar de conversas. Vai para casa.
- Yerma - Está bem. Posso esperar por ti?
- João - Não. Passarei toda a noite na roga. Vem pouca água; é minha até o sair do sol; e tenho que defendê-la dos ladrões. Deita-te e dorme.
- Yerma - Dormir! (sai)

SEGUNDO ATO

(As lavadeiras à beira do rio, preocupadas com a roupa e com a vida alheia)

- 1 lavadeira- Eu cá não gosto de falar.
- 3 lavadeira- Mas aqui se fala.
- 2 lavadeira- E não há mal nisso.
- 3 lavadeira- A que quiser ser honrada, faça por onde.
- 1 lavadeira- Mas nunca se sabe nada.
- 2 lavadeira- O certo é que o marido levou as duas irmãs para morarem com eles.
- 3 lavadeira- As solteironas?
- 2 lavadeira- Elas mesmas. Estavam encarregadas de cuidar da Igreja, e agora vão cuidar da cunhada. Eu não poderia viver com elas...
- 1 lavadeira- Por quê?
- 2 lavadeira- Porque metem medo. São como essas folhas grandes que nascem, de repente em cima das sepulturas. Estão untadas com cêra. São viradas para dentro. Dão-me a impressão de fritarem a comida no óleo das lâmpadas.
- 1 lavadeira- Mas pode-se saber o que aconteceu?
- 3 lavadeira- Passou a noite de anteontem sentada na soleira da porta, apesar do frio.
- 1 lavadeira- Mas, por quê?

- 2 lavadeira- Custa-lhe muito estar em casa.
- 3 lavadeira- Essas machonas são assim. Preferem subir para o telhado ou andar descalça por esses rios, quando podiam estar em casa, fazendo renda ou compota de maçã.
- 1 lavadeira- Quem és tu, para dizeres essas coisas? Ela não tem filhos, mas não é culpa sua.
- 2 lavadeira- Quem quer ter filhos, tem-nos. É que as mimosas, as preguiçosas, as melosas não são feitas para ter o ventre enrugado.
- 3 lavadeira- (riem-se) E wenchem-se de polvilhos e carmim e enfeitam-se com ramos de adelfa, à procura de outro que não seja seu marido...
- 1 lavadeira- Mas vós a vistes com outro?
- 2 lavadeira- Nós, não. Mas o povo, sim.
- 1 lavadeira- Sempre o povo! (pausa) E que faziam?
- 2 lavadeira- Conversavam.
- 1 lavadeira- Conversar não é pecado.
- 2 lavadeira- Há uma coisa no mundo, que é o olhar. Minha mãe já o dizia: não é o mesmo uma mulher mirando rosas ou mirando as coxas de um homem. E ela o mira.
- 1 lavadeira- Mas a quem?
- 2 lavadeira- A alguém, estás ouvindo? Procura saber tu mesma. Queres que o diga mais alto? (risadas) E quando não o mira, porque está sozinha, porque não o tem na sua frente. Leva-o retratando nos olhos.
- 1 lavadeira- Isso é mentira! (risos)
- 3 lavadeira- E o marido está como surdo. Parado como um lagarto ao sol.
- 2 lavadeira- Tudo isso são coisas de gente que não está conformada com a sua sorte.
- 3 lavadeira- Cada hora que passa aumenta o inferno naquela casa. Ela e as cunhadas sem despregarem os lábios, caíam todo o dia as paredes, esfregam as vasilhas de cobre, limpam com bafe os vidros, dão lustro ao chão: pois quanto mais brilha a casa, mais arde por dentro.
- 1 lavadeira- A culpa é dele: quando um pai não dá filhos, deve cuidar de sua mulher.
- 2 lavadeira- A culpa é dela que tem uma língua dura como um pedernal.
- 1 lavadeira- Que demonio se meteu entre seus cabelos, para falares assim?
- 2 lavadeira- E quem deu licença à tua boca para me dar conselhos?
- 3 lavadeira- Vamos calar!
- 1 lavadeira- Com uma agulha de fazer meia, gostaria de traspassar as línguas murmuradoras...
- 2 lavadeira- E eu, a tampa do peito das fingidas.
- 3 lavadeira- Silêncio. Não vês que ali vem as cunhadas?
- (As cunhadas chegam e começam a lavar sua roupa. As lavadeiras cantam)

Lavadeiras- "O céu tem seus jardins / com roseiras de alegria
Entre rosas e roseiras / A rosa da maravilha.

-Plantei alguns tomilhos

que crescendo vem.

Quem quiser ser honrado,

Que se porte bem.

-De pensar em outro macho

ninguém morre de paixão

Pois é fácil esconder

o que vai ao coração!

-A casada que é seca

Não se presta para o lar.

Deve viver sua vida

Pelas ruas a vagar.

-Vem chegando pelo monte

meu marido, vem comer

Ele me traz uma rosa

E lhe dou mais três.

-Pelo vale vem chegando

meu marido, vem jantar

As brasas que me entrega

De murta as vou crecar.

(As cunhadas aborrecidas, vão-se embora. As lavadeiras caem em gargalhadadas.)

SEGUNDO QUADRO

(Casa de Yerma. Entardece. João está sentado. As duas cunhadas de pé.)

João - Dizes que saiu há pouco? (A irmã mais velha responde com a cabeça) Deve estar na fonte. Mas já sabeis que não me agrada que saia só. (pausa) Podes pôr a mesa. (Aparece a irmã mais moça.) Bem ganho é o pão que como. (A irmã) Ontem passei um dia duro. Estive podando as macieiras e ao cair da tarde me pus a pensar: para que poria tanto empenho na faina, se não posso levar uma maçã à boca? Estou farto! (Passa a mão pela cara.)

Não vem... Uma de vós devia sair com ela, pois para isso estais aqui, comendo à minha mesa e bebendo do meu vinho. Minha vida está no campo, mas a minha honra está aqui. E a minha honra também é vossa. (A irmã inclina a cabeça). Não o leves a mal.

(Entra Yerma com dois cântaros. Fica parada à porta.) Vens da fonte?

Yerma - Para termos água fresca ao jantar. (Entrega a outra irmã) como estão as terras?

João - Ontem andei a podar as árvores.

(Yerma deixa os cântaros. Pausa)

Yerma - Vais ficar?

João - Tenho de tratar do gado. Sabes que isso são coisas do dono.

Yerma - Bem sei. Não mo repitas.

João - Cada homem tem sua vida.

Yerma - E cada mulher a sua. Não te peço que fiques. Aqui tenho tudo o que necessito. Tuas irmãs me guardam bem. Aqui tenho pão mole e requeijão e cordeiro assado: e teu gado, no monte, tem pasto cheio de orvalho. Creio que podes viver em paz.

João - Para viver em paz, precisa-se estar tranquilo.

Yerma - E tu não estás?

João - Não estou.

Yerma - Deixa disso.

João - Não conheces minha maneira de ser? As ovelhas no redil e as mulheres em sua casa. Tu sais muito. Não me tens ouvido sempre dizer isso?

Yerma - É certo. As mulheres dentro de suas casas, quando as casas não são tumbas. Quando as cadeiras se quebram e os lençóis de linho se gastam com o uso. Mas aqui, não. Todas as noites, quando me deito, encontro a minha cama ainda mais nova, mais reluzente, como se acabasse de ser trazida da cidade.

João - Tu mesma reconheces que tenho razão de queixar-me. Que tenho motivos para estar alerta.

Yerma - Alerta? Por que? Em nada te ofendo. Vivo submissa a ti, e o que sofro, guardo pregado à minha carne. E cada dia que passa será pior. Não falemos nisso. Saberei levar a minha cruz como melhor puder, mas não me perguntes nada. Se pudesse, de repente, ficar velha e ter a boca como uma flor esmagada, poderia sorrir e ir levando a vida contigo. Agora, agora - deixa-me com os prazeres da minha cruz.

João - Falas de um modo que não te entendo. Não te privo de nada. Mandando buscar às aldeias vizinhas, as coisas de que gostas. Eu tenho meus defeitos, mas quero ter paz e sossego contigo. Quero dormir fora e pensar que estás dormindo também.

Yerma - Mas eu não durmo, eu não posso dormir.

João - Falta-te alguma coisa? Dize-me. Responde!

Yerma - (Com intenção e fitando firmemente o marido) Sim, falta-me.

João - Sempre a mesma coisa. Já faz mais de cinco anos. Já estou quase esquecendo.

Yerma - Mas tu és tu, e eu sou eu. Os homens tem outra vida; o gado, as árvores, as conversas; e nós mulheres, não temos mais que a cria e o cuidado da cria.

João - Nem todos são iguais. Por que não trazes um filho de teu irmão para criar? Eu não me oponho.

Yerma - Não quero cuidar de filhos dos outros. Imagino que se me vão gelar os braços de sustê-los.

João - Por causa disso vives aloucada, sem pensar no que devias, e empenhada em dar com a cabeça numa pedra.

Yerma - Pedra que é uma infâmia que seja pedra, porque devia ser uma cesta de flores e água fresca.

João -Estando a teu lado,não se sente senão inquietude.Em último caso, deves resignar-te.

Yerma-Eu vim ter entre estas quatro paredes para não me resignar.Quando tiver a cabeça atada com um lenço,para que não se me abra a bôca,e as mãos bem amarradas dentro do ataúde,nessa hora estarei resignada.

João -Então,que queres fazer?

Yerma-Quero beber água e não há copo nem água; quero subir no monte e não tenho pés; quero bordar as minhas anáguas e não encontro os fios.

João -O que se passa é que não és uma mulher verdadeira,e buscas a ruína de um homem sem vontade.

Yerma-Não sei quem sou.Deixa-me andar e desafogar.Nunca te faltei em nada.

João -Não gosto que o povo me aponte.Por isso,quero ver fechada esta porta,e cada um na sua casa.

(Entra a primeira irmã,lentamente,e aproxima-se de um armário.)

Yerma-Falar com as pessoas não é pecado.

João -Mas pode parecer.

(Entra a outra irmã,e dirige-se aos cântaros,nos quais enche uma jarra.)

João -(baixando a voz) Eu não tenho força para estas coisas.Quando vierem conversar contigo,fecha a bôca; e lembra-te de que és uma mulher casada.

Yerma-(com assombro) Casada.

João -E que as famílias tem honra,e a honra é uma carga que todos carregam juntos.(Aparece a irmã com a jarra,lentamente.)Mas que está escondida e fraca nos próprios canos do sangue.(Aparece a outra irmã carregando uma terrina de modo quase processional.) Perdoa-me (Yerma contempla seu marido.Este ao levantar a cabeça,encontra seu olhar) Embora me fites deste modo - perdoa-me? ,mas sim forçar-te,encerrar-te - porque para isso sou o marido. (Aparecem as duas irmãs à porta.)

Yerma- Rogo-te que não fales.Deixa parada a questão.(pausa)

João -Vamos comer. Ouviste?

Yerma- (suave) Come tu,com tuas irmãs.Eu ainda não tenho fome.

João - Como quiseres.(sai)

Yerma- (Como sonhando) Ai,que aflição de sangue prisioneiro me está cravando de vespas a nuca Mas tu hás de chegar,amor,meu filho porque as águas dão sal;a terra,fruta; e o nosso ventre guarda tenros filhos como as núvens carregam doce chuva.

(Olha para a porta)

Maria! por que passas tão depressa pela minha porta?

Maria-(Entra com uma criança nos braços) Faço isso quando vou com o menino... Já que sempre choras.

Yerma-Tens razão. (Pega o menino e senta-se.)

95
all

Maria- Entristece-me que tenhas inveja.

Yerma- Não é inveja que tenho: é pobreza.

Maria- Não te queixes.

Yerma- Como não me hei de queixar, quando te vejo e a outras mulheres cheias de flores por dentro e me vejo inútil em meio a tanta formosura?

Maria- Mas tens outras coisas. Se me ouvisses, poderias ser feliz.

Yerma- A mulher do campo que não dá filhos é inútil como um punhado de espinhos, e até má - embora eu seja desse refugio desprezado pela mão de Deus.

(Maria faz um gesto, como para tomar a criança)

Yerma- Toma-o. Contigo está mais a gosto. Eu não tenho mãos de mãe.

Maria- Por que me dizes isso?

Yerma- Porque estou farta. Porque estou farta de tê-las e não as poder empregar em coisa própria. Pois estou ofendida e rebaixada até as últimas, vendo que os trigos apontam, que as fontes não cessam de dar água, e as ovelhas parem centos de cordeiros, e as cadelas - e que parece que todo o campo, de pé, me mostra suas crias, enquanto eu sinto dois golpes de martelo, aqui, em lugar da boca de meu filho.

Maria- Não me agrada o que dizes.

Yerma- Vós, as que tendes filhos, não podeis pensar nas que não os tem. Permaneceis serenas, ignorantes, como o que nada em água doce não faz ideia da sede.

Maria- Não te quero dizer o que digo sempre.

Yerma- Cada vez tenho mais desejos e menos esperanças.

Maria- Isso é ruim.

Yerma- Acabarei acreditando que eu mesma sou meu filho. Muitas noites desço a dar de comer aos bois, o que antes não fazia - porque mulher nenhuma o faz - e quando passo pela sombra do alpendre, meus passos me parecem passos de homem.

Maria- Cada um tem suas razões.

Yerma- Apesar de tudo, continua a querer-me. Podes imaginar como vivo?

Maria- E tuas cunhadas?

Yerma- Morta me veja e sem mortalha, se alguma vez falar com elas.

Maria- E teu marido?

Yerma- São três contra mim.

Maria- Que pensam?

Yerma- Crêem que posso gostar de outro homem e não sabem que ainda que gostasse, o primeiro ponto da minha casta é a honradez. São pedras na minha frente. Mas o que não sabem é que eu, se quiser, posso ser água de arroio que as leve. (Uma irmã entra e volta levando pão).

Maria- De qualquer maneira, creio que teu marido continua a querer-te.

Yerma- Meu marido me dá pão e casa.

Maria- Que momentos estás passando! que momentos! Mas lembra-te das chagas de Nosso Senhor. (Alguém bate à porta)

Yerma- (Mirando o menino) Já acordou.

Maria- Daqui a pouco começará a cantar. (Sai)

Yerma- Tem os teus olhos, sabias? Já os viste? Tem os olhos iguais aos teus.

2 rapariga- Psiu.
Yerma - (Voltando-se) Que é.

2 rapariga- Esperei que ela saísse. Minha mãe está à tua espera.

Yerma - Está só?

2 rapariga- Com uma vizinha.

Yerma - Dize-lhes que esperem um pouco.

2 rapariga- Mas sempre vais? Não te dá medo?

Yerma - Irei.

2 rapariga- Anda lá.

Yerma - Que me esperem, embora seja tarde. (Entra Victor)

Victor - Joao esta?

Yerma - Está.

2 rapariga- Então, logo trarei a blusa.

Yerma - Quando quiseres. (Sai a rapariga) Senta-te.

Victor - Estou bem assim.

Yerma - (Chamando) João!

Victor - Venho despedir-me.

Yerma - Vais com teus irmãos?

Victor - Assim o quer meu pai.

Yerma - Já deve estar velho.

Victor - Está muito velho. (pausa)

Yerma - Fazes bem em mudar de campo.

Victor - Todos os campos são iguais.

Yerma - Não. Eu iria para muito longa.

Victor - Tudo é o mesmo. As mesmas ovelhas tem a mesma lã.

Yerma - Para os homens , sim ; mas nós mulheres, somos outra coisa. Nunca ouvi dizer a um homem, comendo: como são boas estas maçãs! Ides ao que é vosso, sem reparardes nas delicadezas. Por mim, posso dizer: Odeio a agua destes poços.

Victor - Pode ser.

Yerma -Victor.

Victor -Fala.

Yerma -Por que te vais? Aqui, as pessoas te querem.

Victor -Portei-me bem. (pausa)

Yerma -Portaste bem. Quando eras rapazote, levaste-me uma vez nos braços, não te lembras? Nunca se sabe o que vai acontecer.

Victor -Tudo muda.

Yerma -Algumas coisas não mudam. Há coisas fechadas dentro de paredes, que não podem mudar porque ninguém as ouve.

Victor -Assim é . (Aparece a 2 irmã e dirige-se lentamente para a por

ta, onde fica, firme, iluminada pela última claridade da tarde.)

Yerma - Mas se saíssem de repente, e gritassem, encheriam o mundo.

Victor - Não adiantaria nada. A acéquia em seu lugar, o rebanho no redil e a lua no céu e o homem com seu arado.

Yerma - Que pena, não poder sentir os sentimentos dos velhos. (Ao longe, o som dos búzios dos pastores)

Victor - Os rebanhos.

João - (Entra) Já estás de partida?

Victor - E quero passar o pôrto antes do amanhecer.

João - Levas alguma queixa de mim?

Victor - Não. Foste bom pagador.

João - (a Yerma) Comprei-lhe os rebanhos.

Yerma - É?

Victor - (a Yerma) São teus.

Yerma - Não sabia.

João - (satisfeito) Pois é.

Victor - Teu marido há de ver sua fazenda repleta.

Yerma - O fruto vem às mãos do trabalhador que o procura. (a irmã vem para dentro.)

João - Já não temos onde meter tantas ovelhas.

Yerma - (sombria) A terra é grande.

João - Iremos juntos até o arroio.

Victor - Desejo a esta casa a maior felicidade. (dá a mão a Yerma)

Yerma - Deus te ouça! Saúde.

(Victor deixa-o passar e, a um movimento imperceptível de Yerma, volta-se.)

Victor - Dizia alguma coisa?

Yerma - (drástica) Disse-te "Saúde".

Victor - Obrigado.

(Saem. Yerma continua imóvel, angustiada, mirando a mão que deu a Victor. Dirige-se rapidamente para a esquerda e apanha um xale.)

2 rapariga - Vamos (em silêncio tapando-lhe a cabeça)

Yerma - Vamos (saem sigilosamente.)

1 cunhada - (Em voz baixa) Yerma!

(Entra a segunda cunhada. Miram-se as duas e dirige-se para a porta.)

2 cunhada - (mais alto) Yerma!

1 cunhada - (voz imperiosa) Yerma! (ouvem-se os búzios e as cornetas dos pastores, a cena está escuríssima. Fim do 2º ato.)

TERCEIRO ATO

(Casa de Dolores, a rezadeira. Vai amanhecendo. Entra Yerma com Dolores e uma velha)

Dolores - Foste corajosa.

Velha - Não há nada no mundo como a força do desejo.

Dolores - Muitas vezes tenho feito estas orações no Cemitério com muitas lheres que ansiavam por crianças, e todas tiveram medo. Todas, menos tu.

Yerma - Eu vim pelo resultado. Creio que não és mulher de enganar.

Dolores - Não sou, não. Que se me encha a língua de formigas, como a boca dos mortos, se alguma vez menti. A última vez que fiz a reza com uma mendiga que esteve seca mais tempo do que tu. E de maneira tão formosa se lhe adoeceu o ventre que teve duas crianças ali em baixo, no rio, porque nem lhe dava tempo de chegar ao povoado. E ela mesma a trouxe, num pano, para que eu as arranjasse.

Yerma - E pode vir andando lá do rio?

Dolores - Veio. Com os sapatos e as anáguas amapadas de sangue ... mas com a cara rebrilhante.

Yerma - E não lhe aconteceu nada?

Dolores - Que havia de acontecer? Deus é Deus.

Yerma - Naturalmente. Deus é Deus. Não lhe podia acontecer nada. Só agarrar as criancinhas e lavá-las com água viva. Os animais as lambem, não é? Eu não tenho nojo de meu filho. Imagino que as recém-paridas estão como iluminadas por dentro.

Dolores - Agora terás um filho. Podes ter certeza.

Yerma - Hei de tê-lo, por força, ou não entendo o mundo. Às vezes quando já estou certa de que nunca, nunca... sobe-me como uma onda de fogo pelos pés, e ficam vazias, para mim, todas as coisas, e os homens que andam pela rua, e os touros e as pedras me parecem assim como coisas de algodão. E pergunto a mim mesma para que estarão postos ali?

Velha - É bom que uma casda queira filhos; mas se os não tem, por que essa ansia de tê-los? O importante, neste mundo, é deixar-se levar pelo tempo. Não te critico. Já viste como ajudei nas rezas. Mas que várzea esperas dar a teu filho, ou que felicidade, ou que cadeira de prata?

Yerma - Eu não penso no amanhã; penso no hoje. Tu estás velha, e já vês tudo como um livro lido. Eu penso que tenho sede e não tenho liberdade. Eu quero ter meu filho nos braços, para dormir tranquila; e ouve-me bem e não te espantes do que digo: embora soubesse que meu filho me iria martirizar depois, e me iria odiar, e me iria arrastar pelos cabelos pelas ruas, receberia com gosto o seu nascimento, porque é muito melhor por um homem vivo que nos apunhala do que chorar por este fantasma sentado anos e anos em cima do meu coração.

Velha - És muito nova para ouvires conselhos. Mas, enquanto esperas a

graça de Deus,deves amparar-te no amor de teu marido.

Yerma - Ai! puseste o dedo na chaga mais funda que há na minha carne.

Dolores-Teu marido é bom.

Yerma - É bom! é bom! E depois? Oxalá fosse mau. Mas não.Ele vai com suas ovelhas por seu caminho,e de noite conta o dinheiro.Quando nos juntamos,cumpro o seu dever,mas reparo que é frio como se tivesse o corpo morto; e eu,que sempre tive asco das mulheres ardentes,quereria ser naquele instante como uma montanha de fogo.

Dolores- Yerma!

Yerma - Não sou uma casada indecente,mas sei que os filhos nascem do homem e da mulher.Ai,se os pudesse ter sozinha.

Dolores- Pensa que teu marido também sofre.

Yerma - Não sofre,não. O que acontece é que ele não deseja filhos.

Velha - Não digas isso!

Yerma - Vejo-lhe isso nos olhos.E,como os não deseja,não mos dá. Não o quero,não o quero,e ,no entanto é a minha única salvação.Por honra e por casta.Minha única salvação.

Velha -(Com medo) Vai começar a amanhecer.Deves ir para casa.

Dolores- Não tardam a sair os rebanhos e não convém que te vejam sozinha.

Yerma - Necessitava deste desabafo.Quantas vezes devo repetir as minhas orações?

Dolores- A do loureiro,duas vezes; e ao meio dia,a oração de Santana. Quando te sentires prenhe,trazes a fanga de trigo que me prometeste.

Velha - Por cima dos montes já começa a clarear. Vai-te embora.

Dolores- Como daqui a pouco começarão a abrir os portões,vai fazendo um rodeio pela açequia.

Yerma - (Com desalento) Não sei porque vim.

Dolores- Estás arrependida?

Yerma - Não.

Dolores- (perturbada) Se tens medo,acompanha-te até à esquina.

Velha - Já será dia claro,quando chegares à tua porta. (Ouvem-se vozes)

Dolores- Cala-te (escutam)

Velha - Não é ninguém.Vai com Deus. (Yerma dirige-se para a porta e nesse momento chamam-na. As três mulheres ficam paradas.)

Dolores- Quem é?

Voz de João -Sou eu.

Yerma - Abre.(Dolores Duvida) Abres ou não? (Ouvem-se murmúrios. aparece João com as duas cunhadas).

2 cunhada-Aqui está.

Yerma -Aqui estou.

João --Que fazes neste lugar? se pudesse gritar,levantaria toda a aldeia,para que vissem por onde anda a honra da minha casa; mas hei de afogar tudo,e calar-me porque és minha mulher.

Yerma --Se pudesse gritar,também gritaria,para que se levantasse

até os mortos e vissem esta limpeza que me cobre.

João - Não, isso não. Aguento tudo, menos isso. Tu me enganas, me enredas, e como sou um homem que trabalha a terra, não tenho cabeça para as tuas astúcias.

Dolores - João.

João - Calai-vos, nem uma palavra.

Dolores - (Forte) Tua mulher não fez nada de mal.

João - Desde o próprio dia da boda que o está fazendo. Mirando-me com duas agulhas, passando as noites em claro, com os olhos abertos a meu lado, e enchendo de maus suspiros os meus travesseiros.

Yerma - Cala-te.

João - E eu não posso mais. Porque é preciso ser de bronce para ver-se ao lado uma mulher que te quer enterrar os dedos no coração; e que noite sai de sua casa, em busca de quê? Dize-me, procurando o quê? As ruas estão cheias de machos. Nas ruas não há flores para cortar.

Yerma - Não te deixo falar nem mais uma palavra. Nem mais uma. Imaginas tu, e tua gente, que sois os únicos a guardar honra; e não sabes que a minha casta não teve nunca nada que ocultar. Anda. Chega perto de mim e cheira os meus vestidos: vem! vê se encontras um cheiro que não seja o do teu corpo. Põe-me nua no meio da Praça e cospa-me. Faze comigo o que quiseres, já que sou tua mulher; mas livra-te de pôr nome de homem em cima dos meus peitos!

João - Não sou eu quem o põe: és tu, com a tua conduta. E o povo começa a dizê-lo claramente. Quando chego a uma roda, todos se calam; quando vou pesar a farinha, todos se calam; e até de noite, no campo, quando desperto, parece-me que também se calam as ramas das árvores.

Yerma - Não sei como se levantam os maus ventos que revolvem o trigo! E dize-me se o trigo não é bom!

João - E eu não sei o que busca uma mulher a toda hora fora de casa.

Yerma - (Num arranco, abraçando-se ao marido) Busco-te a ti. Busco-te a ti, - é a ti que busco dia e noite, sem encontrar sombra de respirar. É teu sangue e teu amparo o que desejo.

João - Afasta-te!

Yerma - Não me afastes, e une ao meu o teu querer!

João - Deixa-te disso!

Yerma - Olha que fico só. Como se a lua se procurasse a si mesma pelo céu. Olha-me! (Fita-o)

João - (Fita-a e afasta-se bruscamente) Deixa-me de uma vez!

Dolores - João! (Yerma cai)

Yerma - (alto) Quando saía a procurar meus cravos, tropecei na parede. Ai, ai! É nessa parede que tenho de rebentar a minha cabeça.

João - Cala-te. Vamos.

Dolores - Deus meu!

Yerma - (Aos gritos) Maldito seja meu pai, que me deixou seu sangue de pai de cem filhos! Maldito seja meu sangue que os busca aos trancos pelas paredes!

João - Cala-te, já disse!

Dolores - Vem gente! Fala baixo.

Yerma - Não me importa. Deixem-me livre ao menos a voz, agora que vou entrando no mais escuro do poço. (Levanta-se) Deixem que o meu corpo saia ao menos essa coisa bela - e que encha os ares! (Ouvem-se vozes.)

Dolores - Vão passar por aqui.

João - Silêncio.

Yerma - Isso! Isso! Silêncio. Não te preocupes.

João - Vamos. Depressa!

Yerma - É assim! É assim! É inútil retorcer as mãos! Uma coisa é querer com a cabeça...

João - Cala-te!

Yerma - (baixo) Uma coisa é querer com a cabeça, e outra coisa é querer com o corpo - maldito seja o corpo! - não nos responda. Está escrito e não me vou pôr a lutar braço a braço com os mares. É assim! Muda fique a minha boca! (sai)

SEGUNDO QUADRO

(Ambiente de romaria. Um largo. Ao fundo vê-se a ermida.)

Velha - Vindes pedir filhos ao Santo; e acontece que cada ano vem mais homens sozinhos a esta romaria. Que se passará? (Risos)

l rapariga - Por que vens aqui, se não crês?

Velha - Venho ver. Fico louca para ver. E para tratar de meu filho. No ano passado mataram-se dois homens por uma casada seca e quero vigiar. E, por fim, venho porque me dá na veneta.

Maria - Nunca me agradou esta romaria. Vamos as eiras, que é onde está o povo.

l rapariga - No ano passado, quando escureceu, uns rapazes atazanaram com as mãos os peitos da minha irmã.

Maria - Por quatro léguas em redor, não se ouvem senão palavras terríveis. Um rio de homens sozinhos desce por estas serras.

(Saem. Ouvem-se vozes misturadas com cantos. Entra Yerma com algumas mulheres. Ela está abatida e não fala)

Velha - (a Yerma) Tu! Dize-me a que vieste.

Yerma - Não sei.

Velha - Não te convences? E teu marido?

(Yerma dá mostras de cansaço e vê-se que uma idéia fixa lhe atormenta a cabeça)

Yerma - Está por aí.

Velha - E que faz?

Yerma - Bebe (pausa. Levando a mão à testa) Ai!

Velha - Ai! ai! Menos ai e mais alma. Antes não te pude dizer nada, mas agora posso.

Yerma - E que vais dizer que já não saiba?

Velha - O que já não se pode calar. O que está em cima do telhado.

A culpa é do teu marido. Estás ouvindo? Deixaria que me cortassem as mãos. Nem seu pai, nem seu avô, nem seu bisavô se portaram como homens de casta. Para terem um filho, foi preciso que se junta-se o céu com a terra. São feitos de saliva. Com tua gente, foi o contrário. Tens irmãos e primos por cem léguas em redor. Ve que maldição havia de cair sobre a tua formosura.

Yerma - Uma maldição. Um charco de veneno sobre as espigas.

Velha - Mas tu tens pés para abandonares a casa.

Yerma - Abandoná-la?

Velha - Quando te vi na romaria, o coração deu-me um baque. Aqui vem as mulheres conhecer homens novos. E o santo faz o milagre. Meu filho está sentado atrás da ermida, esperando-me. A minha casa precisa de uma mulher. Vai ter com ele, e viveremos os três juntos. Meu filho, sim, é de bom sangue. Como eu. Se entras em minha casa, verás que ainda cheira a berços. A cinza da tua colcha se mudará em pão e sal para as crias. Anda. Não te importes com o povo. E quanto a teu marido, há na minha casa ferramentas para que não chegue nem a atravessar a rua.

Yerma - Cala-te, cala-te, que não é isso! Nunca o faria. Eu não posso ir buscar. Achas que posso conhecer outro homem? Onde pões a minha honra? A água não pode correr para trás, nem a lua cheia sai ao meio-dia. Vai-te embora. Seguirei meu caminho. Pensaste a sério que eu me poderia dobrar a outro homem? Que eu fôsse pedir-lhe o que é meu, como uma escrava? Conhece-me, para que nunca me fales. - eu não busco.

Velha - Quando se tem sede, agradece-se a água.

Yerma - Eu sou como um campo seco onde cabem, arando mil juntas de bois. E o que tu me dás é um pequeno copo de água de poço. A minha é uma dor que já não cabe na carne.

Velha - (Forte) Pois continua assim. É do teu gosto. Como os cardos das terras secas, espinhosa, murcha.

Yerma - (Forte) Murcha, sim, já sei. Murcha! Não é preciso que me esfregues isso na boca. Não venhas divertir-te como as crianças pequenas com a agonia de um animalzinho. Desde que me casei, estou dando voltas a essa palavra, mas é a primeira vez que a ouço, a primeira vez que me atiram com ela na cara. A primeira vez que vejo que é verdade.

Velha - Não me dás pena nenhuma. Nenhuma. Buscarei outra mulher para o meu filho.

(Retira-se. Ouve-se um grande corno distante, cantando os romeiros.

Yerma dirige-se para o carro, e aparece por detrás, seu marido)

Yerma - Estavas aí. (para si mesma)

João - Estava.

Yerma - Espreitando?

João - Espreitando.

Yerma - E ouviste?

João - Ouvi.

Yerma - E então? Deixa-me e vai-te com os cantadores. (Senta-se nas mantas.)

João - Também é a minha hora de falar.

Yerma - Fala.

João - É de queixar-me.

Yerma - Por que motivos?

João - Porque tenho um amargor na garganta.

Yerma - E eu, nos ossos.

João - Chegou o último instante de resistir a este contínuo lamento por coisas obscuras, fora da vida, por coisas que estão nos ares.

Yerma - (Com assombro) Fora da vida, dizes? Nos ares, dizes?

João - Por coisas que não aconteceram e que não dependem nem de mim, nem de ti.

Yerma - Continua! Continua!

João - Por coisas que a mim, não me importam. Ouves? Que a mim, não me importam. Já é necessário dizer-te isso. A mim me importa o que tenho nas mãos. O que vejo com os meus olhos.

Yerma - (Levantando-se nos joelhos, desesperada) Assim, assim. Era isso que eu queria ouvir de teus lábios... Não se sente a verdade quando está dentro de nós. Mas como é grande e como grita, quando sai e levanta os braços! Não lhe importa! Já o ouvi.

João - (Aproximando-se) Pensa que tinha de ser assim. Ouve-me. (Abraça-a para levantá-la) Muitas mulheres seriam felizes levando a vida que levas. Sem filhos, a vida é mais doce. Eu sou feliz, não os tendo. Não temos culpa nenhuma.

Yerma - (Excitada) Isso! Buscavas a casa, a tranquilidade e uma mulher. Mas nada mais. Não é verdade o que digo?

João - É verdade. Como todos.

Yerma - E o resto? E teu filho?

João - (Forte) Não ouves que não me importa? Não me perguntes mais. Pois terei que gritar-te aos ouvidos para que o saibas, para ver se de uma vez para sempre vives tranquila.

Yerma - E nunca pensaste nele, quando me vias desejá-lo?

João - Nunca. (Estão os dois no chão.)

Yerma - E não poderia esperá-lo?

João - Não.

Yerma - Nem tu?

João - Nem eu tampouco. Resigna-te.

Yerma - Marcha!

João - Vamos viver em paz. Um com o outro, docemente. Com amor. Abraça-me! (Abraçando-a)

Yerma - Que procuras?

João - Procuro a ti. Como a lua, estás linda.

Yerma - Tu me procuras como quando queres comer um pombo.

João - Beija-me... assim.

Yerma - Isso nunca. Nunca.

(Yerma dá um grito e aperta a garganta do marido. Ele vai para trás. Aperta-lhe a garganta até matá-lo. Começa o côro da romaria.)

Yerma - Murcha, murcha, mas segura. Agora sim, que o sei com certeza e sozinha!.... (levanta-se. Começa a chegar gente.) Vou descansar sem ter de despertar atemorizada para ver se o sangue me anuncia outro sangue novo. Com o corpo seco para sempre. Que quereis saber? Não vos aproximeis porque matei meu filho, eu mesma matei meu filho! (Acorre um grupo, que fica ao fundo. Ouve-se o côro da romaria)

Fin de Yerma.

Obs. Por razões práticas, reduzimos de 6 lavadeiras para 3, além de suprimir parte de seu diálogo (Final do primeiro quadro do Segundo ato). Ainda suprimimos o início do Segundo Quadro, do Terceiro Ato. Conforme texto original de YERMA.

TEATRO

100 ~~744~~

TÍTULO Yerma

1) S. ARQUIVO

Documentação em ordem

Clas. Anterior nova

Praça Salvador - BA

Obs.: Esteve aguardando resposta do RD 399/D.C.D.P.

DF. 18/08/75

W. Weing
Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

As Sr. Diretor da D.C.D.P. com a informação de haverem os censores proposto a liberação para maiores de 18 (dezoito) anos.

Em 27/8/75
Chefe de

Coriolano de Loyola Cabral Fagundes
Chefe do Serviço de Censura - D.C.D.P.

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

A Seção de Expedientes para emitir certificado conforme sugere o parecer 1236-757 Ou se jái com impropriedade para 18 anos, sem cortes. Todavia, condicionado ao exame do ensaio geral.

2 - A consideração do Sr. @ chefe da S.C.

Em 27-08-75

Florivaldo de Carvalho Queiroz
Subst. Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres / SQ

5) Diretor da D. C. D. P.

Libere - L
Em 28.8.75

Genério Nunes
Chefe do Serviço de Censura



401
#

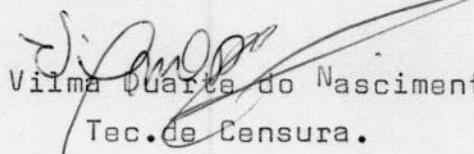
PARECER Nº 7236 175

TÍTULO: Yerma . A autoria de Frederico Garcia Lorca.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 anos .

Nesta data, procedendo ao exame da peça teatral Yerma da autoria do famoso escritor espanhol Frederico Garcia Lorca, notei tratar-se de obra já liberada diversas vezes por essa DCDP com impropriedade para menores de 18 anos, e nada encontrei que impeça sua liberação com a classificação etária anteriormente sugerida ou seja para maiores de 18 anos, ficando condicionada ao exame do ensaio geral.

Brasília, 27 de agosto de 1975.


Vilma Duarte do Nascimento.
Tec. de Censura.

661/75-SCTC/DCDP

Superintendente Regional na Bahia

"YERMA"

"FEDERICO GARCIA LORCA"

Superintendente:

Salvador/BA

CLCF/fmfn.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0121

YERMA :

FREDERICO G. LORCA :

2.386/75

GRUPO DE TAREAS ET CETERA - SA -

EDIFICIO ALBERGO

27 AGOSTO

YERMA

FREDERICO GARCIA LORCA

27 AGOSTO

80

PROIBIDO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

27 AGOSTO

75

ROGÉRIO NUNES

YERMA

FREDERICO G. LORCA

GRUPO DE TEATRO ET CETERA - BA -
EDMILSON RIBEIRO

27 AGOSTO

75

PROIBIDO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO

AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE !
QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.....

27 AGOSTO

75

CORIDLANO DE LOYOLA C. FAGUNDES

381 1100



MJ-DPF-SRA/BSB

[Handwritten signature]

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL 126 001660
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDENCIA REGIONAL EM PERNAMBUCO

Of.
nº 0092/78-SCDP/SR/PE.

Recife, 13 de Janeiro de 1978

FICHA DO
S. A. DCDP

*Arquivado
em 18/01/78*

Senhor Diretor:

Pelo presente, encaminhamos a V. Sa 03 (TRÊS) vias do script da peça teatral "YERMA", de autoria de FEDERICO GARCIA LORCA, para que sejam devidamente examinadas por essa DCDP.

Anexo, enviamos cópia do requerimento da supracitada peça.

Aproveitamos o ensejo para renovar a V. Sa os nossos protestos de elevada estima e real apreço.

[Handwritten signature]
Bel. DERMEVAL BARRETO DE MATOS
Chefe do SCDP/SR/PE.

Ilmº. Sr.
Dr. ROGÉRIO NUNES
DD. Diretor da DCDP/DPF
BRASILIA - DF.

Teatro de Amadores de Pernambuco

Fundado em 4 de abril de 1941

Reconhecido de utilidade pública pela Municipalidade do Recife
e pelo Governo do Estado

Sede e casa de espetáculos: NOSSO TEATRO

Praça Osvaldo Cruz, 412 - Recife - Pernambuco - Brasil

Ofício nº 6/78 - TAP

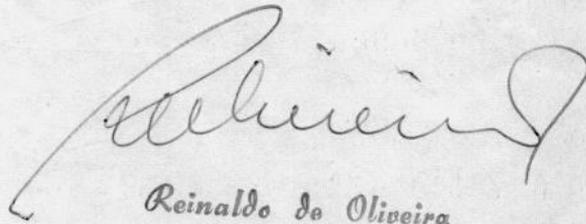
Recife, 12 de janeiro de 1978

Prezado senhor

O Teatro de Amadores de Pernambuco, através do seu diretor-geral, abaixo assinado, solicita de V.S. que se digne providenciar a apreciação do texto da peça, anexa em três vias, "YERMA", de Garcia Lorca, no sentido de que se torne possível a sua encenação no Recife como em outras praças, a partir de 23 de fevereiro do corrente ano.

A peça em questão é de tradução de Cecília Meireles e a sua representação foi autorizada pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, conforme documento em anexo.

No aguardo do fornecimento da Certidão Liberatória da Censura, apresenta os protestos de estima e elevada consideração.



Reinaldo de Oliveira
Diretor - Geral

Ilmo Sr Diretor do Serviço de Censura e Diversões Públicas
Superintendência da Polícia Federal

TÍTULO YERMA

LONCA

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 anos

Praça RECIFE - PE

Obs.: _____

DF. 20, 01, 78

[Signature]
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE
COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: dezoito (18)
anos, sem cortes

Brasília-DF 30 jan 1978

[Signature]
CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados
com a classificação: impróprio para menores
de 18 anos, sem cortes e
com os dados constantes do requerimento de
cens., condicionada ao exame
do ensaio geral. Obs.: _____

Brasília-DF, 27 de Jan de 1978

[Signature]
Maria Arlete R. Gama
Ch. S.C.T.C./SC/DCDP

Brasília-DF de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

PARECER Nº 265 / 78TÍTULO: " YERMA" Frederico Garcia LorcaCLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 anos

Confrontamos o texto ora apresentado / com o já constante no processo e verificamos que existe identidade entre os mesmos.

Sugerimos a liberação da peça, com a / mesma classificação do certificado em vigor, condicionada ao exame do Ensaio Geral.

Brasília, 26 de janeiro de 1978.

Yêda Lúcia *Yêda Lúcia Netto Peles*
Netto Peles

142/78-SCTC/SC/DCDP

26/01

8

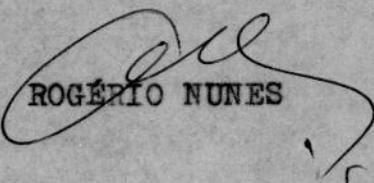
Superintendente Regional do DPF em Pernambuco

"YERMA"

Frederico Garcia Lorca

Superintendente:

RECIFE-PE


ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

: YERMA

: F. GARCIA LORCA

TEATRO DE AMADORES DE PERNAMBUCO - PE

27

JANEIRO

78

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

27

JANEIRO

78

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

VERMA :

F. GARCIA LORCA :

2386/78

: VERMA

TEATRO DE ARBORES DE PERMANENCI - PE

JANEIRO 27

: FEDERICO GARCIA LORCA

27 AGOSTO

80

27 JANEIRO

78

IMPROPRIO PARA
MENOR 18 DE
DEZOITO ANOS.

Roberto Nunes
ROBERTO NUNES

27

1/80

SRA/FICHADE



MJ-DPF-SRA/BSB

DPF-SRA
Fl. nº
Rub.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL 10 APR 11 26 009486

-DPF/SR/BA

SCDP/SR/BA

*De ordem
ao Sr. Diretor
em 11/04/78*

Ofício N.º 0952 /78-SCDP/SR/BA Em 07.04.78

DO: Chefe do SCDP/SR/BA

AO: Sr. Diretor da DCDP/BSA

Assunto: Encaminhamento -faz

FICHADE
S. A. DCDP

Senhor Diretor,

Com o presente, encaminho a V.Sa. o texto da peça teatral "YERMA", de autoria de Federico García Lorca, a fim de ser examinada de acordo com a legislação vigente.

Na oportunidade, renovo a V.Sa. os protestos de elevada estima e consideração.

Maria Helen Beltrame
MARIA HELEN BELTRAME-BEL
Técnica de Censura
Chefe do SCDP/SR/DPF/BA

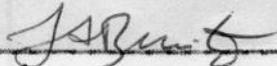
teatro castro alves

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DPF/DF

JOSÉ AUGUSTO BURITY, brasileiro, desquitado, administrador público, carteira de identidade nº 562.235 expedida pela SSP-BA, residente e domiciliado à rua Netuno, nº 23, bairro Pituaçu, na cidade de Salvador, Estado da Bahia, vem muito respeitosamente, requerer a V.Sa. que se digne mandar examinar o texto da peça teatral "YERMA", de autoria de Federico García Lorca, de acordo com as normas censórias vigentes, para que possa ser apresentada.

Nestes termos
Pede deferimento

Salvador, 05 de abril de 1978



JOSE AUGUSTO BURITY
Diretor-Executivo

TEATRO

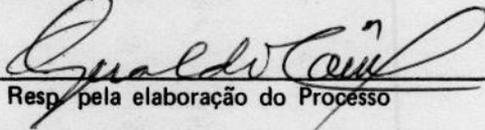
TÍTULO

VERMA

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 anosPraça SALVADOR - BA

Obs.:

DF. 31.04.1978

 Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

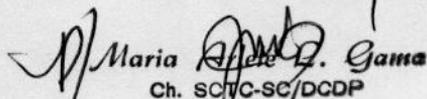
 Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de 18 (dezoito) anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de Censura, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.: _____

Brasília-DF, 20 de abril de 1978

 Maria Adelaide L. Gama
 Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE
 COM O PROCESSO ANTERIOR
 Classificação: 18 anos
sem cortes
 Brasília-DF, 24 de abril 1978


 CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
 Chefe do Serviço de Censura - DCDP



PARECER Nº

1330, 78

TÍTULO: " YERMA "

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (DEZOITO) ANOS

AUTOR: GARCIA LORCA

Confrontando os textos da referida peça teatral, constatamos a identidade entre os mes mos. Assim sendo, ratificamos a impropriedade, con dicionando-a ao exame do Ensaio Geral.

Brasília, 18 de abril de 1978.

Jussara França Costa

583/78-SCTC/SC/DCDP

20/04

8

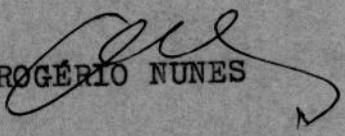
Superintendente Regional do DPF na Bahia

"YERMA"

Frederico Garcia Morca

Superintendente:

SALVADOR-BA


ROGÉRIO NUNES

YERMA

FEDERICO GARCIA LORCA

2386/78

YERMA

JOSE AGOSTO SURETY - BA

FEDERICO GARCIA LORCA

ABRIL 20

IMPROPRIO PARA MENOR DE 18 ANOS. CONDICIONA

BA AO EXAME DO EXAMATO GERAL. O PRESERVA O CERTIFICADO SOBRETA TERA VALIDA

QUANDO AGORRE NO GORTE DEVIDAMENTE 27 AGOSTO 80

IMPROPRIO PARA
MENOR DE
18 ANOS
DEZOITO ANOS

20

ABRIL

78

ROGERIO NUNES

CARLOS A. MOURA DE CARVALHO

YERMA

FEDERICO GARCIA LORCA

87/3888

AMREX

JOSE AUGUSTO BURITY - BA

20

ABRIL

78

IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONA

DA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

20

ABRIL

78

OFB

[Handwritten Signature]
CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO



MJ - DPF - DCDP - BSB

26 OUT 11 19 82 010542

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PROCEIDAS POR _____Ofício: nº 293/82 -SCDP/SR/RS

EM: 22.10.82

DO: Chefe do SCDP/SR/RS

ENDEREÇO: Av. Presidente Roosevelt, 420

AO: Sra. Diretora da DCDP

ASSUNTO: Encaminhamento (faz)

Conforme determina a Portaria nº 017/78-DCDP, de 13/07/78, estamos anexando a este, para o fim previsto na letra "d" da mesma portaria, os documentos a seguir:

- 1 - uma via do "script" da peça teatral intitulada YERMA, de autoria de FEDERICO GARCIA LORCA;
- 2 - requerimento do interessado;
- 3 - relatórios da comissão técnica;
- 4 - relatórios do ensaio geral;
- 5 - uma via do Certificado de Censura provisório.

Atenciosamente,

João Bispo da Hora
 João Bispo da Hora
 Chefe do SCDP/SR/RS

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DECIO ANTUNES RIBEIRO

Requerente

BRASILEIRA

INSTRUTOR

Nacionalidade

Profissão

Carteira de Identidade 3005984401 / SSP

N.º e Órgão Expedidor

Residente e domiciliado à rua Felizardo Furtado, 415, apartamento 601 -

Bairro Jardim Botânico

, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias

vigentes, a (s) PEÇA TEATRAL abaixo relacionada (s),

Espécie

de autoria de: Federico Garcia Lorca

Título (s)

VERMA

Neetes termos,

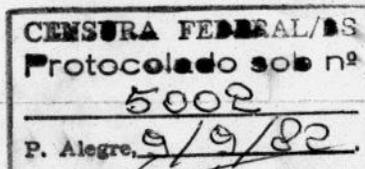
Pede deferimento.

Porto Alegre, 2 de setembro de 1982.

Local e Data

Requerente

Anexos: 3 vias do texto teatral VERMA.



1 - EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: GRUPO DE TEATRO GESTUS CGC: (Livre Associação)
 Sede: Felizardo Turtado 415/ap. 601 CEP: 90.000
 Diretor ou Responsável: Decio Antunes Ribeiro e Nair Dagostini

2 - DADOS DO AUTOR

Nome: Federico Garcia Lorca
 Pseudônimo: Filiação:
 Nacionalidade: Espanhola Naturalidade:
 Data do Nasc.: Identificação:
 Estado Civil:
 Profissão:
 Endereço: CEP:

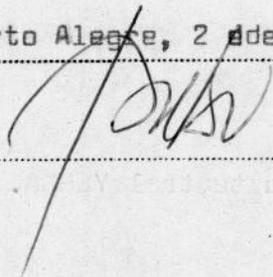
3 - PARCERIA

Nome:
 Pseudônimo: Filiação:
 Nacionalidade: Naturalidade:
 Data do Nasc.: Identificação:
 Estado Civil:
 Profissão:
 Endereço: CEP:

Nome:
 Pseudônimo: Filiação:
 Nacionalidade: Naturalidade:
 Data do Nasc.: Identificação:
 Estado Civil:
 Profissão:
 Endereço: CEP:

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

Data: Porto Alegre, 2 de setembro de 1982.

Ass.: 

t=154

SBAT
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FINS DE CENSURA DO TEX-
TO. AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO
SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO

REPRESENTANTE NO R. G. SUL

DO MESMO AUTOR

Na Coleção "TEATRO MODERNO"

DONA ROSITA, A SOLTEIRA (trad. de Carlos
Drummond de Andrade)

BODAS DE SANGUE (trad. de Cecília Meireles)

TEATRO MODERNO

— 17 —

FEDERICO GARCIA LORCA

YERMA

Poema trágico em três atos e seis quadros.
(1934)

TRADUÇÃO DE
CECÍLIA MEIRELES

CAPA DE
MILTON RIBEIRO

1963

Livraria AGIR *Editôra*
RIO DE JANEIRO



Copyright de
ARTES GRÁFICAS INDÚSTRIAS REUNIDAS S. A.
(AGIR)

PERSONAGENS

Yerma

Maria

Velha pagã

Dolores

1.ª Lavadeira

2.ª Lavadeira

3.ª Lavadeira

4.ª Lavadeira

5.ª Lavadeira

6.ª Lavadeira

1.ª Rapariga

2.ª Rapariga

Fêmea

1.ª Cunhada

2.ª Cunhada

1.ª Mulher

2.ª Mulher

Menino

João

Victor

Macho

1.º Homem

2.º Homem

3.º Homem

Livraria AGIR Editora

Rua México, 98-B R. Bráulio Gomes, 125 Av. Afonso Pena, 919
C. P. 3291 - ZC-00 (ao lado da Bib. Mun.) C. Postal 733
Tel.: 42-8327 Caixa Postal 6040 Tel.: 2-3038
Rio de Janeiro Tel.: 34-8300 Belo Horizonte
Guanábara São Paulo, S.P. Minas Gerais

ENDEREÇO TELEGRÁFICO "AGIRSA"



PRIMEIRO ATO

PRIMEIRO QUADRO

(Ao levantar-se o pano, YERMA está adormecida, tendo aos pés uma cestinha de costura. A cena tem uma estranha luz de sonho. Entra um pastor nas pontas dos pés, fitando firmemente YERMA. Leva pela mão um menino vestido de branco. O relógio bate. Quando o pastor entra, a luz é substituída por uma alegre claridade matinal de primavera. YERMA desperta.)

CANTO *(Voz dentro)*.

Nana, nana, nana, nana,
nana, nana, que faremos
uma palhoça no campo
e nela nos meteremos.

YERMA

João, não me ouves, João?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0121, p. 268



João

Já vou.

YERMA

Está na hora.

João

Já passaram as juntas?

YERMA

Passaram.

João

Até logo. (*Faz menção de sair.*)

YERMA

Não tomas um copo de leite?

João

Para quê?

YERMA

Trabalhas muito e não tens corpo para tanto trabalho.

10

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0121, p. 269

João

O corpo enxuto de carne torna-se forte como o aço.

YERMA

Mas o teu, não. Quando casamos, eras outro. Agora tens a cara branca como se o sol não te batesse nela. Gostaria que fosses ao rio e nadasses, e subisses ao telhado quando a chuva nos entra pela casa adentro. Já estamos casados há vinte e quatro meses e tu cada vez mais triste, mais sêco, como se crescesses ao contrário.

João

Acabaste?

YERMA (*levantando-se.*)

Não me leves a mal. Se eu estivesse doente, gostaria que me tratasses. "Minha mulher está doente — vou matar êste cordeiro para fazer-lhe um bom ensopado." "Minha mulher está doente — vou guardar esta enxúndia de galinha para aliviar-lhe o peito; vou levar-lhe esta pele de ovelha para res-

11



12

Não temos filhos... João!

YERMA

tem.

Naturalmente. E muito sossegados. Os negócios vão bem; não temos filhos que gas-

João (sorridente.)

aqui todos os anos...

Todos os anos... Tu e eu continuaremos

YERMA

E que não tenho nada. Todas essas coisas são suposições tuas. Trabalho muito. Todos os anos irei ficando mais velho.

João

Mas não te deixas tratar.

YERMA

E eu te agradeço.

João

Por isso trato de ti. Guardar-lhe os pés da neve." Eu sou assim.

13

Minha mãe chorou, porque não tive pena de separar-me dela. E era verdade! Ninguém se casou com mais alegria. E no entanto...

YERMA

Foi o que dissesse!

João

Sei de raparigas que tremeram e choraram antes de se entregarem a seus maridos. E eu? Chorei? a primeira vez que dormi contigo? Não cantava ao levantar as barras dos lençóis de holandês? E não te disse: Como cheiram a maçã estas roupas?

YERMA

Gostas.

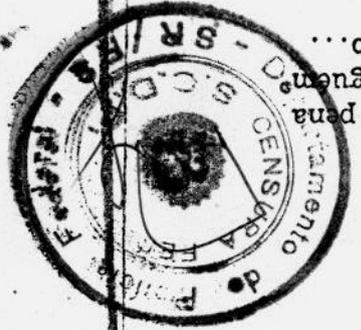
João

Eu não gosto de ti?

YERMA

Fala.

João



João

Cala-te. Já estou cansado de ouvir a todo instante...

YERMA

Não. Não me repitas o que dizem. Vejo com os meus olhos que isso não pode ser... De tanto cair a chuva nas pedras, elas amolecem e fazem nascer saramagos, que o povo diz que não servem para nada. "Os saramagos não prestam para nada"... mas eu bem os vejo moverem pelo ar suas flôres amarelas.

João

É preciso esperar!

YERMA

Sim; querendo. (YERMA abraça e beija o marido, tomando ela a iniciativa.)

João

Se precisas de alguma coisa, diz-me, que a trarei. Já sabes que não gosto que saias.

YERMA

Nunca saio.

14

João

Estás melhor aqui.

YERMA

É.

João

A rua é para os desocupados.

YERMA (Sombria.)

Claro.

(O marido sai e YERMA dirige-se para a costura. Passa a mão pelo ventre, levanta os braços num lindo bocejo e senta-se a coser.)

De onde é que vens, amor, meu filho?

"Da crista do duro frio."

De que precisas, amor, meu filho?

"Do môrno pano de teu vestido."

(Enfia a agulha.)

Que se agitem as ramas ao sol
e as fontes saltem tôdas, em redor!

(Como se falasse com uma criança.)

Ladra o cão pelo terreiro,
na folhagem canta o vento.
Muge o boi ao boiadeiro



e a lua me encrespa o cabelo.
Que pedes, filho, de tão lóngo?

(Pausa.)

(Cosendo.)

"Os brancos montes que há no teu peito."
Que se agitem as ramas ao sol
e as fontes saltem tôdas, em redor!
Filho meu, dir-te-ei que sim.
Despedaçada me dou a ti.
Sofre a cintura que te ofereço,
e que será teu primeiro berço!
Quando, meu filho, poderás vir?

(Pausa.)

"Quando teu corpo cheire a jasmim."
Que se agitem as ramas ao sol
e as fontes saltem tôdas, em redor!

(YERMA continua a cantar. Pela porta entra Maria, que vem com um embrulho de roupa.)

YERMA

De onde vens?

16

MARIA

Da loja.

YERMA

Da loja? Tão cedo?

MARIA

Por mim, teria ficado à porta, esperando que abrissem... Quem é capaz de saber o que comprei?

YERMA

Deves ter comprado café, para de manhã, açúcar e pão.

MARIA

Nada disso. Comprei rendas, três varas de linho, fitas e lã de côr para fazer borlas. O dinheiro era de meu marido e foi êle mesmo que mo deu.

YERMA

Vais fazer uma blusa.

MARIA

Não. É porque... Sabes?



YERMA

Que é?

MARIA

Porque... já chegou!

(*Fica de cabeça baixa. YERMA levanta-se e deixa-se estar contemplando-a com admiração.*)

YERMA

Aos cinco meses!

MARIA

É.

YERMA

E já o percebeste?

MARIA

Naturalmente.

YERMA (*Com curiosidade.*)

E que sentes?

MARIA

Não sei. Angústia.

18

BR DFANBSB NS.CPR.TEAPTE.0121, p.273

YERMA

Angústia. (*Agarrada a ela.*) Mas... quando chegou? Dize-me. Tu estavas descuidosa.

MARIA

É, descuidosa...

YERMA

Estarias cantando, não é? Eu canto. Tu... dize-me...

MARIA

Não me perguntes. Nunca tiveste um pássaro vivo apertado na mão?

YERMA

Já.

MARIA

Pois é o mesmo... mas por dentro do sangue.

YERMA

Que maravilha! (*mira-a, estas agarradas*)

MARIA

Estou aturdida. Não sei nada.



YERMA
De que?

MARIA
Do que tenho que fazer. Vou perguntá-lo a minha mãe.

YERMA
Para que? Já está velha e terá esquecido estas coisas. Não andes muito, e, quando respirares, respira de leve, como se tivesses uma rosa entre os dentes.

MARIA
Ouve: dizem que, mais para diante, empurra suavemente com as perninhas.

YERMA
E então é quando se lhe tem mais amor; quando já se diz: "meu filho!"

MARIA
No meio de tudo, tenho vergonha.

YERMA
Teu marido, que disse?

20

MARIA
Nada.

YERMA
Gosta muito de ti?

MARIA
Não me fala nisso, mas põe-se ao pé de mim e seus olhos tremem como duas fôlhas verdes,

YERMA
Ele sabia que tu...?

MARIA
Sabia.

YERMA
E como o sabia?

MARIA
Não sei. Mas na noite do nosso casamento me dizia tantas vezes isso, com a boca na minha face, que até me parece que o meu filho é um pombinho de luz que êle deixou escorregar pelo meu ouvido.

21



YERMA

Criatura feliz!

MARIA

Mas tu estás mais inteirada disto do que eu.

YERMA

De que me serve?

MARIA

É verdade. Por que será? De tôdas as noivas de teu tempo, és a única...

YERMA

Assim é. Claro que ainda é tempo. Helena levou três anos; e outras, antigas, do tempo de minha mãe, levaram muito mais. Mas dois anos e vinte dias, como eu, já é esperar demasiado. Acho que não é justo que me consuma aqui. Muitas noites saio descalça pelo pátio, para pisar a terra, não sei porquê. Se continuo assim, acabarei tornando-me má.

MARIA

Mas, criatura, vem cá: falas como se fosses uma velha. Que digo! Ninguém se pode queixar destas coisas. Uma irmã de minha

22

mãe teve-o depois de quatorze anos! ... e se visses que lindeza de criança!

YERMA (*com ansiedade.*)

Que fazia?

MARIA

Chorava como um tourinho, com a força de mil cigarras cantando ao mesmo tempo, e nos molhava, e nos puxava as tranças, e quando fêz quatro meses nos enchia a cara de arranhões.

YERMA (*rindo.*)

Mas essas coisas não doem.

MARIA

Eu sei!...

YERMA

Ora! Eu vi minha irmã dar de mamar ao filho com o peito cheio de grêtas e lhe produzia uma grande dor, mas era uma dor fresca, boa, necessária à saúde.

MARIA

Dizem que se sofre muito com os filhos.



YERMA

Mentira. Isso é o que dizem as mães fracas, queixosas. Para que os têm? Ter um filho não é ter um ramo de rosas. Precisamos sofrer, para vê-los crescer. Acho que nisso se vai metade do nosso sangue. Mas isso é bom, sadio, belo. Tôda mulher tem sangue para quatro ou cinco filhos, e quando os filhos não vêm, o sangue torna-se veneno, como me vai acontecer.

MARIA

Não sei o que tenho.

YERMA

Sempre ouvi dizer que, da primeira vez, as mulheres têm medo.

MARIA (*Tímida.*)

Vamos a ver... Como cozes bem...

YERMA (*apanhando o embrulho.*)

Dá cá. Cortarei duas roupinhas. E isto?

MARIA

São as fraldas.

24

YERMA

Está bem. (*Senta-se.*)

MARIA

Então... até logo. (*Aproxima-se e YERMA toma-lhe amorosamente o ventre nas mãos.*)

YERMA

Não corras pelas pedras da rua.

MARIA

Adeus. (*Beija-a e sai.*)

YERMA

Volta, assim que puderes. (*YERMA fica na mesma atitude do comêço. Apanha a tesoura e começa a cortar. Entra Victor.*) Olá, Victor.

VICTOR (*sério, de aspecto grave.*)

Por onde anda João?

YERMA

Pelo campo.



VICTOR

Que estás cosendo?

YERMA

Estou cortando umas fraldas.

VICTOR (*sorrindo.*)

Muito bem!

YERMA (*rindo.*)

Vou botar-lhes uma cercadura de renda.

VICTOR

Se fôr menina, dar-lhe-ás teu nome.

YERMA (*tremendo.*)

Como?...

VICTOR

Alegro-me por ti.

YERMA (*quase sufocada.*)

Não... não são para mim. São para o
filhinho de Maria.

26

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.O12/1.0-277

VICTOR

Bem, pois vamos a ver se, com o exemplo, te animas. Nesta casa faz falta uma criança.

YERMA (*com angústia.*)

Se faz!

VICTOR

Pois, para a frente! Dize a teu marido que pense menos no trabalho. Quer juntar dinheiro e há de juntá-lo, mas para quem o deixará, quando morrer? Eu me vou com as ovelhas. Dize a João que recolha as duas que me comprou. E quanto ao resto... É preciso lavar mais fundo! (*Vai-se embora sorrindo.*)

YERMA (*com paixão.*)

É isso! Lavar mais fundo! Pois, meu filho, dir-te-ei que sim, despedaçada me dou a ti.

Sofre a cintura que te ofereço
para ser teu primeiro berço!
Quando, meu filho, virás a mim?
"Quando teu corpo cheire a jasmim!"

27



(YERMA, que em atitude pensativa se levanta e corre para o lugar onde esteve Victor e respira, — fortemente como se aspirasse ar de montanha — vai depois para o outro lado da sala, como à procura de alguma coisa, e de lá volta e senta-se, e torna a pegar na costura. Começa a coser, e fica de olhos fitos num ponto.)

CORTINA

28

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.012L.p-278

t=154

SEGUNDO QUADRO

(Campo. Aparece YERMA. Traz uma cesta. Aparece a 1.ª Velha.)

YERMA

Bons dias.

1.ª VELHA

Bons os tenhas, formosa rapariga. De onde vens?

YERMA

Fui levar a comida a meu marido, que trabalha nos olivais.

1.ª VELHA

Já estás casada há muito tempo?

YERMA

Três anos.

29



1.ª VELHA

Tens filhos?

YERMA

Não.

1.ª VELHA

Ah! qualquer dia os terás!

YERMA (*ansiosa.*)

A senhora acha?

1.ª VELHA

Por que não? (*Senta-se.*) Eu também fui levar a comida a meu marido. Está velho. Ainda trabalha. Tenho nove filhos como nove sóis. Mas, como nenhum é mulher, aqui ando eu de um lado para outro.

YERMA

A senhora mora do outro lado do rio?

1.ª VELHA

Moro. Nos moinhos. E tu? De que família és?

30

BR DFANBSB NS.CPR.TEAPTE.0121,0.279

YERMA

Sou filha de Enrique, o pastor.

1.ª VELHA

Ah! Enrique, o pastor! Conheci-o. Boa gente. Levantar, suar, comer um bocado de pão e morrer. Nem divertimentos nem mais nada. As folgas, para outros. Criaturas de silêncio. Podia ter-me casado com um tio teu. Mas qual! Eu fui uma aloucada, que corri logo para a talhada de melão, a festa e a torta de açúcar. Muitas vezes assomei à porta, de madrugada, pensando ouvir música de bandurras que ia, que vinha, mas era o ar. (*Ri-se.*) Vais rir de mim. Tive dois maridos, quatorze filhos — cinco morreram — e no entanto não estou triste e queria viver muito mais. É o que digo. As figueiras como duram! As casas, como duram! E só nós, as endemoninhadas mulheres, com qualquer coisa, vivamos pó.

YERMA

Queria fazer-lhe uma pergunta.

1.ª VELHA

Que é? (*Mira-a.*) Já sei o que me vais perguntar. Dessas coisas não se pode falar nada. (*Levanta-se.*)

31



YERMA (*detendo-a.*)

Por que não? Enchi-me de confiança, ouvindo-a falar. Há tempos venho desejando conversar com mulher de idade. Porque preciso inteirar-me. Sim, a senhora me dirá...

1.ª VELHA

Direi o que?

YERMA (*baixando a voz.*)

O que a senhora sabe. Por que estou assim sêca? Hei de ficar em plena vida a cuidar de aves ou a botar cortininhas engomadas no meu postigo? Não. A senhora há de me dizer o que devo fazer, que farei seja o que fôr, ainda que me mande cravar agulhas no ponto mais delicado dos meus olhos.

1.ª VELHA

Eu? Mas eu não sei nada. Deitei-me de costas e comecei a cantar. Os filhos chegam como a água. Ai! quem pode dizer que não tens um corpo formoso? Pisas — e no fim da rua o cavalo relincha. Ai, deixa-me, rapariga, não me faças falar. Penso muitas idéias que não quero dizer.

32

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0121.p.280

YERMA

Por que não? Com meu marido não falo de outra coisa!

1.ª VELHA

Ouve: gostas de teu marido?

YERMA

Como?

1.ª VELHA

Gostas dêle? Desejas dar-te a êle?

YERMA

Não sei.

1.ª VELHA

Não tremes, quando se acerca de ti? Não te dá assim como um sono, quando acerca seus lábios? Dize-me.

YERMA

Não. Nunca o senti.

1.ª VELHA

Nunca? Nem quando bailavas...?

3



33

YERMA (*recordando.*)

Talvez... Um dia... Victor...

1.ª VELHA

Continua.

YERMA

Tomou-me pela cintura e não lhe pude dizer nada, porque não podia falar. De outra vez, o mesmo Victor, quando eu tinha quatorze anos (êle era um pastor e tanto), tomou-me nos braços para saltar um rêgo d'água, e deu-me um tremor que até se me ouviam bater os dentes. Mas é porque eu éra acanhada.

1.ª VELHA

E com teu marido?...

YERMA

Com meu marido é outra coisa. Foi-me dado por meu pai, e eu o aceitei. Com alegria. Esta é a pura verdade. Pois no primeiro dia do nosso noivado... já pensei... nos filhos... E mirava-me nos seus olhos. Sim, mas era para ver-me pequenina, mui maneirinha, como se eu mesma fôsse milha filha.

34

1.ª VELHA

Comigo foi tudo ao contrário. Talvez por isso não tiveste logo filhos. É preciso que os homens agradem. Hão de desfazer-nos as tranças e dar-nos de beber água em sua própria bôca. Assim anda o mundo.

YERMA

O teu: porque o meu, não. Eu penso muitas, muitas coisas, e estou certa de que meu filho realizará as coisas que penso. Por êle, entreguei-me a meu marido e continuo a entregar-me para ver se chega; mas nunca para divertir-me.

1.ª VELHA

E acontece que estás vazia!

YERMA

Não. — Vazia, não, porque me estou enchendo de ódio. Dize-me, é culpa minha? É preciso buscar no homem apenas o homem? nada mais? Então, que hás de pensar, quando te deixa na cama com os olhos tristes perdidos no espaço, e dá meia volta e adormece? Hei de ficar pensando nêle, ou no que pode



sair cintilando do meu peito? Eu não sei, — mas dize-me tu, por caridade! (*Ajoelha-se.*)

1.ª VELHA

Ai, que flor aberta! Que criatura tão formosa que és! Deixa-me. Não me faças falar mais. Não te quero falar mais. São assuntos de honra e eu não toco na honra de ninguém. Tu lá sabes. De qualquer modo, devias ser menos inocente.

YERMA (*triste.*)

As raparigas criadas no campo, como eu, encontram tôdas as portas fechadas. Tudo são meias-palavras, gestos, porque tôdas estas coisas dizem que não se podem saber. E tu também. Tu também te calas e te vais com ar de doutôra, sabendo tudo, mas negando-o a quem morre de sêde.

1.ª VELHA

Com outra mulher, com mulher serena — eu falaria. Contigo, não. Sou velha e sei o que digo.

YERMA

Então, que Deus me ampare!

36

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.01011 P.282

1.ª VELHA

Deus, não. A mim nunca me agradou Deus. Quando chegarás a entender que não existe? Os homens é que te devem amparar.

YERMA

Mas, por que me dizes isso? Por quê?

1.ª VELHA (*retirando-se.*)

Mas devia haver Deus, nem que fôsse pequenino, para desfechar raios contra os homens de semente podre que encharcam a alegria dos campos.

YERMA

Não sei o que me queres dizer.

1.ª VELHA

Bem, eu cá me entendo. Não te entristeças. Espera firme. Ainda és muito môça. Que queres que eu faça? (*Retira-se. Aparecem duas raparigas.*)

1.ª RAPARIGA

Por tôda parte vamos encontrando gente



YERMA

Com as fainas, os homens andam pelos olivais. É preciso levar-lhes de comer. Não ficam em casa senão os velhos.

2.ª RAPARIGA

Vais voltar para a aldeia?

YERMA

Para lá vou.

1.ª RAPARIGA

Tenho muita pressa. Deixei o menino dormindo e não está ninguém em casa.

YERMA

Pois avia-te, mulher. Os meninos não podem ficar sòzinhos. Há porcos, em tua casa?

1.ª RAPARIGA

Não. Mas tens razão. Vou depressa.

YERMA

Anda. É assim que acontecem as coisas. Com certeza o deixaste fechado?

38

1.ª RAPARIGA

Claro.

YERMA

Sim, mas é que não percebes o que é uma criança pequena. A coisa que nos parece mais inofensiva pode dar cabo dela. Uma agulhinha, um gole de água.

1.ª RAPARIGA

Tens razão. Vou correndo. É que não entendo bem dessas coisas.

YERMA

Anda.

2.ª RAPARIGA

Se tivesses quatro ou cinco, não farias assim.

YERMA

Por quê? Mesmo que tivesse quarenta.

2.ª RAPARIGA

Seja como fôr, tu e eu, sem êles, vivemos mais tranquilas.

39



YERMA

Eu, não.

2.ª RAPARIGA

Eu, sim. Que canseira! E minha mãe não faz outra coisa senão dar-me mezinhas para que os tenha; e em outubro iremos ao Santo que dizem que os dá a quem os pede com fervor. Minha mãe pedirá. Eu, não.

YERMA

Por que te casaste?

2.ª RAPARIGA

Porque me casaram. Tôdas nos casamos. A continuar assim, não sobram solteiras senão as meninas. Bem, e além disso... na verdade a gente se casa muito antes de ir à igreja. Mas as velhas se empenham em tôdas essas coisas. Eu tenho dezenove anos e não gosto de cozinhar nem de lavar. Bem, pois todo o dia hei de estar a fazer aquilo de que não gosto. E para quê? Que necessidade tem meu marido de ser meu marido? Porque no tempo de noivos fazíamos o mesmo que agora. Tolicice dos velhos.

YERMA

Cala-te, não digas essas coisas.

2.ª RAPARIGA

Também tu me chamarás louca, a louca! a louca! (*Ri-se.*) Posso dizer-te a única coisa que aprendi na vida: tôda a gente está metida dentro de casa fazendo aquilo de que não gosta. É muito melhor estar no meio da rua! Umás vêzes vou para o arroio, outras subo a tocar os sinos, outras tomo um refresco de anis.

YERMA

És uma criança.

2.ª RAPARIGA

Claro, mas não louca. (*Ri-se.*)

YERMA

Tua mãe mora na porta mais alta da aldeia?

2.ª RAPARIGA

Mora.

YERMA

Na ultima casa?



2.ª RAPARIGA

É.

YERMA

Como se chama?

2.ª RAPARIGA

Dolores. Por que perguntas?

YERMA

Por nada.

2.ª RAPARIGA

Por alguma coisa há de ser.

YERMA

Não sei. Falo por falar...

2.ª RAPARIGA

Vê lá... Olha, vou levar a comida a meu marido. *(Ri-se.)* Isso é o principal. Que pena não poder dizer "meu noivo", não é? *(Ri-se.)* Lá se vai a louca! *(Sai, rindo alegremente.)*
Adeus!

VOZ DE VICTOR *(cantando.)*

Por que dormes sozinho, pastor?
Por que dormes sozinho, pastor?
Melhor dormirias
no meu cobertor.
Por que dormes sozinho, pastor?

YERMA *(escutando.)*

Por que dormes sozinho, pastor?
melhor dormirias
no meu cobertor.
Tua colcha — pedra escura,
pastor,
tua camisa de geada,
pastor,
juncos cinzentos de inverno
na noite de tua cama.
Os robles soltam agulhas,
pastor,
onde pões tua almofada,
pastor,
e se ouves voz de mulher,
é a voz da água, entrecortada.
Pastor, pastor.
Que quer o monte de ti,
pastor?
Monte de ervas amargas,
que criança te está matando?



A giesta com seus espinhos.
com seus espinhos te mata!
(Faz menção de sair e esbarra
com Victor, que entra.)

VICTOR (alegre.)
Aonde vai essa formosura?

YERMA
Eras tu que cantavas?

VICTOR
Eu mesmo.

YERMA
Como cantas bem! Nunca te tinha ouvido.

VICTOR
Não?

YERMA
E que voz tão forte! Parece um jorro d'água que te enche a bôca tôda!

VICTOR
Sou alegre.

YERMA
É verdade.

VICTOR

Como tu és triste.

YERMA

Não sou triste. É que tenho motivos para estar assim.

VICTOR

E teu marido mais triste do que tu.

YERMA

Ele, sim, tem um temperamento sêco.

VICTOR

Sempre foi como agora. (Pausa.) YERMA está sentada.) Vieste trazer a comida?

YERMA

Vim. (Olha-o. Pausa.) Que tens aqui? (Aponta-lhe a cara.)

VICTOR

Onde?

YERMA (levanta-se e aproxima-se de Victor.)

Aqui... na face; parece uma quemadura.



VICTOR

Não é nada.

YERMA

Parecia-me. *(Pausa.)*

VICTOR

Deve ser o sol.

YERMA

Talvez... (Pausa. Acentua-se o silêncio, e, sem o menor gesto, começa uma luta entre os dois personagens.)

YERMA *(tremendo.)*

Estás ouvindo?

VICTOR

O que?

YERMA

Não sentes chorar?

VICTOR *(escutando.)*

Não.

46

YERMA

Pareceu-me que chorava uma criança.

VICTOR

Uma criança?

YERMA

Muito perto. E chorava como afogada.

VICTOR

Por aqui há sempre muitas crianças que vêm roubar frutas.

YERMA

Não. É a voz de uma criança pequena.
(Pausa.)

VICTOR

Não ouço nada.

YERMA

Serão ilusões minhas. *(Mira-o firmemente, e Victor também a mira e desvia o olhar lentamente, como com medo. Aparece João.)*

João

Que fazes aqui?



YERMA

Conversava.

VICTOR

Saúde! (*Sai.*)

João

Devias estar em casa.

YERMA

Fiquei entretida.

João

Não compreendo com que ficaste entretida.

YERMA

Ouvi cantar os pássaros.

João

Está bem. Assim darás que falar ao povo.

YERMA (*com força.*)

João, que estás pensando?

João

Não o digo por ti: digo-o pelo povo.

YERMA

Um raio que parta o povo!

João

Não praguejes! É feio, numa mulher.

YERMA

Oxalá fôsse eu uma mulher!

João

Vamos deixar de conversas. Vai para casa.
(*Pausa.*)

YERMA

Está bem. Posso esperar por ti?

João

Não. Passarei tôda a noite na rega. Vem pouca água; é minha, até o sair do sol; e tenho que defendê-la dos ladrões. Deita-te e dorme.

YERMA (*dramática.*)

Dormir! (*Sai.*)



SEGUNDO ATO

PRIMEIRO QUADRO

(Canto com a cortina corrida. Torrente onde lavam as mulheres da aldeia. As lavadeiras estão colocadas em diversos planos.)

Cantam:

No arroio frio,
lavo a tua faixa;
ardente jasmim
é tua risada.

1.^a LAVADEIRA

Eu cá não gosto de falar.

3.^a LAVADEIRA

Mas aqui se fala.

4.^a LAVADEIRA

E não há mal nisso.



5.ª LAVADEIRA

A que quiser ser honrada, faça por onde.

4.ª LAVADEIRA

Plantei um tomilho → *erva amarelha*
que se sabe
que se sabe

que crescendo vem.
Quem quer ser honrada,
que se porte bem.
(Riem-se.)

5.ª LAVADEIRA

É o que dizem.

1.ª LAVADEIRA

Mas nunca se sabe nada.

4.ª LAVADEIRA

O certo é que o marido levou as duas irmãs para morarem com eles.

5.ª LAVADEIRA

As solteironas?

4.ª LAVADEIRA

Elas mesmas. Estavam encarregadas de cuidar da igreja, e agora vão cuidar da cunhada. Eu não poderia viver com elas.

1.ª LAVADEIRA

Por quê?

4.ª LAVADEIRA

Porque metem mêdo. São como essas folhas grandes que nascem de repente em cima das sepulturas. Estão untadas com cêra. São viradas para dentro. Dão-me a impressão de fritarem a comida no óleo das lâmpadas.

3.ª LAVADEIRA

E já estão em casa?

4.ª LAVADEIRA

Desde ontem. O marido vai de nôvo trabalhar nas suas terras.

1.ª LAVADEIRA

Mas pode-se saber o que aconteceu?

5.ª LAVADEIRA

Passou a noite de anteontem sentada na soleira da porta, apesar do frio.

1.ª LAVADEIRA

Mas, por quê?



4.^a LAVADEIRA

Custa-lhe muito estar em casa.

5.^a LAVADEIRA

Essas machonas são assim. Preferem subir para o telhado ou andar descalças por esses rios, quando podiam estar em casa, fazendo renda ou compota de maçã.

1.^a LAVADEIRA

Quem és tu para dizeres essas coisas? Ela não tem filhos, mas não é culpa sua.

4.^a LAVADEIRA

Quem quer ter filhos, tem-nos. É que as mimosas, as preguiçosas, as melosas não são feitas para ter o ventre enrugado. (*Riem-se.*)

3.^a LAVADEIRA

E enchem-se de polvilhos e carmim e enfeitam-se com ramos de adelfa, à procura de outro que não seja o seu marido.

5.^a LAVADEIRA

Essa é que é a verdade.

1.^a LAVADEIRA

Mas vós a vistes com outro?

4.^a LAVADEIRA

Nós, não, mas o povo, sim.

1.^a LAVADEIRA

Sempre o povo!

5.^a LAVADEIRA

Dizem que por duas vêzes.

2.^a LAVADEIRA

E que faziam?

4.^a LAVADEIRA

Conversavam.

1.^a LAVADEIRA

Conversar não é pecado.

4.^a LAVADEIRA

Há uma coisa no mundo, que é o olhar.
Minha mãe já o dizia: não é o mesmo uma



mulher mirando rosas ou mirando as coxas de um homem. E ela o mira.

1.ª LAVADEIRA

Mas a quem?

4.ª LAVADEIRA

A alguém, estás ouvindo? Procura saber tu mesma. Queres que o diga mais alto? (*Risadas.*) E quando não o mira, porque está sôzinha, porque não o tem na sua frente, leva-o retratado nos olhos.

1.ª LAVADEIRA

Isso é mentira! (*Algazarra.*)

5.ª LAVADEIRA

E o marido?

3.ª LAVADEIRA

O marido está como surdo. Parado como um lagarto ao sol. (*Riem.*)

1.ª LAVADEIRA

Tudo isso endireitaria se tivessem filhos.

2.ª LAVADEIRA

Tudo isso são coisas de gente que não está conformada com a sua sorte.

4.ª LAVADEIRA

Cada hora que passa aumenta o inferno naquela casa. Ela e as cunhadas sem desprezarem os lábios, caíam todo o dia as paredes, esfregam as vasilhas de cobre, limpam com bafo os vidros, dão lustro ao chão; pois quanto mais brilha a casa, mais arde por dentro.

1.ª LAVADEIRA

A culpa é dêle; dêle: quando um pai não dá filhos, deve cuidar de sua mulher.

4.ª LAVADEIRA

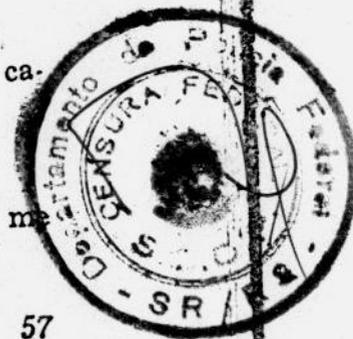
A culpa é dela que tem uma língua dura como um pedernal.

1.ª LAVADEIRA

Que demônio se meteu entre os seus cabelos, para falares assim?

4.ª LAVADEIRA

E quem deu licença à tua boca para me dar conselhos?



2.ª LAVADEIRA

Calar!

1.ª LAVADEIRA

Com uma agulha de fazer meia, gostaria
de traspasar as línguas murmuradoras...

2.ª LAVADEIRA

Cala-te!

4.ª LAVADEIRA

E eu, a tampa do peito das fingidas.

2.ª LAVADEIRA

Silêncio. Não vês que ali vêm as cunha-
das?

*(Murmúrios. Entram as duas cunhadas
de YERMA, vestidas de luto. Põe-se a lavar,
em meio ao silêncio. Ouvem-se cincerros.)*

1.ª LAVADEIRA

Já se vão os pastôres?

3.ª LAVADEIRA

É, agora partem todos os rebanhos.

58

4.ª LAVADEIRA (*aspirando o ar.*)

Gosto do cheiro das ovelhas.

3.ª LAVADEIRA

Gostas?

4.ª LAVADEIRA

E por que não? Cheiro do que se tem.
Como gosto do cheiro do lodo vermelho que
o rio arrasta no inverno.

3.ª LAVADEIRA

Caprichos.

5.ª LAVADEIRA (*olhando.*)

Vão juntos, todos os rebanhos.

4.ª LAVADEIRA

É uma inundação de lã. Arrasam tudo.
Se os trigos verdes tivessem cabeça, trem-
riam, vendo-os chegar.

3.ª LAVADEIRA

Olha como correm! Que manada de ini-
migos!



1.^a LAVADEIRA

Já partiram todos. Não falta nenhum.

4.^a LAVADEIRA

Deixa ver... Não... Sim, sim... falta um.

5.^a LAVADEIRA

Qual?

4.^a LAVADEIRA

O de Victor.

(As duas cunhadas se levantam e olham.)

No arroio frio,
lavo a tua faixa.
Ardente jasmim
é tua risada.
Quero sôbre mim
a leve nevada
dêsse jasmim.

1.^a LAVADEIRA

Ai da casada sêca!
Ai da que tem os peitos de areia!

5.^a LAVADEIRA

Dize-me se teu marido
de amor te lavra,

para que em tuas roupas
cantem as águas.

4.^a LAVADEIRA

É tua camisa
nave de prata, e o vento
em tórno a alisa.

1.^a LAVADEIRA

As roupas de meu filho
venho lavar,
para ensinar às águas
lições de cristal.

2.^a LAVADEIRA

Vem chegando pelo monte
meu marido. Vem comer.
Ele me traz uma rosa
e eu lhe dou três.

5.^a LAVADEIRA

Pelo vale vem chegando
meu marido. Vem jantar.
as brasas que me entrega
de murta as vou cercar.



4.ª LAVADEIRA

Pelos ares vem chegando
meu marido. Vem dormir.
Eu, aleli vermelho:
êe vermelho aleli.

1.ª LAVADEIRA

É juntar flor com flor
quando o verão seca o sangue
ao segador!

4.ª LAVADEIRA

E abrir o ventre a pássaros sem sono,
quando a tremer o inverno vem ao nos-
[so encontro.

1.ª LAVADEIRA

E gemer entre os lençóis.

4.ª LAVADEIRA

E cantar!

5.ª LAVADEIRA

Quando a coroa e o trigo
o homem nos traz.

4.ª LAVADEIRA

Porque os braços se enlaçam.

2.ª LAVADEIRA

Porque a luz se nos quebra na garganta.

4.ª LAVADEIRA

Porque o talo das ramas se quebranta.

1.ª LAVADEIRA

E as tendas do vento cobrem as monta-
[nhas.

6.ª LAVADEIRA (*aparecendo no alto da
torrente.*)

Para que um menino quebre
os rijos vidros da aurora.

1.ª LAVADEIRA

E há pelo nosso corpo
ramas furiosas de coral.

6.ª LAVADEIRA

Para haver remadores
pelas aguas do mar.



1.ª LAVADEIRA

Um meninozinho, um menino.

2.ª LAVADEIRA

E as pombas abrem as asas e o bico.

3.ª LAVADEIRA

Um menino que chora, um filho.

4.ª LAVADEIRA

E os homens avançam
como cervos feridos.

5.ª LAVADEIRA

Alegria, alegria, alegria!
do ventre redondo dentro da camisa!

2.ª LAVADEIRA

Alegria, alegria, alegria!
umbigo, cálice frágil de bonina!

1.ª LAVADEIRA

Mas ai da casada sêca!
ai da que tem os peitos de areia!

3.ª LAVADEIRA

Que brilhel

64

4.ª LAVADEIRA

Que corra!

5.ª LAVADEIRA

Que torne a brilhar!

1.ª LAVADEIRA

Que cante!

2.ª LAVADEIRA

Que se esconda!

1.ª LAVADEIRA

E que torne a cantar!

6.ª LAVADEIRA

A aurora que o meu menino
leva no avental.

2.ª LAVADEIRA (*cantam, tôdas em côro.*)

No arroio frio
lavo a tua faixa.

65



Ardente jasmim
é tua risada.
ah! ah! ah! ah!

(Movem com ritmo e batem a roupa que lavam.)

CORTINA

SEGUNDO QUADRO

(Casa de YERMA. Entardece. João está sentado. As duas cunhadas de pé.)

João

Dizes que saiu há pouco? *(A irmã mais velha responde com a cabeça.)* Deve estar na fonte. Mas já sabeis que não me agrada que saia só. *(Pausa.)* Podes pôr a mesa. *(Aparece a irmã mais moça.)* Bem ganho é o pão que como. *(À irmã.)* Ontem passei um dia duro. Estive podando as macieiras e ao cair da tarde me pus a pensar: para que poria tanto empenho na faina, se não posso levar uma maçã à boca? Estou farto *(Passa a mão pela cara. Pausa.)* Não vem... Uma de vós devia sair com ela, pois para isso estais aqui, comendo à minha mesa e bebendo do meu vinho. Minha vida está no campo, mas a minha honra está aqui. E a minha honra tam-



bém é vossa. *(A irmã inclina a cabeça.)* Não o levas a mal.

(Entra YERMA com dois cântaros. Fica parada à porta.)

Vens da fonte?

YERMA

Para têmos água fresca ao jantar. *(Entrega a outra irmã.)* Como estão as terras?

João

Ontem andei a podar as árvores.

(YERMA deixa os cântaros. Pausa.)

YERMA

Vais ficar?

João

Tenho de tratar do gado. Sabes que isso são coisas do dono.

YERMA

Bem sei. Não mo repitas.

João

Cada homem tem sua vida.

YERMA

E cada mulher a sua. Não te peço que fiques. Aqui tenho tudo o que necessito. Tuas irmãs me guardam bem. Aqui tenho pão mole e requeijão e cordeiro assado: e teu gado, no monte, tem pasto cheio de orvalho. Creio que podes viver em paz.

João

Para viver em paz, precisa-se estar tranqüilo.

YERMA

E tu não estás?

João

Não estou.

YERMA

Deixa disso.

João

Não conheces minha maneira de ser? As ovelhas no redil e as mulheres em sua casa



Tu sais muito. Não me tens ouvido sempre dizer isso?

YERMA

É certo. As mulheres dentro de suas casas. Quando as casas não são tumbas. Quando as cadeiras se quebram e os lençóis de linho se gastam com o uso. Mas aqui, não. Todas as noites, quando me deito, encontro a minha cama ainda mais nova, mais reluzente, como se acabasse de ser trazida da cidade.

João

Tu mesma reconheces que tenho razão de queixar-me. Que tenho motivos para estar alerta.

YERMA

Alerta? Por quê? Em nada te ofendo. Vivo submissa a ti, e o que sofro, guardo pregado à minha carne. E cada dia que passa será pior. Não falemos nisso. Saberei levar a minha cruz como melhor puder, mas não me perguntes nada. Se pudesse, de repente, ficar velha e ter a boca como uma flor esmagada, poderia sorrir e ir levando a vida contigo. Agora, agora — deixa-me com os pregos da minha cruz.

70

João

Falas de um modo que não te entendo. Não te privo de nada. Mando buscar às aldeias vizinhas as coisas de que gostas. Eu tenho os meus defeitos, mas quero ter paz e sossêgo, contigo. Quero dormir fora e pensar que estás dormindo também.

YERMA

Mas eu não durmo, eu não posso dormir.

João

Falta-te alguma coisa? Dize-me. Responde!

YERMA (*Com intenção e fitando firmemente o marido.*)

Sim, falta-me. (*Pausa.*)

João

Sempre a mesma coisa. Já faz mais de cinco anos. Já estou quase esquecendo.

YERMA

Mas tu és tu, e eu sou eu. Os homens têm outra vida; o gado, as árvores, as



versas; e nós mulheres, não temos mais que a cria e o cuidado da cria.

João

Nem todos são iguais. Por que não trazes um filho de teu irmão para criar? Eu não me oponho.

YERMA

Não quero cuidar de filhos dos outros. Imagino que se me vão gelar os braços, de sustê-los.

João

Por causa disso vives aloucada, sem pensar no que devias, e empenhada em dar com a cabeça numa pedra.

YERMA

Pedra que é uma infâmia que seja pedra, porque devia ser uma cesta de flôres e água fresca.

João

Estando a teu lado, não se sente senão inquietude, desassossêgo. Em último caso, deves resignar-te.

72

YERMA

Eu vim ter entre estas quatro paredes para não me resignar. Quando tiver a cabeça atada com um lenço, para que não se me abra a bôca, e as mãos bem amarradas dentro do ataúde, nessa hora estarei resignada.

João

Então, que queres fazer?

YERMA

Quero beber água e não há copo nem água; quero subir no monte e não tenho pés; quero bordar as minhas anáguas e não encontro os fios.

João

O que se passa é que não és uma mulher verdadeira, e buscas a ruína de um homem sem vontade.

YERMA

Não sei quem sou. Deixa-me andar e desafogar. Nunca te faltei em nada.



João

Não gosto que o povo me aponte. Por isso, quero ver fechada esta porta, e cada um na sua casa.

(Entra a primeira irmã, lentamente, e aproxima-se de um armário.)

YERMA

Falar com as pessoas não é pecado.

João

Mas pode parecer.

(Entra a outra irmã, e dirige-se aos cantaros, nos quais enche uma jarra.)

João *(baixando a voz.)*

Eu não tenho força para estas coisas. Quando vierem conversar contigo, fecha a boca; e lembra-te de que és uma mulher casada.

YERMA *(com assombro.)*

Casada!

João

E que as famílias têm honra, e a honra é uma carga que todos carregam juntos.

74

(Aparece a irmã com a jarra, lentamente.) Mas que está escondida e fraca nos próprios canos do sangue. *(Aparece a outra irmã carregando uma terrina de modo quase procesional. Pausa.)* Perdoa-me. *(YERMA contempla o marido. Este, ao levantar a cabeça, encontra o seu olhar.)* Embora me fites de um modo que não te devia dizer — perdoa-me!, mas sim forçar-te, encerrar-te — porque para isso sou o marido. *(Aparecem as duas irmãs à porta.)*

YERMA

Rogo-te que não fales. Deixa parada a questão. *(Pausa.)*

João

Vamos comer. *(Entram as irmãs.)* Ouviste?

YERMA *(suave.)*

Come tu, com tuas irmãs. Eu ainda não tenho fome.

João

Como quiseres. *(Sai.)*



YERMA (*Como sonhando.*)

Ai, que prado de mágoa!
Ai, que porta fechada à formosura!
desejo a dôr de ter um filho, e os ares
me estendem dáliaş de dormente lua.
Êstes dois mananciais que em mim pal-
[pitam,

Com leite môrno, são, pela espessura
da minha carne, pulsos de cavalo,
os ramos sacudindo à minha angústia.
Ai, peitos cegos sob o meu vestido!
Ai, pombas vãs, sem olhos nem brancura!
Ai, que aflição de sangue prisioneiro
me está cravando de vespas a nuca!
Mas tu hás de chegar, amor, meu filho,
porque as águas dão sal; a terra, fruta;
e o nosso ventre guarda tenros filhos
como as nuvens carregam doce chuva.

(*Olha para a porta.*)

Maria! por que passas tão depressa pela
minha porta?

MARIA (*entra com uma criança nos braços.*)

Faço isso quando vou com o menino...
já que sempre choras!

YERMA

Tens razão. (*Pega o menino e senta-se.*)

MARIA

Entristece-me que tenhas inveja.

YERMA

Não é inveja que tenho: é pobreza.

MARIA

Não te queixes.

YERMA

Como não me hei de queixar, quando te
vejo a ti e a outras mulheres cheias de flô-
res por dentro e me vejo tão inútil em meio
a tanta formosura?

MARIA

Mas tens outras coisas. Se me ouvisses,
poderias ser feliz.

YERMA

A mulher do campo que não dá filhos e
inútil como um punhado de espinhos, e até
má — embora eu seja dêsse refugo despreza-
do pela mão de Deus.



MARIA (*faz um gesto, como para tomar a criança.*)

YERMA

Toma-o. Contigo está mais a gosto. Eu não devo ter mãos de mãe.

MARIA

Por que me dizes isso?

YERMA (*levantando-se.*)

Porque estou farta. Porque estou farta de tê-las e não as poder empregar em coisa própria. Pois estou ofendida. Ofendida e rebaixada até as últimas, vendo que os trigos apontam, que as fontes não cessam de dar água, e as ovelhas parem centos de cordeiros, e as cadelas, — e que parece que todo o campo, de pé, me mostra suas crias tenras e adormecidas, enquanto eu sinto dois golpes de martelo, aqui, em lugar da boca de meu filho.

MARIA

Não me agrada o que dizes.

YERMA

Vós, as que tendes filhos, não podeis pensar nas que não os temos. Permaneceis sere-

nas, ignorantes, como o que nada em água doce não faz idéia da sede.

MARIA

Não te quero dizer o que te digo sempre.

YERMA

Cada vez tenho mais desejos e menos esperanças.

MARIA

Isso é ruim.

YERMA

Acabarei acreditando que eu mesma sou meu filho. Muitas noites desço a dar de comer aos bois, o que antes não fazia, — porque mulher nenhuma o faz — e quando passo pela sombra do alpendre, meus passos me parecem passos de homem.

MARIA

Cada um tem suas razões.

YERMA

Apesar de tudo, continua a querer-me. Podes imaginar como vivo?



MARIA

E tuas cunhadas?

YERMA

Morta me veja. e sem mortalha, se alguma vez falar com elas.

MARIA

E teu marido?

YERMA

São três contra mim.

MARIA

Que pensam?

YERMA

Invenções de gente que não tem consciência tranqüila. Crêem que posso gostar de outro homem e não sabem que, ainda que gostasse, o primeiro ponto da minha casta é a honradez. São pedras na minha frente. Mas o que não sabem é que eu, se quiser, posso ser água de arroio que as leve. *(Uma irmã entra e volta levando um pão.)*

80

MARIA

De qualquer maneira, creio que teu marido continua a querer-te.

YERMA

Meu marido me dá pão e casa.

MARIA

Que trabalhos estás passando! Que trabalhos! Mas lembra-te das chagas de Nesso Senhor. *(Estão à porta.)*

YERMA *(mirando o menino.)*

Já acordou.

MARIA

Daqui a pouco começará a cantar.

YERMA

Tem os teus olhos, sabias?. Já os viste? *(Chorando.)* Tem os olhos iguais aos teus!

(YERMA suavemente empurra Maria, que sai silenciosa. YERMA dirige-se à porta por onde entrou o marido.)



2.ª RAPARIGA

Psiu.

YERMA (*voltando-se.*)

Que é?

2.ª RAPARIGA

Esperei que saísse. Minha mãe está à tua espera.

YERMA

Está só?

2.ª RAPARIGA

Com duas vizinhas.

YERMA

Dize-lhes que esperem um pouco.

2.ª RAPARIGA

Mas sempre vais? Não te dá medo?

YERMA

Irei.

82

2.ª RAPARIGA

Anda lá!

YERMA

Que me esperem, embora seja tarde.
(*Entra Victor.*)

VICTOR

João está?

YERMA

Está.

2.ª RAPARIGA (*cúmplice.*)

Então, logo trarei a blusa.

YERMA

Quando quiseres. (*Sai a rapariga.*) Sen-
ta-te.

VICTOR

Estou bem assim.

YERMA (*chamando.*)

João!



83

VICTOR

Venho despedir-me. (*Estremece levemente, mas logo torna a serenar.*)

YERMA

Vais com teus irmãos?

VICTOR

Assim o quer meu pai.

YERMA

Já deve estar velho.

VICTOR

Está: muito velho. (*Pausa.*)

YERMA

Fazes bem em mudar de campo.

VICTOR

Todos os campos são iguais.

YERMA

Não. Eu iria para muito longe.

VICTOR

Tudo é o mesmo. As mesmas ovelhas têm a mesma lã.

YERMA

Para os homens, sim; mas nós mulheres, somos outra coisa. Nunca ouvi dizer a um homem, comendo: como são boas estas maçãs! Ides ao que é vosso, sem reparardes nas delicadezas. Por mim, posso dizer: detesto a água destes poços.

VICTOR

Pode ser. (*A cena está numa suave penumbra.*)

YERMA

Victor.

VICTOR

Fala.

YERMA

Por que te vais? Aqui, as pessoas te rem.

VICTOR

Portei-me bem. (*Pausa.*)



YERMA

Portaste-te bem. Quando eras rapazote, levaste-me uma vez nos braços, não te lembras? Nunca se sabe o que vai acontecer.

VICTOR

Tudo muda.

YERMA

Algumas coisas não mudam. Há coisas fechadas dentro de paredes, que não podem mudar porque ninguém as ouve.

VICTOR

Assim é.

(Aparece a 2.a irmã e dirige-se lentamente para a porta, onde fica, firme, iluminada pela última claridade da tarde.)

YERMA

Mas se saíssem de repente, e gritassem, encheriam o mundo.

VICTOR

Não adiantaria nada. A acéquia em seu lugar, o rebanho no redil, a lua no céu e o homem com seu arado.

86

YERMA

Que imensa pena, não poder sentir os sentimentos dos velhos! *(Ouve-se o longo e melancólico som dos búzios dos pastôres.)*

VICTOR

Os rebanhos.

João *(Entra.)*

Já estás de partida?

VICTOR

E quero passar o pôrto antes do amanhecer.

João

Levas alguma queixa de mim?

VICTOR

Não. Foste bom pagador.

João *(a YERMA)*

Comprei-lhe os rebanhos.

YERMA

É?



VICTOR (a YERMA)

São teus.

YERMA

Não sabia.

João (*Satisfeito.*)

Pois é.

VICTOR

Teu marido há de ver sua fazenda repleta.

YERMA

O fruto vem às mãos do trabalhador que o procura. (*A irmã que está à porta, vem para dentro.*)

João

Já não temos onde meter tantas ovelhas.

YERMA (*Sombria.*)

A terra é grande. (*Pausa.*)

João

Iremos juntos até o arroio.

VICTOR

Desejo a esta casa a maior felicidade.
(*Dá a mão a YERMA.*)

YERMA

Deus te ouça! Saúde!

(*Victor deixa-o passar e, a um movimento imperceptível de YERMA, volta-se.*)

VICTOR

Dizias alguma coisa?

YERMA (*Drástica.*)

Disse-te "Saúde"!

VICTOR

Obrigado.

(*Saem. YERMA continua imóvel, angustiada, mirando a mão que deu a Victor. Dirige-se rapidamente para a esquerda e apanha um xale.*)

2.ª RAPARIGA (*em silêncio, tapando-lhe a cabeça.*)

Vamos.



YERMA

Vamos. *(Saem sigilosamente.)*

(A cena está quase na escuridão. Entra a irmã mais velha com uma candeia que não deve dar ao teatro luz nenhuma senão a natural que leva. Dirige-se ao fim da cena, buscando YERMA. Soam os búzios dos rebanhos.)

1.ª CUNHADA *(em voz baixa.)*

Yerma!

(Entra a segunda cunhada. Miram-se as duas e dirigem-se para a porta.)

2.ª CUNHADA *(mais alto.)*

Yerma!

1.ª CUNHADA *(dirigindo-se à porta e com voz imperiosa.)*

Yerma!

(Ouvem-se os búzios e as cornetas dos pastôres. A cena está escuríssima.)

FIM DO SEGUNDO ATO.

90

TERCEIRO ATO

PRIMEIRO QUADRO

(Casa de Dolores, a rezadeira. Vai amanhecendo. Entra YERMA com Dolores e duas Velhas.)

DOLORES

Foste corajosa.

1.ª VELHA

Não há nada no mundo como a força do desejo.

2.ª VELHA

Mas o cemitério estava escuro demais.

DOLORES

Muitas vezes tenho feito estas orações no cemitério com mulheres que ansiavam por



crianças, e tôdas tiveram mêdo. Tôdas, menos tu.

YERMA

Eu vim pelo resultado. Creio que não és mulher de enganar.

DOLORES

Não sou, não. Que se me encha a língua de formigas, como a bôca dos mortos, se alguma vez menti. A última vez fiz a reza com uma mendiga que estêve sêca mais tempo do que tu. E de maneira tão formosa se lhe adoçou o ventre que teve duas crianças ali em baixo, no rio, porque nem lhe dava tempo de chegar ao povoado. E ela mesma as trouxe, num pano, para que eu as arranjasse.

YERMA

E pôde vir andando lá do rio?

DOLORES

Veio. Com os sapatos e as anáguas empapadas de sangue... mas com a cara rebrilhante.

YERMA

E não lhe aconteceu nada?

DOLORES

Que havia de acontecer? Deus é Deus.

YERMA

Naturalmente. Deus é Deus. Não lhe podia acontecer nada. Só agarrar as criancinhas e lavá-las com água viva. Os animais as lambem, não é? Eu não tenho nojo de meu filho. Imagino que as recém-paridas estão como iluminadas por dentro, — e as crianças dormem horas e horas em cima delas ouvindo esse arroio de leite morno que lhes vai enchendo os peitos, para que mamem, para que brinquem, até não quererem mais; até retirarem a cabeça: "Um pouquinho mais, menino..." — e ficaram com a cara e o peito cheios de gôtas brancas.

DOLORES

Agora terás um filho. Podes ter certeza.

YERMA

Hei de tê-lo, por fôrça. Ou não entendo o mundo. As vêzes, quando já estou certa de que nunca, nunca... sobe-me, como uma onda de fogo pelos pés, e ficam vazias, para



mim, tôdas as coisas, e os homens que andam pela rua, e os touros e as pedras me parecem assim como coisas de algodão. E pergunto a mim mesma para que estarão postos ali?

1.ª VELHA

É bom que uma casada queira filhos; mas, se os não tem, por que essa ânsia de tê-los? O importante, neste mundo, é deixar-se levar pelo tempo. Não te critico. Já viste como ajudei nas rezas. Mas que várzea esperas dar a teu filho, ou que felicidade, ou que cadeira de prata?

YERMA

Eu não penso no amanhã; penso no hoje. Tu estás velha, e já vês tudo como um livro lido. Eu penso que tenho sede e não tenho liberdade. Eu quero ter meu filho nos braços, para dormir tranqüila; e, ouve-me bem e não te espantes do que digo: embora soubesse que meu filho me iria martirizar depois, e me iria odiar, e me iria arrastar pelos cabelos pelas ruas, receberia com gosto o seu nascimento, porque é muito melhor chorar por um homem vivo que nos apuphala do que chorar por este

fantasma sentado anos e anos em cima do meu coração.

1.ª VELHA

És muito nova para ouvires conselhos. Mas, enquanto esperas a graça de Deus, deves amparar-te no amor de teu marido.

YERMA

Ai! puseste o dedo na chaga mais funda que há na minha carne.

DOLORES

Teu marido é bom.

YERMA (levantando-se.)

É bom! É bom! E depois? Oxalá fôsse mau. Mas não. Ele vai com suas ovelhas por seu caminho, e de noite conta o dinheiro. Quando nos juntamos, cumpre o seu dever, mas reparo que é frio como se tivesse o corpo morto; e eu, que sempre tive asco de mulheres ardentes, queria ser naquele instante como uma montanha de fogo.

DOLORES

Yerma!



YERMA

Não sou uma casada indecente, mas sei que os filhos nascem do homem e da mulher. Ai, se os pudesse ter sòzinha!

DOLORES

Pensa que teu marido também sofre.

YERMA

Não sofre, não. O que acontece é que êle não deseja filhos.

1.ª VELHA

Não digas isso!

YERMA

Vejo-lhe isso nos olhos. E, como os não deseja, não mos dá. Não o quero, não o quero, e, no entanto, é a minha única salvação. Por honra e por casta. Minha única salvação.

1.ª VELHA (com medo.)

Vai começar a amanhecer. Deves ir para casa.

96

DOLORES

Não tardam a sair os rebanhos e não convém que te vejam sòzinha.

YERMA

Necessitava dêste desabafo. Quantas vèzes devo repetir as orações?

DOLORES

A do loureiro, duas vèzes; e, ao meio-dia, a oração de Santana. Quando te sentires prene, trazes a fanga de trigo que me prometeste.

1.ª VELHA

Por cima dos montes já começa a clarear. Vai-te embora.

DOLORES

Como daqui a pouco começarão a abrir os portões, vai fazendo um rodeio pela esquerda.

YERMA (com desalento.)

Não sei porque vim!



DOLORES

Estás arrependida?

YERMA

Não!

DOLORES *(Perturbada.)*

Se tens mêdo, acompanho-te até à esquina..

1.ª VELHA *(com inquietação.)*

Já será dia claro, quando chegares à tua porta.

(Ouvem-se vozes.)

DOLORES

Cala-te! *(Escutam.)*

1.ª VELHA

Não é ninguém. Vai com Deus.

(YERMA dirige-se para a porta, e nesse momento chamam-na. As três mulheres ficam paradas.)

DOLORES

Quem é?

98

Voz

Sou eu.

YERMA

Abre. *(Dolores duvida.)* Abres ou não?

(Ouvem-se murmúrios. Aparece João com as duas cunhadas.)

2.ª CUNHADA

Aqui está.

YERMA

Aqui estou.

João

Que fazes neste lugar? Se pudesse gritar, levantaria tôda a aldeia, para que vissem por onde anda a honra da minha casa; mas hei de afogar tudo, e calar-me porque és minha mulher.

YERMA

Se pudesse gritar, também gritaria, para que se levantassem até os mortos e vissem esta limpeza que me cobre.

99



João

Não, isso não. Agüento tudo, menos isso. Tu me enganas, me enredas, e como sou um homem que trabalha a terra, não tenho cabeça para as tuas astúcias.

DOLORES

João!

João

Calai-vos! Nem uma palavra!

DOLORES (forte.)

Tua mulher não fêz nada de mal.

João

Desde o próprio dia da boda que o está fazendo. Mirando-me com duas agulhas, passando as noites em claro, com os olhos abertos, a meu lado, e enchendo de maus suspiros os meus travesseiros.

YERMA

Cala-te!

João

E eu não posso mais. Porque é preciso ser de bronze para ver-se ao lado uma mulher que te quer enterrar os dedos no coração; e que de noite sai de sua casa, em busca de quê? Dize-me! Procurando o quê? As ruas estão cheias de machos. Nas ruas não há flores para cortar.

YERMA

Não te deixo falar nem mais uma palavra. Nem mais uma. Imaginas tu, e tua gente, que sois os únicos a guardar honra; e não sabes que a minha casta não teve nunca nada que ocultar. Anda. Chega perto de mim e cheira os meus vestidos: vem! vê se encontras um cheiro que não seja o teu, que não seja o do teu corpo. Põe-me nua no meio da praça e cospe-me. Faze comigo o que quiseres, já que sou tua mulher; mas livra-te de pôr nome de homem em cima dos meus peitos!

João

Não sou eu quem o põe: és tu, com a tua conduta. E o povo começa a dizê-lo. Começa a dizê-lo claramente. Quando chego a uma roda, todos se calam; quando vou pesár a rinha, todos se calam; e até de noite, no cam...



po, quando desperto, parece-me que também se calam as ramas das árvores.

YERMA

Não sei como se levantam os maus ventos que revolvem o trigo! E dize-me se o trigo não é bom!

João

E eu não sei o que busca uma mulher a tôda hora fora de casa.

YERMA (*Num arranco, abraçando-se ao marido.*)

Busco-te a ti. Busco-te a ti, — é a ti que busco dia e noite, sem encontrar sombra onde respirar. É teu sangue e teu amparo o que desejo.

João

Afasta-te!

YERMA

Não me afastes, e une ao meu o teu querer!

João

Deixa-te dissol

YERMA

Olha que fico só. Como se a lua se procurasse a si mesma pelo céu. Olha-me! (*Fita-o.*)

João (*Fita-a e afasta-a bruscamente.*)

Deixa-me de uma vez!

DOLORES

João!

(YERMA *cai no chão.*)

YERMA (*alto.*)

Quando saía a procurar meus cravos, tropecei na parede. Ai, ai, é nessa parede que tenho de rebentar a minha cabeça.

João

Cala-te. Vamos.

DOLORES

Deus meu!

YERMA (*aos gritos.*)

Maldito seja meu pai, que me deixou seu sangue de pai de cem filhos! Maldito seja



meu sangue que os busca aos trancos pelas paredes!

João

Cala-te, já disse!

DOLORES

Vem gente! Fala baixo.

YERMA

Não me importa. Deixem-me livre ao menos a voz, agora que vou entrando no mais escuro do poço. (*Levanta-se.*) Deixem que do meu corpo saia ao menos essa coisa bela — e que encha os ares! (*Ouvem-se vozes.*)

DOLORES

Vão passar por aqui.

João

Silêncio.

YERMA

Isso! Isso! Silêncio. Não te preocupes.

João

Vamos. Depressa!

YERMA

É assim! É assim! E é inútil retorcer as mãos! Uma coisa é querer com a cabeça...

João

Cala-te!

YERMA (*baixo.*)

Uma coisa é querer com a cabeça, e outra coisa é que o corpo — maldito seja o corpo! — não nos responda. Está escrito e não me vou pôr a lutar braço a braço com os mares. É assim! Muda fique a minha bôca!
(*Sai.*)

CORTINA RÁPIDA



SEGUNDO QUADRO

(Arredores de uma ermida, em plena montanha. No primeiro plano, umas rodas de carro e umas mantas, formando uma tenda rústica onde está YERMA. Entram as mulheres com oferendas para a ermida. Vêm descalças. Na cena está a Velha alegre do 1.º Ato.)

ca pela
Yerma
do 1.º ato

(Canto com a cortina corrida.)

Não te pude ver,
quando eras solteira,
mas já casada
te encontrarei.
Casada e romeira,
te despirei,
quando pelo escuro
meia-noite dê.

VELHA (Com malícia.)

Ja bebeste a água santa?



1.ª MULHER

Já.

VELHA

E agora vindes vê-lo.

1.ª MULHER

Acreditamos nêle.

VELHA

Vindes pedir filhos ao Santo; e acontece que cada ano vêm mais homens sòzinhos a esta romaria. Que se passará? (*Ri-se.*)

1.ª MULHER

Por que vens aqui, se não crês?

VELHA

Venho ver. Fico louca para ver. E para tratar de meu filho. O ano passado mataram-se dois homens por uma casada sêca e quero vigiar. E, por fim, venho porque me dá na veneta.

1.ª MULHER

Deus te perdoe. (*Entram.*)

108

VELHA (*com sarcasmo.*)

Que te perdoe a ti. (*Vai-se embora. Entra Maria com a 1.ª Rapariga.*)

1.ª RAPARIGA

E veio?

MARIA

Ali tens o carro. Muito me custou trazê-los. Ela estêve um mês sem se levantar da cadeira. Tenho mêdo dela. Anda com uma idéia que não sei qual é, mas já se vê que é uma idéia ruim.

1.ª RAPARIGA

Cheguei com minha irmã. Há oito anos que vem, sem resultado.

MARIA

Tem filhos a que tem que os ter.

1.ª RAPARIGA

É o que eu digo. (*Ouvem-se vozes.*)

MARIA

Nunca me agradou esta romaria. Vamos às eiras, que é onde está o povo.



1.ª RAPARIGA

No ano passado, quando escureceu, uns rapazes atenazaram com as mãos os peitos da minha irmã.

MARIA

Por quatro léguas em redor não se ouvem senão palavras terríveis.

1.ª RAPARIGA

Vi mais de quarenta tonéis de vinho nos fundos da ermida.

MARIA

Um rio de homens sòzinhos desce por estas serras.

(Saem. Ouvem-se vozes. Entra YERMA com seis mulheres que vão à igreja. Vão descalças e levam círios torcidos. Começa a anoitecer.)

MARIA

Senhor, que a rosa floresça!
Não fique na sombra prêsa.

2.ª MULHER

Nesse corpo que se engelha,
floresça a rosa amarela!

MARIA

No ventre das tuas servas,
a chama escura da terra.

CÔRO DE MULHERES

Senhor, que a rosa floresça!
Não fique na sombra prêsa.

(Ajoelham-se.)

YERMA

O céu tem os seus jardins
com roseiras de alegria;
entre roseira e roseira,
a rosa da maravilha.
Raio de aurora parece,
e há um arcanjo que a vigia;
as asas, como tormentas,
os olhos, como agonias.
Em redor de suas fôlhas,
arrosios de leite brincam,
tépidos, molhando a cara
das estrelinhas tranqüilas.



Senhor, abre um roseiral
nesta murcha carne minha.

(Levantam-se.)

2.^a MULHER

Senhor, acalma êsse fogo
de sua face incendiada!

YERMA

Escuta uma penitente
desta santa romaria;
abre em mim a tua rosa,
embora espinhos me firam.

Côro

Senhor, que a rosa floresça
e não fique em sombra prêsa!

YERMA

Sôbre a murcha carne minha,
a rosa da maravilha!

(Entram)

(Saem raparigas correndo, com longas
fitas nas mãos — pela esquerda. Pela direita,
outras três, olhando para trás. Há na cena

como um crescendo de vozes e de ruídos de
guizos e colares de campainhas. Num plano
superior, aparecem as sete raparigas que agi-
tam as fitas para a esquerda. Cresce o ruído e
entram dois mascarados populares, um como
Macho e outro como Fêmea. Levam grandes
máscaras. O Macho empunha um chifre de
touro. Não são de modo nenhum grotescos,
mas antes de grande beleza e com um senti-
do de pura terra. A Fêmea agita um colar de
grandes campainhas. O fundo enche-se de
gente que grita e comenta a dança. Já é noi-
te fechada.)

MENINOS

O demônio e sua mulher! O demônio e
sua mulher!

FÊMEA

Pelo rio de uma serra,
triste espôsa se banhava;
pelo corpo lhe subiam
os vivos caracóis da água.
A fina areia das margens
e os ares da madrugada
lhê enchiam de fogo o riso
e de tremor as espáduas.



Ai, como estava despida
a donzela dentro d'água!

MENINO

Ai, como se queixava!

1.º HOMEM

Ai, tão murcha de amôres,
com o vento e a água!

2.º HOMEM

Que diga por quem espera!

1.º HOMEM

Que diga por quem aguarda!

2.º HOMEM

Ai, com seu ventre sêco
e a côr tão desmaiada!

FÊMEA

Quando chegue a noite o direi,
quando chegue a noite clara.
Quando chegue a noite da romaria
rsgarei os folhos da minha anágua!

MENINO

E em seguida veio a noite.
Ai, que a noite já chegava!
Olhai como fica escura
pela montanha, a cascata!

(Começam a soar umas guitarras.)

MACHO *(levanta-se e agita o chifre.)*

Ai, tão branca,
a triste casada!
Ai, como se queixa entre as ramas!
Já vais ser cravo e papoula,
quando o macho desdobre a capa.

(Aproxima-se.)

Se vieres à romaria,
pedir que teu ventre se abra,
não te cubras com véus de luto,
mas com leve camisa de holanda.
Vai sòzinha detrás d'esses muros,
onde estão as figueiras cerradas,
e sustenta meu corpo de terra
até quando suspire a alvorada.
Ai, como rebrilha,
Ai, como rebrilhava,
ai, como se meneia a casada!



FÊMEA

Ai, que o amor lhe oferece
coroas e grinaldas,
e dardos de ouro vivo
em seu peito se cravam.

MACHO

Sete vêzes gemia,
nove se levantava;
laranjas com jasmims
quinze vêzes juntaram.

3.º HOMEM

Bate-lhe já com o chifre!

2.º HOMEM

Com a rosa e com a dança!

1.º HOMEM

Ai, como se meneia a casada!

MACHO

Nesta romaria
o varão sempre manda.
Os maridos são touros.
O varão sempre manda:

e as romeiras são flôres
para aquêles que as ganha.

MENINO

Bate-lhe já com o ar!

2.º HOMEM

Bate-lhe já com a rama!

MACHO

Vinde ver o esplendor
dessa que se banhava!

1.º HOMEM

Como junco se curva.

FÊMEA

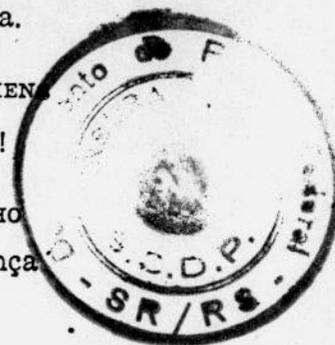
E como flor se cansa.

HOMEM

Afastar as meninas!

MACHO

E incendeie-se a dança
e o corpo reluzente
da garrida casada.



(Vão-se a bailar ao som de palmas, e com sorrisos.)

CANTAM

O céu tem os seus jardins
com roseiras de alegria.
Entre roseira e roseira,
a rosa da maravilha.

*(Tornam a passar os rapazes gritando.
Entra a Velha alegre.)*

VELHA

Vamos a ver se nos deixais dormir. Mas agora vai ser ela. *(Entra YERMA.)* Tu! *(YERMA está abatida e não fala.)* Dize-me a que vieste.

YERMA

Não sei.

VELHA

Não te convences? E teu marido?

(YERMA dá mostras de cansaço e vê-se que uma idéia fixa lhe atormenta a cabeça.)

YERMA

Está por aí.

118

VELHA

E que faz?

YERMA

Bebe. *(Pausa. Levando a mão à testa.)*
Ai!

VELHA

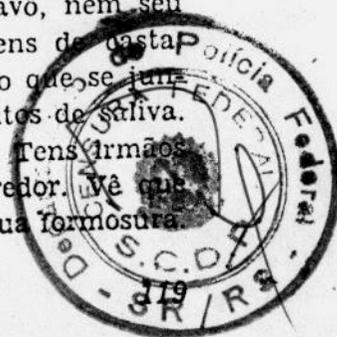
Ai! Ai! Menos ai e mais alma. Antes não te pude dizer nada, mas agora posso.

YERMA

E que me vais dizer que já não saiba!

VELHA

O que já não se pode calar. O que está em cima do telhado. A culpa é de teu marido. Estás ouvindo? Deixaria que me cortassem as mãos. Nem seu pai, nem seu avô, nem seu bisavô se portaram como homens de casta. Para terem um filho, foi preciso que se juntasse o céu com a terra. São feitos de saliva. Com tua gente, foi o contrário. Tens irmãos e primos por cem léguas em redor. Vê que maldição havia de cair sobre a tua formosura.



YERMA

Uma maldição. Um charco de veneno sobre as espigas.

VELHA

Mas tu tens pés para abandonares a casa.

YERMA

Abandoná-la?

VELHA

Quando te vi na romaria, o coração deu-me um baque. Aqui vêm as mulheres conhecer homens novos. E o Santo faz o milagre. Meu filho está sentado atrás da ermida, esperando-me. A minha casa precisa de uma mulher. Vai ter com êle, e viveremos os três juntos. Meu filho, sim, é de bom sangue. Como eu. Se entras em minha casa, verás que ainda cheira a berços. A cinza da tua colcha se mudará em pão e sal para as crias. Anda. Não te importes com o povo. E quanto a teu marido, há na minha casa entranhas e ferramentas para que não chegue nem a atravessar a rua.

YERMA

Cala-te, cala-te, que não é isso! Nunca o faria. Eu não posso ir buscar. Achas que posso conhecer outro homem? Onde pões a minha honra? A água não pode correr para trás, nem a lua cheia sai ao meio-dia. Vai-te embora. Seguirei meu caminho. Pensaste a sério que eu me poderia dobrar a outro homem? Que eu fôsse pedir-lhe o que é meu, como uma escrava? Conhece-me, para que nunca mais me fales: eu não busco.

VELHA

Quando se tem sêde, agradece-se a água.

YERMA

Eu sou como um campo sêco onde cabem, arando, mil juntas de bois. E o que tu me dás é um pequeno copo de água de poço. A minha é uma dôr que já não cabe na carne.

VELHA (Forte.)

Pois continua assim. É do teu gosto. Como os cardos das terras sêcas, espalhados, murcha.



YERMA (*Forte.*)

Murcha, sim, já sei. Murcha! Não é preciso que me esfregues isso na boca. Não venhas divertir-te como as crianças pequenas com a agonia de um animalzinho. Desde que me casei, estou dando voltas a essa palavra, mas é a primeira vez que a ouço, a primeira vez que me atiram com ela na cara. A primeira vez que vejo que é verdade.

VELHA

Não me dás pena nenhuma. Nenhuma. Buscarei outra mulher para meu filho.

(Retira-se. Ouve-se um grande côro distante, cantado pelos romeiros. YERMA dirige-se para o carro, e aparece por detrás dela seu marido.)

YERMA

Estavas aí?

João

Estava.

YERMA

Espreitando?

João

Espreitando.

YERMA

E ouviste?

João

Ouvi.

YERMA

E então? Deixa-me e vai-te com os cantadores. (*Senta-se nas mantas.*)

João

Também é a minha hora de falar.

YERMA

Fala.

João

E de queixar-me.

YERMA

Por que motivo?



João

Por que tenho um amargor na garganta.

YERMA

E eu, nos ossos.

João

Chegou o último instante de resistir a este contínuo lamento por coisas obscuras, fora da vida, por coisas que estão nos ares.

YERMA (*Com assombro dramático.*)

Fora da vida, dizes? Nos ares, dizes?

João

Por coisas que não aconteceram e que não dependem nem de mim nem de ti.

YERMA (*Violenta.*)

Continua! Continua!

João

Por coisas que a mim não me importam. Ouves? Que a mim não me importam. Já é necessário dizer-te isso. A mim me importa o

que tenho nas mãos. O que vejo com os meus olhos.

YERMA (*levantando-se nos joelhos, desesperada.*)

Assim, assim. Era isso que eu queria ouvir de teus lábios... Não se sente a verdade quando está dentro de nós. Mas como é grande e como grita quando sai e levanta os braços! Não lhe importa! Já o ouvi.

João (*aproximando-se.*)

Pensa que tinha de ser assim. Ouve-me. (*Abraça-a para levantá-la.*) Muitas mulheres seriam felizes levando a vida que levamos. Sem filhos, a vida é mais doce. Eu sou feliz, não os tendo. Não temos culpa nenhuma.

YERMA (*excitada.*)

Isso! Buscavas a casa, a tranquilidade e uma mulher. Mas nada mais. Não é verdade o que digo?

João

É verdade. Como todos.

YERMA

E o resto? E teu filho?



João (*Forte.*)

Não ouves que não me importa? Não me perguntas mais. Pois terei que gritar-te aos ouvidos para que o saibas, para ver se de uma vez para sempre vives tranqüila.

YERMA

E nunca pensaste nêlo, quando me vias desejá-lo?

JOÃO

Nunca. (*Estão os dois no chão.*)

YERMA

E não poderia esperá-lo?

JOÃO

Não.

YERMA

Nem tu?

JOÃO

Nem eu tampouco. Resigna-te!

YERMA

Murcha!

JOÃO

Vamos viver em paz. Um com o outro, docemente. Com agrado. Abraça-me! (*Abraça-a.*)

YERMA

Que procuras?

JOÃO

Procuro a ti. Como a lua, estás linda.

YERMA

Tu me procuras como quando queres comer um pombo.

JOÃO

Beija-me... assim.

YERMA

Isso, nunca. Nunca.

(YERMA dá um grito e aperta a garganta do marido. Ele vai para trás. Aperta-lhe a garganta até matá-lo. Começa o eco da romaria.)

Murcha, murcha, mas segura. Agora, sim, que o sei com certeza. E sózinha!



vanta-se. Começa a chegar gente.) Vou des-
cansar sem ter de despertar sobressaltada
para ver se o sangue me anuncia outro san-
gue nôvo. Com o corpo sêco para sempre. Que
quereis saber? Não vos aproximeis porque ma-
tei meu filho, eu mesma matei meu filho!
(Acorre um grupo, que fica ao fundo. Ouve-
se o côro da romaria.)

CORTINA



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS**

Relatório nº 431/82- SCC

1.- Identificação.

ENSAIO GERAL

Titulo YERMA

Autor Federico Garcia Lorca

Grupo Livre Associação Gestus

Local Teatro de Camara, nesta Capital

Horário 20h30min (duração 1h 20min)

Visto.
Em 22.10.82

 PAULO BISPO DA HORA
 Téc. Cens. Matr. 2.324.463
 Chefe do SCDP/SE/DFT/BS

2. Conteúdo

2.1.- Enredo. Yerma casada com João a muitos anos ainda não gerou filhos. Pressionada pela sociedade, ela recorre a simpatias, rezas e romarias. João vive voltado para seus bens materiais. Ao sair de casa para visitar as "macumbeiras", o marido começa a desconfiar de sua fidelidade. Traz para seu lar as duas irmãs solteironas para controlar as saídas da esposa. Após uma romaria em João assiste uma dança sensual, tenta uma aproximação com a mulher e é assassinado.

2.2.- Mensagem principal. A busca da maternidade para a realização pessoal e manter um casamento imposto. A resignação de uma mulher, que assume suas tarefas dentro de um lar sem amor.

3. Público Alvo: adulto.

4. Linguagem. refinada.

5. Grau de persuasão: convincente.

6. Perspectiva Censória. A obra é uma crítica socio-cultural de uma sociedade provincial e conservadora. Mostra a opressão sofrida por Yerma sua resignação, angustia e depressão. Enfoca uma sociedade em que o homem é o senhor de tudo, e a mulher um simples objeto.

7. Encenação. A marcação seguiu fielmente o texto. Apresenta um personagem em nu frontal, no início e final da encenação. Na dança erótica, a bailarina, se apresenta com o busto nu, e o diabo com uma tanga sumária.

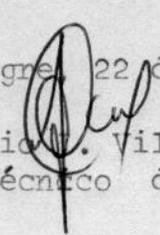
8. Iluminação: de efeito geral.

9. Cenário: o palco estava coberto de tecidos delimitando espaços. Vestuário: vestidos, calças e camisas de tecido cru, xales. A bailarina, com tanga vermelha, e máscara, bailarino (diabo) com capa, tanga, máscara e um capacete com aspas.

10. Parecer. Opino pela liberação com impropriedade para menores de 18 anos, pois apresenta cenas de nu masculino frontal e uma dança lasciva com a mulher desnuda da cintura para cima.

Justificativa: Cenas de nu

Porto Alegre, 22 de outubro de 1982


 Cláudio Villanova Camboim
 Técnico de Censura

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
RELATÓRIO Nº 429/82/SCC

1. Identificação

Título: "YERMA"

Autor: Federico Garcia Lorca.

Ensaio-geral: Local - Teatro de Câmara, nesta Capital.

Data: 20 de outubro de 1982.

Horário: 20h35min (01h20min de duração)

2. Conteúdo

2.1 - Enredo - Um homem nu caminha de um lado a outro do palco. Yerma mostra a João - seu marido - desejos de procriação. Ele vive voltado para o trabalho. O filho, desejado pela mulher, não vem. A comunidade campesina acusa Yerma de traição ao marido. Este suspeita da esposa. Ela desespera, recorre a curandeiras e participa de romaria. João fala da impossibilidade do nascimento de um filho. Ele tenta aproximar-se carinhosamente da esposa. Esta aperta sua garganta até matá-lo. Os demais personagens encontram-se no palco, destacando-se o artista nu em exposição frontal.

2.2 - Mensagem principal

A busca da maternidade como fuga de um relacionamento conjugal fracassado e a superação de exigências sócio-culturais.

Positiva pois alerta para as frustrações e sofrimentos oriundos de um casamento conservado só para atender as exigências sociais.

3. Público alvo - adulto.

4. Linguagem - do cotidiano da época.

5. Grau de persuasão - convincente.

6. Perspectiva censória

A obra traduz uma crítica aos usos e costumes de uma Sociedade. Enfoca o papel da mulher numa comunidade rural preconceituosa, onde o homem é o senhor de tudo e aquela um de seus objetos de uso pessoal. Destaca os malefícios de um casamento realizado pela imposição paterna que escraviza e coage os sentimentos da mulher, gerando tensão e angústia, levando-a à prática de um crime.

PARECER

1. Pela liberação. Considerando a Legislação vigente e a apresentação do personagem do homem nu, bem como, de uma bailarina, que ao executar sua dança sensual, encontra-se com o busto descoberto, sugerimos que a peça seja liberada para maiores de 18 anos.

Visto.
 Em 22.10.82
 João Bispo da Hora
 Tit. Cens. Matr. 2.324.483
 Chefe do SCCD/SB/DF/BS

.....

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Justificativa de impropriedade: Cenas de nu.

ENSAIO GERAL

Composição cênica:

Cenário: Sugere espaços físicos demarcados por tecidos.

Iluminação: sem efeitos especiais.

Vestuário : Vestidos compridos brancos, cinzas. Xales cobrindo as cabeças das mulheres.

Homens: pijamas cor marroms.

Bailarina: calcinha vermelha, máscara preta.

Bailarino: Capa preta, tanga vermelha, máscara, aspas na cabeça.

Expressão corporal: a peça desenvolve-se através de movimentos e gestos, na busca de uma melhor comunicação.

Porto Alegre, 21 de outubro de 1982.

Valdir Farias Franco
Valdir Farias Franco
Técnico de Censura.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERALSERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RELATÓRIO Nº 430/82 - SCC

1. Identificação:

Título: "YERMA"

Autor: Federico Garcia Lorca

Espécie: peça teatral (exame do ensaio geral)

Local: Teatro de Câmara

Data: dia 20/10/82, às 20,30 horas

V. 170.
Em 22.10.82
JOÃO BISPO DA HORA
Téc. Cens. Matr. 2.324.463
Chefe do SCDP/SB/DPF/RS

2. Conteúdo:

Enredo - Yerma casa-se com João, numa união em que os pais é que escolheram a noiva. O tempo vai passando para o casal, e os filhos não vêm. Yerma fixa-se na idéia de ser mãe. Sofre, angustia-se e inveja as amigas que são mães. João, o marido, dedica-se apenas a seus rebanhos e não tem interesse de ter filhos. Começa a desconfiar, sem motivos, da honestidade de Yerma. Traz duas irmãs solteironas para que controlem a esposa. Esta a tudo recorre para ser mãe, rezas, curandeiras e romarias. Nada acontece. Após uma romaria religiosa, em que João assiste uma dança erótica, ele procura a mulher cheio de desejo. Esta, desvairada, aperta-lhe a garganta até matá-lo. Enlouquecida, Yerma vê no marido morto, o filho sonhado. Todos os personagens reúnem-se em torno de Yerma.

Mensagem principal - Mostrar o erro de casamentos impostos, em que a mulher não tendo liberdade de escolha, sofre ao lado de um homem a quem não ama. A mensagem é positiva pois mostra as consequências deste tipo de relacionamento em que a mulher sofre com a submissão total.

3. Público alvo: adulto.4. Linguagem: normal, com uso de imagens poéticas.5. Grau de persuasão: convincente. O sofrimento e a angústia de Yerma conseguem ser transmitidos ao expectador.

6. Perspectiva censória: a peça apresenta uma crítica a costumes de uma época. O casamento imposto leva o casal a uma vida infeliz, principalmente à mulher que sofre com a escravização a que fica sujeita. A peça além do drama, apresenta cenas de nu. No início Yerma sonha e surge em cena um homem nu com um bebê nos braços. Na romaria, uma mulher dança com o busto nu com um ator caracterizado como demônio. Ele usa tanga reduzida, capa e chifres. No final da peça também aparece a figura nua de um homem, a mesma do sonho de Yerma.

ENSAIO GERAL

Cenário: palco com partes mais elevadas cobertas com panos cor de cinza.

Iluminação: claros e escuros para a troca de personagens.

Guarda-roupa: vestidos em tecido cru, de cor clara para as mulheres e os homens caracterizados como pastores: calça e camisa marrons. Cenas de nu e bailarina com tanga e homem caracterizado de demônio com tanga vermelha, chifres e capa.

Expressão corporal: dá ênfase às expressões dos personagens

.....

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

....

e apresentação de dança lasciva entre a mulher e o demônio.

Marcação: segue o texto liberado.

Som: sons ao longe que lembram pastores chamando seu rebanho, lamentos e clamores.

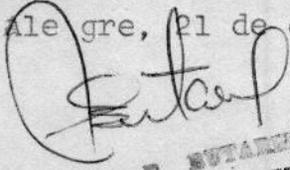
PARECER

Tendo em vista o que foi apresentado no ensaio geral, creio que a peça pode ser liberada integralmente, já que não fere a legislação censória. Os nus totais não têm características eróticas, já que o ator simplesmente caminha em cena.

Classificação: tendo em vista o drama psicológico, carregado de tensão e principalmente as cenas de nu, opino que a peça seja liberada com impropriedade para menores de 18 anos.

Justificação de impropriedade: Cenas de nu.

Porto Alegre, 21 de outubro de 1982.


MARIA B. ESTRELLA
Técnica de Censura
Matr. 2 618.793

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS**

Relatório nº 356/82 - SCC

Identificação:

Título: YERMA
 Autor: Federico Garcia Lorca
 Tradução: Cecilia Meireles
 Espécie: Texto teatral

Visto.
 Em 20.09.82
 JOÃO BESPO DA NOVA
 Tt. Cens. Mat. 1.224.62
 Chefe do SCC/PR/DPF/RS

2.-Conteúdo

2.1.- Enredo: Yerma casada com João; este casamento foi imposto pelo pai da moça. João vive tratando de seus bens materiais não dando importância à mulher. Yerma fica só o dia inteiro, e é oprimida pela sociedade por não ter concebido um filho. Ela, aos poucos, vai-se abalando psicologicamente, em razão de não engravidar; recorre a todos os tipos de simpatias e participa de todas as romarias aos santos milagrosos. O marido começa a desconfiar das atitudes da mulher, traz suas duas irmãs para controlarem as saídas de Yerma. Ela cada dia mais infeliz no casamento, pressionada pela sociedade, tenta engravidar e como não consegue mata o esposo.

2.2.- Mensagem principal: Positiva. Mostra que a depressão e a angústia leva a uma doentia consciência trazendo consequências trágicas.

3.- Público. alvo.- Maiores de 16 anos.

4.- Linguagem. Normal.

5.- Grau de persuasão. Convincente.

6.- Perpectiva censória. A obra é uma crítica a sociedade provincial e conservadora, daquela época, mostrando sua opressão. Enfoca-a de forma machista e possessiva destacando a escravidão sofrida pela mulher, que tinha sempre uma união imposta.

7. Parecer. Pela liberação com impropriedade para menores de 16 anos.

8. Justificativa de impropriedade. Poema Passional.

Porto Alegre, 17 de setembro de 1982

Cláudio Villanova Camboim
 Técnico de Censura

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
RELATÓRIO Nº 355/82-SCC

I. Identificação:

- a) Título : "YERMA"
b) Autor : Federico Garcia Lorca
c) Espécie : Texto teatral
d) Tradução: Cecília Meireles

Visto.
Exec 20.09.82
JOÃO CRISPO DA HORA
Téc. Cens. Matr. 2.024.489
Chefe do SCCP/RSB/DPT/RS

II. RESUMO: Trata-se de um poema trágico em três atos e 6 quadros. O autor é clássico espanhol e a obra foi escrita em 1934. O personagem principal é Yerma, esposa de João, frustrada por não ser mãe. Os personagens são ao todo 24. A história está inserida num contexto carregado de preconceitos e tradições da vida rural, cuja coerção / social Yerma sofre e não descobre alternativas. Yerma indaga de suas amigas como conseguiram ficar grávidas, aumentando assim seus ressentimentos contra o marido, que em dado momento declara não ter culpa da situação. No desenrolar da peça, cresce o antagonismo de Yerma pelo marido que se comporta com indiferença ao seu problema. Por fim a rejeição pelo marido chega ao extremo, quando num momento de busca conjugal, Yerma aperta-lhe a garganta até matá-lo. Após o crime, ela declara ter matado seu próprio filho, tal a sua obsessão / de ser mãe.

Mensagem Principal: Negativa. A obsessão de Yerma, leva ao crime passional, matando seu marido por desespero e perturbação mental.

Público Alvo: Adulto, extensivo a maiores de 16 anos.

Linguagem: Normal.

Grau de persuasão: Apesar do crime passional, injustificado, a obra / ameniza pelo seu conteúdo clássico e pelo contexto social enfocado.

PARECER: O poema passional em apreço é acessível aos jovens, mesmo porque o crime se verifica rapidamente na cena final. Pelo exposto acima, e considerando tratar-se de uma obra clássica, opino pela liberação do texto para maiores de 16 anos.

Justificativa de Impropriedade: "Poema passional".

PORTO ALEGRE, 16 de Setembro de 1982.

Humberto Luiz de Souza
HUMBERTO LUIZ DE SOUZA
Técnico de Censura
Mat. 2.018.168

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
RELATÓRIO Nº 357/82/SCC

Visto.
Em 20.09.82
JOÃO BISPO DA HORA
Téc. Cens. Matr. 2.324.483
Chefe do SCDP/SR/DPF/RS

1. Identificação

Título: "YERMA"

Autor: Federico Garcia Lorca

Espécie: Peça teatral

2. Conteúdo

2.1 - Enredo - Yerma é casada com João. Este foi escolhido pelo pai da moça. Ele vive para o trabalho e aumento de seus rebanhos. Yerma, premida pela solidão e coagida pelo contexto social, que não admite mulher casada sem filhos, deseja a maternidade. Seu marido afirma que um filho dá despesas. A comunidade campesina acusa Yerma de machona e de traição ao esposo. João suspeita da mulher. Ele leva suas duas irmãs para vigiarem a esposa. Yerma, infeliz no casamento, agarra-se ao nascimento de um filho para minorar seu sofrimento. O filho não vem. O marido cada dia mais distante. Ela recorre a curandeiras e romaria ao Santo milagroso. Desespera. O marido tenta uma aproximação amorosa. Yerma aperta sua garganta até matá-lo.

2.2 - Mensagem principal

A participação da mulher numa sociedade conservadora e patriarcal. Positiva pois serve de alerta aos perigos oriundos de um casamento forçado e de uma imposição social arcaica.

3. Público alvo - Maiores de 16 anos.

4. Linguagem - Do cotidiano.

5. Grau de persuasão - Convincente.

6. Perspectiva censória

A obra traduz uma crítica aos usos e costumes de uma Sociedade. Enfoca o papel da mulher numa comunidade rural preconceituosa, onde o homem é o senhor de tudo e aquela um de seus objetos de uso pessoal. Destaca os malefícios de um casamento realizado pela imposição paterna que escraviza e coage os sentimentos da mulher, gerando tensão e angústia, levando-a à prática de um crime.

PARECER

Pela liberação. Considerando o exposto e a Legislação vigente, opinamos pela liberação da peça para maiores de 16 anos.

Justificativa de impropriedade - Poema passional.

Porto Alegre, 17 de setembro de 1982.

Valdir Farias Franco
Técnico de Censura.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 283/82-RS

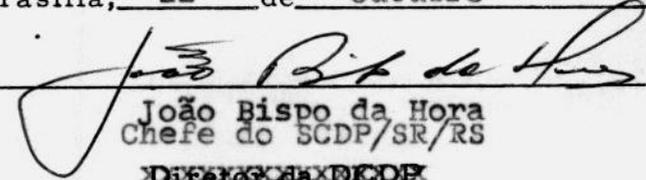
PEÇA YERMA

ORIGINAL DE FEDERICO GARCIA LORCA

PELO SCDP/SR/RS
~~PELO D.C.O.D.P.R.~~
CLASSIFICAÇÃO
CENAS DE NU

VÁLIDO ATÉ 22 de dezembro de 19 82

Brasília, 22 de outubro de 19 82


João Bispo da Hora
Chefe do SCDP/SR/RS
~~Diretor da BCDP~~

CENSURA FEDERAL/RS
IMPRÓPRIO PARA MENORES
DE 18 ANOS

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada YERMA

Original de FEDERICO GARCIA LORCA

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de GRUPO DE TEATRO "GESTUS" - PORTO ALEGRE/RS

Requerida por DÉCIO ANTUNES RIBEIRO

Tendo sido censurada em 22 de outubro de 19 82 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS, SEM CORTES.

CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO POR ESTE SCDP/SR/RS.

P. Alegre, 22 de outubro de 19 82

Renato Rodrigues de Faria

RENATO RODRIGUES DE FARIA

Téc. Censura Matr. 2.415.810

Chefe da SCC/SCDP/SR/DPF/RS

Chefe do Serviço de Censura

TEATRO

TÍTULO YERMAAUTOR: FREDERICO GARCIA LORCA

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 anosPraça SCDP/SR/RS

Obs.: _____

DF. 27 / 10 / 82 / _____Consolação

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 18 (dezoito) anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensa-

Obs.: cert. proibido e EG - SR/RSBrasília-DF, 27 de 10 de 19 82

Belle Yuliente Cavallhedo
Matr. 2 415 791

Brasília-DF de de 1.97

JJ - Anas de Nu

4) SERVIÇO DE CENSURA

A consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de DT para o qual os censores propõem a classificação etária de 18 anos.

Brasília-DF, 27 de 10 de 19 82

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em, 27 / 10 / 19 82

Solange M. T. Hernandez
Diretora da DCDP

2.505/82-SE/DCDP

29 OUTUBRO

RS

Garcia Lorca.

"YERMA", de autoria Frederico

Atenciosamente,

Solange M. F. Fernandes
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 2.386

PEÇA "YERMA"

ORIGINAL DE FEDERICO GARCIA LORCA

APROVADO PELA D.C.D.P.

VÁLIDO ATÉ 27 de OUTUBRO de 1987

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 27 de OUTUBRO de 1982

"CENAS DE NU"

Solange M. F. Hernandez

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

18

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE
DEZOITO ANOS

Diretor da DCDP

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada YERMA

Original de FEDERICO GARCIA LORCA

Tradução de _____

Adaptação de _____

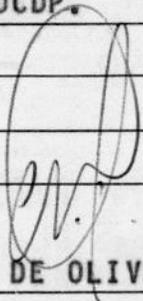
Produção de GRUPO DE TEATRO GESTUS

Requerida por DÉCIO ANTUNES RIBEIRO - PORTO ALEGRE/RS -

Tendo sido censurada em 22 de OUTUBRO de 19 82 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18(DEZOITO) ANOS, CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO / ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 27 de OUTUBRO de 19 82


NEI DE OLIVEIRA

Chefe do Serviço de Censura


 III - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
 COORDENADORIA - 00202

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL 5 004823

 MJ - DPF - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM MINAS GERAIS
 SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OFÍCIO Nº 076/84-SCDP/SR/DPF/MG BELO HORIZONTE, 09/JULHO/1984.

ASSUNTO: PEÇAS TEATRAIS: (ENCAMINHA)

SENHORA DIRETORA:

CONFORME O QUE DISCIPLINA A ALÍNEA "D", ÍTEM
 01 DA PORTARIA Nº 071/78-DCDP, DE 13 DE JULHO DE 1978, ESTAMOS REMETENDO A
 ESSA DIREÇÃO, PARA APRECIÇÃO DE V.S.A., AS PEÇAS TEATRAIS A SEGUIR RELACIO
 NADAS:

 1) " DUAS HISTÓRIAS PRA RIR E UMA PRA PEN-
 SAR", DE AUTORIA DE FERNANDO LIMOEIRO.

2) " YERMA ", DE AUTORIA DE GARCIA LORCA.

AINDA, DE CONFORMIDADE COM O QUE DISCIPLINA
 O MESMO DIPLOMA LEGAL, ACIMA CITADO, ESTAS OBRAS ESTÃO ACOMPANHADAS DE SEUS
 RESPECTIVOS PARECERES E RELATÓRIOS DE ENSAIOS-GERAIS.

ATENCIOSAMENTE,

 P/CHEFE EM EXERC. DO SCDP/SR/MG
 Dra. Ana Maria Coelho Montes - Téc. Censura
 Matr. 2.416.906 - SCDP/DPF/SR/MG
 Chefe da Seção de Coord. e Controle

ILMA. SRA.

DRA. SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

M.D. DIRETORA DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - DPF

BRASÍLIA - DF

ILMº. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MJ - Departamento de Polícia Federal Superintendência Regional de Minas Gerais Serviço de Censura de Diversões Públicas	
PROTOCOLO Nº	679/84. SCUPSR.MG
DATA	23.03.1984
	<i>[Signature]</i> Funcionário

[Signature]
Requerente

Bonifácio, *Director de Teatro*
Nacionalidade Profissão

Carteira de Identidade *M-224730-SSP.*
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à *Rua A.W - Nº 58 - Contagem*
M.G.

vem, mui respeitosamente, requerer de V. Sa., que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a(s) *TEATRO INFANTIL.* abaixo relacionadas(s), de autoria de: *GARÇA ZORCA - YERMA. (YERMA).*

Especie Titulo(s)

N. Termos

Pede deferimento

Belo Horizonte 23/3/84
Local e Data

[Signature]
Requerente

Anexos:

3 Copias do texto.

1 - EMPRESA OU GRUPO. (Se houver)

Nome: Centro de Pesquisas Teóricas C.G.C.: _____Sede: Rua Bonfim 802 - BHCEP: 30.000Diretor ou Responsável: [Assinatura]

2 - DADOS DO AUTOR

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Profissão: _____ Est. Civil: _____

Endereço: _____

CEP: _____

3 - PARCERIA

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Profissão: _____ Est. Civil: _____

Endereço: _____

CEP: _____

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Profissão: _____ Est. Civil: _____

Endereço: _____

CEP: _____

Declaro que a matéria a ser examinada não foi submetida à apreciação dessa DCDP (exetuando os pedidos de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: Belo Horizonte 23/3/84Ass.: [Assinatura]



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

As Sras Técnicas de Censura:
Dra. Helena e Dra. Anunciada, pa-
ra leitura e respectivos pareceres.

B. H. e., 05/04/89

AMC

Dra. Ana Maria Coelho Montes - Téc. Censura

Matr. 2.416.906 - SCDP/DPF/SR. v.3

Chefe da Seção de Coord. e Controle

GRUPO DE TEATRO DO
CENTRO DE PESQUISAS TEATRAIS.
R. BONFIM-802.-B.H.
1.982.



" YERMA "

de Garcia Lorca.

1º ATO.

Direção -Ronaldo Boschi.

PRIMEIRO QUADRO.

Ao levantar-se o pano, YERMA está adormecida, tendo aos pés uma cestinha de costura. A cena tem uma estranha luz de sonho. Entra um pastor nas pontas dos pés, fitando firmemente Yerma. Leva pela mão um menino vestido de branco. O relógio bate. Quando o pastor entra, a luz é substituída por uma enorme claridade matinal de primavera. Yerma desperta.
 CANTO-(Voz dentro)-

Nana, nana, nana, nana,
 nana nana que faremos
 uma palhoça no campo e nela nos meteremos.

Yerma -João, não me ouves, João?

João -Já vou.

Yerma -Está na hora.

João -Já passaram as juntas?

Yerma -Passaram.

João -até logo.(faz menção de sair.)

Yerma -Não tomas um copo de leite?

João -Para quê?

Yerma -Trabalhas muito e não tens corpo para tanto trabalho.

João -O corpo enxuto de carne, torna-se forte como o aço.

Yerma -Mas o teu, não. Quando casamos eras outro. Agora tens a cara branca como se o sol não te batesse nela. Gostaria que fosses ao rio e nadasses, e subisses ao telhado quando a chuva nos entra pela casa adentro. Já estamos casados há vinte e quatro meses, e tu cada vez mais triste, mais seco, como se crescesses ao contrário.

João -Acabaste?

Yerma -(levantando-se)-Não me leves a mal. Se eu estivesse doente, gostaria que me tratasses. "Minha mulher está doente -vou matar este cordeiro para fazer-lhe um bom ensopado." "Minha mulher

YERMA = De onde é que vens, amor, meu filho?

Da crista do duro frio.

De que precisas amor, meu filho?

Do morno pano do teu vestido.

(enfia a agulha).

Que se agitem as ramas ao sol.

E as fontes saltem todas em redor!

(Como se falasse com uma criança)

Ladra o cão pelo terreiro,

na folhagem canta o vento.

Muge o boi ao boiadeiro

E a lua me encrespa o, cabelo.

Que pedes, filho, de tão longe?

(pausa).

Os brancos montes que há no teu peito.

Que se agitem as ramas ao sol

E as fontes saltem todas, em redor!

(cosendo).

Filho meu, dir-te-ei que sim.

Despedaçada me dou a ti.

Sofre a cintura que te ofereço,

e que será teu primeiro berço.

Quando, meu filho, poderás vir?

(pausa)

Quando teu corpo cheire a jasmim.

Que se agitem as ramas ao sol

e as fontes saltem todas, em redor!

(Yerma continua a cantar. Pela porta entra maria, que vem com um embrulho de roupa.)

Yerma - De onde vens?

Maria -Da loja.

Yerma -Da loja? Tão cedo?

Maria -Por mim, teria ficado à porta, esperando que viessem... Quem é capaz de saber o que comprei?

Yerma -Deves ter comprado café, para de manhã, açúcar e pão.

Maria -Nada disso. Comprei rendas, três varas de linho, fitas de lã de cor para fazer borlas. O dinheiro era de meu marido e foi ele mesmo que mo deu.

Yerma -Vais fazer uma blusa.

Maria -Não...é porque...saber?



Yerma -Que é?

Maria -Porque já chegou! (Fica de cabeça baixa. Yerma levanta-se e deixa-se estar contemplando-a com admiração.)

Yerma -Aos cinco meses!

Maria -É!

Yerma -E já o percebeste?

Maria -Naturalmente!

Yerma (-Com curiosidade.) E que sentes?

Maria -Não sei. Angustia.

Yerma -Angustia. (agarrada a ela)-Mas...quando chegou? Dize-me. Tu estavas descuidosa.

Maria -É, descuidosa...

Yerma -Estarias cantando, não é? Eu canto. Tu...dize-me...

Maria -Não me perguntes. Nunca tiveste um pássaro vivo apertado na mão?

Yerma -Já.

Maria -Pois é o mesmo...mas por dentro do sangue.

Yerma -Que maravilha! (Mira-a extasiada).

Maria -Estou aturdida. Não sei nada.

Yerma -De quê?

Maria -Do que tenho de fazer. Vou perguntá-lo a minha mãe.

Yerma -Para quê? Já está velha e terá esquecido estas coisas. Não andes muito, e quando respirares, respira de leve, como se tiveses uma rosa entre os dentes.

Maria -Ouve : dizem que, mais para diante, empurra suavemente com as perninhas.

Yerma -E então é quando se lhe tem mais amor; quando já se diz : meu filho! "

Maria -No meio de tudo, tenho vergonha.

Yerma -Teu marido, que disse?

Maria - Nada.

Yerma -Gosta muito de ti?

Maria -Não me fala n'isso, mas põe-se ao pé de mim e seus olhos tremem como duas folhas verdes.

Yerma -Ele sabia que tu...!?

Maria -Sabia.

Yerma -E como o sabia?

Maria -Não sei. Mas na noite do nosso casamento me dizia tantas vezes isso, com a boca na minha face, que até me parece que meu filho é um pombinho de luz, que ele deixou escorregar pelo meu ouvido.

Yerma -Criatura feliz!



Maria -Mas tu estás mais inteirada disso do que eu.

Yerma -De que me serve?

Maria -É verdade. Por que será? De todas as noivas de teu tempo, és a única...

Yerma -Assim é. Claro que ainda é tempo. Helena levou três anos, e outras, antigas, do tempo de minha mãe, levaram muito mais. Mas dois anos e vinte dias, como eu, já é esperar demasiado. Acho que não é justo que me consuma aqui. Muitas noites saio descalça pelo pátio, para pisar a terra, não sei porque. Se continuo assim acabarei tornando-me má..

Maria -Mas, criatura, vem cá: falas como se fosses uma velha. Que digo! Ninguém se pode queixar destas coisas. Uma irmã de minha mãe, teve-o depois de quatorze anos... E se visses que lindeza de criança!

Yerma -Que fazia? (com ansiedade).

Maria -Chorava como um tourinho, com a força de mil cigarras cantando ao mesmo tempo, e nos molhava, e nos puxava as tranças, e quando fez quatro meses nos enchia a cara de arranhões.

Yerma -Mas estas coisas não doem.

Maria -Eu sei...

Yerma -Ora! Eu vi minha irmã dar de mamar ao filho com o peito cheio de gretas e lhe produzia uma grande dor, mas era uma dor fresca, boa, necessária à saúde.

Maria -Dizem que se sofre muito com os filhos

Yerma -Mentira. Isto é o que dizem as mães fracas, queixosas. Para que os têm? Ter um filho não é ter um ramo de rosas. Precisamos sofrer, para vê-los crescer. Acho que nisso se vai metade do nosso sangue. Mas isso é bom, sadio e belo. Toda mulher tem sangue para quatro ou cinco filhos, e quando os filhos não vêm, o sangue torna-se veneno, como me vai acontecer.

Maria -Não sei o que tenho.

Yerma -Sempre ouvi dizer que, da primeira vez, as mulheres têm medo.

Maria -Vamos a ver... Como cozes bem...

Yerma (-Apanhando o embrulho) - Dá cá! Cortarei duas roupinhas. E isto?

Maria -São as fraldas.

Yerma -Está bem. (senta-se).

Maria -Então...até logo. (Aproxima-se e Yerma toma-lhe amosadamente o ventre nas mãos.)

Yerma -Não corras pelas pedras da rua.

Maria -Adeus. (beija-a e sai)



Yerma -Volta, assim que puderes.(Yerma fica na mesma atitude do começo. Apanha a tesoura e começa a cortar. Entra Victor.) Olá Victor!

Victor -(Sério, de aspecto grave) -Por onde anda João?

Yerma -Pelo campo.

Victor -Que estás cosendo?

Yerma -Estou cortando uma fraldas.

Victor -(sorrindo)- Muito bem!

Yerma -Vou botar-lhes uma cercadura de renda.

Victor -Se for menina, dar-lhe-ás teu nome.

Yerma -(Tremendo)- Como?

Victor -Alegro-me por ti.

Yerma -(Quase sufocada)-não...não são para mim. São para o filhinho de Maria.

Victor -Bem, pois vamos a ver se, com o exemplo, te animas. Nesta casa faz falta uma criança.

Yerma -(com angustia) Se faz!

Victor -Pois, para a frente. Dize a teu marido que pense menos no trabalho. Quer juntar dinheiro, e há de juntá-lo, mas para quem o deixará quando morrer? Eu me vou com as ovelhas. Dize a João que recolha as duas que me comprou. E quanto ao resto...É preciso lavrar mais fundo! (Vai-se embora sorrindo).

Yerma -(Com paixão)- É isso. Lavrar mais fundo!

Pois meu filho, dir-te-ei que sim,
despedaçada me dou a ti.

Sofre a cintura que te ofereço
Para ser teu primeiro berço.

Quando meu filho, virás a mim?

Quando teu corpo cheire a jasmim.

(Yerma, que em atitude pensativa, se levanta e corre para o lugar em que esteve Victor e respira, -fortemente como se aspirasse o ar da montanha -vai depois para o outro lado da sala, como à procura de alguma coisa, e de lá volta e senta-se e torna a pegar na costura. Começa a coser, e fica de olhos fitos num ponto.)

CORTINA;



SEGUNDO QUADRO.

(Campo - Aparece Yerma. Entra uma cesta -Aparece a 1ª Velha.)

Yerma -Bons dias.

1ª Velha -Bons os tenhas, formosa rapariga.De onde vens?

Yerma -Fui levar a comida a meu marido, que trabalh nos olivais.

1ª Velha -Já estás casada há muito tempo?

Yerma -Tres anos.

1ª Velha -Tens filhos?

Yerma -Não.

1ª Velha -Ah, qualquer dia os terás.

Yerma -(ansiosa)- A senhora acha?

1ª Velha -Por que não? (senta-se) Eu também fui levar a comida a meu marido.Ainda trabalha. Tenho nove filhos como nove sãs.

 | Mas como nenhum é mulher, aqui ando eu de um lado para outro.

Yerma -A senhora mora do outro lado do rio?

1ª Velha -Moro nos Moinhos, E tu? De que familia és?

Yerma -Sou filha de Enrique, o pastor.

1ª Velha -Ah, Enrique, o pastor. Conheci-o. Boa gente. Levantar, suar, e comer um bocado de pão e morrer.Nem divertimento nem mais nada. As folgas, para outros. Criaturas de silencio. Podia ter-me casado com um tio teu.Mas qual! Eu fui uma aloucada que corrã logo para a talhada de melão, a festa e a torta de açúcar. Muitas vëzes assomei à porta de madrugada, pensando ouvir música de bandurras que ia, que vinha,mas era o ar. (Ri-se) Vais rir de mim. Tive dois maridos,quatorze filhos - cinco morreram - e no entanto não estou triste, e quereria viver muito mais. É o que digo. As figueiras, como duram. As casas, como duram. E só nós, as endemoniadas mulheres, com qualquer coisa, viremos pó.

Yerma -Queris fazer-lhe uma pergunta.

1ª Velha - Que é? (mira-a)- Já sei o que me vais perguntar.Dessas coisas não se pode falar nada.(Levanta-se)

Yerma -(detendo-a)- Por que não? Enchã-me de confiança ouvindo-a falar. Há tempos venho desejando conversar com mulher de idade. Porque preciso inteirar-me. Sim,a senhora me dirã...

1ª Velha - Direi o que?



- Yerma -(baixando a voz)- O que a Senhora sabe. Porque estou assim seca? Hei de ficar em plena vida a cuidar de aves e de botar cortininhas engomadas em meu postigo? Não. A Senhora há de me dizer o que devo fazer, que farei seja o que for, ainda que me mande cravar agulhas no ponto mais delicado de meus olhos.
- 1ª Velha -Eu? Mas eu não sei nada. Deitei-me de costas e comecei a cantar. Os filhos chegam como a água. Ai! Quem pode dizer que não tens um corpo formoso? Pisas -e no fim da rua o cavalo relincha. Ai, deixa-me rapariga, não me faças falar. Penso muitas idéias que não quero dizer.
- Yerma -Por que não? Com meu marido não falo de outra coisa.
- 1ª Velha -Ouve, gostas de teu marido?
- Yerma -Como?
- 1ª Velha - Gostas dele? Desejas dar-te a ele?
- Yerma -Não sei.
- 1ª Velha -Não tremes quando se acerca de ti? Não te dá assim como um sono, quando acerca seus lábios? Dize-me.
- Yerma -Não. Nunca o senti.
- 1ª Velha -Nunca? Nem quando bailavas...?
- Yerma -Talvez...um dia...Victor...
- 1ª Velha - Continua ...
- Yerma -Tomou-me pela cintura e não lhe pude dizer nada, porque não podia falar. De outra vez, o mesmo Victor, quando eu tinha quatorze anos (ele era um pastor e tanto) tomou-me nos braços para saltar um rêgo d'água, e deu-me um tremor que até, se me ouvia bater os dentes. Mas é porque eu era acanhada.
- 1ª Velha -E com teu marido?
- Yerma -Com meu marido é outra coisa. Foi-me dado por meu pai, e eu o aceitei. Com alegria. Esta é a pura verdade. Pois no primeiro dia do nosso noivado...já pensei...nos filhos... E mirava-me nos seus olhos. sim, era para ver-me pequenina, mui maneirinha, como se eu mesma fosse minha filha.
- 1ª Velha - Comigo foi tudo ao contrário. Talvez por isso, não tiveste logo filhos. É preciso que os homens agradem. Não de desfazer-nos as tranças e dar-nos de beber água em sua própria boca. Assim anda o mundo.
- Yerma -O Teu porque o meu não. eu penso muitas, muitas coisas, e estou certa de que meu filho realizará as coisas que penso. Por ele entreguei-me ao meu marido e continuo a entregar-me para ver se chega; mas nunca para divertir-me.



1ª Velha -É acontece que estás vazia.

Yerma -Não. -Vazia,não porque me estou enchendo de ódio. Dize-me, é culpa minha? É preciso buscar no homem apenas o homem? Nada mais? Então que has de pensar quando te deixa na cama com os olhos tristes perdidos no espaço? e dá meia colta e adormece? Hei de ficar pensando nele, ou no que pode sair cintilando do meu peito? Eu não sei,-mas dize-me tu, por caridade. (ajoelha-se).

1ª Velha -Ai, que flor aberta. Que criatura tão formosa que 's. Deixa-me.Não me faças falar mais. Não te quero falar mais. São assuntos de honra, e eu não toco na honra de ninguém. Tu lá sabes. De qualquer modo, devias ser menos inocente.

Yerma -(triste)-As raparigas criadas no campo, como eu, encontram todas as portas fechadas.Tudo são meias palavras, gestos, porque todas estas coisas dizem que não se pode saber.E tu também. Tu também te calas e te vais com ar de doutora, sabendo tudo,mas negando-o a quem morre de sede.

1ª Velha -Com outra mulher, com outra serena - eu falaria. Contigo não. Sou velha e sei o que digo.

Yerma -Então, que deus me ampare.

1ª Velha -Deus não. A mim nunca me agradou Deus. Quando chegarás a entender que não existe? Os homens é que te devem amparar.

Yerma -Mas por que me dizes isto, por que?

1ª Velha - (retirando-se) - Mas devia haver Deus, nem que fosse pequenino, para desfechar raios contra os homens de semente podre que encharcam a alegria dos campos.

Yerma -Não sei o que me queres dizer.

1ª Velha -Bem, eu cá me entendo. Não te entristeças.Espera firme.Ainda és muito moça.Que queres que eu faça? (Retira-se. Aparecem duas raparigas.)

1ª Rapariga -Por toda parte vamos encontrando gente.

Yerma -Com as fainas,os homens andam pelos Olivais, É preciso levar-lhes de comer. Não ficam em casa senão os velhos.

2ª Rapariga -Vais voltar para a aldeia?

Yerma -Pra lá vou.

1ª Rapariga-Tenho muita pressa. Deixei o menino dormindo e não está ninguém em casa.

Yerma -Pois avia-te, mulher. Os meninos não podem ficar sózinhos.Há porcos em tua casa?

1ª Rapariga -Não, mas tens razão. Vou depressa.

Yerma - Anda. É assim que acontecem as coisas. Com certeza o deixas-tes fechado?



1ª Rapariga -Claro.

Yerma - Sim, mas é que não percebas o que é uma criança pequena. A coisa que nos parece mais inofensiva, pode dar cabo dela. Uma agulhazinha, um gole d'água.

1ª Rapariga -Tens razão. Vou correndo. É que não entendo bem dessas coisas.

Yerma -Anda.

2ª Rapariga -Se tivesses quatro ou cinco, não falarias assim.

Yerma -Por que? Mesmo que tivesse quarenta.

2ª Rapariga -. Seja como for, tu e eu, sem eles, vivemos mais tranquilas.

Yerma -Eu não.

2ª Rapariga - Eu sim. Que cansada. E minha mãe não faz outras coisas senão dar-me mesinhas para que eu os tenha; E em outubro iremos ao santo que dizem que os dá a quem os pede com fervor. Minha mãe pedirá. Eu não.

Yerma -Por que te casaste?

2ª Rapariga -Por que me casaram. Todas nós casamos. A continuar assim não sobram solteiras senão as meninas. Bem, e, além disso, na verdade, a gente se casa muito antes de ir a igreja. Mas as velhas se empenham em todas essas coisas. Eu tenho dezenove anos e não gosto de cozinhar nem de lavar. Bem, pois todo dia hei de estar a fazer aquilo de que não gosto. E para que? Que necessidade tem meu marido de ser meu marido? Porque no tempo de noivos, fazíamos o mesmo de agora. Tábice dos velhos.

Yerma -Cala-te. Não digas estas coisas.

2ª Rapariga -Também tu me chamarás louca. a louca, a louca! (ri-se)
Posso dizer-te a única coisa que aprendi na vida: Toda a gente está metida dentro de casa, fazendo aquilo de que não gosta. É muito melhor estar no meio da rua. Uma vez vou para o arrôio, outras subo a tocar os sinos, outras tomo um refresco de anis.

Yerma -És uma criança.

2ª Rapariga -Claro. Mas não louca! (ri-se).

Yerma -Tua mãe mora na parte mais alta da aldeia?

2ª Rapariga -Mora.

Yerma -Na última casa?

2ª Rapariga -É.

Yerma -Como se chama?

2ª Rapariga -Dolores. Por que perguntas?

Yerma -Por nada.



YERMA - IIº ATO.Primeiro Quadro.

(Canto com a cortina corrida. Torrente onde lavam as mulheres da aldeia. As lavadeiras estão colocadas em diversos planos. Cantam.)

No arroio frio,
lavo a tua faixa.
ardente jasmim.
é a tua risada.

1ª Lavadeira -Eu cá não gosto de falar.

3ª -Mas aqui se fala.

4ª-E não há mal nisso.

5ª-A que quiser ser honrada, faça por onde.

4ª-Plantei um tomilho/Que crescendo vem/Quem quer ser honrada, que se porte bem. (riem-se).

5ª -É o que dizem.

1ª Mas nunca se sabe nada.

4ª O certo é que o marido levou as duas irmãs para morarem com elas.

5ª As solteironas?

4ª-Elas mesmas.Estavam encarregadas de cuidar da igreja, e agora vão cuidar da cunhada.Eu não poderia viver com elas.

1ª Por que?

4ª-Porque metem medo.São como essas folhas grandes que nascem de repente em cima das sepulturas.Estão untadas com cera.São viradas para dentro.Dão-me a impressão de fritarem a comida no óleo das lâmpadas.

3ª E já estão em casa?

4ª Desde ontem.O marido vai de novo trabalhar nas suas terras.

1ª Mas pode-se saber o que aconteceu?

5ªPassou a noite de anteontem sentada na soleira da porta, apesar do frio.

1ª- Mas por que?

4ª Custa-lhe muito estar em casa.

5ª-Essas machonas são assim.Preferem subir para o telhado, andar descalças por esses rios, quando podiam estar em casa, fazendo renda ou compota de maçã.



- 1ª Quem és tu para dizeres essas coisas? Ela não tem filhos mas não é culpa sua.
- 4ª Quem quer ter filhos tem-nos. É que as mimosas, as preguiçosas, as melosas não são feitas para terem o ventre enrugado. (riem-se).
- 3ª -E enchem-se de polvilhos e carmin e enfeitam-se com ramos de adelfa, à procura de outro que não seja o seu marido.
- 5ª Essa é que é a verdade.
- 1ª Mas vós a vistes com outro?
- 4ª Nós não, mas o povo sim.
- 1ª Sempre o povo.
- 5ª Dizem que por duas vezes.
- 2ª E que faziam?
- 4ª Conversavam.
- 1ª Conversar não é pecado.
- 4ª- Há uma coisa no mundo, que é o olhar. Minha mãe já o dizia : Não é o mesmo uma mulher mirando rosas, ou mirando as coxas de um homem. E ela o mira.
- 1ª Mas a quem?
- 4ª- A alguém, estás ouvindo? Procura saber tu mesma. Queres que o diga mais alto? (risadas) E quando não o mira porque está sozinha, porque não o tem na sua frente, leva-o retratado nos olhos.
- 1ª -Isso é mentira. (algazarra).
- 5ª- E o marido?
- 3ª- O marido está como surdo. Parado como um lagarto ao sol. (riem).
- 1ª Tudo isso endireitaria se tivessem filhos.
- 2ª- Tudo isso são coisas de gente que não está conformada com a sua sorte.
- 4ª- Cada hora que passa aumenta o inferno naquela casa. Ela e as cunhadas, sem despregarem os olhos, caíam todos os dias as paredes, esfregam as vasilhas de cobre, limpam com bafo os vidros, dão lustro ao chão; Pois quanto mais brilha a casa, mais arde por dentro.
- 1ª- A culpa é dele : quando um pai não dá filhos, deve cuidar de sua mulher.
- 4ª- A culpa é dela, que tem uma lingua dura como um pedernal.
- 1ª- Que demonio se meteu entre seus cabelos, para falares assim?
- 4ª- E quem deu licença à tua boca para me dar conselhos?
- 2ª- Cala.
- 1ª- Com uma agulha de fazer meia, goataria de traspassar as linguas murmuradoras...



2ª Calá-te!

4ª-E eu a tampa do peito das alingidas.

2ª-Silencio .Não vês que ali vêm as cunhadas?

(murmurios.Entram as duas cunhadas de Yerma, vestidas de luto.Põem-se a lavar em meio ao silêncio.Ouvem-se cincerros.)

1ª-Já se vão os pastores?

3ª-E agora partem todos os rebanhos.

4ª-(aspirando ar)-Gosto do cheiro das ovelhas.

3ª-Gostas?

4ª-E porque não?Cheiro do que se tem.Como gosto do cheiro do lodo vermelho que o rio arrasta no inverno.

3ª-Caprichos.

5ª-)Olhando)-Vão juntos, todos os rebanhos.

4ª-É uma inundação de lá.Arrasam tudo.Se os trigos verdes tivessem cabeça, tremeriam, vendo-os chegar.

3ª-Olha como correm!Que manada de inimigos.

1ª-Já partiram todos. Não falta nenhum.

4ª-Deixa ver...Não...Sim, sim...falta um.

5ª-Qual?

4ª-O de Victor. (As duas cunhadas se levantam e olham.)

NO ARRIOI FRIO,

LAVO A TUA FAIXA.

ARDENTE JASMIM

É TUA RISADA.

QueRO SOBRE MIM

A LEVE NEVADA

DESSE JASMIM.

1ª-Ai da casada seca.

Ai da que tem os peitos de areia!

5ª-Dize-me se teu marido

De amor te lava,

Para que em tuas roupas

cantem as águas.

4ª-É tua camisa

Nave de prata, e o vento

em torno a alisa.

1ª-As roupas de meu filho

venho lavar

Para ensinar às águas

Lições de cristal.

2ª-Vem chegando pelo monte

Meu marido. Vem comer

Ele me trás uma rosa

E eu lhe dou tres.



- 5ª--Pelo vale vem chegando
Meu marido.Vem jantar
As brasas que me entrega,
De murta as vou cercar.
- 4ª--Pelos ares vem chegando
Meu marido.Vem dormir.
Eu, aleli vermelho,.
Ele vermelho aleli.
- 1ª--É juntar flor com flor
Quando o verão seca o sangue
ao segador?
- 4ª--E abrir o ventre a pássaros sem sono,
Quando a tremer, o inverno vem a nosso encontro.
- 1ª--E gemer entre os lençóis.
4ª--E cantar.
- 5ª--Quando a coroa e o trigo
O homem nos traz.
- 4ª--Por que os braços se enlaçam.
2ª--Porque a luz se nos quebra na garganta.
4ª--Porque o talo das ramas se quebranta.
1ª--E astendas do vento cobre as montanhas.
6ª--(aparecendo no alto da torrente)
Para que um menino quebre
Os rijos vidros da aurora.
- 1ª--E há pelo nosso corpo
Ramas furiosas de coral.
- 6ª--Para haver remadores
Pelas águas do mar.
- 1ª--Um meninozinho, um menino.
2ª--E as pombas abrem as asas e o bico.
3ª-- Um menino que chora, um filho.
4ª--E os homens avançam
Como cervos feridos.
- 5ª--Alegria, alegria, alegria!
Do ventre redondo, dentro da camisa.
- 2ª--Alegria, alegria, alegria!
Umbigo, cálice frágil de bonina.
- 1ª--Mas ai da casada sêca.
ai da que tem os peitos de areia.
- 3ª--Que brilhe!



4ª Que corra.

5ª-Que torne a brilhar.

1ª Que cante.

2ª-Que se esconda.

1ª E que torne a cantar.

6ª A aurora que o meu menino
leva no avental.

2ª-(cantam todas em coro).

No arroio frio

lavo a tua faixa.

Ardente jasmim

é tua risada.

ah.ah. sh.ah.

(Movem com ritmo e batem a roupa que lavam.)

cortina.

SEGUNDO QUADRO.

(casa de Yerma . Entardece. João está sentado. As duas cunhadas de pé.

João -Dizes que saiu há pouco? (A irmã mais velha responde com a cabeça.) Deve estar na fonte. Mas já sabeis que não me agrada que saia só. (pausa). Podes pôr a mesa. (Aparece a irmã mais moça) Bem ganho é o pão que como. (à irmã)-Ontem passei um dia duro. Estive podando as macieiras e ao cair da tarde me pus a pensar : Para que poria tanto empenho na faina, se não posso levar uma maçã à boca? Estou farto (Passa a mão pela cara. Pausa) Não vem... Uma de vós, devia sair com ela, pois para isto estais aqui, comendo à minha mesa e bebendo do meu vinho. Minha vida está no campo, mas a minha honra está aqui. E a minha honra também é vossa. (A irmã inclina a cabeça) Não o leves a mal. (Entra Yerma con dois cantaros. Fica parada à porta) Vens da fonte?

Yerma -Para termos agua fresca ao jantar. (Entrega à outra irmã) Como estão as terras?

João -Ontem andei a podar as arvores.

(Yerma deixa os cantaros. Pausa).



Yerma -Vais ficar?

João -Tenho de tratar do gado, Sabes que isso são coisas do dono.

Yerma -Bem sei. Não mo repitas.

João -Cada homem tem sua vida.

Yerma -E cada mulher a sua. Não te peço que fiques. Aqui tenho tudo o que necessito. Tuas irmãs me guardam bem. Aqui tenho pão mole e requeijão e cordeiro assado: e teu gado no monte tem pasto cheio de orvalho. Creio que podes viver em paz.

João -Para viver em paz, precisa-se estar tranquilo.

Yerma -E tu não estás?

João -Não estou.

Yerma -Deixa disso.

João -Não conheces minha maneira de ser? As ovelhas no redil e as mulheres em sua casa. Tu saias muito. Não me tens ouvido sempre dizer isto?

Yerma -É certo. As mulheres dentro de suas casas. Quando as casas não são tumbas. Quando as cadeiras se quebram e os lençóis de linho se gastam com o uso. Mas aqui não. Todas as noites, quando me deito, encontro a minha cama ainda mais nova, mais reluzente, como se acabasse de ser trazida da cidade.

João -Tu mesma reconheces que tenho razão de queixar-me. Que tenho motivos para estar alerta.

Yerma -Alerta? Por que? Em nada te ofendo. Vivo submissa a ti, e o que sou, guardo pregado à minha carne. E cada dia que passa, será pior. Não falemos nisto. Saberei levar a minha cruz como melhor puder, mas não me perguntes nada. Se pudesse de repente ficar velha e ter a boca como uma flor esmagada, poderia sorrir e ir levando a vida contigo. Agora, agora -deixa-me com os pregos da minha cruz.

João -Falas de um modo que não te entendo. Não te privo de nada. Mando buscar às aldeias vizinhas, as coisas de que gostas. Eu tenho os meus defeitos, mas quero ter paz e sossego contigo. Quero dormir fora e pensar que estás dormindo também.

Yerma -Mas eu não durmo, eu não posso dormir.

João -Falta-te alguma coisa? Dize-me, Responde!

Yerma -(com intenção e fitando firmemente o marido)-Sim, falta-me! (pausa)

João -Sempre a mesma coisa. Já faz mais de cinco anos. Já estou quase esquecendo.

Yerma -Mas tu és tu, e eu sou eu. Os homens têm outra vida; o gado, as árvores, as conversas; e nós mulheres, não temos mais que a cria e o cuidado da cria!



João - Nem todos são iguais. E por que não trazes um filho de teu irmão para criares? Eu não me oponho.

Yerma - Não quero cuidar de filhos dos outros. Imagino que se me vão gelar os braços de sustê-los.

João - Por causa disso, vives aloucada, sem pensar no que devias, e empenhada em dar com a cebaca numa pedra.

Yerma - Pedra que é uma infâmia que seja pedra, porque devia ser uma cesta de flores e água fresca.

João - Estando a teu lado, não se sente senão inquietude, desassossêgo. Em ultimo caso, deves resignar-te.

Yerma - Eu vim ter entre estas quatro paredes, para não me resignar. Quando tiver a cabeça atada com um lenço, para que não se me abra a boca, e as mãos bem amarradas dentro do ataúde, nesta hora estarei resignada.

João - Então, que queres fazer?

Yerma - Quero beber agua, e não há copo nem agua; quero subir no monte e não tenho pés; Quero bordar as minhas anáguas e não encontro os fios.

João - O que se passa é que não és uma mulher verdadeira, e buscas e ruína de um homem sem vontade.

Yerma - Não sei quem sou. Deixa-me andar e desafogar. Nunca te faltei em nada.

João - Não gosto que o povo me aponte. Por isso quero ver fechada esta porta, e cada um na sua casa.

(Entra a primeira irmã. Lentamente aproxima-se de um armário).

Yerma - Falar com as pessoas não é pecado.

João - Mas pode parecer.

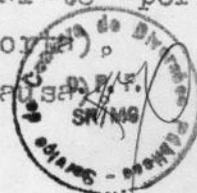
(Entra a outra irmã e dirige-se aos cântaros, nos quais enche uma jarra)

João - (baixando a voz) - Eu não tenho forças para estas coisas. Quando vierem conversar contigo, fecha a boca; Lembra-te de que és uma mulher casada.

Yerma - (com assombro) - Casada!

João - E que as famílias têm honra, e a honra é uma carga que todos carregam juntos. (Aparece a irmã com a jarra, lentamente) Mas que está escondida e fraca nos próprios canos do sangue. (Aparece a outra irmã, carregando uma terrina, de modos quase processional. Pausa). Perdo-a-me. (Yerma contempla o marido. Este ao levantar a cabeça, encontra o seu olhar) Embora me fites de um modo que não te devia dizer -perdo-a-me! Mas sim forçar-te, encerrar-te -porque para isso sou o marido. (Aparecem as duas irmãs à porta).

Yerma - Rogo-te que não fales. Deixa parada a questão. (Pausa)



João -Vamos comer.(Entram as irmãs) Ouviste?

Yerma(-Suave)- Come tu com tuas irmãs.Eu ainda não tenho fome.

João -Como quiseses.(sai).

Yerma -(Como sonhando)-Ai, que prado de mágoa/Que porta fechada à formosura./Desejo a dor de ter um filho, e os ares/me estendem dalias de dormente lua./Estes dois mananciais que em mim palpitam/Com leite morno, são, pela espessura/da minha carne, pulsos de cavalo/Os ramos sacudindo à minha angústia./Ai peitos cegos sob sob o meu vestido./Ai pombas vãs, sem olhos nem brancura./ Ai que alicção de sangue prisioneiro/me está cravando de vespas a nuca./Mas tu há de chegar, amor, meu filho/porque as águas dão sal;/a terra, fruta/e o nosso ventre guarda tenros filhos/ como as nuvens carregam doce chuva./(Olha para a porta).

Maria, por que passas tão depressa pela minha porta?

Maria - (Entra com uma criança nos braços)Faço isso quando vou com o menino...já que sempre choras!

Yerma -Tens razão. (Pega o menino e senta-se).

Maria - Entristece-me que tenhas inveja.

Yerma -Não é inveja que tenho. É pobreza.

Maria -Não te queixes.

Yerma -Como não me hei de queixar, quando te vejo a ti e a outras mulheres cheias de flores por dentro e me vejo tão inútil em meio a tanta formosura?

Maria - Mas tens outras coisas.Se me ouvisses, poderias ser feliz.

Yerma -A mulher do campo que não dá filhos é inútil como um punhado de espinhos, e até má - embora eu seja desse refugo desprezado pela mão de Deus.(Maria faz um gesto, como para tomar a criança.) Toma-o.Contigo está mais a gosto.Eu não devo ter mãos de mãe.

Maria -Por que me dizes isto?

Yerma -(levantando-se)-Porque estou farta. Porque estou farta de tê-las e não as poder empregar em coisa própria.Pois estou ofendida. Ofendida e rebaixada até às ultimas,vendo que os trigos apontam, que as fontes não cessam de dar água,e as ovelhas parem centos de cordeiros,e as cadelas,-e que parece que todo o campo,de pé, me mostra suas crias tenras e adormecidas,enquanto eu sinto dois golpes de martelo, aqui, em lugar da boca de meu filho.

Maria -Não me agrada o que dizes.

Yerma - Vós, as que tendes filhos, não podeis pensar nas que não os temos.Permaneceis serenas, ignorantes, como o que nada em água doce ,não faz idéia da sede.

Maria -Não te quero dizer o que te digo sempre.



Yerma -Cada vez tenho mais desejos e menos esperanças.

Maria - Isso é ruim.

Yerma - Acabarei acreditando que eu mesma sou meu filho. Muitas noites desço a dar de comer aos bois, o que antes não fazia, -porque mulher nenhuma o faz -e quando passo pela sombra do alpendre, meus passos me aprecem passos de homem.

Maria -Cada um tem suas razões.

Yerma -Apesar de tudo, continua a querer-me. Podes imaginar como vivo?

Maria -E tuas cunhadas?

Yerma - Morta me veja e sem mortalha, se alguma vez falar com elas.

Maria -E teu marido?

Yerma -São tres contra mim.

Maria -Que pensam?

Yerma -Invenções de gente que não tem consciencia tranquila. Crêem que posso gostar de outro homem e não sabem que, ainda que gostasse, o primeiro ponto da minha casta é a honradez. São pedras na minha frente. Mas o que não sabem é que eu, se quiser, posso ser agua de arroyo que as leve. (Uma irmã entra e volta levando um pão).

Maria -De qualquer maneira creio que teu marido continua a querer-te.

Yerma -Meu marido me dá pão e casa..

Maria -Que trabalhos estás passando. Que trabalhos! Mas lembra-te das chagas de Nosso Senhor.

(estão à porta).

Yerma -(mirando o menino)-Já acordou.

Maria -Daqui a pouco começará a cantar.

Yerma -Tem os teus olhos, sabias? Já os viste? (Chorando) Tem os olhos iguais aos teus. (Yerma suavemente empurra Maria, que sai silenciosa. Yerma dirige-se à porta por onde entrou o marido.)

2ª rapariga -Psiu!

Yerma -Que é?

2ª rapariga -Esperei que saísse. Minha mãe está à sua espera.

Yerma - Está só?

2ª Rapariga -Com duas vizinhas.

Yerma -Dize-lhes que esperem um pouco.

2ª Rapariga, -Mas sempre vais? Não te dá medo?

Yerma -Erei.

2ª Rapariga -Anda lá.

Yerma -Que me esperem, embora seja tarde.

(ENTRA VICTOR.)

Victor -João está?

Yerma -Está!

2ª Rapariga - (cumplíce)- Então, logo trarei a blusa.

Yerma - Quando quiseres. (sai a rapariga)-Senta-te.



Victor -Estou bem assim.

Yerma -(chamando)- João!

Victor - Venho despedir-me. (Estremece levemente, mas logo torna a serenar.)

Yerma -Vais com teus irmãos?

Victor -Assim o quer meu pai.

Yerma -Já deve estar velho.

Victor -Está, muito velho. (pausa).

Yerma -Fazes bem em mudar de campo.

Victor -Todos os campos são iguais.

Yerma -Não. Eu iria para muito longe,

Victor -Tudo é o mesmo. As mesmas ovelhas têm a mesma lã.

Yerma -Para os homens sim, Mas nós mulheres somos outra coisa. Nunca ouvi dizer a um homem, comendo como são boas essas maçãs! Ides ao que é vosso, sem reparardes nas delicadezas. Por mim, posso dizer: Detesto a água destes poços.

Victor -Pode ser. (A cena está numa suave penumbra.)

Yerma -Victor!

Victor -Fala.

Yerma -Por que te vais? Aqui as pessoas te querem.

Victor -Portei-me bem. (pausa).

Yerma -Portaste-te bem. Quando eras rapazote, levaste-me uma vez nos braços, não te lembras? Nunca se sabe o que vai acontecer.

Victor -Tudo muda.

Yerma -Algumas coisas não mudam. Há coisas fechadas dentro de paredes, que não podem mudar, porque ninguém as ouve.

Victor -Assim é.

(Aparece a 2ª irmã e dirige-se lentamente para a porta, onde fica, firme, iluminada pela última claridade da tarde.)

Yerma - Mas se saíssem de repente, e gritassem, encheriam o mundo.

Victor -Não adiantaria nada. A acéquia em seu lugar, o rebanho no redil, a lua no céu, e o homem com seu arado.

Yerma - Que imensa pena, não poder sentir os sentimentos dos velhos. (Ouve-se longo e melancólico som de buzios de pastores).

Victor -Os rebanhos.

João -(entra)-Já estás de partida?

Victor - E quero passar o porto antes do amanhecer.

João -Levas alguma queixa de mim?

Victor -Não. Foste bom pagador.

João -(a Yerma)-Comprei-lhe os rebanhos.

Yerma -É?



Victor -(a Yerma)- São teus.

Yerma -Não sabia.

João -(stisfeito)- Pois é.

Victor -Teu marido há de ver tua fazenda repleta.

Yerma -O fruto vem às mãos do trabalhador que o procura.

(A irmã que está à porta, vem para dentro).

João - Já não temos onde meter tantas ovelhas.

Yerma - (sombria)- A terra é grande.

(Causa).

João - Iremos juntos até o arroio.

Victor -Desejo a esta casa, a maior felicidade. (Dá a mão a Yerma).

Yerma - Deus te ouça. Saúde!

(Victor deixa-o passar e, a um movimento imperceptível de Yerma, volta-se.)

Victor -Dizias alguma coisa?

Yerma - (dr'stica)- Disse-te : "Saúde".

Victor -Obrigado.

(saem.Yerma continua imóvel, angustiada, mirando a mão que deu a Victor. Dirige-se rapidamente para a esquerda e apanha um xale.).

2ª Rapariga -(em silencio, tapando-lhe a cabeça)-Vamos.

Yerma - Vamos (saem sigilosamente).

(A cena está quase na escuridão. Entra a Irmã mais velha com uma candeia que não deve dar ao teatro luz nenhuma senão a natural que leva. Dirige-se ao fim da cena, buscando Yerma. Soam os buzios do rebanho).

1ª Cunhada -(em voz baixa)- Yerma!

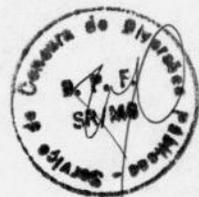
(Entra a segunda cunhada. Miram-se as duas e dirigem-se à porta.)

2ª -(mais alto)-Yerma!

1ª Cunhada -(Dirigindo-se à porta e com voz imperiosa)- YERMA!

(Ouvem-se os buzios e as cornetas dos pastores. A cena está escuríssima.)

CORTINA.



TERCEIRO ATO;

(Casa de Dolores).

(Vai amanhecendo. Entra Yerma com Dolores (a rezadeira) e duas velhas).

Dolores -Foste corajosa.

1ª Velha -Não há nada no mundo como a força do desejo.

2ª -Mas o cemitério estava escuro demais.

Dolores -Muitas vezes tenho feito estas orações no cemitério com mulheres que ansiavam por crianças. E todas tiveram medo, Todas, menos tu.

Yerma -Eu vim pelo resultado. Creio que não és mulher de enganar.

Dolores -Não sou, não. Que se me encha a língua de formigas, como a boca dos mortos, se alguma vez menti. A ultima vez fiz a reza com uma mendiga que estava seca mais tempo do que tu. E de maneira tão formosa que se lhe adoçou o ventre, que teve duas crianças ali embaixo, no rio, porque nem lhe dava tempo de chegar ao povoado. E ela mesma as trouxe num pano, para que eu as arranjasse.

Yerma -E pôde vir andando lá do rio?

Dolores -Veio. Com os sapatos e as anáguas empapados de sangue...mas com a cara rebrilhante.

Yerma -E não lhe aconteceu nada?

Dolores -Que havia de acontecer? Deus é Deus.

Yerma -Naturalmente. Deus é Deus. Não lhe podia acontecer nada. Só agarrar as criancinhas e lavá-las com agua viva. Os animais as lambem, não é? Eu não tenho nojo de meu filho. Imagino que as recém-paridas estão como iluminadas por dentro, -e as crianças dormem horas e horas em cima delas ouvindo esse arroio de leite morno que lhes vai enchendo os peitos, para que mamem, para que brinquem, até não quererem mais; até retirarem a cabeça: "Um pouquinho mais, menino..." - e ficarem com a cara e o peito cheios de gotas brancas.

Dolores -Agora terás um filho, podes ter certeza.

Yerma -Hei de tê-lo por força, ou não entendo o mundo. Às vezes, quando já estou certa de que nunca. nunca... sobe-me como uma onda de fogo pelos pés, e ficam vazias para mim, todas as coisas, e os homens que andam pela rua, e os touros e as pedras me parecem assim como coisas de algodão. E pergunto a mim mesma, porque estarão postos ali?

1ª Velha -É bom que uma casada queira filhos; Mas se os não tens, porque essa ansia de tê-los? O importante neste mundo, é deixar-se levar pelo tempo. Não te critico. Já viste como ajudei nas rezas.



Mas que varzeas esperas dar a teu filho? Ou que felicidade? Ou que cadeira de prata?

Yerma -Eu não penso no amanhã; penso no hoje. Tu estás velha, e vês tudo como um livro lido. Eu penso que tenho sede e não tenho liberdade. Eu quero ter um filho meu nos braços, para dormir tranquila; E ouve-me bem, e não te espantes do que digo : embora soubesse que meu filho me iria martirizar depois, e me iria odiar, e me iria arrastar pelos cabelos pelas ruas, receberia com gosto o seu nascimento, porque é muito melhor chorar por um homem vivo, que nos apunhala, do que chorar por este fantasma sentado anos e e anos em cima do meu coração.

1ª Velha -És muito nova para ouvires conselhos. Mas enquanto esperas a graça de Deus, deves amparar-te no amor de teu marido.

Yerma -Ai. Puseste o dedo, na chaga mais funda que há na minha carne.

Dolores -Teu marido é bom.

Yerma -(Levantando-se) É bom! É bom! E depois? Oxalá fosse mau. Mas não. Ele vai com suas ovelhas por seu caminho, e de noite conta do diabinheiro. Quando nos juntamos, cumpre o seu dever, mas reparo que é f ío como se tivesse o corpo morto; e eu, que sempre tive asco das mulheres ardentes, queria ser, naquele instante, como uma montanha de fogo.

Dolores -Yerma!

Yerma -Não sou uma casada indecente, mas sei que os filhos nascem do homem e da mulher. Ai, se os pudesse, ter sózinha.)

Dolores -Pensa que teu marido também sofre.

Yerma -Não sofre não. O que acontece é que ele não deseja filhos.

1ª Velha -Não digas isso!

Yerma -Vejo-lhe isso nos olhos. E como os não deseja, não mos dá. Não o quero, não o quero. E no entanto, é a unica salvação. Por honra e por casta. Minha unica salvação.

1ª Velha -(com medo)-Vai começar a amanhecer. Deves ir para casa.

Dolores -Não tardam a sair os rebanhos e não convem que te vejam sózinhas.

Yerma -Necessitava deste desabafo . Quantas v zes devo repetir as orações?

Dolores -A do loureiro, duas vzes; e ao meio dia, a oração de Santana. Quando te sentires prenhe, traze a fanga de trigo que me prometeste.

1ª Velha -Por cima dos montes, já começa a clarear. Vai-te embora.

Dolores -Como daqui a pouco começarão a abrir os portões, vai fazendo um rodeio pela acéquia.

Yerma -(Com desalento)-Não sei por que vim!

Dolores -Estás arrependida?

Yerma -Não.



Dolores -(Perturbada)-Se tens medo, acompanho-te até à esquina.

1ª Velha -(com inquietação)-Já será dia claro quando chegares à tua porta. (Ouvem-se vozes).

Dolores -(escutam)-Cala-te.

1ª Velha -Não é ninguém. Vai com Deus! (Yerma dirige-se para a porta, e neste momento chamam-na.As tres mulheres ficam paradas.)

Dolores -Quem é??

Voz -Sou eu.

Yerma -Abre.(Dolores duvida) Abres ou não?

(Ouvem-se murmurios. Aparece João com as duas cunhadas.)

2ª Cunha - Aqui está.

Yerma -Aqui estou.

João -Que fazes neste lugar? Se pudesse gritar, levantaria toda a aldeia, para que vissem por onde anda a honra da minha casa; mas hei de afogar tudo e calar-me, porque és minha mulher.

Yerma - Se pudesse gritar, também gritaria, para que levantassem até os mortos e vissem esta limpeza que me cobre.

João -Não, isso não.Aguento tudo, menos isso.Tu me enganas, me enredas, E sou um homem que trabalha a terra,não tenho cabeça para tuas astúcias.

Dolores -João!

João -Calai-vos. Nem uma palavra.

Dolores -Tua mulher não fez nada de mal.

João -Desde o próprio dia da boda que o está fazendo.Mirando-me com duas agulhas,passando as noites em claro, com os olhos abertos, a meu lado,e enchendo de maus suspiros os meus travesseiros.

Yerma -Cala-te.

João -Eu não posso mais. Porque é preciso ser- de bronze para ver-se ao lado uma mulher que te quer enterrar os dedos no coração; e que de noite, sai de sua casa,em busca de quê? Dize-me. Procurando o que? As ruas estão cheias de machos.Nas ruas não há flores para cortar.

Yerma -Não te deixo falar nem mais uma palavra. Nem mais uma. Imaginas tu e tua gente,que sois os unicos a guardar honra; e não sabes que a minha casta não teve nunca, nada que ocultar.Andá. Chega perto de mim e cheira os meus vestidos :vem! Vês se encontras um cheiro que não seja o teu, que não seja o do teu corpo. Põe-me nua no meio da praça e cospe-me.Faze comigo o que quiseres,já que sou tua mulher;mas livra-te de por nome de honra em cima dos meus peitos.

João -Não sou eu quem o põe :és tu, com tua conduta. E o povo começa a dizê-lo.Começa a dizê-lo claramente. Quando começa a uma roda, todos se calam;quando vou pesar a farinha, todos se calam; e até

de noite, no campo, quando desperto, parece-me que também se calam as ramas das arvores.

Yerma - Não sei como se levantam os maus ventos que revolvem o trigo. E dize-me se o trigo não é bom?

João - E eu não sei o que busca uma mulher a toda hora fora de casa.

Yerma - (num arranco, abraçando-se ao marido) - Busco-te a ti. Busco-te a ti. - É a tí que busco, dia e noite, sem encontrar sombra onde respirar. É teu sangue e teu amparo o que desejo.

João - Afasta-te.

Yerma - Não me afastes. E une ao meu o teu querer.

João - Deixa-te disso.

Yerma - Olha que fico só. Como se a lua se procurasse a si mesma pelo céu. Olha-me! (Fita-o).

João - (Fita-a e afasta-a bruscamente) - Deixa-me de uma vez.

Dolores - João! (Yerma cai no chão).

Yerma - (Alto - Quando saía a procurar meus cravos, tropecei na parede. Ai ai, é nessa parede que tenho de rebentar a minha cabeça.

João - Cala-te. Vamos.

Dolores - Deus meu.

Yerma - (Aos gritos) - Maldito seja meu pai que me deixou seu sangue de pai de cem filhos. Maldito seja meu sangue que os busca aos trancos pelas paredes.

João - Calate, já disse.

Dolores - Vem gente. Fala baixo.

Yerma - Não me importa. Deixem-me livre ao menos a voz, agora que vou entrando no mais escuro do poço. (Levanta-se) Deixem que do meu corpo saia ao menos esta coisa bela - e que encha os ares. (Ouvem-se vozes).

Dolores -vão passar por aqui.

João - Silêncio!

Yerma - Isso! Isso! Silêncio. Não te preocupes.

João - Vamos depressa.

Yerma - É assim? É assim. E é inútil retorcer as mãos. Uma coisa é querer com a cabeça...

João - Cala-te.

Yerma - (baixo) - Uma coisa é querer com a cabeça, e outra coisa é que o corpo - maldito seja o corpo - não nos responde. Está escrito, e não me vou por a lutar, braço a braço com os mares. É assim. Muda fique a minha boca. (sai).

CORTINA;



SEGUNDO QUADRO.

(Arredores de uma ermida em plena montanha. No primeiro plano, umas rodas de carro e umas mantas, formando uma tenda rustica onde está Yerma. Entram as mulheres com oferendas para a ermida. Vêm descalças. Na cena está a Velha alegre do primeiro ato. Canto com a cortina cor rida.

Não te pude ver,
quando eras solteira
mas já casada
te encontrarei.

Casada e romeira
te despirei,
quando pelo escuro
meia noite dê.

Velha - (Com malícia) - Já bebeste a água santa?

1ª Mulher - Já.

Velha - E agora vindes vê-lo.

1ª Mulher - Acreditamos nele.

Velha - Vindes pedir filhos ao Santo; E acontece que cada ano vêm mais homens sózinhos a esta romaria. Que se passará? (Ri-se).

1ª Mulher - Por que vens aqui, se não crês?

Velha - Venho ver. Fico louca para ver. E pra tratar de meu filho. O ano passado mataram-se dois homens por uma casada, sego e quero vigiar. E por fim, venho porque me dá na veneta.



1ª Mulher -Deus te perdoe. (entram).

Velha -(Com sarcasmo)-Que te perdoe a tí.(Vai-se embora Entra Maria com a 1ª rapariga).

1ª Rapariga - E veio?

Maria - Alí tens o carro.Muito me custou trazê-los.Ela esteve um mês sem se levantar da cadeira.Tenho medo dela. Anda com uma idéia que não sei qual é,mas se vê que é uma idéia ruim.

1ª rapariga -Cheguei com minha irmã.Há oito anos que vem sem resultado.

Maria -Tem filhos a que tem que os ter.

1ª rapariga -É o que eu digo.(Ouvem-se vozes.)

Maria -Nunca me agradou esta romaria.Vamos às eiras que é onde está o povo.

1ª Rapariga - No ano passado, quando escureceu,uns rapazes atenzaram com as mãos os peitos da minha irmã.

Maria -Por quatro léguas em redor, não se ouvem senão palavras terríveis.

1ª Rapariga -Ví mais de quarenta tonéis de vinho nos fundos da ermida.

Maria -Um rio de homens soninhos desce por estas serras.

(saem. Ouvem-se vozes, Entra Yerma com seis mulheres que vão à igreja. Vão descalças e levam cirios torcidos.Começa a noitecer.)

Maria -Senhor que a rosa floresça!

Não fique na sombra presa.

2ª Mulher - Neste corpo que se engelha

Cresça a rosa amarela.

Maria -No ventre das tuas servas

A chama escura da terra.

Coro de Mulheres -Senhor que a rosa floresça.

Não fique na sombra presa.(ajoelham-se).

Yerma -O céu tem os seus jardins

com roseiras de alegria;

Entre roseira e roseira,

a rosa da maravilha.

Raio de autora aparece

e há um arcanjo que a vigia;

As asas como tormentas,

Os olhos como agonias.

Em reflex de suas folhas,

arrêdois de leite brincam,

têpidos, molhando a cara

das estrelinhas tranquilas.

Senhor abre um roseiral .

nesta murcha carne minha. (Levantam-se).



2ª Mulher - Senhor, acalma este fogo, /de sua face incendiada./

Yerma - Escuta uma penitente/desta Santa romaria/Abre em mim a tua rosa/
embora espinhos me firem/.

Coro - Senhor, que a rosa floresça/E não fique em sombra presa./

Yerma - Sobre a murcha carne minha/ a rosa da maravilha/.

(entram) Saem raparigas correndo com longas fitas nas mãos, pela esquerda. Pela direita, outras tres olhando para tras. há na cena como um crescendo de vozes e de ruidos de guizos e colares de campainhas. Num plano superior, aparecem as sete raparigas que agitam as fitas para a esquerda. Cresce o ruído e entram dois mascarados populares, um como macho e outro como fêmea. Levam grandes mascaras. O macho empunha um chifre de touro. Não são de modo nenhum grotescos, mas antes, de grande beleza e com um sentido de pura terra. A fêmea agita um colar de grandes campainhas. O fundo enche-se de gente que grita e comenta a dança. Já é noite fechada.)

Meninos - O Demônio e sua mulher. O demônio e sua mulher!

Fêmea - Pelo rio de uma serra/triste esposa se banhava/Pelo corpo lhe subiam, os vivos caracóis da agua. A fina areia das margens/ e os ares da madrugada/lhe enchiam de fogo o riso/ e de tremor as espáduas. Ai, como estava despida /a Donzela dentro d'agua./

Menino - Ai, como se queixava.

1º homem - Ai, tão murcha de amores, /com o vento e a água/.

2º Homem - Que diga por quem espera/.

1º Homem - Que diga por quem aguarda./

2º Homem - Ai, com o ventre seco/ e a cor tão desanimada/.

Fêmea - Quando chegue a noite o direi/Quando chegue a noite clara/
Quando chegue a noite da romaria/rasgarei os folhos da minha
anágua./

Menino - E em seguida veio a noite/Ai, que a noite já chegava/

Olhai como fica escura/pela montanha a cascata./

(Começam a soar umas guitarras)

Macho - (Levanta-se e agota o chifre)

Ai, tão branca/a triste casada/Ai, como se queixa entre as ramas/
Já vais ser cravo e papoula/quando o macho desdobre a capa/

(aproxima-se)

Se vieres à romaria/pedir que teu ventre se abra/

Não te cubras com veia de luto/mas com leva camisa de holanda/
Vai sozinha detrás destes muros/Onde estão as figueiras cerradas/
e sustenta meu corpo de tearra/até quando suspire a alvorada/
Ai, como rebrilha/ai como rebrilha/a/ai como se meneia a casada/.



FEMEA -Ai, que o amor lhe oferece/coroas e grinaldas/e dardos de ouro vivo/em seu peito se cravam/

Macho-Sete vezes gemia/nove se lavantava/laranjas com jasmins/quinze vezes juntaram/

3º Homem -Bate-lhe já com o chifre.

2º Homem -Com a rosa e com a dança./

1º Homem -Ai, como se meneia a casada/

Macho -Nesta romaria, /o varão sempre manda/Os maridos são touros/
O varão sempre manda/e asromeiras são flores/para aqueles que as ganha./

Menino -Bate-lhe já com o ar/.

2º Homem -Bate-lhe já com a rama/

Macho Vinde ver o esplendor/dessa que se banhava/

1º Homem -Como junco se curva./

Femea -E como flor se cansa.

Homens -Afastar as meninas./

Macho -E incendeie-se a dança/ e o corpo reluzente/da garrida casada/
(Vão-se a bailar ao som de palmas, com sorrisos. Cantam.)

O Ceu tem os seus jardins/com roseiras de alegria./Entre roseira e roseira/ A rosa da maravilha./ (Tornam a passar duas raparigas gritando. Entra a velha alegre.)

Velha -Vamos a ver se nos deixais dormir. Mas agora vai ser ela. (Entra. Yerma) Tu! (Yerma está abatida e não fala) Dize-me a que vieste.

Yerma -Não sei.

Velha -Não te convences? E teu marido? (Yerma dá mostras de cansaço e vê-se que uma idéia fixa lhe atormenta a cabeça.)

Yerma -Está por aí.

Velha -E que faz?

Yerma -Bebe. (Pausa-Levando a mão à testa)-Ai!

Velha - Ai. Ai! Menos ai e mais alma. Antes não te pude dizer nada, mas agora posso.

Yerma -E que me vais dizer que já não saibas?

Velha -O que já não se pode calar. O que está em cima do telhado. A culpa é de teu marido, estás ouvindo? Deixaria que lhe cortassem a mão. Nem seu pai, nem seu avô nem seu bisavô, se portaram como homem de casta. Para terem um filho foi preciso que se juntassem o céu e a terra. São feitos de saliva. Com tua gente, foi o contrário. Tens irmãos e primos por cem léguas ao redor. Vê que maldição havia de cair sobre a tua formosura..

Yerma -Uma maldição. Um charco de veneno sobre as espigas.

Velha -Mas tu tens pés para abandonares a casa.

Yerma -Abandoná-la?

Velha -Quando te vpi na romaria, o coração deu-me um baque. Aqui vêm



as mulheres conhece homens novos. E o santo faz o milagre. Meu filho está sentado atrás da ermida, esperando-me. A minha casa precisa de uma mulher. Vai ter com ele, e viveremos os tres juntos. Meu filho sim, é de bom sangue. Como eu. Se entras em minha casa, verás que ainda cheira a berços. A cinza da tua colcha se mudará em pão e sal para as crias. Anda. Não te importes com o povo. E quanto a teu marido, há na minha casa ~~entradas e ferramentas~~ para que não chegue nem a atravessar a rua. Yerma -Cala-te. Cala-te, que não é isso. Nunca o faria. Eu não posso ir buscar. Achas que posso conhecer outro homem? Onde pões a minha honra? A água não pode correr pra trás, nem a lua cheia sai ao meio dia..Vai-te embora. Seguirei meu caminho. Pensaste a sério que eu me poderia dobrar a outro homem? Que eu fosse pedir-lhe o que é meu, como uma escrava? Conhece-me, para que nunca mais me fales. Eu não busco..

Velha -Quando se tem sede, agradece-se a água.

Yerma -Eu sou como um campo seco onde cabem, arando, mil juntas de bois. E o que tu me dás é um pequeno copo de água de poço. A minha é uma dor que já não cabe na carne.

Velha -(Forte)-Pois continua assim.É do teu gosto.Como os cardos das te secas, espinhosa, murcha.

Yerma -Murcha, sim, já sei. Murcha! Não é preciso que me esfregues isso na bossa. Não venhas divertir-te como as crianças pequenas com a agonia de um animalzinho.Desde que me casei estou dando voltas a esta palavra, Mas é a primeira vez que a ouço, a primeira vez que me atoram com ela na cara. A primeira vez que vejo que é verdade.

Velha -Não me dás pena nenhuma.Nenhuma. Buscarei outra mulher para meu filho.

(Retira-se.Ouve-se um grande coro distante,cantado pelos romeiros. Yerma dirige-se para o carro, e aparece por tras dela seu marido;)

Yerma -Estavas aí?

João -Estava.

Yerma -Espreitando?

João -Espreitando.

Yerma -E ouviste?

João -Ouvi.

Yerma -E então.? Deixa-me e vai-te com os cantadores. (senta-se nas mãos.).

João -Também é minha hora de falar.

Yerma -Fala.

João -E de queixar-me.

Yerma -Por que motivo?



João -Porque tenho um amargor na garganta.

Yerma - E eu nos ossos.

João -Chegou o último instante de resistir a este contínuo lamento por coisas obscuras, fora da vida, por coisas que estão nos ares.

Yerma -(com assombro dramático)-Fora da vida, dizes? Nos ares, dizes?

João -Por coisas que não aconteceram e que não dependem nem de mim nem de tí.

Yerma -(Violenta)-Continua. Continua!

João - Por coisas que a mim não me importam. Ouves? Que a mim não me importam. Já é necessário dizer-te isso. A mim me importa o que tenho nas mãos. O que vejo com os meus olhos.

Yerma -(Levantando-se nos joelhos, desesperada)- Assim, assim, era isto que eu queria ouvir, de teus lábios... Não se sente a verdade, quando está dentro de nós. Mas como é grande e como grita, quando sai e levanta os braços. Não lhe importa. Já o ouvi.

João -(aproximando-se)-Pensa que tinha de ser assim. Ouve-me. (Abraça-a para levantá-la.) Muitas mulheres seriam felizes levando a vida que levavas. Sem filhos a vida é mais doce. Eu sou feliz não os tendo. Não temos culpa nenhuma.

Yerma -(Excitada)- Isso! Buscavas a casa, a tranquilidade e uma mulher. Não é verdade o que digo?

João - É verdade. Como todos.

Yerma -E o resto? E teu filho?

João -(Forte)-Não ouves que não me importa? Não me perguntes mais. Pois terei que gritar-te aos ouvidos, para que o saibas, para ver se de uma vez para sempre vives tranquila.

Yerma -E nunca pensaste nele, quando me vias desejá-lo?

João -Nunca. (Estão os dois no chão.)

Yerma -E não poderia esperá-lo?

João -Não.

Yerma -Nem tu?

João -Nem eu tampouco. Resigna-te!

Yerma -Murcha!

João -Vamos Viver em paz. Um com o outro, docemente. Com agrado. Abraça-me. (Abraça-o).

Yerma -Que procuras?

João -Procuro a tí. Com a lua, estás linda.

Yerma -Tu me procuras como quando queres comer um pombo?

João -Beija-me, assim? ...

Yerma - Isso nunca. Nunca. (Dá um grito e aperta a garganta do marido até matá-lo. O coro da romaria começa a cantar) Murcha murcha, mas segura. Agora sim, que o sei com certeza. Eszinha. (levanta-se. Começa a chegar gente) Vou descansar sem ter de despertar sobre-saltada para ver se o sangue me anuncia outro sangue novo. Com o corpo seco para sempre. Que quereis saber? Não vos aproximeis, por que matei meu filho, eu mesma matei meu filho. (Acorre grupo. Coro).

FIM.



MJ - DPF - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM MINAS GERAIS
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

P A R E C E R N º 065/84

1. TÍTULO : YERMA
AUTOR : GARCIA LORCA
CLASSIFICAÇÃO : 18 ANOS
JUSTIFICAÇÃO/IMPROPRIIDADE : COMPLEXIDADE DO ENREDO -HOMICÍDIO
2. CONTEÚDO:
 - 2.1- ENREDO: Yerma e João são casados e não possuem filhos. Yerma considera que os filhos são necessários à ela e à saúde da mulher. Passa a viver obcecada com a idéia de se engravidar e para isso faz promessas de todos os tipos. Saindo de casa sem dizer ao marido o motivo, passa a ser observada e falada por todos. Vira motivo de críticas entre as mulheres e no grupo social. Yerma vive inconformada e cobra do marido a todo instante a presença de uma criança. Este julga-a infiel. Na realidade as saídas de Yerma representam sua busca através de rezas, oferendas e outros tipos de pedidos, para realizar seu sonho. Não consegue e termina estrangulando o marido.
 - 2.2- MENSAGEM PRINCIPAL: A busca da maternidade como realização da mulher. É positiva.
 - 2.3- MENSAGENS SECUNDÁRIAS: A destruição da própria felicidade pela obsessão. A sociedade influenciando comportamentos. São positivas.
3. PÚBLICO ALVO: Adulto.
4. LINGUAGEM: Figurada em sua maior parte.
5. GRAU DE PERSUASÃO: Médio.
6. PERSPECTIVA CENSÓRIA: O texto revela a que ponto chega o ser humano em suas obsessões, deformando a mente, em busca de

Cont.

um objetivo, destruindo a chance de ser feliz.
Chega a um ponto de anulação pessoal em favor do ideal, que provoca uma saída da realidade levando a prática de crimes, sem se importar com as consequências, achando inclusive que solucionou o problema.

PARECER:

1. Pela liberação.
2. Classificação: 18 anos.
3. Justificativa de impropriedade: complexidade do enredo-homicídio.

Belo Horizonte, 10 de abril de 1984


Bel Anunciação Gonçalves de Assis
Técnica de Censura
mat. 022.986

MJ - DPF - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM MINAS GERAIS
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

P A R E C E R N^o 076 / 84

TÍTULO : "YERMA"
AUTOR : GARCIA LORCA
CLASSIFICAÇÃO : 16 ANOS
JUSTIFICAÇÃO/IMPROPRIIDADE: TEMÁTICA ADULTA

2- CONTEÚDO:

2-1- ENREDO: Yerma é uma jovem esposa, infeliz porque não se engravida. Queixa-se do marido que não se importa em satisfazer-lhe o desejo de ter um filho. Perdida em sua tristeza, caminha em busca de consolo: "Não sei quem sou" - "Deixa-me andar e desafogar". Obcecada pela idéia de ser mãe, termina por matar o marido.

2-2- MENSAGEM PRINCIPAL: Positiva - O desejo da maternidade para realização pessoal plena.

2-3- MENSAGENS SECUNDÁRIAS: Em meio aos antigos costumes de um vilarejo são questionados as angústias e os medos da mulher gestante, a maternidade, a esterilidade, o casamento e a felicidade conjugal.

3- PÚBLICO ALVO: Juvenil/Adulto.

4- LINGUAGEM: Poética/Narrativa.

5- GRAU DE PERSUASÃO: Atenuado pela linguagem usada.

6- PERSPECTIVA CENSÓRIA: Embora poético, o texto é dramático, rico em mensagens de valor moral, as quais retratam uma cultura popular. Apresenta, ao final, cena de assassinato.

PARECER: Pela liberação.

CLASSIFICAÇÃO: Para os maiores de 16 ANOS.

JUSTIFICATIVA: Temática adulta.

Belo Horizonte, 24/abril/84
Helena Isabel dos Santos
Técnica de Censura
Mat. 022.948



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ/DPF/SR/MG

RELATÓRIO Nº 077/84

ASSUNTO: ENSAIO GERAL

DO: TC ANUNCIÇÃO GONÇALVES DE ASSIS

AO: CHEFE DO SCDP/SR/MG

IDENTIFICAÇÃO:

TÍTULO: YERMA

AUTOR: GARCIA LORCA

CLASSIFICAÇÃO: 18 ANOS

JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE: COMPLEXIDADE DO TEMA- HOMICÍDIO

GRUPO: CENTRO DE PESQUISAS TEATRAIS

RELATO: Assisti ao ensaio geral da peça acima intitulada, dia 04/07/84 às 20:00h, no Teatro da Imprensa Oficial, cumprindo ordem de missão nº 169/84.

COMPOSIÇÃO CÊNICA: Fundo preto, do lado direito uma árvore bem grande com bancos em baixo. Um nível mais alto ao fundo fazia outro plano. À esquerda uma casa com porta e janela, tendo por dentro todos os móveis de uma copa-cozinha: mesa, cadeiras, armários, fogão e vários utensílios. Em algumas cenas abre-se a cortina de fundo mostrando um altar de igreja.

A iluminação não estava afinada. O figurino característico da época retratava o modo de vida dos pastores. As mulheres usavam longos vestidos rodados e vários adereços. Os homens com calças justas, camisas e casacos de pele. As músicas apresentadas foram algumas cantadas pelos atores, outras gravadas.

PARECER: O enredo é baseado na vida de pastores de um pequeno lugarejo seus conflitos e angústias, seus valores morais, seus costumes. Yerma é uma mulher obcecada pelo desejo de ser mãe. Alvo de críticas, malfalada, termina estrangulando o marido.

O tema é adulto, complexo e sugiro que seja mantida a impropriedade para menores de 18 anos. Também conforme radiograma nº 365/SA/DCDP.

É o relatório.

Belo Horizonte, 05 de julho de 1984

Assis
Bel Anunciação Gonçalves de Assis
Técnica de Censura
mat. 022.986



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Face dos pareceres e
exame de ensaio geral,
acolho a sugestão da fo-
xa etária para maiores
de 18 anos.

-A consideração da Se-
nhora Diretora' da DCDP.

B. Ht., 06/07/84

AMC

Uva. Ana Maria Coelho Montes - Téc. Censura
Matr. 2.416.906 - SCDP/OPF/SH/MG
Chefe da Seção de Coord. e Controle



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº PROVISÓRIO

PEÇA YERMA

ORIGINAL DE FEDERICO GARCIA LORCA

APROVADO PELA D. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 05 de SETEMBRO de 19 84

CENA DE VIOLÊNCIA E
 COMPLEXIDADE DO ENREDO

B. HTE.
Brasília, 05 de JULHO de 19 84

PROIBIDO

ATÉ

— 18 ANOS —

Ana Maria Coelho Montes
Dra. Ana Maria Coelho Montes - Téc. Censura
Matr. 2.416.906 - SCIP/DPF/SR/MG
Chefe da Seção de Coord. e Controle
Diretor da DCDP

P/

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada YERMA

Original de FEDERICO GARCIA LORCA

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de RONALDO BOSCHI

Requerida por RONALDO BOSCHI

Tendo sido censurada em 05 de JULHO de 19 84 e recebido a seguinte classificação: PARA MAIORES DE 18 ANOS

O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP/SR/MG.

Brasília, 05 de JULHO de 19 84

Adsis

 Chefe do Serviço de Censura

TÍTULO YERMA.

AUTOR: FREDERICO GARCIA LORCA.

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 Anos:

Praça SR/MG

Obs.: _____

DF. 11 / 07 / 84

[Assinatura]
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emitte-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 18 (dezoito) anos, cortes, condicionados ao nome do ensino geral.

Obs.: 21. Homocídio e complexidade temática

Brasília-DF, 12 de julho de 19 84

[Assinatura] Finato
Técnico de Censura
Mat. 022.1227

Brasília-DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de _____ para o qual os senhores propõem a classificação etária de 18 (dezoito) anos

Brasília-DF, 13 de 07 de 19 84

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer

Em 13 / 07 / 19 84

[Assinatura]
Solange M. T. Hernandez
Diretora da DCDP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº	2.386	EMIÇÃO	13 DE JULHO DE 1984	VALIDADE	13 DE JULHO DE 1989
----------------	-------	--------	---------------------	----------	---------------------

TÍTULO	"Y E R M A"
--------	-------------

AUTOR (ES)	FEDERICO GARCIA LORCA
------------	-----------------------

CLASSIFICAÇÃO	18 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS
---------------	---

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIDADE	HOMICÍDIO E COMPLEXIDADE TEMÁTICA
------------------------------	-----------------------------------

Solange M. F. Hernandez
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
 Diretora da DCDP
 ASSINATURA

TÍTULO: "Y E R M A"
 ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL

CERTIFICADO Nº 2.386

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: RONALDO BOSCHI

BELO HORIZONTE/MG

DECISÃO: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Nei de Oliveira
NEI DE OLIVEIRA
 Chefe do SC/DCDP
 ASSINATURA

Brasília 13 DE JULHO DE 1984.

GRC



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Brasília, DF.

Em 16 julho de 1984

OF. Nº 1.203/84-SE/DCDP

Do : Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Ao : Sr. Chefe do Serviço de Censura da SR/ MG.
Assunto : Certificados - encaminha -

Senhor Chefe:

De acordo com a Portaria nº 017/78-DCDP, de 13 de julho de 1978, e em atenção ao (s) ofício(s) em referência, encaminho a V. Sa. as 1a. e 2a. vias do (s) certificados de Censura da (s) peça (s) teatral (is):

" YERMA " de Federico Garcia Lorca.

" O BAÚ AZUL ", de Manoel Tadeu Fernandes e Ademir Fernandes de Souza.

" MAHÃ CATU ", de José Porfírio dos Santos Neto e Maria Vanessa Fonseca Dutra.

" O QUE É ISSO GABEIRA ? ", de Fernando Gabeira.

" DUAS HISTÓRIAS PRA RIR E UMA PRA PENSAR ", de Fernando Limoeiro.

Atenciosamente

Solange M. F. Hernandez
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS, CPR.TEA.PTE. 0121, p. 388

DITEL BSA
SERTEL/SR/SP

1 OUT 1107 000027

DE SAO PAULO NR 15661 65 21/10 09 40

10.251

DCDP BSA

NR 15661/SCDP DE 211086 PT SOL INFO CLASS ET PRAZO VAL CERT PEÇAS
TEATRAIS:

SCDP

- "FOGO NA TERRA" DE BENEDITO RUI BARBOSA VG
- "PETER-PAN" DE JURANDIR PEREIRA VG-
- "AMIGO INVISIVEL ININIGO" DE RENATA PALLOTTINI VG
- "BRANCA DE NEVE E OS SETE ANOES" DE HELCIO HENRIQUE E LEA ZIGGIATTI MONTEIRO VG
- "DE CABECA PRA BAIXO" DE PLINIO RIGON ET
- "YERMA" DE FEDERICO GARCIA LORCA PT

CH SCDP SR SP

Informação - ARQUIVO/DCDP

com excessão das peças teatrais:

Recebi às 17:10

Fogo na Terra e

Em 21/10/86 (Livro)

Yerma, nada consta

mat. 6190636

consta com relação

as demais: *Macédo*

VIDE VERSO

NNNN
DITEL BSA
SERTEL/SR/SP

All

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

2ª VIA

PARA USO DA ESTAÇÃO

PRÉAMBULO

Espécie: OFICIAL

Número.....

Data: 22 OUT 1986

Nº 26 88 000027

Origem.....

Palavras.....

Hora:.....

ENDEREÇO

SCDP/SR/SP

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS:

OPR: *mi*

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 811/DCDP de 22 - 10 - 86 — RERA NR 15661/SCDP/SP 211086 VG INFO
PEÇAS "FOGO NA TERRA" LIB DEZESSEIS ANOS CERT VAL 220890 J.I. TEMA-
TICA COMPLEXA PTVG "PETER PAN" CLASS LIVRE CERT VENC 271082 PTVG
"YERMA" LIB DEZOITO ANOS CERT VAL 130789 J.I. HOMICIDIO E COMPLEXI-
DADE TEMÁTICA PT "BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES" CONSTA VARIAS
ADAPTAÇÕES VG NADA CONSTA AUT HELCIO HENRIQUE E DE ZIGGIATTI MON-
TEIRO PT QUANTO DEMAIS PEÇAS NADA CONSTA PT DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor.....

Raymundo Custáquio de Mesquita
Chefe do Serviço de Censura-DCD!

DPF-84

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0121.p. 389/389